



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA  
FACULDADE DE ARQUITETURA, ARTES, COMUNICAÇÃO E DESIGN  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM DESIGN

ONNARA CUSTÓDIO GOMES

A PERCEPÇÃO DE CONFORTO/DESCONFORTO DAS MULHERES  
TRANS E TRAVESTIS NO VESTUÁRIO

Bauru  
2025

ONNARA CUSTÓDIO GOMES

A PERCEPÇÃO DE CONFORTO/DESCONFORTO DAS MULHERES  
TRANS E TRAVESTIS NO VESTUÁRIO

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Design da Faculdade de Arquitetura, Artes, Comunicação e Design da UNESP, Campus de Bauru, como requisito à obtenção do Título de Doutora em Design – Área de Concentração: Planejamento de Produto.

Orientadora: Profa. Dra. Marizilda dos Santos Menezes

Coorientadora: Profa. Dra. Alexandra Isabel Cruchinho Barreiros

Bauru

2025

Gomes, Onnara Custódio.

A percepção de conforto/desconforto das mulheres trans e travestis no vestuário / Onnara Custódio Gomes – Bauru, 2025.  
195 f.

Tese (Doutorado) – Universidade Estadual Paulista (Unesp),  
Faculdade de Arquitetura, Artes, Comunicação e Design, Bauru.

Orientadora: Marizilda dos Santos Menezes.

Coorientadora: Alexandra Isabel Cruchinho Barreiros

1. Percepção de desconforto. 2. Desenvolvimento de vestuário.  
3. Conforto social. 4. Mulheres transexuais. 5. Travestis. I.  
Universidade Estadual Paulista. Faculdade de Arquitetura, Artes,  
Comunicação e Design. II. Título.

## **BANCA EXAMINADORA**

**Profa. Dra. Marizilda dos Santos Menezes**

Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita filho” – UNESP  
Orientadora

**Prof. Dr. Luís Carlos Paschoarelli**

Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita filho” – UNESP

**Prof. Dra. Ana Beatriz Pereira de Andrade**

Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita filho” – UNESP

**Profa. Dra. Gisely Andressa Pires**

Universidade Tecnológica Federal do Paraná

**Profa. Dra. Raquel Rabelo Andrade**

Universidade Tecnológica Federal do Paraná

**ATA DA DEFESA PÚBLICA DA TESE DE DOUTORADO DE ONNARA CUSTÓDIO GOMES, DISCENTE DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM DESIGN, DA FACULDADE DE ARQUITETURA, ARTES, COMUNICAÇÃO E DESIGN - CÂMPUS DE BAURU.**

Aos 27 dias do mês de março do ano de 2025, às 14h, no(a) Sala virtual do Google Meet: <https://meet.google.com/srg-viop-iir>, realizou-se a defesa de TESE DE DOUTORADO de ONNARA CUSTÓDIO GOMES, intitulada **A PERCEPÇÃO DE CONFORTO/DESCONFORTO DAS MULHERES TRANS E TRAVESTIS NO VESTUÁRIO**. A Comissão Examinadora foi constituída pelos seguintes membros: Profa. Dra. MARIZILDA DOS SANTOS MENEZES (Orientador(a) - Participação Virtual) do(a) Programa de Pós-graduação em Design / Faculdade de Arquitetura, Artes, Comunicação e Design FAAC/Bauru, Professor Titular LUIS CARLOS PASQUARELLA (Participação Virtual) do(a) Departamento de Design / Faculdade de Arquitetura, Artes, Comunicação e Design, Professora Doutora ANA BEATRIZ PEREIRA DE ANDRADE (Participação Virtual) do(a) Departamento de Design / Faculdade de Arquitetura, Artes, Comunicação e Design de Bauru - FAAC, Professora Adjunta GISELY ANDRESSA PIRES (Participação Virtual) do(a) CODEM / Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Professora Doutora RAQUEL RABELO ANDRADE (Participação Virtual) do(a) Universidade Tecnológica Federal do Paraná. Após a exposição pela doutoranda e arguição pelos membros da Comissão Examinadora que participaram do ato, de forma presencial e/ou virtual, a discente recebeu o conceito final: APROVADO. Nada mais havendo, foi lavrada a presente ata, que após lida e aprovada, foi assinada pelo(a) Presidente(a) da Comissão Examinadora.

Profa. Dra. MARIZILDA DOS SANTOS MENEZES

Documento assinado digitalmente  
 **MARIZILDA DOS SANTOS MENEZES**  
Data: 28/03/2025 18:13:28 -0300  
Verifique em <https://validar.it.gov.br>

## **DEDICATÓRIA**

Dedico esta pesquisa a todas as mulheres transexuais e travestis, especialmente àquelas que compartilharam comigo um pouco de suas histórias por meio da experiência do vestir.

## AGRADECIMENTOS

Foram quatro anos de dedicação, sacrifícios, alegrias, avanços, recuos e outros tantos desafios. Apesar de a escrita ser, como muitos dizem, uma atividade solitária, ao longo dessa jornada, tive a certeza de não estar sozinha. Sou eternamente grata a cada pessoa que me ajudou, de alguma forma, a chegar até aqui.

À minha família, que sempre me apoiou em todos os sentidos e de todas as maneiras possíveis, acreditando em mim muito mais do que eu mesma... Mainha (Francinete Lopes), painho (Zé de Abel) e Úrsula Custódio, minha irmã, amo vocês!

Ao Rafael Andrade, meu companheiro de vida, que escutou por diversas vezes choros e lamentações, mas sempre me fez enxergar que os monstros estavam mais na minha cabeça do que no papel (ou no computador). Te amo!

À minha orientadora, Profa. Dra. Marizilda Menezes, a pessoa mais humana que já conheci no meio acadêmico. A paciência, carinho e atenção que tem por cada um de seus filhos Lemode não ficam só na teoria, são aplicados na prática!

Ao Prof. Dr. Paschoarelli, pela disponibilidade, educação e respeito que tem com todos os alunos que cruzam seu caminho. O senhor se tornou uma importante referência profissional para mim.

À profa. Dra. Gisely Pires, que ajudou a enriquecer este trabalho desde as reuniões da família Lemode até a banca de Qualificação, muito obrigada!

Aos Lopes Custódio e Oliveira Gomes, familiares queridos, pelo amor, aconchego, energia positiva e cantorias (seja no Barreirinho, seja na terra de Padim), deixando tudo sempre mais leve.

Às minhas tias, Dra. Ires Lopes e Dra. Lívia Lopes, que, com paciência infinita, ouviram inúmeras vezes meu ensaio para a defesa (“ka-ka-ka”) e ofereceram conselhos valiosos e inspiradores.

À profa. Dra. Fernanda Scussel, que proporcionou luz, acolhimento e generosidade a essa experiência que foi verdadeiramente extraordinária!

À minha prima Mariana Linard, ao colega de teatro e professor Caio Gama, ao eterno “GR” Bartolomeu Neto, à Paula Massa e toda a equipe do estudo PrEP15-19, que contribuíram imensamente com indicações preciosas para as entrevistas.

Aos amigos Miguel Paz, Marcílio Sabino, Stheffanie Pontes, Denise Parente, Eugênio Cavalcante e Chiquinho Vieira, claro, que me incentivaram e vibraram junto comigo durante essa caminhada.

Às companheiras de luta do doutorado, Vanessa Mayumi, Ana Abreu e Luciane Carneiro, pelos desabafos nos “milhões” de áudios de zap-zap... não sei o que faria sem nossas trocas.

Às mulheres trans e travestis com quem tive o prazer de conversar, todas incrivelmente solícitas... sem vocês esta pesquisa jamais teria existido!

Foram tantas pessoas que contribuíram direta ou indiretamente para esse momento, que, sem sombra de dúvidas, o número de páginas desta seção seria muito maior que a própria Tese... estão todos registrados no meu coração!

**MUITÍSSIMO OBRIGADA!!!**

*Batam palmas para as travestis, que lutam para existir  
E a cada dia batalhando, conquistar o seu direito de  
Viver e brilhar, e arrasar*

Linn da Quebrada

## RESUMO

Existe uma carência de produtos de vestuário adequados para grupos que não se encaixam nos padrões tradicionais, entre eles, as mulheres trans e travestis. As roupas femininas disponíveis no mercado são pensadas para corpos cisgênero e ignoram as especificidades dessas mulheres. Estas enfrentam desafios específicos, pois seus corpos sofrem mudanças com a hormonioterapia, além de serem impactados por vários outros fatores, como a hipersexualização de seus corpos e a imposição de estereótipos de feminilidade. Assim, a presente pesquisa buscou compreender como as mulheres trans e travestis percebem o conforto/desconforto no vestuário. Trata-se de uma pesquisa aplicada, descritiva-explicativa, com enfoque qualitativo. A coleta de dados ocorreu por meio de entrevistas, em que o instrumento foi um roteiro de perguntas semiestruturado. Um total de dezesseis mulheres trans e travestis participaram desta pesquisa. A análise dos dados foi realizada associando duas técnicas adaptadas, a análise de conteúdo de Bardin (2016) e os ciclos de codificação propostos por Saldaña (2013), com apoio do *software* ATLAS.ti combinado ao uso de cadernos. Quatro categorias (Interação corpo-vestuário; Vivências psicossociais no vestuário; Mudanças corporais e estratégias de uso; Barreiras e invisibilização) e oito subcategorias emergiram a partir da análise dos dados. Os resultados confirmaram a hipótese inicial, de que as mulheres trans e travestis percebem o conforto/desconforto no vestuário de forma diferenciada em relação às mulheres cisgênero, uma vez que essa experiência é atravessada por fatores psicossociais que impactam sua identidade e bem-estar. Além das quatro dimensões indicadas na literatura científica que englobam o conforto total (sensorial, termofisiológica, ergonômica e psicológica), evidenciou-se que, para as mulheres trans e travestis, existe uma quinta dimensão, a social, que diz respeito à maneira como essas mulheres são percebidas e tratadas na sociedade, sendo um reflexo do aspecto psicológico, mas com influência direta e independente sobre as vivências e o bem-estar dessas mulheres. Diante desses achados, foram propostas diretrizes para o desenvolvimento de vestuário, destinado a esse público, com ênfase no conforto, levando em consideração cinco itens: modelagem, tecidos, funcionalidade, testes e pesquisas, e inclusão na moda. Esta pesquisa espera contribuir não só para a ampliação do debate, mas também na aplicação prática, a partir dessa proposta de diretrizes, com interesse e olhar atento às reais demandas das mulheres trans e travestis.

**Palavras-chave:** percepção de desconforto; desenvolvimento de vestuário; conforto social; mulheres transexuais; travestis.

## ABSTRACT

There is a lack of clothing products suitable for groups that do not fit into traditional standards, including trans women and travestis. Women's clothing available on the market is designed for cisgender bodies and ignores the specificities of these women. They face specific challenges, as their bodies undergo changes with hormone therapy, in addition to being impacted by several other factors, such as the hypersexualization of their bodies and the imposition of stereotypes of femininity. Thus, this research sought to understand how trans women and travestis perceive comfort/discomfort in clothing. This is an applied, descriptive-explanatory research with a qualitative focus. Data collection took place through interviews, in which the instrument was a semi-structured question script. A total of sixteen trans women and travestis participated in this research. Data analysis was performed by associating two adapted techniques, Bardin's content analysis (2016) and the coding cycles proposed by Saldaña (2013), with the support of the ATLAS.ti software combined with the use of notebooks. Four categories (Body-clothing interaction; Psychosocial experiences in clothing; Body changes and usage strategies; Barriers and invisibilization) and eight subcategories emerged from the data analysis. The results confirmed the initial hypothesis, that trans and transvestite women perceive comfort/discomfort in clothing differently in relation to cisgender women, since this experience is crossed by psychosocial factors that impact their identity and well-being. In addition to the four dimensions indicated in the scientific literature that encompass total comfort (sensory, thermophysiological, ergonomic and psychological), it was shown that, for trans women and travestis, there is a fifth dimension, the social dimension, which concerns the way these women are perceived and treated in society, reflecting the psychological aspect, but with a direct and independent influence on the experiences and well-being of these women. In light of these findings, guidelines were proposed for the development of clothing aimed at this audience, with an emphasis on comfort, taking into account five items: clothing pattern, fabrics, functionality, testing and research, and inclusion in fashion. This research hopes to contribute not only to broadening the debate, but also to the practical application, based on this proposed set of guidelines, with interest and attentive attention to the real demands of trans women and travestis.

**Keywords:** perception of discomfort; clothing development; social comfort; transsexual women; travestis.

## LISTA DE FIGURAS

|                                                                                                                                 |     |
|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----|
| Figura 1: Diferenças entre conforto e desconforto na literatura científica .....                                                | 23  |
| Figura 2: Modelos sobre conforto e desconforto .....                                                                            | 26  |
| Figura 3: Calcinha de aquendar da marca Trucss, com modelagem inovadora .....                                                   | 50  |
| Figura 4: Diferenças sexuais nas mudanças de tamanho e forma corporal.....                                                      | 58  |
| Figura 5: Estrutura óssea pélvica masculina e feminina .....                                                                    | 59  |
| Figura 6: Diferenças entre o tórax masculino e o feminino .....                                                                 | 60  |
| Figura 7: Áreas residuais para gordura relativas ao corpo do sexo feminino.....                                                 | 61  |
| Figura 8: Desenvolvimento das mamas, conforme estágios de Tanner.....                                                           | 63  |
| Figura 9: Percurso da Tese.....                                                                                                 | 65  |
| Figura 10: Primeiro ciclo de codificação, com auxílio do Word e Excel .....                                                     | 77  |
| Figura 11: Ciclo de codificação com auxílio do ATLAS.ti .....                                                                   | 78  |
| Figura 12: Cadernos que serviram de suporte aos memos e categorizações .....                                                    | 79  |
| Figura 13: Processo de análise dos dados .....                                                                                  | 80  |
| Figura 14: Categorias e subcategorias que emergiram com a análise dos dados .....                                               | 83  |
| Figura 15: Diretrizes para o desenvolvimento de vestuário destinado às mulheres trans e travestis, com ênfase no conforto ..... | 160 |

## LISTA DE QUADROS

|                                                                                                                                                                                                          |     |
|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----|
| Quadro 1: As quatro dimensões do conforto no vestuário .....                                                                                                                                             | 39  |
| Quadro 2: Listagem das entrevistas agendadas e realizadas, entre julho e agosto de 2024 .....                                                                                                            | 75  |
| Quadro 3: Codinomes, autoidentificação, ocupação e idade das entrevistadas .....                                                                                                                         | 82  |
| Quadro 4: Informações sobre os dados antropométricos aproximados, IMC, classificação do estado nutricional, realização de hormonioterapia e percepção de desconforto com o sutiã das entrevistadas ..... | 92  |
| Quadro 5: Categoria “Interação corpo-vestuário” e suas subcategorias .....                                                                                                                               | 103 |
| Quadro 6: Categoria “Vivências psicossociais no vestuário” e suas subcategorias .....                                                                                                                    | 120 |
| Quadro 7: Categoria “Mudanças corporais e estratégias de uso” e suas subcategorias .....                                                                                                                 | 138 |
| Quadro 8: Categoria “Barreiras e invisibilização” e suas subcategorias .....                                                                                                                             | 157 |

## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

**ABNT:** Associação Brasileira de Normas Técnicas

**CEP:** Comitê de Ética em Pesquisa

**CFM:** Conselho Federal de Medicina

**CRS:** Cirurgia de Redesignação Sexual

**DSM:** Manual Diagnóstico e Estatístico dos Transtornos Mentais

**IMC:** Índice de Massa Corporal

**MOSD:** Manual Orientador Sobre Diversidade

**PCDT:** Protocolo Clínico e Diretrizes Terapêuticas

**PT:** Processo Transexualizador

**SUS:** Sistema Único de Saúde

**TCLE:** Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

## SUMÁRIO

|                                                            |    |
|------------------------------------------------------------|----|
| INTRODUÇÃO .....                                           | 16 |
| 1. PROPOSIÇÃO .....                                        | 20 |
| 1.1 Questão de pesquisa.....                               | 20 |
| 1.2 Hipótese .....                                         | 20 |
| 1.3 Objetivos .....                                        | 20 |
| 1.3.1 Objetivo geral.....                                  | 20 |
| 1.3.2 Objetivos específicos .....                          | 20 |
| 1.4 Estrutura da Tese .....                                | 21 |
| 2. REFERENCIAL TEÓRICO.....                                | 22 |
| 2.1 Sobre o conforto e/ou desconforto .....                | 22 |
| 2.1.1 Conforto/desconforto no vestuário .....              | 27 |
| 2.1.2 Conforto sensorial.....                              | 29 |
| 2.1.3 Conforto termofisiológico .....                      | 32 |
| 2.1.4 Conforto psicológico .....                           | 34 |
| 2.1.5 Conforto ergonômico .....                            | 36 |
| 2.2 Sobre as pessoas transgênero.....                      | 39 |
| 2.2.1 Mulheres transexuais e travestis .....               | 42 |
| 2.2.2 Pessoas transgênero e o vestuário .....              | 47 |
| 2.3 Sobre antropometria.....                               | 51 |
| 2.3.1 Antropometria e vestuário.....                       | 53 |
| 2.3.2 Principais diferenças corporais entre os sexos ..... | 56 |
| 3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....                        | 65 |
| 3.1 Caracterização da pesquisa .....                       | 66 |
| 3.2 Questões éticas.....                                   | 67 |
| 3.3 Amostragem e critérios de elegibilidade.....           | 68 |
| 3.4 Formulação do instrumento .....                        | 70 |
| 3.5 Entrevistas preliminares .....                         | 71 |
| 3.6 Coleta de dados .....                                  | 72 |
| 3.7 Análise dos dados .....                                | 76 |
| 4. RESULTADOS E DISCUSSÕES .....                           | 81 |
| 4.1 Caracterização das participantes .....                 | 81 |

|                                                                |     |
|----------------------------------------------------------------|-----|
| 4.2 Interação corpo-vestuário .....                            | 83  |
| 4.2.1 Vestibilidade e ergonomia.....                           | 84  |
| 4.2.2 Modelagem, estruturas e materiais.....                   | 94  |
| 4.3 Vivências psicossociais no vestuário.....                  | 103 |
| 4.3.1 Conforto e identidade de gênero .....                    | 104 |
| 4.3.2 A Dimensão Social.....                                   | 112 |
| 4.4 Mudanças corporais e estratégias de uso .....              | 121 |
| 4.4.1 Transformações corporais e adaptações no vestuário ..... | 121 |
| 4.4.2 Customizações e alternativas de uso .....                | 127 |
| 4.5 Barreiras e invisibilização .....                          | 138 |
| 4.5.1 Acessibilidade e barreiras econômicas.....               | 139 |
| 4.5.2 Exclusão e invisibilização na moda.....                  | 149 |
| 4.6 Proposta de diretrizes.....                                | 157 |
| 5. CONCLUSÃO .....                                             | 161 |
| REFERÊNCIAS.....                                               | 164 |
| GLOSSÁRIO .....                                                | 186 |
| APÊNDICES .....                                                | 188 |
| Apêndice A – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.....   | 189 |
| Apêndice B – Roteiro da entrevista .....                       | 191 |
| ANEXOS .....                                                   | 192 |
| Anexo 1 – Parecer Consubstanciado do CEP .....                 | 193 |

## INTRODUÇÃO

O vestuário desempenha um papel fundamental na expressão de gênero, já que pode ser usado para disfarçar ou revelar o corpo, quando há descontentamento ou satisfação com a própria aparência (Jones; Strübel; Lim, 2023). Esse papel se torna ainda mais relevante para pessoas transgênero, pois, como é um entendimento interno, a identidade de gênero passa a ser mais perceptível quando reproduzida de alguma forma no seu exterior, como por meio das roupas que se usa (Buck, 2016; Doyle, 2022; Reilly; Catalpa; McGuire, 2019; Spizzirri; Pereira; Abdo, 2014; Teti *et al.*, 2020).

O vestuário não deve ser entendido como uma simples “cobertura passiva”, mas atua como uma extensão do corpo, que exerce ação e influência recíproca com o próprio corpo, agindo tal qual uma segunda pele (Broega; Cunha; Cabeço-Silva, 2019; Choudhury; Majumdar; Datta, 2011; Fourt; Hollies, 1969; Martins, 2019). Pelo contato corporal próximo e, sendo considerada até mesmo uma segunda pele, a roupa deve respeitar as capacidades, limitações, necessidades e desejos do usuário, um princípio que deveria nortear a indústria da moda no desenvolvimento de qualquer produto de vestuário (Grave, 2004; Martins, 2008; Martins, 2019; Rosenblad-Wallin, 1985).

Partindo desse princípio, os produtos de moda, sobretudo o vestuário, deveriam atender a todos os públicos sem grandes dificuldades. Apesar da necessidade em se contemplar a diversidade corporal, ainda há uma carência de roupas voltadas a grupos diversos, que não se encaixam nos padrões tradicionais, como idosos de tamanho grande, pessoas gordas, com deficiência ou nanismo (Caldas; Nascimento, 2021; Martins; Carrera, 2024; Martins; Martins, 2018). Entre esses grupos pouco assistidos, estão as pessoas transgênero, que vivenciam uma incongruência de gênero, pois não se identificam com o gênero designado no nascimento e não se conformam ao sistema binário de gênero<sup>1</sup> (Lanz, 2014; Porcino *et al.*, 2022; Winter *et al.*, 2016).

Dentro desse grupo estão as mulheres trans e travestis, que enfrentam dificuldades específicas no que se refere ao vestuário. As roupas femininas disponíveis

---

<sup>1</sup> O sistema binário de gênero diz respeito à classificação, legitimidade pela sociedade, de duas únicas formas distintas e opostas de gênero, o feminino e o masculino, em que são determinados papéis sociais de gênero para cada um (Richards *et al.*, 2016).

no mercado são desenvolvidas a partir de padrões cisnormativos<sup>2</sup>, isto é, são pensadas exclusivamente para corpos cisgênero<sup>3</sup>, ignorando as especificidades transgênero (Menezes; Grassine; Altmayer, 2023; Reilly; Catalpa; McGuire, 2019). Diante da dificuldade em encontrar roupas que se ajustem aos seus corpos, muitas mulheres trans e travestis recorrem à customização das peças disponíveis ou acabam usando modelagens inadequadas, que podem evidenciar características indesejadas e acentuar a disforia de gênero<sup>4</sup> (Jones; Lim 2021; Rodrigues; Lopes, 2017; Streck; Reddy-Best, 2025; Tullio-Pow; Yaworski; Kincaid, 2021).

Para que uma roupa possa ser usada de maneira adequada pela usuária, garantindo satisfação, segurança e conforto, ela deve ser modelada e ajustada com base nas medidas antropométricas, respeitando suas formas e tamanhos (Alves; Martins, 2017; Goleij; Hafezi; Ahmadi, 2024; Gupta, 2014; Maffei, Menezes, 2009). No entanto, os padrões antropométricos utilizados para mulheres cis não contemplam as mulheres trans e travestis, cujos corpos podem sofrer mudanças devido à terapia hormonal feminizante e outros fatores (Ceolin *et al.*, 2024; Gonçalves *et al.*, 2016). Consequentemente, o vestuário produzido e comercializado não atende plenamente às necessidades dessas mulheres (Menezes; Grassine; Altmayer, 2023).

As medidas antropométricas são fundamentais para o desenvolvimento de produtos de vestuário que garantam boa vestibilidade e proporcionem conforto (Alves; Martins, 2017; Martins, 2019). Porém, o conforto não é um elemento intrínseco ao produto, mas é avaliado pela pessoa durante o uso (Mansfield *et al.*, 2020; Vink; Overbeeke; Desmet, 2004). Embora não haja concordância na literatura sobre sua definição, é amplamente aceito o aspecto subjetivo, ou seja, sua percepção depende do ponto de vista do indivíduo (Cohen-Lazry *et al.*, 2023; Mansfield *et al.*, 2020; Slater, 1986). Em se tratando de conforto relacionado ao vestuário, Broega, Cunha e Cabeço-

---

<sup>2</sup> A cisnormatividade refere-se ao conjunto de normas sociais que naturalizam a ideia de que existem apenas duas categorias sexuais e de gênero, "homem/macho" e "mulher/fêmea", baseadas em critérios biológicos considerados fixos e objetivos para a definição do sexo-gênero (Pontes; Silva, 2017).

<sup>3</sup> Uma pessoa cisgênero, também chamada simplesmente de "cis", é aquela que se identifica com o gênero atribuído em seu nascimento, ou seja, sua identidade de gênero é a mesma do sexo biológico (Jesus, 2012; Tourinho *et al.*, 2017).

<sup>4</sup> A disforia de gênero refere-se à incongruência afetiva e cognitiva entre a identidade de gênero de uma pessoa e o sexo designado em seu nascimento, gerando sofrimento (Reis, 2018; Simpson, 2015).

Silva (2019) definiram-no como “conforto total”, sendo uma combinação entre quatro dimensões: sensorial, termofisiológica, ergonômica e psicológica.

Contudo, o conceito de conforto total parece não abranger por completo a relação entre o vestuário e as pessoas transgênero, principalmente as mulheres trans e travestis. O Brasil apresenta os maiores índices de assassinatos de pessoas trans e travestis no mundo, com subnotificação dos casos e altos índices de violações de direitos humanos dentro da comunidade LGBTQIAPN+<sup>5</sup>, afetando majoritariamente as mulheres trans e travestis (Benevides, 2022; Nogueira, 2024). Essas mulheres enfrentam desafios específicos, que envolvem transfobia<sup>6</sup> e misoginia<sup>7</sup>, refletindo-se em diversas áreas de suas vidas, como o acesso à saúde, segurança e mercado de trabalho, além da hipersexualização de seus corpos e da imposição de estereótipos de feminilidade (Bento, 2017; Carvalho, 2018; Longaray; Riberio, 2016), o que provavelmente também deve afetar na relação delas com as roupas e o conforto.

A diversidade de gênero no Brasil corresponde a cerca de 2% da população adulta, número equivalente a quase três milhões de pessoas (Spizzirri *et al.*, 2021). Entretanto, não há um consenso sobre os termos utilizados e sobre um conceito preciso do que significa ser uma pessoa transgênero, dado que a vivência de gênero pode ocorrer de diversas formas (Jesus, 2012). Desse modo, não existem estatísticas detalhadas sobre os subgrupos, e muitas pesquisas acabam agrupando toda a comunidade LGBTQIAPN+ como uma “massa única”, apagando as especificidades das pessoas transgênero (Buck, 2016; Reilly; Catalpa; McGuire, 2019).

Embora a insatisfação com o conforto no vestuário seja comum entre vários grupos de usuários, muitas pesquisas ainda se concentram nas demandas das mulheres cisgênero. A maior parte dos estudos existentes aborda questões políticas ou

---

<sup>5</sup> Sigla referente aos termos Lésbicas (L), Gays (G), Bissexuais (B), Travestis e Transgêneros (T), Transexuais, Queer (Q), Intersexo (I), Assexuais, Arromânticas e Agênero (A), Pansexuais e Polisssexuais (P), Não-cis e Não-binário (N) e o símbolo matemático “+” (mais), que pode indicar tanto outros grupos e variações de sexualidade e gênero, cuja letra inicial não conste na sigla, como qualquer uma das definições que já estão presentes nela (Moreira, 2022; Nascimento, 2021).

<sup>6</sup> Refere-se ao conjunto de violências (moral, física, sexual, discursiva, simbólica etc.) sofridos pelas pessoas transgênero, de forma geral, mas incluindo também aquelas mais específicas, como, por exemplo, o desrespeito ao nome social (Jesus, 2012; Podestà, 2019).

<sup>7</sup> Trata-se da hostilidade e violência (física e psicológica) dirigidas às mulheres por conta de seu gênero. Disponível: <https://www.blogs.unicamp.br/mulheresnafilosofia/teorias-feministas/misoginia/>. Acesso em: 15 jan. 2025.

identitárias relacionadas às pessoas trans, mas faltam pesquisas empíricas focadas no vestuário para esse público (Reilly; Catalpa; McGuire, 2019). Essa lacuna impacta não apenas a indústria da moda, mas também os cursos de formação na área, evidenciando a invisibilização desses corpos e a escassez de produtos acessíveis e de qualidade para essa população. Assim, torna-se essencial a realização de investigações que envolvam também os requisitos físicos do vestuário em conexão com seus aspectos emocionais e sociais (Reilly; Catalpa; McGuire, 2019; Streck; Reddy-Best, 2025; Strübel; Goswami, 2022).

A escassez de produtos direcionados e a falta de atenção do setor da moda para as mulheres trans e travestis podem favorecer a baixa autoestima, insatisfação corporal, estigma internalizado e maior exposição à discriminação e violência (Chauhan *et al.*, 2021; Jones; Lim, 2021; Reilly; Catalpa; McGuire, 2019; Strübel; Goswami, 2022; Teti *et al.*, 2020). O vestuário, portanto, é um fator determinante na comunicação e validação da identidade de gênero, tanto interna quanto externamente, e, sendo usuárias e consumidoras legítimas de produtos de moda, essas mulheres devem ter suas necessidades plenamente atendidas, com especial interesse ao conforto (Broega, Cunha; Cabeço-Silva, 2019; Carneiro, 2019; Reilly; Catalpa; McGuire, 2019).

Com o propósito de contribuir para uma investigação aprofundada, a presente pesquisa se concentra especificamente nas mulheres trans e travestis, buscando compreender como elas percebem o conforto/desconforto no vestuário. Dessa forma, pretende-se fomentar um debate mais amplo e promover reflexões sobre a necessidade de produtos que sejam verdadeiramente pensados para essas mulheres.

## **1. PROPOSIÇÃO**

### **1.1 Questão de pesquisa**

Como as mulheres trans e travestis percebem o conforto/desconforto no vestuário?

### **1.2 Hipótese**

As mulheres trans e travestis percebem o conforto/desconforto no vestuário de forma diferenciada em relação às mulheres cisgênero, pois essa experiência é atravessada por fatores psicossociais que impactam sua identidade e bem-estar.

### **1.3 Objetivos**

#### **1.3.1 Objetivo geral**

Compreender como as mulheres trans e travestis percebem o conforto/desconforto no vestuário.

#### **1.3.2 Objetivos específicos**

- Compreender o conforto/desconforto no vestuário;
- Compreender as principais dificuldades das mulheres trans e travestis relacionadas ao vestuário;
- Identificar os elementos e características do vestuário e seu impacto na percepção de conforto/desconforto pelas mulheres trans e travestis;
- Identificar as demandas e necessidades das mulheres trans e travestis referentes ao vestuário e como isso pode auxiliar o processo de desenvolvimento de vestuário;
- Propor diretrizes para o desenvolvimento de vestuário destinado às mulheres trans e travestis, com ênfase no conforto.

## 1.4 Estrutura da Tese

A presente pesquisa está estruturada em cinco capítulos, organizados da seguinte maneira:

No primeiro capítulo, são apresentados o tema e a proposta da pesquisa, incluindo a questão norteadora, a hipótese e os objetivos, tanto o geral quanto os específicos.

O segundo capítulo contempla o referencial teórico, que fundamenta a tese, abordando três eixos centrais: (i) o conforto/desconforto, explorando sua influência no vestuário e as quatro dimensões descritas na literatura, adotadas nesta pesquisa; (ii) as pessoas transgênero, com foco nas mulheres trans e travestis e sua relação com o vestuário; e (iii) a antropometria, discutindo suas implicações no vestuário e as principais diferenças corporais entre os sexos.

O terceiro capítulo detalha os procedimentos metodológicos adotados, incluindo a caracterização da pesquisa, as questões éticas envolvidas, a amostragem e os critérios de elegibilidade, a formulação do instrumento de coleta, as entrevistas preliminares, a coleta de dados e o processo de análise das informações obtidas.

No quarto capítulo, são apresentados os resultados da pesquisa, organizados em categorias e subcategorias, que emergiram a partir da literatura e dos dados coletados. Além da discussão dos achados, este capítulo introduz uma proposta de diretrizes para o desenvolvimento de vestuário destinado às mulheres trans e travestis, com ênfase no conforto.

Por fim, o quinto capítulo traz a conclusão, bem como suas limitações e sugestões para pesquisas futuras.

Ao término do documento, encontram-se as referências utilizadas, um glossário para esclarecimento de termos empregados ao longo da pesquisa, além dos apêndices e anexos que complementam este trabalho.

## 2. REFERENCIAL TEÓRICO

### 2.1 Sobre conforto e/ou desconforto

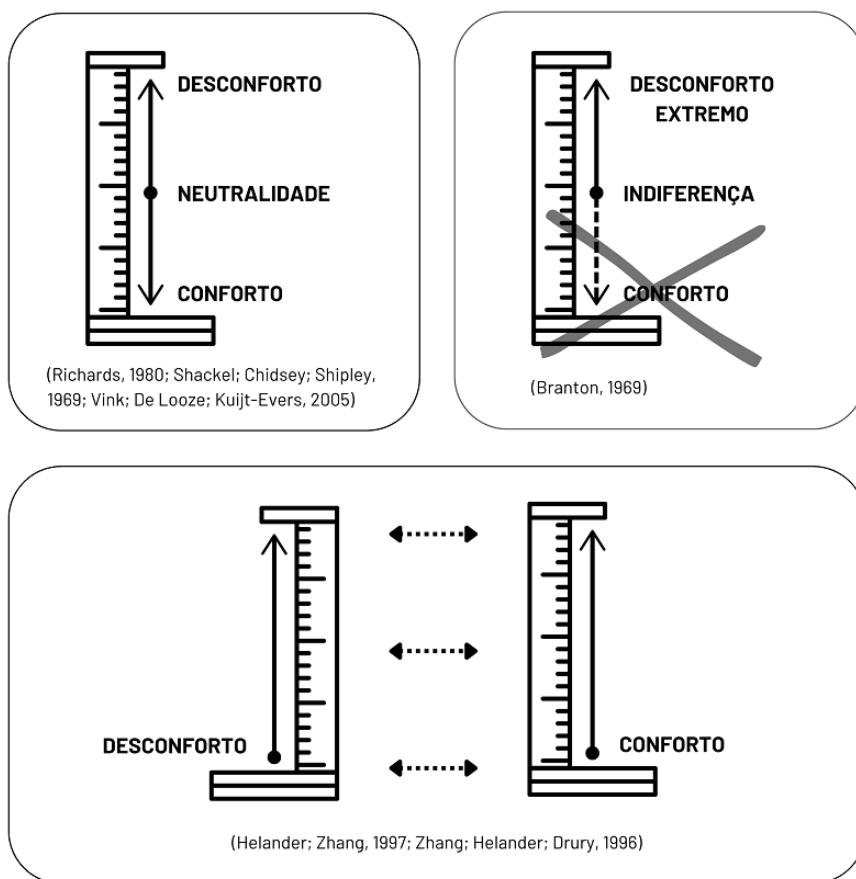
Existe um entendimento sobre o conceito de conforto ter sido inicialmente caracterizado, para fins operacionais, como a inexistência de desconforto (Lueder, 1983; Hertzberg, 1958). Sucessivas tentativas para melhor elaboração do conceito vêm sendo realizadas desde então, e, em geral, o termo conforto está associado ao de desconforto, pois, dessa forma, é mais facilmente avaliado (Iida; Guimarães, 2016; Slater, 1986; Vink; Hallbeck, 2012). Trata-se de um conceito complexo, bastante estudado e debatido no meio científico, mas que, até o momento, não apresenta uma única definição plenamente aceita (Cohen-Lazrya *et al.*, 2023; De Looze; Kuijt-Evers; Van Dieën, 2003; Mansfield *et al.*, 2020).

Em 1958, Hertzberg afirmou que o conforto é a “ausência de desconforto, assim como o frio é a ausência de calor” (p. 298, tradução nossa). O autor indicou não ser possível proporcionar o conforto, mas tão somente subtrair as causas do desconforto, enfatizando sua distinção. No dia a dia, quando as pessoas querem falar sobre o assunto, os dois termos, conforto e desconforto, acabam sendo utilizados quase que como sinônimos (Helander; Zhang, 1997; Zhang; Helander; Drury, 1996). Entretanto, o termo desconforto geralmente é mais abordado, por ser mais perceptível, e pelo fato de que a maioria das pessoas parece não apresentar tantas dificuldades em explicá-lo (Broega; Silva, 2010; Helander *et al.*, 1987; Lueder, 1983; Slater, 1986).

Para além disso, há um incessante debate sobre a real diferença entre conforto e desconforto, se são opostos de um todo contínuo, com as mesmas características em distintos graus, ou se os termos se referem a construtos particulares e independentes (De Looze; Kuijt-Evers; Van Dieën, 2003). Alguns autores indicam que ambos fazem parte de uma escala contínua bipolar, isto é, pode variar de algo mais intenso, em extremos opostos, a meio caminho de um estado neutro (Shackel; Chidsey; Shipley, 1969; Vink; De Looze; Kuijt-Evers, 2004). Há quem defenda que o conforto segue em uma linha que vai apenas da indiferença ao desconforto extremo, em que a ausência deste não necessariamente implica em um sentimento positivo (Branton, 1969).

Em contrapartida, existem estudos que estabelecem conforto e desconforto como entidades distintas, mas, ao mesmo tempo, complementares, propondo o uso, para avaliação, de escalas separadas, considerando cada um especificamente (Helander; Zhang, 1997; Zhang; Helander; Drury, 1996). Lueder (1983) acredita que a discussão sobre o conforto e o desconforto serem um conjunto de elementos contínuos situados em polos contraditórios ou serem dimensões autônomas é uma questão de semântica. Este autor, por exemplo, acredita ser possível que um estado favorável de conforto possa ser experimentado quando o desconforto for atenuado.

Figura 1 – Diferenças entre conforto e desconforto na literatura científica.



Fonte: elaborado pela autora.

A respeito da definição, estudiosos afirmam que é praticamente impossível chegar a uma decisão unânime de conforto, pois, apesar de todos entenderem o sentido e sua sensação ser facilmente identificada pelo indivíduo, ainda é algo difícil de verbalizar (Branton, 1969; Helander *et al.*, 1987; Slater, 1986). No entanto, algumas

iniciativas se destacam e são reforçadas e/ou citadas em outros trabalhos (Cohen-Lazrya *et al.*, 2023; De Looze; Kuijt-Evers; Van Dieën, 2003), como é o caso da proposição de Zhang, Helander e Drury (1996).

Foi proposto um modelo de percepção de conforto/desconforto, comprovado posteriormente, no qual o desconforto está ligado a fatores biomecânicos, responsáveis pelas sensações de dor, dormência, rigidez etc., enquanto que o conforto, a sensações de bem-estar e relaxamento, que podem ser expandidas pela aparência. Verificou-se que a sensação de desconforto aumenta com o tempo e a fadiga, e pode ser reduzido se observados os aspectos físicos, já o conforto poderá ser alcançado e diminuirá se houver um aumento de tempo na atividade desempenhada. Isso significa que diminuir o desconforto não necessariamente irá aumentar o conforto do indivíduo, mas que, para se atingir um alto grau deste, aquele precisa ser baixo (*ibidem*).

Outro modelo é o de De Looze, Kuijt-Evers e Van Dieën (2003), os quais afirmam existir uma interação entre três elementos que influenciam e são recorrentes no conforto/desconforto, que são o humano, o produto e o ambiente/contexto. O primeiro diz respeito às expectativas e aos sentimentos individuais; o segundo, à aparência e às características físicas; e o último refere-se aos fatores psicossociais. Assim, o conforto é de natureza pessoal e subjetiva, é afetado por fatores que possuem caracteres diversos, de natureza fisiológica, física e psicológica, e é uma resposta ao contexto/ambiente externo.

Apesar do avanço na compreensão dos conceitos de conforto e desconforto, nenhum desses modelos consegue antecipá-los tampouco podem ser considerados definitivos (Hiemstra-Van Mastrigt; Suzanne *et al.*, 2017). Contudo, alguns trabalhos subsequentes utilizam os modelos anteriores, como é o caso do estudo de Vink e Hallbeck (2012). Neste, os autores uniram as ideias de independência das escalas (Helander; Zhang, 1997; Zhang; Helander; Drury, 1996) com a questão física ligada à percepção de desconforto (De Looze; Kuijt-Evers; Van Dieën, 2003). Indicaram então que o conforto é uma condição agradável entre o indivíduo e o ambiente, ao passo que o desconforto é uma condição desagradável do corpo em relação ao espaço físico.

Vink e Hallbeck (2012) também propuseram um novo modelo inspirado em estudos preliminares, sendo um deles o de De Looze, Kuijt-Evers e Van Dieën (2003).

O novo modelo demonstra que, a partir da interação entre o indivíduo e o produto em um determinado ambiente, pode haver efeitos internos no corpo, como uma ativação muscular, por exemplo. A influência se dá tanto pelos efeitos em si como pelas expectativas criadas, resultando em sentimentos variados, que são capazes de ir de um conforto intenso, passando por nenhum conforto, até desconforto ou seu extremo, e tudo o que houver entre esses intervalos.

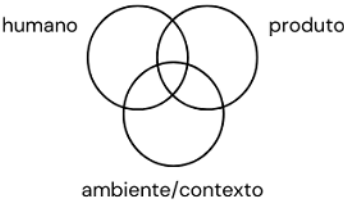
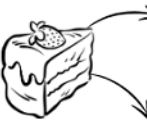
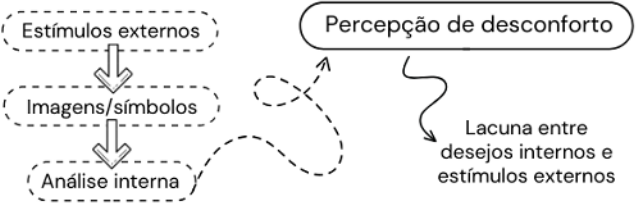
Mais recentemente, Mansfield *et al.* (2020) usaram o modelo de bolo como representação, em que a parte externa, isto é, a cobertura, mais ligada à parte estética, funciona como uma primeira impressão e influencia bastante as expectativas, que pode ser até mesmo enganosa com relação ao real conforto do produto. Por baixo da cobertura, existem as porções camufladas, justamente as camadas do bolo, que seriam as representações das demais prioridades de design. O número de camadas depende da quantidade de requisitos para a otimização do produto, centrado nas exigências do usuário, como, por exemplo, a ajustabilidade, os requisitos referentes às propriedades térmicas etc.

Tanto a camada externa como as ocultas contribuem para a percepção geral de conforto/desconforto, em que se busca o conforto ou pelo menos uma redução do desconforto. Os autores afirmam que a primeira interação com o produto é visual, e as seguintes são mais táteis e físicas. No modelo de bolo de Mansfield *et al.* (2020), os atributos dos elementos individuais não podem ser simplesmente somados, mas cada um desses elementos deve ir além do mínimo exigido, para que possa suportar as camadas seguintes e possa proporcionar melhores produtos, do contrário, a experiência do usuário pode colapsar.

Cohen-Lazrya *et al.* (2023), por sua vez, apresentaram um modelo que abrange a formação do desconforto por meio dos processos psicológicos. Eles explicam que, quando há o reconhecimento de certas necessidades, que se tornam desejos, as expectativas da pessoa acabam afetando e transformando tais desejos. Simultaneamente, os estímulos externos são percebidos e interpretados de forma ideográfica, e ocorre um processo de análise interna da lacuna formada entre os desejos e os estímulos externos percebidos. Isso recai em um determinado valor da

escala de conforto/desconforto, que pode resultar em diferentes formas de desconforto e na percepção geral de desconforto (ou ausência deste).

Figura 2 – Modelos sobre conforto e desconforto.

| MODELO                                | DESCRIÇÃO                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                             |
|---------------------------------------|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| Zhang, Helander e Drury (1996)        | <ul style="list-style-type: none"> <li>Conforto               <ul style="list-style-type: none"> <li>sensações de bem-estar e relaxamento, ampliadas pela estética</li> <li>diminuirá se tempo na atividade aumentar</li> </ul> </li> <li>Desconforto               <ul style="list-style-type: none"> <li>fatores biomecânicos</li> <li>aumenta com tempo e fadiga</li> <li>pode ser reduzido (observando aspectos físicos)</li> </ul> </li> </ul>                   |
| Looze, Kuijt-Evers e Van Dieën (2003) | <p>Conforto:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>natureza pessoal e subjetiva;</li> <li>afetado por fatores fisiológicos, físicos e psicológicos;</li> <li>resposta ao contexto/ambiente</li> </ul>                                                                                                                                                                          |
| Vink e Hallbeck (2012)                | <ul style="list-style-type: none"> <li>Desconforto: condição desagradável do corpo no espaço físico</li> <li>Conforto: condição agradável entre o homem e o ambiente</li> </ul>                                                                                                                                                                                                   |
| Mansfield <i>et al.</i> (2020)        |  <ul style="list-style-type: none"> <li>Externo: cobertura (estética)</li> <li>Pode enganar sobre real conforto do produto</li> <li>Primeira interação com o produto (visual)</li> <li>Interno: camadas do bolo (demais prioridades do design)</li> <li>Requisitos centrados nas exigências do usuário</li> <li>Interações posteriores com o produto (táteis e físicas)</li> </ul> |
| Cohen-Lazrya <i>et al.</i> (2023)     |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                   |

Fonte: elaborado pela autora.

Apesar da existência de diversos modelos e vertentes, o que parece ser consenso é a subjetividade do fenômeno, pois cada pessoa tem a sua própria percepção de conforto/desconforto (Cohen-Lazry *et al.*, 2023; Mansfield *et al.*, 2020; Slater, 1986). É a partir das suas próprias experiências que o indivíduo, durante a utilização de determinado produto, faz uma avaliação, apoiado em todos os seus sentidos (Broega; Silva, 2010; Slater, 1986). O conforto não é, dessa forma, uma característica constitutiva do produto em si, mas é o sujeito usuário quem determina se ele causa ou não desconforto (Mansfield *et al.*, 2020; Vink; Overbeeke; Desmet, 2004).

Parece também haver concordância, na maioria dos estudos, sobre o conforto ser um construto que possui muitas facetas e ser influenciado por vários fatores (Cohen-Lazry *et al.*, 2023; De Looze, Kuijt-Evers; Van Dieën, 2003; Mansfield *et al.*, 2020; Zhang; Helander; Drury, 1996; Vink; Overbeeke; Desmet, 2004; Vink; De Looze; Kuijt-Evers, 2004), fatores estes de natureza fisiológica, física e psicológica (De Looze, Kuijt-Evers; Van Dieën, 2003). Alguns deles são as memórias/experiências do usuário, o estado emocional, o visual/aparência, a interferência olfativa, os barulhos e ruídos, as condições climáticas do ambiente, a distribuição da pressão e o toque, e também a influência postural e dos movimentos (Vink; De Looze; Kuijt-Evers, 2004).

Nesse sentido, os designers podem utilizar essa multidimensionalidade para melhorar a experiência do usuário, buscando caminhos e enfoques alternativos (Cohen-Lazry *et al.*, 2023), especialmente pelo fato de o conforto dos produtos ser um dos principais elementos decisores de compras (Broega; Silva, 2010; De Looze, Kuijt-Evers; Van Dieën, 2003; Kaplan; Okur, 2008; Mansfield *et al.*, 2020). Sua natureza subjetiva e multidimensional indica a abrangência e interesse em diferentes áreas do conhecimento, como, por exemplo, na saúde, na arquitetura e urbanismo, ou ainda estabelecendo relações entre mais de uma área. O presente trabalho concentra-se no Design, para abordar a percepção de conforto/desconforto no produto de vestuário.

### **2.1.1 Conforto/desconforto no vestuário**

O vestuário é parte integrante e desempenha um importante papel na vida das pessoas, sendo utilizado para cobrir o corpo em razão do pudor, para adorno, por status e também como proteção (Braga, 2022; Li, 2001). Por ter uma relação íntima

com o corpo, é muitas vezes igualado a uma segunda pele (Broega; Cunha; Cabeço-Silva, 2019; Choudhury; Majumdar; Datta, 2011; Martins, 2019) e, na verdade, alguns estudiosos consideram o vestuário um verdadeiro sistema, assim como outros que são parte do organismo humano, pois ele é uma espécie de prolongamento do corpo, que interage com o próprio corpo (Fourt; Hollies, 1969).

Segundo Li (2001), é por conta do sistema de interação entre o usuário e o ambiente circundante que ocorrem alguns processos, de forma simultânea, determinantes para o estado de conforto (físicos, fisiológicos, neurofisiológicos e psicológicos). Nesse sistema, acontece a termorregulação e respostas sensoriais em decorrência de estímulos físicos, tanto das roupas quanto do ambiente, assegurando a manutenção e a sobrevivência do corpo. Essas respostas comunicam ao cérebro a conjuntura física que interfere no conforto. A partir dos sinais sensoriais, o cérebro faz uma avaliação, de acordo com anseios internos, experiências anteriores e influências externas, e manifesta percepções subjetivas do estado geral de conforto do usuário.

Sontag (1985) propôs três dimensões do conforto no vestuário, o físico, o psicológico e o social, e destaca a correlação entre essas dimensões. O conforto físico evidencia a resposta satisfatória dos usuários sobre características físicas do vestuário, como o seu peso ou a sua elasticidade. Já o conforto psicológico é sobre a sensação de contentamento com circunstâncias desejadas em relação ao vestuário, como passar uma imagem de sofisticação ou expressar o autoconceito. E o conforto social refere-se ao bem-estar social, de estar em conformidade quando no convívio social, vestido de maneira adequada em determinada ocasião junto aos seus pares, por exemplo.

Slater (1986) igualmente identificou três dimensões do conforto, mas suas ramificações foram agrupadas em conforto físico, fisiológico e psicológico. Para ele, o conforto representa uma condição aprazível e equilibrada entre tais aspectos, o físico (implicações ao ambiente externo, quanto ao equilíbrio fisiológico e psicológico do corpo), o fisiológico (habilidade do corpo humano em manter a vida) e o psicológico (capacidade da mente humana em permanecer funcionando adequadamente sem ajuda exterior) do indivíduo com o ambiente. Essas dimensões podem até ser investigadas de modo independente, mas, segundo o autor, o ideal é que sejam avaliadas de modo conjunto, já que há uma interseção entre elas.

Goldman (2005) indicou a existência de quatro fatores relacionados ao conforto no vestuário, denominados os “4 Fs do Conforto”: moda (*fashion*); sensação (*feel*); ajuste/caimento (*fit*); e função (*function*). Sobre o primeiro, o autor acredita que a moda serve como um identificador instantâneo, indicando o grupo social da pessoa. O segundo trata do que se chama de “hand” (“mão” de um tecido), sobre a sensação do tecido contra a pele durante seu uso. O terceiro fator pode estar no lado oposto ao do conforto, já que muitas tendências de moda contribuem na pressão em algumas áreas do corpo, restringem movimentos etc. Por fim, o último fator envolve requisitos de proteção para o bom funcionamento do corpo, como, por exemplo, a absorção de água.

Para Broega, Cunha e Cabeço-Silva (2019), o conforto no vestuário abrange quatro dimensões que compreendem os confortos sensorial (ou tátil), termofisiológico (ou térmico), ergonômico e psicológico (ou psicossocial/psicoestético). O sensorial trata da tensão dissipada no corpo em áreas de contato da pele com o tecido (aspereza, rigidez etc). O termofisiológico se ocupa das propriedades que ajudam na manutenção do equilíbrio térmico entre o corpo e o tecido. O ergonômico corresponde à boa acomodação no corpo, intimamente ligado à adequação antropométrica, modelagem, qualidade da confecção etc. E o psicológico se relaciona ao ambiente cultural e socioeconômico do usuário, associado às tendências da moda e individualidade.

Nesse sentido, pesquisadores apontam geralmente para três ou até mais dimensões do conforto, que se relacionam na tríade usuário/vestuário/ambiente (Broega; Silva, 2010; Fourt; Hollies, 1969; Matté; Broega; Pinto, 2018). Cada uma das dimensões é importante para o contexto e é influenciada por diferentes atributos dentro dessa tríade (Kamalha *et al.*, 2013). Visando ao maior didatismo, no presente trabalho, será adotada a classificação dada pelas autoras Broega, Cunha e Cabeço-Silva (2019), que trata do conforto em quatro dimensões, segundo os parâmetros de avaliação dos próprios usuários, os quais buscam no vestuário características funcionais (conforto sensorial, termofisiológico e ergonômico) e estéticas (conforto psicológico).

### **2.1.2 Conforto sensorial**

Os sistemas sensoriais viabilizam a percepção acerca do meio ao redor e de estados do meio interno do indivíduo (Infante-Malachias, 2013). Os órgãos que fazem

parte dos sistemas sensoriais, como a pele, os ouvidos, os olhos, o nariz e a boca, reagem a estímulos físicos (visuais, táteis e térmicos) e enviam impulsos neurofisiológicos ao cérebro, que, após o seu processamento, realiza uma avaliação comparativa com referências de experiências passadas e/ou aspirações e desejos íntimos (Kilinc-Balci, 2011). O conforto sensorial trata da percepção quando ocorrem várias sensações neurais, acerca do contato da pele com o tecido, em condições normais de uso (Broega; Cunha; Cabeço-Silva, 2019; Hes; Bal; Dolezal, 2021).

De acordo com Sweeney e Branson (1990), o conforto sensorial diz respeito à maneira pela qual estímulos físicos provocam sensações nas pessoas e influenciam no julgamento do conforto (ou desconforto) no vestuário. Segundo os autores, há de fato uma correspondência física direta entre as sensações e o conforto das roupas, e isso acontece quando uma pessoa é impactada pela aparência visual da vestimenta, baseado no toque junto a sua pele, como a peça faz ressoar durante os movimentos do corpo, no cheiro que a roupa emana e até mesmo em como ela pode ter algum gosto ou sabor (por exemplo, quando bebês sugam seu pano favorito).

As sensações geradas pelo vestuário durante o uso dependem das condições ambientais, atividades humanas desempenhadas, propriedades da pele, características táteis do tecido e até do ajuste/caimento dessa peça (Kilinc-Balci, 2011; Li, 2001). O corpo está sujeito ao próprio peso do vestuário e às tensões que são transmitidas pelas áreas de contato entre a pele e a estrutura têxtil, que se deforma, se acomoda e se adapta ao corpo e aos movimentos corporais (Broega; Silva, 2010; Hes; Bal; Dolezal, 2021). A partir disso, ocorre uma comunicação com o cérebro, por meio de estímulos táteis, visuais, térmicos, de pressão, etc., e as percepções sensoriais são criadas e avaliadas, especialmente com base em experiências anteriores (Kilinc-Balci, 2011).

A pele humana, considerada o maior órgão do corpo humano, atua nas funções de percepção sensorial, proteção e regulação da temperatura. Acredita-se que a pele consegue identificar três efeitos externos, que são a dor, a pressão e a temperatura, e isso acontece porque suas inúmeras terminações nervosas notificam o corpo sobre as variações no ambiente. Como já explicitado, há certa dificuldade em descrever o conforto positivamente, mas o desconforto pode ter uma definição mais clara entre os usuários. Por esse motivo, quando certos tipos de tecidos estão em contato com a pele,

eles são descritos de forma objetiva, como duros, pesados, úmidos, quentes, frios, que pinicam, não respiráveis etc. (*ibidem*).

Assim, as particularidades da superfície dos tecidos são determinantes para o conforto sensorial (Broega; Silva, 2010). As propriedades sensoriais deles dependem das fibras, da estrutura do próprio fio, da construção do tecido e dos acabamentos utilizados (Broega; Cunha; Cabeço-Silva, 2019; Choudhury; Majumdar; Datta, 2011). Um exemplo disso é a superfície de um tecido que seja mais lisa e menos áspera, e, por conta das fibras longas e da baixa pilosidade, ele acaba tendo uma área de contato maior com a pele, podendo parecer mais “fria” para determinada pessoa, pela ausência da camada de ar que funciona como isolante térmica, o que favorece a sua sensação de conforto ou desconforto (Choudhury; Majumdar; Datta, 2011).

Importante destacar que existe uma diferença, na percepção sensorial, de quando o usuário veste uma peça de roupa para o contato ou o toque com a mão e dedos na superfície têxtil. Na primeira atividade, a roupa está interagindo com a pele de boa parte do corpo em uma forma dinâmica, mas também passiva, enquanto que, na segunda, há uma “manipulação ativa” do tato, em que o indivíduo intencionalmente deseja obter mais informações sobre aquele tecido (Broega; Silva, 2010; Choudhury; Majumdar; Datta, 2011; Kamalha *et al.*, 2013). Esse tipo de avaliação é chamado “toque” ou “mão” de um tecido, sendo também utilizado os termos em inglês, como “fabric hand”, “hand” ou “handle” (Broega; Cunha; Cabeço-Silva, 2019; Choudhury; Majumdar; Datta, 2011; Kamalha *et al.*, 2013; Li, 2001; Goldman, 2005).

O toque é uma sensação complexa e subjetiva, pois a mão humana é bastante sensível, por isso muitos estudos buscaram introduzir atributos reconhecidos na linguagem comum que permitisse melhor qualificar e descrever os tecidos (Broega; Silva, 2010; Li, 2001). Um dos métodos mais conhecidos para avaliação da mão de tecido é o Sistema de Avaliação Kawabata para Tecidos (em inglês, *Kawabata Evaluation System for Fabrics*), que mede parâmetros físicos através de descritores sensoriais determinados. Apesar de criticado por ter sua base feita com avaliações subjetivas de poucos avaliadores, ainda é utilizado em estudos e nas indústrias têxteis e de vestuário (Choudhury; Majumdar; Datta, 2011; Kamalha *et al.*, 2013).

### 2.1.3 Conforto termofisiológico

O controle da temperatura no corpo humano ocorre através de mecanismos involuntários e voluntários, que são os autônomos e os comportamentais, respectivamente (Schlader; Stannard; Mündel, 2010). Sobre este último, quando um indivíduo sente frio e se desloca para um local aquecido, ele está em busca de uma sensação de conforto térmico. Além do ambiente, há outros agentes que contribuem nesse sentido, como o próprio estado fisiológico da pessoa, o seu psicológico, o grau de atividade física realizada e o tipo/forma de vestimenta. Vestir uma roupa que esteja apropriada para determinado ambiente, proporciona uma sensação de bem-estar fisiológica ao usuário, pois cria uma barreira térmica entre o corpo e o ambiente no qual o indivíduo se encontra (Broega; Cunha; Cabeço-Silva, 2019; Broega; Silva, 2010).

De acordo com Uttam (2021), o corpo humano geralmente mantém a própria temperatura em torno de 37°C, variando cerca de 0,5 grau Celsius, logo, manter o conforto termofisiológico significa dizer que essa temperatura corporal será preservada. Quando a pessoa faz uma atividade física puxada, a temperatura corporal aumenta caso o calor excedente gerado não seja transferido para o ambiente, e isso ocorre tanto através da respiração, e, principalmente, através da roupa, em uma transferência de calor. Contudo, se houver aumento no nível de calor, a dissipação pela roupa não será suficiente, então vai haver uma evaporação do suor na pele para resfriar o corpo, na busca de um reequilíbrio energético corporal. Por isso, é fundamental que o vestuário possa sempre assegurar um elevado nível de transferência de umidade.

As práticas de transferência de calor para o ambiente exterior, através do vestuário, que mantêm a termorregulação corporal, são a condução, a convecção e a radiação (Li, 2001; Broega; Cunha; Cabeço-Silva, 2019; Uttam, 2021). Na condução, ocorre perda de calor pela interação direta com outro elemento, e a condutividade térmica de ambos os materiais é que determina o nível de transferência de calor; na convecção, a propagação do calor se dá através da movimentação interna fluida, na forma líquida ou gasosa; e na radiação, o calor é transmitido por ondas eletromagnéticas, que, ao atingirem um objeto, sua energia se transforma em calor. Na transferência de umidade, o processo de evaporação se dá com a transformação do líquido em vapor, resfriando a superfície da pele (Li, 2001; Uttam, 2021).

O conforto termofisiológico do vestuário está relacionado, portanto, à impermeabilidade, à leveza, à absorção e secagem do suor, à função corta vento, e ainda ao transporte de calor e vapor, isto é, processos físicos que incluem a transferência de calor e também de umidade (Bhatia; Malhotra, 2016; Broega; Silva, 2010; Fohr; Couton; Treguier, 2002). O propósito do vestuário deve ser o de possibilitar um microclima equilibrado, entre a pele e a roupa, de forma a maximizar o percentual de perda de calor e umidade do corpo (Bhatia; Malhotra, 2016; Uttam, 2021). Não existe um vestuário adequado para toda e qualquer situação, ou até para diferentes tipos de clima, por isso ele precisa ser modificado a fim de maximizar o conforto do usuário. Diferente do microclima, que não varia, o vestuário é variável (Uttam, 2021).

A manutenção do equilíbrio térmico é uma das características mais importantes para o conforto no vestuário (*ibidem*). Pesquisas indicaram que houve aumento no conforto geral percebido de roupas/tecidos específicos, com melhoria nas respostas termorregulatórias e maior resistência à evaporação (Ferguson *et al.*, 2022), gestão e absorção de umidade, permeabilidade ao vapor de água (Suganthi; Senthilkumar, 2017), permeabilidade ao ar (Gonzales *et al.*, 2011), entre outros aspectos. Esses estudos são relacionados ao universo esportivo, em que o conforto termofisiológico é ainda mais relevante, e é um dos segmentos do vestuário que sempre busca inovação, para proteger e melhorar o desempenho do usuário (Yick *et al.*, 2022).

Existem muitos modelos para avaliação do conforto termofisiológico e elas podem ser subjetivas, em busca de respostas psicofísicas, e objetivas, investigando a questão fisiológica. As subjetivas utilizam escalas de avaliação, que podem mensurar a percepção de conforto, preferências, eficácia, aceitação e tolerância de um determinado sistema de vestuário. Já a objetiva apura a parte fisiológica, como, por exemplo, a frequência cardíaca, a perda de suor e a temperatura corporal (Islam; Golovin; Dolez, 2023). Os avanços tecnológicos frequentemente se detêm no desempenho têxtil (avaliações objetivas), por isso o desafio de estabelecer relações dos estudos subjetivos humanos com as medições objetivas persiste, considerando o fator humano e seu conforto no uso da roupa (Broega; Cunha; Cabeço-Silva, 2019; Yick *et al.*, 2022).

### 2.1.4 Conforto psicológico

As pessoas buscam reconhecimento social e status quando vestem determinados tipos de vestuário ou usam certas marcas, por isso, o conforto psicológico está mais relacionado às tendências de moda, à aparência visual e à estética, e menos aos atributos técnicos do produto (Broega; Cunha; Cabeço-Silva, 2019; Broega; Silva, 2010). De acordo com Slater (1986, p. 159), “O adorno, a partir de uma peça de roupa da última moda ou de alguma outra forma esteticamente atraente, dá ao usuário o conforto mental de estar no seu melhor”. O autor fala ainda sobre roupas de luxo, principalmente quando são estilosas, bem ajustadas e tem uma boa aparência geral, que trazem satisfação e podem conferir status ao usuário.

Mais do que a funcionalidade, é a experiência do usuário, o que sente ao usar/vestir um produto de moda e do vestuário, que traz à tona sentimentos pertinentes à autoimagem ou aos relacionamentos sociais, por exemplo. Esses sentimentos podem, muitas vezes, ser mais valorizados do que outras características, dependendo do estilo de vida do usuário, suas crenças, valores sociais e culturais etc. (Broega; Cunha; Cabeço-Silva, 2019). O prazer psicológico se sobressai frente às outras dimensões, como quando a pessoa usa sapatos de salto alto e, ainda que causem problemas de saúde e incomodem, conferem status e valor simbólico elevado, por isso, ainda são usados (Broega; Cunha; Cabeço-Silva, 2019; Valente; Paschoarelli, 2009).

Alguns dos fatores que interferem no conforto psicológico e devem ser considerados no desenvolvimento de vestuário são: a cor, associada às emoções, podendo se ligar a questões de feminilidade e masculinidade, ser influenciada pela cultura etc.; a textura, que evoca o sensorial e transmite diferentes percepções psicológicas, podendo afetar o humor; o design, que forma a aparência completa e cria efeitos visuais; o ajuste/caimento, pois afeta a imagem corporal percebida; as tendências, por deixar a pessoa na moda ou não, fazendo com que ela se sinta inserida em um contexto, gênero ou grupo; e até mesmo o preconceito, que se relaciona a uma experiência negativa do passado e afeta a escolha da roupa (Hunter; Fan, 2015).

Fan (2009) atesta que o conforto psicológico relacionado ao vestuário é uma escolha subjetiva, e indica outros cinco aspectos relacionados a essa dimensão, a saber: poder evidenciar o status econômico, funcional e social; “fazer uma declaração

fashion”, ou seja, causar um impacto através da roupa; validar a lealdade a um grupo, cultura ou causa; balancear estética, custo e desempenho; e embelezar o usuário. Assim, para além da estética, o conforto psicológico diz respeito também às sensações que envolvem todos os sentidos, sendo percebidas e avaliadas pelo cérebro para formar a percepção de conforto, e fazendo o usuário se sentir bem e adequado para determinado contexto, o que acaba influenciando suas preferências e decisões de compra (Fan, 2009; Hunter; Fan, 2015; Li, 2001).

Nessa dimensão do conforto, o desafio é como medir as percepções, uma vez que os fatores psicológicos são de difícil avaliação (Li, 2001; Slater, 1986). O uso de escalas psicológicas parece ser uma alternativa para colher a opinião das pessoas, mas existem alguns entraves. Primeiro, é preciso que as pessoas deem opiniões honestas, visto que respostas individuais e abstratas não são números concretos, e a opinião dos entrevistados é influenciada por aspectos físicos, fisiológicos, psicológicos, culturais, sociais e ambientais (Li, 2001; Kilinc-Balci, 2011; Slater, 1986). Apesar disso, é possível verificar, de maneira satisfatória, indicadores como o estilo ou as emoções ligadas às cores a partir das respostas dos sujeitos entrevistados (Fan, 2009).

Não existe um método de avaliação próprio, mas houve um aprimoramento nas escalas psicológicas e no tratamento de dados, inclusive com a mensuração das atitudes e na avaliação da imagem e catexia corporal, importantes referências para o conforto psicológico e percepção global do conforto no vestuário (Fan, 2009; Li, 2001; Matté; Broega; Pinto, 2018). O Modelo de Conforto do Vestuário (em inglês, “Clothing Comfort Model” ou “CCM”), desenvolvido por Sweeney e Branson em 1991, possui duas dimensões, uma física e uma sociopsicológica, que inclui conceitos psicológicos, sociais, culturais e históricos (Matté; Broega, 2017; Matté; Broega; Pinto, 2018). Ambas afetam os estímulos fisiológicos, cujas respostas se transformam em julgamento/avaliação do conforto do vestuário pelo usuário (Kamalha *et al.*, 2013; Matté; Broega, 2017; Matté; Broega; Pinto, 2018).

Esse modelo compreende atributos associados à dimensão sociopsicológica e é dividida em três elementos, que interagem entre si: as pessoas (autoconceito, atitudes, etc.), as roupas (estilo, cor etc.) e o ambiente (padrões culturais, localidade geográfica etc.). Tais atributos não são consenso entre pesquisadores e, apesar do valor do

modelo, ainda existem lacunas relacionadas aos métodos de avaliação do conforto psicológico do vestuário (Matté; Broega, 2017). Essa dimensão é a mais complexa, por sua natureza subjetiva, pois uma pessoa pode não perceber o mesmo nível de conforto que outra, mesmo sob condições ambientais iguais e vestindo roupas similares, já que ele não depende apenas das propriedades do tecido ou das características do design, por exemplo (Fan, 2009; Kilinc-Balci, 2011; Li, 2001; Matté; Broega; Pinto, 2018).

### **2.1.5 Conforto ergonômico**

De maneira simplificada, o conforto ergonômico pode ser definido como “a aptidão que uma peça de vestuário tem de ‘vestir bem’ e de permitir a liberdade de movimentos do corpo” (Broega; Cunha; Cabeço-Silva, 2019, p. 24). O movimento do corpo é fundamental na vida humana, por isso é preciso considerar a região que será vestida e as necessidades de ações (flexão, extensão, adução, abdução, inclinação e rotação) para projetar roupas apropriadas, especialmente se for um vestuário destinado a alguma atividade específica, como os de prática esportiva, por exemplo (Grave, 2004; Motlogelwa, 2018). Logo, o conforto ergonômico está ligado à ergonomia, à usabilidade, à modelagem e à antropometria (Broega; Silva, 2010; Grave, 2004; Motlogelwa, 2018).

A ergonomia, também denominada fatores humanos, tem por objetivo adaptar os processos e produtos às pessoas, de acordo com suas limitações, anseios e capacidades (Iida; Guimarães, 2016; Martins, 2019). Inicialmente, surgiu com enfoque na otimização do posto de trabalho, mas, com o passar do tempo, suas aplicações destinaram-se às mais diversas situações em que houvesse o relacionamento entre um indivíduo e uma atividade produtiva ligada a bens ou serviços. Até a metade do século XX, o projeto de desenvolvimento de produto dedicava-se apenas às questões técnicas e funcionais, mas posteriormente as empresas passaram a ver aspectos sobre saúde, segurança e bem-estar como vantagens competitivas (Iida; Guimarães, 2016).

Sua atuação é ampla, mas o cuidado deve ser observar as características do usuário, especialmente quando se trata de vestuário, que é um produto tão próximo do corpo e o condiciona de tal forma, que é considerado uma segunda pele. Foram justamente seus parâmetros aplicados que suscitaram o conceito de conforto ergonômico direcionado às roupas (Broega; Cunha; Cabeço-Silva, 2019; Martins,

2019). A qualidade ergonômica é que vai garantir não só conforto, como satisfação, saúde e segurança, a partir da provisão de informações acessíveis, eficiência, durabilidade, facilidade na limpeza e manutenção, agradabilidade e usabilidade, ou, no caso do vestuário, vestibilidade (Iida; Guimarães, 2016; Rosa, 2019).

A usabilidade diz respeito à facilidade, eficácia, conveniência e segurança no uso de produtos, ou, em outras palavras, refere-se à utilização “amigável” quando o ser humano interagir com o produto (Falcão; Soares, 2013; Iida; Guimarães, 2016). Para os produtos de vestuário, geralmente o termo vestibilidade é empregado, pois o verbo “vestir” faz mais sentido nesse universo e remete ao ato de se envolver com a roupa, em vez de “usar”, que é mais genérico (Alves; Martins, 2017). Alguns dos critérios de vestibilidade incluem a mobilidade do usuário, sem esforço ou restrições, como abaixar ou caminhar, ou ainda a não interferência de suas atividades fisiológicas, como, por exemplo, não prejudicar a transpiração ou a circulação sanguínea (Gersak, 2014).

Outro fator que interfere no conforto ergonômico é a modelagem, atividade que replica, de forma adaptada para o tecido, as medidas do corpo humano. Essa atividade leva em conta todas as informações presentes na ficha técnica, com o intuito de dar forma e estrutura à ideia proposta pelo designer (Grave, 2004; Menezes; Spaine, 2010). Um estudo demonstrou que usuárias de calças jeans destacaram a modelagem como uma das principais causas de desconforto, pelo fato de deformar e expor seus corpos, e, por isso, é um fator relevante em suas decisões de compra (Theisen; Moura; Folle, 2015). Além dos saberes técnicos e materiais têxteis, a modelagem deve ser desenvolvida com base nas dimensões corporais reais das pessoas, envolvendo assim conhecimentos sobre antropometria (Menezes; Spaine, 2010).

A antropometria é a ciência que trata sobre as dimensões físicas do corpo humano, estando a qualidade do conforto ergonômico no vestuário associada intimamente às variáveis antropométricas (Broega; Cunha; Cabeço-Silva, 2019). Acontece que os seres humanos têm distinções, por isso, ainda existem muitas dificuldades quanto às medidas e tamanhos das roupas. De acordo com Iida e Guimarães (2016, p. 229), para a indústria, “(...) o ideal seria fabricar um único tipo de produto padronizado, pois isso reduziria os custos. Contudo, do ponto de vista do

usuário/consumidor, isso nem sempre proporciona conforto e segurança”. E, em se tratando de vestuário, que é um produto de uso individual, isso pode ser crítico.

No Brasil, a Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT) aprovou uma norma (NBR16933 de 11/2021), denominada “Vestuário – Referenciais de medidas do corpo humano – Vestibilidade para mulheres – Biótipos retângulo e colher”, que apresenta uma base para as medidas corporais e tamanhos das roupas femininas, tendo por base a pesquisa “SizeBR”, que pretende orientar fabricantes e profissionais da área (Bastos; Sabrá, 2014; Bastos *et al.*, 2013). Embora não seja de uso obrigatório pelas empresas, essa norma, assim como muitas outras, é voltada para mulheres cisgênero, consequentemente inadequadas para mulheres transgênero. Estas ainda carecem de pesquisas dedicadas às suas demandas, particularmente pesquisas que se dediquem à percepção de conforto/desconforto no vestuário.

Para finalizar esta primeira parte do capítulo teórico, apresenta-se, a seguir, um quadro-resumo (Quadro 1) com os principais conceitos das quatro dimensões do conforto no vestuário: conforto sensorial, conforto termofisiológico, conforto psicológico e conforto ergonômico.

Quadro 1 – As quatro dimensões do conforto no vestuário.

| Dimensões do conforto no vestuário |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                   |
|------------------------------------|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| Conforto sensorial                 | <ul style="list-style-type: none"> <li>• Percepção a partir de sensações neurais (contato da pele com o tecido) são criadas e avaliadas, com base em experiências anteriores;</li> <li>• Sensações geradas dependem das condições ambientais, atividades humanas, propriedades da pele, características táteis do tecido e ajuste/caimento da peça;</li> <li>• Superfície dos tecidos são determinantes para o conforto sensorial.</li> </ul>                                     |
| Conforto termofisiológico          | <ul style="list-style-type: none"> <li>• Está relacionado aos processos físicos (transferência de calor e de umidade);</li> <li>• A manutenção do equilíbrio térmico é uma das características mais importantes para o conforto do vestuário;</li> <li>• Ambiente, estado fisiológico, psicológico, grau de atividade física e tipo/forma de vestimenta influenciam na sensação de bem-estar fisiológico.</li> </ul>                                                              |
| Conforto psicológico               | <ul style="list-style-type: none"> <li>• Está mais relacionado às tendências de moda e aparência visual, e menos aos atributos técnicos da peça;</li> <li>• Escolha subjetiva relacionada a status econômico, funcional e social; validação frente a um grupo, cultura ou causa; harmonia entre estética, custo e desempenho; adorno e impacto por meio da roupa;</li> <li>• Traz à tona sentimentos pertinentes à autoimagem ou relacionamentos sociais, por exemplo.</li> </ul> |
| Conforto ergonômico                | <ul style="list-style-type: none"> <li>• Aptidão de peça em “vestir bem” e permitir liberdade de movimentos;</li> <li>• Está ligado à ergonomia, usabilidade, modelagem e antropometria;</li> <li>• Foram os parâmetros ergonômicos aplicados que suscitaram o conceito de conforto ergonômico direcionado às roupas.</li> </ul>                                                                                                                                                  |

Fonte: elaborado pela autora.

## 2.2 Sobre pessoas transgênero

Nos anos 1960, o movimento feminista passou a ganhar mais visibilidade, e foi justamente nesse momento que a categoria gênero apareceu, embora a palavra gênero ainda não estivesse presente (Pedro, 2005). Naquela época, essa categoria era usada no sentido de mulher mesmo, o oposto da palavra homem, sendo esta considerada universal e usada quando se pretendia falar de todos os seres humanos de forma geral (*ibidem*). Na década de 1980, o termo gênero entrou no contexto social com interesse nas distinções sociais ligadas ao sexo biológico, ou seja, aquele designado no nascimento, sinalizando que as diferenças entre homens e mulheres eram pertinentes aos fatores culturais. A partir de então, os movimentos feministas passaram a utilizar o termo gênero em oposição à sexo (Pedro, 2005; Spizzirri; Pereira; Abdo, 2014).

Nas ciências da saúde, Robert Stoller, psicanalista e psiquiatra norte-americano, divergia do pensamento da época quanto às raízes biológicas da identidade de gênero,

e, no livro “Sex and Gender”, de 1968, empregou a palavra gênero em uma direção oposta à de sexo (Cossi, 2018). O livro aborda intervenções cirúrgicas nas pessoas intersexuais e transgêneros para adequar a anatomia genital (para ele, sexo) ao gênero desejado (gênero), pois acreditava que o sentimento de ser mulher ou homem era mais relevante do que a estrutura anatômica (Pedro, 2005; Spizzirri; Pereira; Abdo, 2014). Segundo Stoller, o sexo indica estados biológicos, já o gênero refere-se aos comportamentos, sentimentos, pensamentos, e fantasias ligados à masculinidade e à feminilidade, relacionados à biologia, mas consolidados culturalmente (Cossi, 2018).

Em 1992, o historiador da medicina Thomas Laqueur, afirmou em seu livro, “Inventando o sexo”, que era o gênero parte essencial do sexo, e que as distinções entre os sexos eram, na verdade, uma invenção do século XVIII, pois, até então, o que existia era um único sexo, o masculino, e a mulher era tida como um macho defeituoso e incompleto. Com base nisso, é que foi reforçada a ideia da diferença e passou-se a registrar dois sexos, considerados bem diferentes. De acordo com esse autor, as relações de gênero é que instituíram o sexo, demonstrando o pensamento de Foucault sobre o saber como um meio de poder (Pedro, 2005; Spizzirri; Pereira; Abdo, 2014).

Outras autoras também começaram a fazer objeções sobre as classificações de gênero e sexo, pois o que se colocava ainda era sobre o sexo biológico envolver a identidade de gênero e, para as pessoas que faziam parte dos movimentos gays e lésbicos, esses termos não eram equivalentes (Pedro, 2005). No mesmo período, nos anos 90, Judith Butler, em seu livro “Problemas de Gênero”, questionou as relações binárias, como gênero/sexo, homem/mulher, sujeito/outro, e propôs a chamada “teoria performática”, em que a performatividade do gênero é, na verdade, a estilização contínua do corpo, uma transformação ao longo da vida, que não está relacionado nem à orientação sexual nem a outros aspectos da sexualidade, e o sexo é uma decorrência do gênero (Pedro, 2005; Spizzirri; Pereira; Abdo, 2014).

Em 1994, o termo gênero foi incorporado ao IV Manual Diagnóstico e Estatístico dos Transtornos Mentais (DSM-IV), da Associação Americana de Psiquiatria. O DSM-IV-TR, em versão revisada, publicada no ano 2000, determinava a identidade de gênero como um sistema complexo de crenças acerca da autossujeitividade sobre feminilidade e masculinidade, sobre como as pessoas se sentem com o seu sexo biológico e corpo

físico, além da resposta dos outros sobre essa exteriorização. O DSM-5, publicado em 2013, amplia a visão sobre sexo e gênero, em que o primeiro diz respeito aos aspectos biológicos, enquanto que o segundo se refere ao papel social, em uma abordagem binária de gênero, geralmente relacionado ao sexo de nascimento (Spizzirri; Pereira; Abdo, 2014).

No Brasil, estudos interdisciplinares que envolvem sexo, gênero e sexualidade estão cada vez mais presentes nas produções acadêmicas das várias áreas do conhecimento (Souza; Grubba, 2023). Nas ciências sociais, segundo o Manual Orientador Sobre Diversidade (MOSD), o gênero é entendido como a diferenciação social entre os indivíduos, de acordo com os padrões histórico-culturais, que são conferidos aos homens e às mulheres, podendo ser modificado (Brasil, 2018). Para Jesus (2012, p. 6), “o gênero vai além do sexo”, pois o que deve ser levado em consideração é a autopercepção e a maneira como a pessoa se expressa do ponto de vista social, já que a adoção ou não de determinados papéis de gênero independe dos órgãos genitais ou de níveis hormonais.

A identidade de gênero é parte da identidade social e está relacionada com a autoidentificação do indivíduo, seja como homem, mulher, ou alguma categoria diferente, uma identidade não binária (Ruiz, 2021; Spizzirri; Pereira; Abdo, 2014). A identidade social de um indivíduo é o que possibilita o seu reconhecimento social, abrangendo as dimensões individual e coletiva (Berlatto, 2009; Doyle, 2022). Assim, as pessoas transgênero são aquelas que possuem uma identidade de gênero distinta da que foi atribuída ao nascimento, ou que vivenciam seu gênero fora do binarismo do sistema, e que não diz respeito à escolha nem orientação sexual, mas à própria experiência sobre quem essa pessoa é (Kozee; Tylka; Bauerband, 2012; Jesus, 2012; Silva *et al.*, 2022; Winter *et al.*, 2016).

No entanto, vale destacar que transgênero não é uma identidade particular de gênero, mas algo amplo que serve como um termo guarda-chuva, abrangendo várias manifestações e identidades gênero-divergentes, como é o caso, por exemplo, das *drag queens*, *crossdressers* etc. (Buck, 2016; Lanz, 2014). As pessoas transgênero, também chamadas simplesmente de pessoas trans, vivenciam uma incongruência de gênero, por conta da incompatibilidade de sua identidade de gênero e do sexo designado ao

nascer (Winter *et al.*, 2016). Essa incongruência pode ser social, que se dá entre a identidade de gênero do indivíduo e o gênero reconhecido pelos outros, e/ou uma incongruência física, entre a identidade de gênero e as características sexuais primárias ou secundárias da pessoa (*ibidem*).

Spizzirri *et al.* (2021), em seu estudo, mapearam indivíduos adultos transgêneros e não-binários no Brasil, e foi indicado que eles representam cerca de 2% da população, ou seja, quase três milhões de pessoas. No entanto, esse levantamento pode não ser completamente acurado, pois trata-se de um grupo diverso, então não se tem um número exato dessas pessoas, tampouco dos subgrupos (Jones; Lim, 2021; Tangpricha; den Heijer, 2017; Winter *et al.*, 2016). Isso ocorre por conta do preconceito, que desencoraja as pessoas a procurarem informações e até mesmo cuidados de saúde, mas também por serem tratados como um grupo único, o que não condiz com a realidade, já que é possível experienciar o gênero de maneiras variadas (Buck, 2016; Jesus, 2012; Winter *et al.*, 2016).

### **2.2.1 Mulheres transexuais e travestis**

Existem muitos termos utilizados para falar do grupo de pessoas que possuem características variantes de gênero, por isso não há consenso no meio acadêmico quanto ao uso de determinadas nomenclaturas (Buck, 2016; Galli *et al.*, 2013; Jesus, 2012; SMS, 2020). Na presente pesquisa, foram apresentados alguns conceitos e particularidades dos subgrupos escolhidos (mulheres transexuais e travestis), que são compartilhados por especialistas e estudiosos no tema. Entretanto, aqui não há a pretensão de esgotá-los, tampouco de supor como incontestáveis as demarcações sugeridas, mas sim tem-se o intuito de facilitar a compreensão dos perfis abordados, ciente da diversidade de identidades, dos diferentes contextos e vivências, além das vozes gênero-dissonantes (Camozzato, 2022).

No MOSD, encontra-se a conceituação para pessoas transexuais, que são aquelas nascidas com o sexo biológico distinto do gênero com o qual se reconhecem, e que desejam o reconhecimento do seu gênero de identificação pelos outros (Brasil, 2018). A mulher transexual é, portanto, a que nasceu com o sexo biológico masculino e se reconhece como pertencente ao gênero feminino. De acordo com Jesus (2012), é

aquela que simplesmente reivindica seu reconhecimento como mulher. Ainda que seja comum o uso de hormonioterapias e a realização de cirurgias, esse reconhecimento independente de qualquer tipo de procedimento cirúrgico, como, por exemplo, o da cirurgia de redesignação sexual (CRS) ou da transgenitalização (Bento, 2012).

O manual MOSD também apresenta a definição para travesti, que é uma concepção de gênero feminino (na vida familiar, social, cultural e interpessoal), oposta ao sexo que lhe foi atribuído no nascimento. As travestis se reconhecem como um terceiro gênero e não se prendem ao binarismo de gênero, ao mesmo tempo que reivindicam sua vivência no gênero feminino. Por isso, o artigo que deve ser usado para designar uma travesti é o artigo feminino, ou seja, deve-se falar “a travesti”. Ainda assim, não querem ser caracterizadas como “mulheres travestis”, mas tão somente “travestis” (Jesus, 2012; Simpson, 2015). Como a compreensão social está localizada no universo feminino, realizam modificações em seus corpos por meio de terapias hormonais e/ou cirurgias, porém isso não é regra para todas (Brasil, 2018).

Existe uma linha tênue que diferencia as transexuais e as travestis, uma vez que estas últimas também incorporam a feminilidade a partir de práticas sociais. Deus (2018, p. 112) indica que não é possível separar as categorias “(...) pois as diferenças estão muitos mais no (auto)reconhecimento e na forma com que elas configuram e interpretam suas identidades sociais (...)”. Essa diferenciação acaba posicionando a transexualidade de maneira aparentemente superior, conferindo um traço de legitimidade, já que foi enquadrada em uma categoria “médico-psiquiátrica”, enquanto que a travestilidade seria algo inferior, sendo mal-vindas e mal vistas pela sociedade (Bento, 2008; Carvalho, 2018).

Em um estudo sobre a construção de identidades políticas no movimento de travestis, mulheres transexuais e homens trans no Brasil, as autoras indicaram que as travestis “rompem as fronteiras de gêneros, desconstroem as normatividades, instituindo outros modos de subjetivação” (Longaray; Ribeiro, 2016, p. 767). As travestis acabam tendo maior dificuldade na (re)inserção social, já que a categoria médica transexual é tida como “menos mal” e pode até chegar a se adequar, passando de pessoas marginalizadas “da rua” à forma asseada exigida pela sociedade (Bento, 2008;

Simpson, 2015). As travestis, por sua vez, estão associadas a certos estigmas que as vulnerabilizam e resultam em exclusão social e violências (Benedetti, 2005).

Parece que ser transexual ainda soa como algo que confere mais legitimidade e poder, enquanto a travesti é construída como a outra radical. É como se a categoria médica transexual fizesse o trabalho de limpeza, assepsia de uma categoria de rua. (...) As diferenças que aparentemente as delimitam estão a todo o tempo embaralhando-se, ou porque alguém que se identificava como travesti encontra na categoria identitária transexual sentidos para seus sentimentos e conflitos (...) Talvez a diferença esteja no mecanismo mediante os quais se explicita ou visibiliza as divergências com as normas de gênero. (...) A medicalização das identidades tem como um dos seus pressupostos a genitalização das identidades. E é sobre estas construções que a experiência transexual incide” (Bento, 2008, p. 75-77).

Pessoas transgênero foram historicamente patologizadas, mas na quinta versão do DSM, Manual Diagnóstico e Estatístico dos Transtornos Mentais, a transexualidade não foi mais identificada como doença mental, já que vem acontecendo mudanças políticas e sociais, em grande parte por conta da luta e resistência desses grupos. Inclusive o movimento transgênero vem se organizando cada vez mais e tenta tirar o estigma de alguns vocábulos, por isso resolveu assumir o termo travesti, que adquiriu um teor político e foi ressignificado, passando de pejorativo a algo positivo, como uma afirmação de identidade dessas pessoas (Reis, 2018; Simpson, 2015). Contudo, nesse mesmo manual (DSM-V), ainda permanece a categoria denominada disforia de gênero, sobre a incongruência que existe entre a identidade de gênero e o sexo que foi designado ao nascimento, causando desconforto ou sofrimento à pessoa.

Esse sofrimento, embora possa ser sentido por alguns, não é compartilhado por todos, e a luta que se trava é pela desconstrução do processo de patologização da transexualidade e dos discursos que a associam à doença, à anormalidade, ao pecado etc. (Longaray; Ribeiro, 2016; Oliveira *et al.*, 2021). Benedetti (2005) indicou que as mulheres trans entrevistadas em sua pesquisa relataram aversão ao órgão sexual com o qual nasceram, durante a relação sexual, ao contrário dos relatos das travestis, que informaram utilizá-lo sem qualquer problema ou restrição. Contudo, Bento (2017) indicou que é preciso desconstruir o “transexual universal”, ou seja, a identidade de gênero não deve ser determinada pelo corpo, é na verdade uma experiência pessoal.

O uso de hormônios, no processo de terapia hormonal feminizante, altera as características sexuais secundárias, que não estão diretamente relacionadas à

reprodução, como o desenvolvimento dos seios, por exemplo, e ajuda na adequação do corpo ao gênero desejado, no caso o feminino (Lima; Cruz, 2016). Com a intenção de realizar a cirurgia de redesignação ou não, muitas pessoas trans fazem uso desses hormônios para melhorar a qualidade de vida e bem-estar, mas várias são as dificuldades enfrentadas pelas pessoas trans, principalmente no acesso e amparo por parte das instituições de saúde, por isso muitas ainda tomam hormônios sem a supervisão médica, o que pode acarretar em complicações para a saúde (Hanauer; Hemmi, 2019; Rocon *et al.*, 2016; Tangpricha; den Heijer, 2017; Teixeira *et al.*, 2024).

A transformação do corpo através da hormonioterapia pode ser suficiente, na maior parte dos casos, sem a necessidade ou o desejo de cirurgias por parte das pessoas trans (Teixeira *et al.*, 2024). A intenção é diminuir as características secundárias masculinas, com o uso de antiandrogênios, e estimular o surgimento de características secundárias femininas, pela administração de estrogênio (Padilha, 2021; Tangpricha; den Heijer, 2017). Esta terapia não é totalmente padronizada, por isso são usados regimes hormonais distintos na prática clínica, de acordo com as necessidades de cada indivíduo, para alcançar os efeitos desejados (Padilha, 2021; Tangpricha; den Heijer, 2017). A maioria dos efeitos físicos em mulheres transgênero inicia dentro de poucos meses e progride por dois a três anos (Tangpricha; den Heijer, 2017).

Nem todas passarão pelas mesmas mudanças, mas algumas das possíveis modificações que ocorrem com a terapia hormonal feminizante são o crescimento mamário, a redução dos pelos faciais e corporais, as alterações na distribuição da temperatura corporal e na transpiração, a diminuição da massa muscular, a redistribuição da gordura corporal, a redução nas ereções, além de mudanças de ordem psicológica, como oscilações de humor, no sono, na libido e até no apetite, entre outras (Grünheidt; Granada, 2024; Padilha, 2021; Tangpricha; den Heijer, 2017). Importante observar também que essa terapia hormonal deve ser realizada pelo resto da vida, com interrupção somente para a realização da cirurgia de redesignação, caso a pessoa assim deseje (Amaral *et al.*, 2017; Arán; Murta, 2009).

A cirurgia de redesignação sexual é complexa e tem caráter irreversível, por isso as pessoas devem ser informadas de todos os efeitos funcionais e estéticos, e possíveis riscos (Arán; Murta, 2009). O processo é iniciado com os primeiros

pensamentos sobre essa possibilidade, passando pela tomada de decisão sobre o procedimento cirúrgico, e continua na superação de alguns obstáculos de ordem material, social e psicológica (Galli *et al.*, 2013). A etapa preparatória inclui a busca de informações, a realização de consultas e exames, e segue com o acesso ao serviço de saúde especializado, o Processo Transexualizador (PT) no SUS (Sistema Único de Saúde), que contempla também as travestis e os homens trans (Cazeiro *et al.*, 2022; Galli *et al.*, 2013; Rocon; Sodré; Rodrigues, 2016; SMS, 2020; Souza, 2013).

O PT garante duas modalidades de atenção especializada, uma ambulatorial e outra hospitalar (Brasil, 2013). Na primeira, há o acompanhamento clínico, pré-operatório, pós-operatório e a hormonioterapia, e a equipe multiprofissional (Grubba, 2022). O acesso ao serviço de saúde especializado não é apenas para aquelas pessoas que desejam fazer cirurgias de modificações corporais, mas garante o direito de acesso à hormonização e cuidados que integram todas as ações envolvidas (SMS, 2020). A modalidade hospitalar consiste na realização de cirurgias e acompanhamento pré e pós-operatório, com a assistência de equipe composta por no mínimo um médico urologista/ginecologista/cirurgião plástico, enfermeiros, técnicos de enfermagem, psiquiatra/psicólogo, endocrinologista e assistente social (Brasil, 2013).

A resolução nº 2.265/2019 do Conselho Federal de Medicina (CFM) reduziu a idade para dezoito anos, após um tempo mínimo de um ano com acompanhamento por equipe multiprofissional, caso a pessoa transgênero deseje realizar a cirurgia de redesignação sexual. Da mesma forma, a terapia hormonal pode ser introduzida aos dezoito anos, mas a resolução reconhece os benefícios e indica a possibilidade de seu início a partir dos dezesseis anos de idade (Brasil, 2013; SMS, 2020). Essa transformação corporal é o que parece produzir, para muitas pessoas trans, os resultados mais significativos com relação à sua construção identitária, tanto da travestilidade como da transexualidade (Longaray; Ribeiro, 2016).

Seja pela visibilidade e respeito, pela menor exposição à violência transfóbica, ou como um reconhecimento de si e plenitude na sua subjetividade, é a partir do corpo que as mulheres transexuais e travestis se afirmam e se reconhecem enquanto sujeitos, e é a partir da modificação corporal que podem começar a construir uma coerência entre as estruturas físicas e as expectativas de gênero almejadas (Longaray; Ribeiro, 2016;

Rocon *et al.*, 2019; SMS, 2020). Elas buscam recursos farmacológicos, estéticos e de afirmação de gênero, como hormonioterapias, aplicações e cirurgias, para agradarem a si, mas também aos outros, já que assim podem alcançar o reconhecimento social de sua humanidade (Bento, 2006; Rocon *et al.*, 2016; Rocon *et al.*, 2019).

## 2.2.2 Pessoas transgênero e vestuário

Antes mesmo da cirurgia de mudança de sexo e da ingestão de hormônios, as primeiras transformações que acontecem são o adorno no corpo por meio da maquiagem, da arrumação do cabelo e do vestuário, utilizadas de maneira estratégica, como parte integrante no processo de transição (Jones; Lim 2021; Longaray; Ribeiro, 2016; Tullio-Pow; Yaworski; Kincaid, 2021). Embora a utilização de adereços não seja o que torna uma pessoa pertencente ao gênero feminino, a roupa auxilia no processo de afirmação de gênero e na expressão de feminilidade, pois é algo visível e mais facilmente assimilado pelas outras pessoas (Carneiro, 2019; Wittmann, 2019).

Nesse sentido, o vestuário entra na experiência da passabilidade, que, segundo Magnus e Felipe (2023, p.111), diz respeito à “(...) capacidade de um indivíduo ser considerado membro de uma categoria identitária diferente da sua – que pode incluir identidade racial, classe social, identidade de gênero, identidade sexual, etc.”. A passabilidade exercida aqui pelas mulheres trans e travestis está ligada à ideia de “passar por uma mulher cisgênero”. Os constrangimentos, violências e preconceitos despertam o desejo dos transgêneros em criar estratégias para diminuir situações de transfobia<sup>8</sup>, poderem circular sem serem notados e, portanto, sem serem violentados, por isso desejam se tornar “iguais aos outros” (Podestà, 2019). Essa condição é possibilitada, dentre outros elementos, pelo vestuário (Rodrigues, 2023).

Uma das transformações corporais transitórias, possibilitada pelo vestuário, é a ocultação dos órgãos externos do sistema reprodutor masculino (pênis e saco escrotal), por meio da técnica chamada *tucking* (termo em inglês), também conhecida pelos termos “acuendar”, “aquendar” ou “aquendar a neca” (Benevides; Borges, 2020;

---

<sup>8</sup> Conjunto de violências (moral, física, sexual, discursiva, simbólica etc.) sofridos pelas pessoas transgênero, de forma geral, mas incluindo também aquelas mais específicas, como, por exemplo, o desrespeito ao nome social (Jesus, 2012; Podestà, 2019).

Carneiro, 2019; Kidd *et al.*, 2024; Subedi *et al.*, 2024). Essa técnica consiste em colocar para a parte detrás e/ou empurrar para cima, no canal inguinal, os testículos, a fim de deixar o saco escrotal livre e ficar mais fácil de serem disfarçados. Para que os órgãos não se movam, haja uma diminuição no seu volume e a região da virilha possa simular uma vulva, utiliza-se uma roupa íntima apertada ou compressiva (Carneiro, 2019; Lanz, 2014; SMS, 2020).

Existe pouca investigação sobre os efeitos na saúde anogenital (relativo ao ânus e aos órgãos genitais) dessa prática (aquendar), por isso a ocorrência de lesões dermatológicas é frequente, como a foliculite e a dermatite, devido ao atrito e à umidade nas dobras cutâneas (Christensen; Ajayi; Bachmann, 2023). Além da preocupação quanto à visibilidade dos órgãos sexuais externos, o ato de aquendar causa dor, complicações físicas e pode trazer riscos à saúde. Por ser trabalhoso colocar fitas adesivas para que o resultado fique satisfatório, há uma redução na ingestão hídrica e a postergação no ato de urinar por parte de algumas mulheres trans e travestis, o que resulta em sérias consequências para a saúde (SMS, 2020).

Utilizar fitas adesivas mais seguras e eficazes, assim como vestir uma roupa íntima confeccionada com tecidos naturais absorventes, podem ser algumas soluções (Christensen; Ajayi; Bachmann, 2023), mas acontece que os transgêneros são negligenciados pelo mercado de moda e faltam opções para esse público (Jones; Strübel; Lim, 2023). Em uma pesquisa sobre a importância do vestuário para o bem-estar físico e mental entre as pessoas transmasculinas (que se identificam com o gênero masculino), vários participantes relataram que se sentem desconfortáveis com a aparência de seus corpos, por isso as roupas contribuem no reconhecimento de gênero e é uma forma acessível na expressão de gênero, já que a roupa se apresenta como item central em suas performances diárias (Teti *et al.*, 2020).

O caimento, o ajuste e o conforto das roupas fabricadas em massa, que são aquelas roupas prontas para vestir, são pontos comuns de frustração para muitos usuários no geral, mas os transgêneros têm demandas particulares e enfrentam desafios incomuns (Broega; Cunha; Cabeço-Silva, 2019; Jones; Strübel; Lim, 2023; Reilly; Catalpa; McGuire, 2019). Nesse sentido, encontrar roupa íntima também é uma dificuldade, pois, embora haja certa disponibilidade, muitas pessoas trans não

conseguem achar esse tipo de vestuário com bom ajuste aos seus corpos (Reilly *et al.*, 2019). No caso das mulheres trans, as chamadas “calcinhas de aquendar” (ou, em inglês, “gaffs”), são peças projetadas especificamente para ocultar ou aquendar o órgão, que tem alta compressão (Kidd *et al.*, 2024; Subedi *et al.*, 2024).

Em uma pesquisa sobre a experiência de consumo de vestuário íntimo no varejo com mulheres transgênero, verificou-se tanto a falta de disponibilidade no mercado e a limitada oferta de lojas especializadas, como o valor elevado desses produtos (Rocha *et al.*, 2024). Além disso, as mulheres entrevistadas indicaram que as poucas lojas existentes não possuem um espaço físico, mas vendem apenas no formato *online*, o que dificulta o acesso e a prova da peça. Apesar dos avanços tecnológicos, como os recursos visuais oferecidos em alguns sites, muitas pessoas gostam de tocar e experimentar o produto antes, principalmente quando se trata de vestuário, já que o caimento ou o tamanho podem ser imprecisos (Arruda; Merlo; Tahan, 2017).

Fazendo uma rápida pesquisa no buscador *Google*, foram encontradas marcas de empresas que vendem as calcinhas de aquendar, e também matérias sobre as dificuldades enfrentadas pelas pessoas transgênero com a moda íntima (Marie Claire, 2022; UOL, 2022). Algumas dessas marcas são a Sandy Mel, TGW, Tereza Cabana e, provavelmente, a mais famosa delas, a Trucss. A empresária e criadora desta última, Silvana Bento, apareceu no “Shark Tank Brasil”, que é a versão brasileira de um *reality show*<sup>9</sup> americano, com empresários que oferecem investimento financeiro a ideias inovadoras de negócios, e conseguiu financiamento e visibilidade para sua marca a partir dessa aparição no programa, em 2018 (Sony Channel, 2024).

Silvana trabalhava em um hospital e observou que muitas mulheres trans e travestis eram internadas para fazer cirurgia nos rins. Isso acontecia porque grudavam a genitália com fita adesiva, ou mesmo cola, quando aquendavam, e, como seria trabalhoso refazer tudo, caso fossem ao banheiro, seguravam por muito tempo a urina e evitavam o consumo de água, resultando em sérios problemas de saúde. Foi a partir dessa constatação que resolveu criar, em 2016, o protótipo de uma calcinha de aquendar, atual carro-chefe da marca, com uma espécie de funil, de maneira que a pessoa pudesse esconder o órgão sem dificuldades. O diferencial da Trucss é

---

<sup>9</sup> Gênero de programa televisivo, que mostra situações com base na vida real.

justamente a modelagem, que possui também um prendedor na parte de trás, para prender e soltar o funil facilmente, como demonstra a Figura 3 (montagem feita a partir de capturas de vídeo informativo presente no perfil do *Instagram*<sup>10</sup>, que é uma rede social *online* de compartilhamento de fotos e vídeos, e imagens do site da Trucss<sup>11</sup>).

Figura 3 – Calcinha de aquendar da marca Trucss, com modelagem inovadora.



Fonte: *Instagram* e site Trucss (montagem elaborada pela autora).

Com efeito, o surgimento dessa e de outras marcas é de grande valia, mas ainda existem queixas com relação ao vestuário por parte das mulheres trans e travestis e, na verdade, das pessoas transgênero em geral (Jones; Strübel; Lim, 2023; Reilly *et al.*, 2019; Streck; Reddy-Best, 2025). Por isso, essas pessoas exploram alternativas, as quais elas mesmas realizam intervenções em peças prontas ou até aprendem a costurar, para buscar um melhor ajuste aos seus corpos (Rodrigues; Lopes, 2017; Streck; Reddy-Best, 2025; Tullio-Pow; Yaworski; Kincaid, 2021). No caso das calcinhas de aquendar, por exemplo, além do preço, que não é acessível a todas, é preciso observar uma questão essencial para uma boa modelagem e, consequentemente, para um produto confortável e de qualidade: as medidas antropométricas do usuário.

<sup>10</sup> Perfil da Trucss na rede social *Instagram*. Disponível em: <https://www.instagram.com/trucssoficial/>. Acesso em: 25 nov. 2024.

### 2.3 Sobre antropometria

O termo antropometria advém da língua grega, sendo a junção de duas palavras, “anthropos” e “metrom”, que significa homem e medida respectivamente (Bertoli; Santos; Freitas Júnior, 2018). A Grécia e outras civilizações antigas já utilizavam como padrão de medida as dimensões corporais, mas acredita-se que atenienses e espartanos, especialmente pela cultura de valorização ao corpo, conceberam os primeiros estudos sobre antropometria no século VIII a.C. (*ibidem*). Esta área foi estabelecida a partir da antropologia, que busca uma compreensão do ser humano de maneira ampla, como um ser biológico, racional, social e cultural (Rodriguez-Añez, 2001; Silva *et al.*, 2007).

A antropologia divide-se em antropometria cultural e antropologia biológica, também chamada de antropologia física, e foi a partir das viagens de Marco Polo, no século XIII, que esta nasceu, quando foram observadas diferentes raças, com tamanhos e estruturas de corpo variados (Bertoli; Santos; Freitas Júnior, 2018; Boueri Filho, 2008). Seu foco é a natureza física do homem, isto é, sua origem, desenvolvimento, estrutura anatômica, etc., sendo justamente aí que se situa a antropometria, ciência que trata das medidas do corpo humano, fundamentado nas dimensões, formas e proporções, bem como como suas variações em populações e contextos distintos (Iida; Guimarães, 2016; Pheasant, 2003; Rodriguez-Añez, 2001; Roebuck, 1995; Silva *et al.*, 2007).

No que diz respeito à proporcionalidade do corpo e às implicações metrológicas, o engenheiro e arquiteto romano Marco Vitruvius Polião (século I a.C.) foi o responsável pela introdução em sua obra “Tratado de Arquitetura”, tendo várias unidades de medida até hoje utilizadas, como, por exemplo, pés e braças (Bertoli; Santos; Freitas Júnior, 2018; Boueri Filho, 2008; Gonçalves; Fernandes Filho, 2020; Silva *et al.*, 2007). A partir das ideias de proporção e simetria dessa obra, Leonardo da Vinci, polímata italiano, criou o “L’Uomo di Vitruvio” (Homem Vitruviano), que se tornou a representação gráfica das proporções corporais mais conhecida no mundo (Bertoli; Santos; Freitas Júnior, 2018; Boueri Filho, 2008; Gonçalves; Fernandes Filho, 2020; Pheasant, 2003).

---

<sup>11</sup> Site da Trucss. Disponível em: <https://trucss.com.br/>. Acesso em: 25 nov. 2024.

Afirma-se que o naturalista alemão Johann Sigismund Elsholtz foi quem usou o termo em si, Antropometria, pela primeira vez, em seu manual intitulado “Anthropometria”, no ano de 1654, como uma forma de se investigar a configuração física do ser humano, com fins médicos ou científicos (Albrizio, 2007; Silva *et al.*, 2007). No entanto, a consolidação desse termo ocorreu posteriormente, em 1870, a partir da publicação da obra “Antropometrie”, do estatístico belga Adolphe Quetelet, tido como o “homem que mais contribuiu para a introdução de investigações quantitativas no campo antropológico e o desenvolvimento da antropometria” (Albrizio, 2007, p. 111).

Quetelet conduziu a primeira grande pesquisa relacionada às dimensões do corpo humano, com base em métodos estatísticos, em detrimento da subjetividade predominante na época, sendo por isso considerado o pioneiro no campo (Bertoli; Santos; Freitas Júnior, 2018; Boueri Filho, 2008). E, mais recentemente, com o desejo de reunir conhecimentos relacionados à antropologia, medicina, fisiologia e psicologia, que resultou justamente em um novo campo chamado ergonomia (ou fatores humanos, como é mais conhecido nos Estados Unidos), a atenção voltou-se para a pesquisa antropológica militar, a partir da década de 1950 (Gupta, 2014; Rodriguez-Añez, 2001; Tilley; Henry Dreyfuss Associates, 2005).

Os estudos realizados durante os períodos de guerra foram voltados à criação e utilização de equipamentos militares, incluindo peças de vestuário, já que deveriam aumentar o desempenho e a eficiência das tropas, o que não acontecia, ao contrário, muitas peças dificultavam ou até impediam certos movimentos corporais (Rodriguez-Añez, 2001; Silva *et al.*, 2007). As informações derivadas dos registros militares foram muito importantes para a antropometria, porque as forças armadas dispõem de uma população cativa e, no universo das pesquisas, quanto maior o tamanho da amostra, mais segurança e validade se tem nos resultados, evitando distorções e erros (Tilley; Henry Dreyfuss Associates, 2005).

Por ser considerada uma ciência interdisciplinar, várias são as áreas que utilizam medidas antropométricas para melhor adaptar um equipamento, tarefa ou produto às necessidades do usuário (Boueri, 2008; Iida; Guimarães, 2016; Rodriguez-Añez, 2001; Silva *et al.*, 2007). Em se tratando do campo do Design, Henry Dreyfuss é tido como o primeiro designer industrial que empregou esses registros militares no projeto,

assegurando que “a antropometria pudesse ser usada como uma ferramenta de design de produtos” (Tilley; Henry Dreyfuss Associates, 2005, p.9). Dreyfuss e sua equipe ofereceram à comunidade informações valiosas, incluindo publicações de obras, com o diferencial de terem sido obtidas na prática e feitas por designers para outros designers.

Nesse sentido, o foco da antropometria foi modificado e, além das medidas corporais, houve uma preocupação com os aspectos fisiológicos e psicológicos envolvidos, levando em conta não apenas objetivos militares, mas também comerciais (Gupta, 2014; Rodriguez-Añez, 2001; Silva *et al.*, 2007). Contudo, apesar de uma das primeiras aplicações comerciais da antropometria ter sido no vestuário, ainda é possível constatar que sua observância nesse tipo de produto continua sendo uma das mais falhas do mercado, a despeito da chegada de novas tecnologias, como, por exemplo, os métodos de digitalização tridimensional (Griffin *et al.*, 2023; Gupta, 2014; Dianat; Molenbroek; Castellucci, 2018).

### **2.3.1 Antropometria e vestuário**

De acordo com Pheasant (2003), apenas nos casos de bens de luxo, como, por exemplo, peças de vestuário da Alta Costura, é possível projetar algo realmente personalizado, do contrário torna-se inviável. Isso porque as características físicas das pessoas são tão diversas que, para o Design, a preocupação é direcionada a uma população de usuários. O autor explica que deve existir uma variedade na oferta de tamanhos dos produtos, mas é preciso ponderar quando se deve incluir, por exemplo, a ajustabilidade ou outra abordagem. Para que o designer possa tomar a sua decisão, uma informação importante a considerar, está relacionada às características antropométricas da população de usuários em questão.

Kroemer (2017) assinala que o designer deve decidir para qual faixa de tamanhos corporais irá projetar, escolhendo entre cinco abordagens: a primeira diz respeito a tamanhos extremos, e precisa garantir a segurança em situações de perigo e emergências; a segunda abordagem é sobre o “tamanho único”, com foco no encaixe em um design já existente; a terceira refere-se ao produto ajustável, que pode ser adaptável, mas deve-se atentar ao fácil manuseio; outra abordagem é a de ter certa variedade de tamanhos fixos, algo em tese mais inclusivo, mas não é tão adequado

para quem se encaixa em tamanhos intermediários, por exemplo; e, finalmente, uma última abordagem, seria o ajuste personalizado, que é trabalhoso e até já foi mais dispendioso, mas, na atualidade, podem ser encontradas soluções rápidas e mais acessíveis, como é o caso do scanner corporal combinado à impressão tridimensional.

De qualquer maneira, o designer precisa de dados exatos, que não podem ser simplesmente deduzidos, mas sim mensurados de forma rigorosa, pois um “tamanho médio” nem sempre se traduz em eficiência, tampouco em conforto (Silveira; Silva, 2007; Kroemer, 2017). Esses dados antropométricos representam as variações existentes em forma, tamanho e força, para deixar o produto o mais ajustado possível ao usuário. E quando se fala em ajuste, este diz respeito à “combinação entre as características físicas de um indivíduo e as dimensões do objeto que o indivíduo está usando”, ou seja, o comprimento de uma determinada costura interna em uma peça de roupa deve corresponder àquele comprimento na pessoa que a veste (Albin; Molenbroek, 2023, p. 3).

O ajuste de uma roupa pode afetar a aparência, o conforto, a proteção e o desempenho do usuário, como é o caso das roupas de proteção individual e de roupas esportivas (Klepser *et al.*, 2020). No entanto, faz parte da rotina pessoal e profissional de qualquer pessoa realizar tarefas de vários tipos, das mais simples às mais complexas, por isso as roupas devem permitir a mobilidade corporal, sem qualquer restrição (Gupta, 2014). Nesse sentido, as medidas antropométricas de uma mesma parte do corpo sofrem alterações consideráveis, tanto as de comprimento como a circunferência, por conta de alguns movimentos ou de determinada postura, quando a pessoa está de pé, se senta, se ajoelha, se curva etc. (Albin; Molenbroek, 2023).

Existem diferentes tipos de medidas, e, dependendo do objetivo que se deseja alcançar, ou da atividade que será executada, deve-se escolher a melhor opção para a coleta dos dados antropométricos. A primeira é a antropometria estática ou estrutural, em que as medições são realizadas em posições fixas e padronizadas, com o corpo estático, como o próprio nome sugere, a partir de pontos anatômicos identificados, sendo indicada para projetos de produtos que necessitem de poucos movimentos pelo usuário, durante uma atividade específica. A maioria das tabelas existentes são de

antropometria estática ou estrutural, pois é o método mais simples e o mais tradicional de coleta (Boueri, 2008; Gupta, 2014; Iida; Guimarães, 2016).

Há ainda a antropometria dinâmica ou funcional, em que as medidas são tomadas com o corpo em movimento, ou envolvido em várias ações simultaneamente. Iida e Guimarães (2016) fazem a classificação separadamente, em dinâmica e funcional, mas autores relacionados ao design de moda/vestuário consideram como um só tipo (Boueri, 2008; Gupta, 2014). Nesta perspectiva, o processo de medição envolve a seleção das partes do corpo, articulações e músculos, além das amplitudes dos movimentos que são realizados e estão envolvidas na tarefa, para que se possa verificar as condições reais de uso do produto, no caso a peça de roupa.

Boueri (2008) indica que a antropometria estática é aplicada em modelagens de roupas mais sociais, como, por exemplo, a alfaiataria, e a antropometria dinâmica ou funcional é bastante empregada no segmento de roupas esportivas. Contudo, apesar de ser feita essa distinção, deve-se atentar para o fato de que o corpo está sempre se movimentando, ainda que minimamente, pois, na prática, há uma combinação de vários movimentos corporais para se realizar uma ação (Iida; Guimarães, 2016). Por isso, as informações provenientes desses dois tipos de medição são a base para o desenvolvimento de qualquer peça de vestuário (Boueri, 2008).

Algumas dimensões antropométricas podem sofrer alterações dependendo de fatores como etnia, região geográfica, idade, sexo etc. (Silva *et al.*, 2007; Boueri, 2008; Iida; Guimarães, 2016; Goleij; Hafezi; Ahmadi, 2024). Grupos étnicos possuem características físicas distintas, como, por exemplo, as pernas dos povos africanos são proporcionalmente mais longas que as dos europeus (Gupta, 2014). Interessante notar também que, dentro de um mesmo país, a variação das dimensões pode ser até maior do que entre países diferentes (Albin; Molenbroek, 2023). Outro fator relevante a se considerar é a idade, principalmente no design de vestuário, pois, além da forma corporal, ocorrem mudanças nas preferências de roupas com o tempo (Gupta, 2014).

Além disso, quando se trata das diferenças entre medidas de pessoas nascidas com o sexo feminino daquelas nascidas com sexo masculino, estão aí inclusas altura e maior percentual de gordura corporal, variáveis estas que afetam a vestibilidade ideal. Nas empresas do setor de vestuário, faltam informações precisas sobre as medidas

antropométricas dos próprios usuários, então elas acabam utilizando tabelas de medidas adaptadas, que são copiadas de outras empresas, estas até mesmo de outros países, ou então provenientes de pesquisas isoladas, que foram realizadas com poucos critérios e um número reduzido de voluntários (Silveira; Silva, 2007).

Para tentar resolver essa questão e fomentar um banco de dados que pudesse auxiliar a indústria nacional, em especial a do vestuário, foi realizada uma pesquisa antropométrica da população brasileira, conhecida como “SizeBR”. Iniciada em 2005, como projeto executivo, e finalizada em 2015, com a efetiva coleta dos dados, a pesquisa contemplou as cinco regiões do país (Bastos; Sabrá, 2014; Martins, 2024). Embora tenha sido um projeto extenso, em que a amostragem totalizou dez mil pessoas voluntárias, ele ainda ficou restrito à lógica heteronormativa, que envolve o binômio homem/mulher, e definiu as tabelas de medidas em masculinas e femininas, divididas pelos biotipos (Bastos; Sabrá, 2014).

### **2.3.2 Principais diferenças corporais entre os sexos**

As mudanças no corpo humano ocorrem durante o crescimento e o desenvolvimento, e se traduzem em aumento pelo comprimento, pela área e pelo peso (Croney, 1981). “Entre o nascimento e a maturidade, o aumento geral aproximado em cada uma das três dimensões é: altura, um aumento de três vezes e meia; área da pele, um aumento de sete vezes; peso, um aumento de vinte vezes” (*ibidem*, p. 16). O crescimento trata das transformações no tamanho do indivíduo, o desenvolvimento, das modificações nas funções orgânicas, e, além desses, existe o processo de maturação, que trata das mudanças na velocidade e no tempo para se atingir a maturidade biológica ou sexual no corpo humano (Duarte, 1993).

Até os nove anos de idade, que é o final da fase juvenil, o crescimento é praticamente igual para ambos os sexos e, no período da adolescência, que vai da puberdade à idade adulta, os caracteres sexuais secundários surgem, como o desenvolvimento do pênis, dos seios, dos pelos faciais, pelos axilares e dos pelos pubianos, por exemplo (Wheeler, 1991; Duarte, 1993; Barbosa, Franceschini e Priore, 2006). No entanto, o período da puberdade se dá em momentos diferentes para as

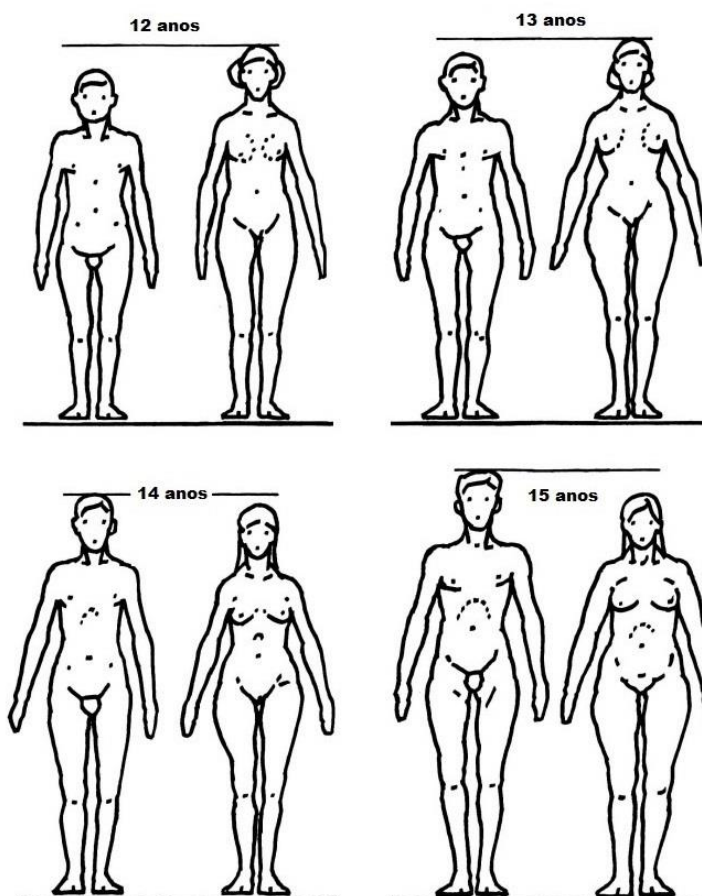
peessoas nascidas com o sexo biológico feminino e para aquelas com o sexo biológico masculino, uma diferença em torno de dois anos (Croney, 1981; Wheeler, 1991).

Segundo Barbosa, Franceschini e Priore (2006), é durante a puberdade que ocorrem modificações no padrão de secreção de alguns hormônios, como os esteróides sexuais (testosterona de forma predominante para o sexo masculino e estradiol para as pessoas do sexo feminino). Esses hormônios são os responsáveis pelas alterações morfológicas do período, com o surgimento das características sexuais secundárias, seguidos da transformação da massa corporal magra, da distribuição da gordura no corpo, do rompante de crescimento físico (chamado estirão de crescimento ou estirão puberal) e da fusão das epífises ósseas, quando se atinge a estatura final (*ibidem*).

Há um nítido aumento no tamanho de várias partes corporais, como, por exemplo, há um crescimento na altura dos ombros e do tronco em oposição à largura do quadril no corpo masculino (Croney, 1981). As pessoas que nasceram com o sexo biológico feminino, por sua vez, passam a desenvolver a “silhueta feminina típica”, com o alargamento do quadril e o desenvolvimento dos seios, e, ao contrário do sexo masculino, com a cintura e tórax menos largos. O crescimento, na região do tronco, não para de forma abrupta, mas vai diminuindo por volta dos 25 anos de idade. É também na adolescência que há um crescimento das pernas e, ao término dessa fase, a proporção corporal e a altura final madura são atingidas, sendo essas medidas, juntamente à da cabeça, os principais elementos formadores da estatura (*ibidem*).

Interessante notar que as pessoas do sexo masculino, durante todas as etapas de crescimento, são normalmente maiores que as do sexo feminino, com exceção do início da adolescência. É por conta do “atraso” de dois anos nessa etapa que existe uma diferença no tamanho e na proporção entre os indivíduos quando adultos, pois, como a fase de crescimento é mais extensa no sexo masculino, eles acabam desenvolvendo ossos e tamanho corporal maior (Croney, 1981; Wheeler, 1991). De acordo com Croney (1981), existe uma variação de cerca de 6 ou 7% entre as alturas das pessoas nascidas com o sexo biológico feminino e aqueles de sexo masculino, como demonstra a Figura 4.

Figura 4 – Diferenças sexuais nas mudanças de tamanho e forma corporal.



Fonte: adaptado de Croney (1981).

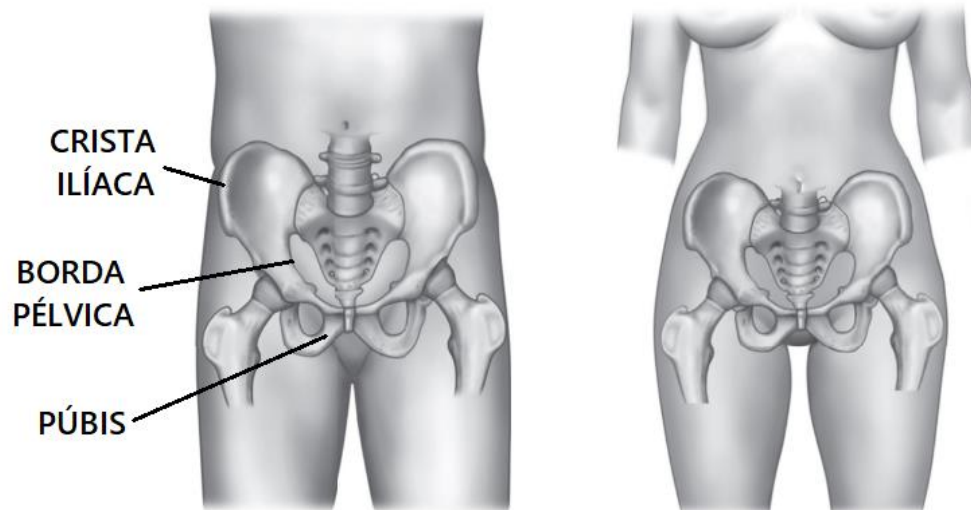
Na maturidade, as diferenças mais evidentes, relacionadas ao esqueleto, encontram-se na pélvis, no tórax, no crânio e nos ossos dos membros inferiores e superiores. Com relação a esses últimos, o crânio é maior e os ossos dos membros inferiores e superiores são mais longos no sexo masculino do que no sexo feminino, que, em contrapartida, apresenta crânio menor e mais arredondado, além de membros mais curtos (*ibidem*). Sobre a estrutura óssea pélvica, aqueles nascidos com o sexo biológico masculino apresentam ângulos suprapúbicos agudos, que dizem respeito ao ângulo do púbis<sup>12</sup>, entre os ramos inferiores direito e esquerdo, além de bordas pélvicas estreitas e cristas ilíacas<sup>13</sup> mais acentuadas. Por outro lado, no sexo feminino, os

<sup>12</sup> Osso angulado, sendo o menor dentre os ossos do quadril, e situado na região ântero-inferior da pelve.

<sup>13</sup> Estrutura no formato de crista, que inicia na borda superior do osso ilíaco e segue até a espinha ilíaca, situada na parte anterior e superior.

ângulos suprapúbicos são obtusos, as bordas pélvicas são largas e as cristas ilíacas, achatadas (Morrison; Wilson; Mosser, 2018).

Figura 5 – Estrutura óssea pélvica masculina e feminina.

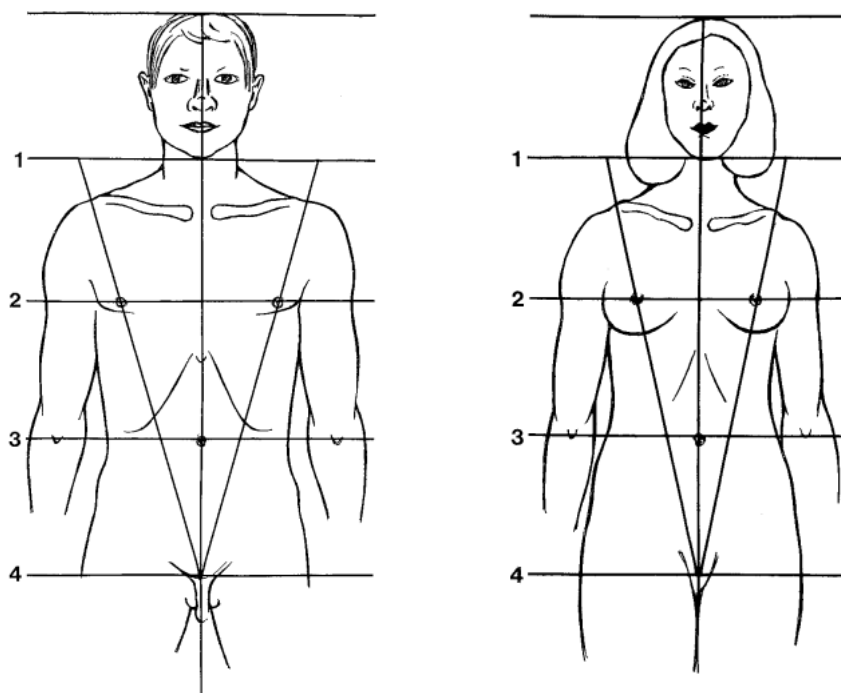


Fonte: adaptado de Morrison, Wilson e Mosser (2018).

As principais diferenças entre o tórax masculino e o feminino são as seguintes: o primeiro é mais largo, com escápulas, clavículas e ombros alongados, e apresenta aréolas menores e o complexo mamilo-aréola é lateralizado e com menor projeção; o segundo é mais estreito, com ombros estreitados, e os complexos areolopapilares<sup>14</sup> são mais arredondados e largos, e sua distância, mais curta. Ademais, o tórax das pessoas do sexo biológico feminino sofre alterações na puberdade, com o crescimento do tecido mamário (Iida; Guimarães, 2018; Morrison; Wilson; Mosser, 2018; Nauta *et al.*, 2019). As glândulas mamárias, ou seios, iniciam o crescimento na puberdade, mas continuam seu desenvolvimento para além dessa fase, em um primeiro momento no formato de disco, depois cônico e, finalmente, tomam uma forma hemisférica (Croney, 1981).

<sup>14</sup> O complexo areolopapilar (CAP) é o principal ponto de referência da mama, sendo também a sua parte mais proeminente, com forma cônica, e circundada por uma área cutânea de pigmentação variável, a aréola (Schröder; Zanin, 2023).

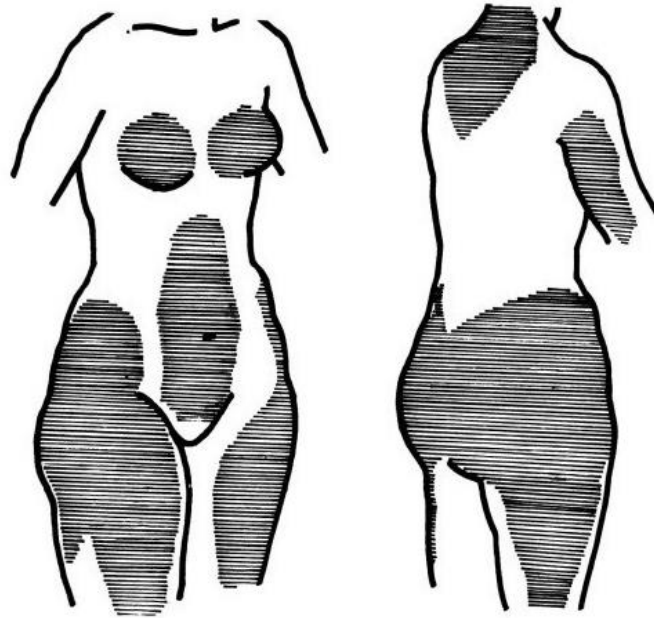
Figura 6 – Diferenças entre o tórax masculino e o feminino.



Fonte: adaptado de Hage e van Kesteren (1995).

A forma corporal e a distribuição de gordura se assemelha durante a infância e a pré-adolescência em ambos os sexos. Após a puberdade, a forma da figura masculina apresenta mais músculo do que gordura, e a feminina é exatamente o oposto, há uma predominância na gordura corporal (Croney, 1981). Apesar de a distribuição de gordura ser um processo influenciado por vários fatores, ela geralmente segue o sexo e a idade. No adulto, a gordura subcutânea fica localizada em áreas específicas do corpo, e, particularmente no sexo feminino, tratam-se das nádegas e das laterais do quadril (flancos), das região anterior e lateral superior da coxa, do abdômen ao arco púbico, do posterior do braço, da parte detrás do pescoço, superior às vértebras e dos seios, como mostra a Figura 7 (Croney, 1981; Iida; Guimarães, 2018; Morrison; Wilson; Mosser, 2018).

Figura 7 – Áreas residuais para gordura relativas ao corpo do sexo feminino.



Fonte: adaptado de Croney (1981).

Para as pessoas nascidas com o sexo masculino, o desenvolvimento dos testículos inicia-se aos onze anos de idade, seguido pelo desenvolvimento dos genitais (Duarte, 1993). É justamente durante a puberdade que o aumento do volume testicular ocorre, sendo esta uma das primeiras características sexuais secundárias observadas, além da presença de pelos pubianos, nas axilas (nesta área, em ambos os sexos), pelos faciais, mudanças na voz e a oigarca, que se trata da primeira ejaculação (para as pessoas do sexo feminino, ocorre a menarca, ou seja, a primeira menstruação) (Wheeler, 1991; Duarte, 1993; Barbosa, Franceschini; Priore, 2006).

Pesquisas e estudos ligados ao Design geralmente fornecem uma base para parâmetros antropométricos apoiado nesse binarismo de gênero, tendo como critério exclusivo as diferenças sexuais inatas, sob a perspectiva biológica, e não a identidade de gênero autodeclarada (Tilley; Henry Dreyfuss Associates, 2005; Menezes; Grassine; Altmayer, 2023). Acontece que algumas das medidas corporais mais importantes para o design de vestuário incluem altura, assim como as circunferências da cintura, quadril e membros, e tais medidas podem sofrer modificações a partir da terapia hormonal cruzada (Ceolin *et al.*, 2024; Gonçalves *et al.*, 2016).

Em se tratando de mulheres trans e travestis, o grau de feminização varia entre os indivíduos, mas normalmente as mudanças observadas são na redistribuição de

gordura, com o aumento da gordura corporal e a diminuição da massa magra, que ocorrem já no início da terapia hormonal, por conta do uso de estrogênios e substâncias antiandrogênicas. Há um aumento da gordura, com predomínio na região ginoide, que é abaixo da cintura, e na região glúteo-femural, que se traduz na relação cintura-quadril, por isso conhecida como “forma de pera” (Angus *et al.*, 2021; Fighera, 2018; Morrison; Wilson; Mosser, 2018; Tebbens *et al.*, 2021).

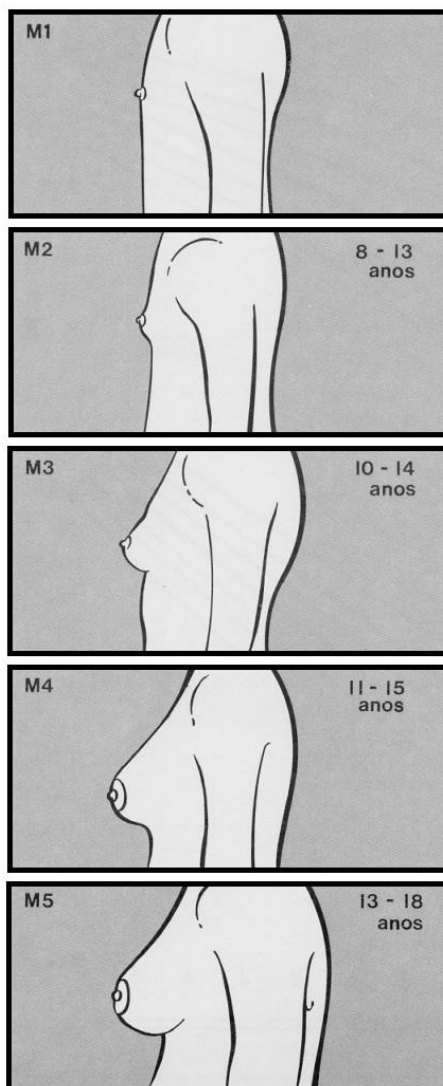
O tratamento hormonal feminizante também pode induzir o desenvolvimento dos seios. Na pesquisa de Sonnenblick *et al.* (2018), sobre imagens radiográficas para pessoas transgênero, foi observado que o desenvolvimento mamário nas mulheres trans passam por estágios que se assemelham aos das mulheres cis, sendo estes descritos por James Tanner, endocrinologista pediátrico britânico, que sugeriu os estágios do desenvolvimento sexual na puberdade, divididos em cinco momentos (Boyd; Bee, 2011). O crescimento máximo da mama nas mulheres trans é atingido entre dois a três anos, e seu tamanho difere para cada pessoa, independente da dose e do tipo de tratamento (Sonnenblick *et al.*, 2018; Fabris; Bernardi; Trombetta, 2014).

As mulheres trans e as travestis desenvolvem seios de menor tamanho do que as mulheres cisgênero, e tem mais probabilidade de ter um seio de formato cônico, o que pode estar relacionado a uma maior incidência de deformidade tuberosa da mama. Até o momento, as pesquisas indicam que as mulheres trans não atingem a maturidade completa das mamas, isto é, não atingem o estágio de Tanner “M5”, conforme indicado na Figura 8. Essa diferença de tamanho acaba sendo agravada pelo fato de o tórax delas ser maior, por isso muitas consideram o aumento dos seios através de procedimentos cirúrgicos (Nauta, *et al.*, 2019; Reisman, Goldstein, Safer, 2019; Sonnenblick *et al.*, 2018; Fabris; Bernardi; Trombetta, 2014).

Autores indicam que modificações significativas na estrutura óssea são improváveis com a terapia hormonal feminizante, por isso, para obter uma forma mais feminina, existem algumas opções cirúrgicas, que incluem a feminização do tórax, com o aumento de mama, e procedimentos de contorno corporal; a feminização facial; a condrolaringoplastia, que é a redução da cartilagem tireoide, para suavizar o pomo-de-adão; a orquiectomia, que remove os testículos; e a vaginoplastia, para a criação de uma neovagina; além da glotoplastia, também chamada de cirurgia de feminização de

voz (Barra; Gusmão; Araújo, 2020; Colebunders *et al.*, 2017; Morrison; Wilson; Mosser, 2018).

Figura 8 – Desenvolvimento das mamas, conforme estágios de Tanner.



Fonte: adaptado de SBP (2024).

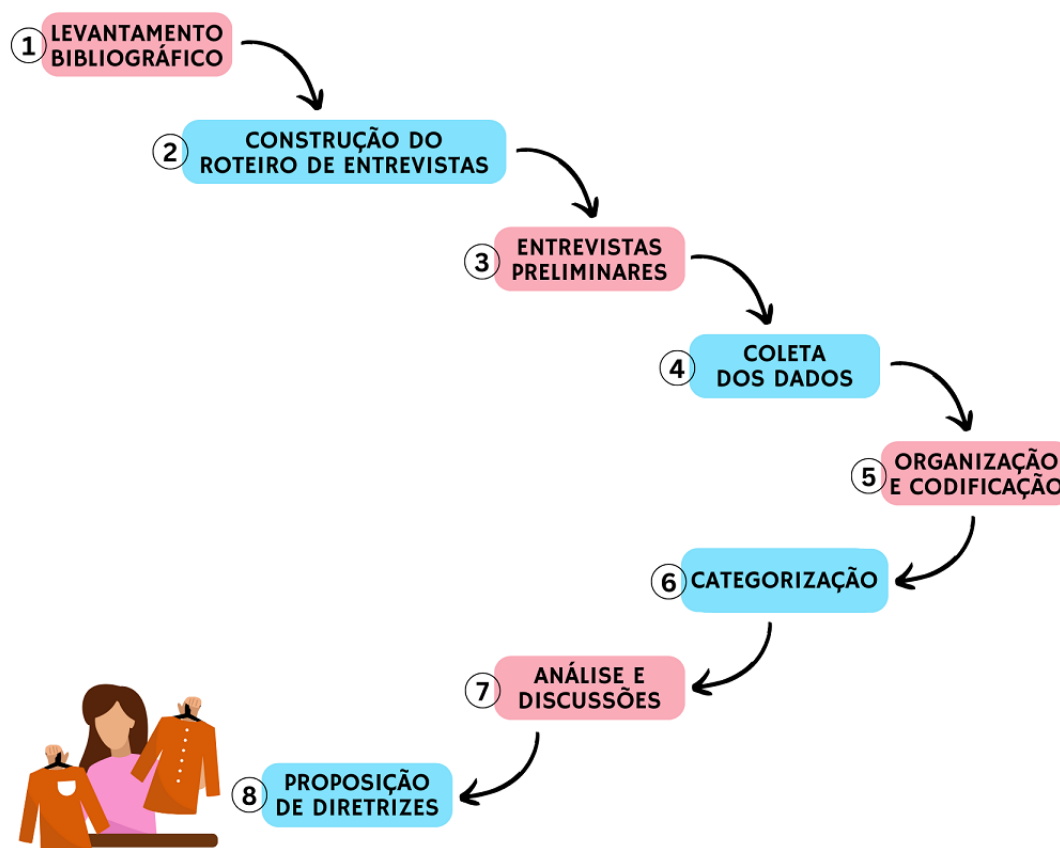
Outra mudança relacionada à terapia hormonal feminizante, ou hormonização, é a redução dos pelos faciais e corporais. Os hormônios interferem no crescimento dos pelos, provocando sua diminuição em algumas áreas do corpo, e alguns estudos indicaram que o estrogênio tem até um efeito maior nos pelos corporais do que nos faciais (Dhingra *et al.*, 2019; Fighera, 2018; Petry, 2015; van de Grift *et al.*, 2016). Além disso, entre outros benefícios, os hormônios feminizantes podem apresentar melhoria na qualidade da pele, acarretando uma diminuição da acne, por exemplo (Dhingra *et*

*al.*, 2019). Todas essas mudanças, advindas da hormonização, influenciam a forma física das mulheres trans e travestis, e, conseqüentemente, suas medidas antropométricas, pois alteram os parâmetros corporais baseados na binaridade de gênero.

### 3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A pesquisa não é algo linear, ao contrário, para que haja novas descobertas e a expansão do conhecimento, o processo apresenta muitas idas e vindas na busca da identificação do problema e de uma organização teórica. A não linearidade não significa a inexistência de rigor científico, mas sim que o processo é interativo e permite o vaivém, pois reconhece a complexidade dos fenômenos. Contudo, é preciso seguir um caminho claro e preciso, para que se possa atingir os objetivos da pesquisa e chegar a um resultado confiável (Godoy, 1995; Merriam, 1998). Neste capítulo, é apresentada e detalhada a sequência de etapas que fizeram parte do percurso metodológico desta pesquisa: sua caracterização, as questões éticas envolvidas, a amostragem e os critérios de elegibilidade, como se deu a formulação do instrumento, as entrevistas preliminares, a coleta de dados e a análise desses dados. A Figura 9 apresenta o percurso da Tese, englobando essa sequência.

Figura 9 – Percurso da Tese.



Fonte: elaborado pela autora.

### 3.1 Caracterização da pesquisa

Trata-se de um estudo pertinente à grande área das Ciências Sociais Aplicadas, com enfoque qualitativo e, segundo sua finalidade, uma pesquisa aplicada. De acordo com Gil (2021), as pesquisas aplicadas destinam-se à aquisição de conhecimentos para resolver problemas sociais, conhecimentos estes aplicáveis a alguma situação particular. A pesquisa qualitativa tem o intuito de “abordar o mundo ‘lá fora’ (...) e entender, descrever e, às vezes, explicar os fenômenos sociais ‘de dentro’ de diversas maneiras diferentes” (Gibbs, 2009, p. 8). Caracteriza-se ainda como uma pesquisa descritiva-explicativa, já que teve como propósito não somente detalhar e categorizar as percepções de um determinado grupo, que foram as mulheres trans e travestis, como também identificar as relações entre os fatores, buscando compreender os motivos dessas percepções (Gil, 2021).

Dada a subjetividade dos fenômenos humanos, o intuito é apreender todas as informações que se apresentam, de modo que se possa ler (ou escutar) nas entrelinhas, incluindo a própria intuição do pesquisador no processo, uma vez que se busca o maior entendimento sobre as vivências dos participantes e seus significados (Yin, 2016). A preocupação do pesquisador deve estar concentrada nas experiências, emoções, preferências e outros aspectos subjetivos sentidos pelos participantes, buscando interpretar as informações captadas ativamente. Assim, deve fazer uso de diferentes habilidades sociais, conforme as exigências de cada situação, e uma das principais habilidades é a da escuta ativa (Sampieri; Collado; Lucio, 2013; Yin, 2016).

O enfoque qualitativo, via de regra, é eleito quando a temática ainda foi pouco explorada, ou mesmo quando não tenha sido realizado nenhum estudo com algum grupo social específico (Sampieri; Collado; Lucio, 2013). Na área do Design, essas questões se sobressaem ainda mais, já que esse campo do conhecimento é abrangente e envolve aspectos multidisciplinares e interdisciplinares (Paschoarelli; Medola; Bonfim, 2015). Trabalhos que envolvem a percepção de conforto/desconforto, como é o caso deste, são caracterizados justamente pelo enfoque qualitativo, que investiga a realidade e como determinado fenômeno se manifesta, sob o ponto de vista dos sujeitos participantes (Paschoarelli; Medola; Bonfim, 2015; Zanella, 2011).

É a partir da maneira que se aborda os problemas concretos, como o processo é conduzido e de que forma os diagnósticos e as respostas são elaboradas, que se verifica a qualidade da pesquisa, ou seja, como se dá a compreensão da problemática para poder transformá-la. “Sua qualidade também se verifica e se valoriza em razão da sua contribuição com a prática (...) com a possibilidade da aplicação dos resultados e com a intervenção sobre a realidade diagnosticada” (Gamboa, 2003, p. 404). Compreender a percepção de conforto/desconforto por parte dos usuários, principalmente grupos em situação de vulnerabilidade, como é o caso das mulheres trans e travestis, atende a esses requisitos de qualidade que se exige da pesquisa, aplicável não somente no meio acadêmico, mas de utilidade real na vida das pessoas.

Nesse sentido, a trajetória desta pesquisa iniciou-se com um levantamento bibliográfico, a partir da leitura de dados secundários, isto é, registros disponíveis de pesquisas anteriores, principalmente artigos científicos, livros e algumas teses e dissertações (Gil, 2021). Esse levantamento subsidiou a construção do roteiro de entrevistas para a etapa da coleta de dados. Com relação ao trabalho de campo, “(...) a fim de obter conhecimentos possivelmente importantes sobre como as pessoas interagem, enfrentam situações e prosperam” (Yin, 2016, p. 100), buscou-se o acesso com pessoas-chave no meio. Foram então feitos contatos e desenvolvidas relações com pessoas da comunidade LGBTQIAPN+ e próximas a ela, remota e presencialmente, incluindo visitas a alguns locais para alcançar maior engajamento na participação. Para coletar os dados, foram realizadas entrevistas semiestruturadas que, apesar de seguirem um roteiro, fluíram em um “modo conversacional” (*ibidem*).

### **3.2 Questões éticas**

Por ser uma pesquisa que envolve seres humanos, o projeto foi submetido para apreciação ao Comitê de Ética em Pesquisa da Faculdade de Arquitetura, Artes, Comunicação e Design (FAAC), da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (Unesp), campus de Bauru, por meio da Plataforma Brasil. Ele foi aprovado através do parecer Nº 6.899.353 (Anexo 1), atendendo às recomendações dispostas na Resolução Nº 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde (CNS), voltada a pesquisas nas áreas de Ciências Humanas e Sociais (Brasil, 2016).

Todas as participantes concordaram em fazer parte desta pesquisa como voluntárias, permitiram as gravações, em vídeo e/ou áudio, e assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) (Apêndice A), enviado anteriormente à coleta, que compreende as informações sobre o objetivo da pesquisa, o procedimento para a realização das entrevistas, os riscos envolvidos e a garantia de suas confidências e identidade, possibilitando os devidos esclarecimentos sobre a investigação a ser realizada.

### **3.3 Amostragem e critérios de elegibilidade**

Sobre o tamanho da amostra, Sampieri, Collado e Lucio (2013), indicam alguns fatores que ajudam a determinar a quantidade “ideal” para o estudo, que são: verificar a natureza do fenômeno, ter o entendimento sobre esse fenômeno e também perceber a própria capacidade operacional, no que diz respeito à coleta dos dados e análise por parte do pesquisador. Ademais, quando os sujeitos participantes pertencem a grupos populacionais vulneráveis, a conduta dos estudos nas Ciências Sociais, que utilizam entrevistas semiestruturadas como técnica de investigação, têm apontado para um número reduzido de pessoas, pois, além da dificuldade em acessar essa população, a pesquisa qualitativa não tem como foco a quantificação, mas sim a interpretação dos dados (Oliveira; Araújo; Barros, 2023; Siqueira; Marcolino; Santos, 2021; Paschoarelli; Medola; Bonfim, 2015).

Foram feitos contatos por meio de amigos e conhecidos da comunidade LGBTQIAPN+, bem como pessoas próximas à comunidade. A utilização da rede pessoal da pesquisadora contribuiu para que a aproximação fosse mais fácil, caracterizando a amostragem como bola de neve. Essa modalidade, que é uma forma de amostra não probabilística, utiliza uma rede de referências, com a indicação de pessoas do grupo a ser pesquisado, que, por sua vez, oferecem novos nomes, e assim sucessivamente, até que se possa atingir o ponto de saturação. A amostragem bola de neve é muito útil para contatar determinados grupos mais difíceis de serem acessados, como, por exemplo, aqueles que têm algum tipo de comportamento socialmente discriminado ou estigmatizado (Oliveira *et al.*, 2021; Ribeiro; Souza; Lobão, 2018; Vinuto, 2014), caso do presente estudo.

Para a seleção da amostragem, alguns critérios de inclusão foram aplicados já que, para responder o questionamento da pesquisa e atingir seu objetivo, é preciso estabelecer alguns preceitos que são características-chave para a população-alvo ser elegível. Trata-se de uma convenção usada na estruturação de protocolos de pesquisa, necessária para validar os resultados do estudo (Patino; Ferreira, 2018). Na presente pesquisa, os critérios de inclusão foram os seguintes: autoidentificação como mulher transexual ou travesti e idade maior ou igual a dezoito anos (a assinatura do TCLE é parte condicionante para a participação na pesquisa).

Interessante pontuar que, até o momento da fase de Qualificação do projeto de pesquisa, havia mais dois critérios incluídos, a saber: que as participantes não tivessem passado pela cirurgia de redesignação sexual, e que estivessem passando por tratamento hormonal feminizante (este último, principalmente, por conta das alterações dos caracteres sexuais secundários). No entanto, verificou-se que, com relação à cirurgia, além de não ser uma premissa definidora da transexualidade, existe uma demora/burocracia no acesso à CRS pela rede pública, e custo alto quando se trata da rede particular (Flora; Nascimento, 2022; Galli *et al.*, 2013; Sanchotene *et al.*, 2020), por isso, nem todas as mulheres transexuais e travestis desejam ou tem interesse em realizá-la. Quanto à hormonização, assim como a CRS, nem todas se interessam em passar pelo tratamento, seja por convicções pessoais, pelos efeitos adversos, por dificuldades na obtenção ou outros motivos.

Além disso, observou-se que se trata de um grupo que já enfrenta diversas situações de violência e microviolências no cotidiano. Então, não seria o caso de, em um momento que participam de entrevista como voluntárias em uma pesquisa, cuja intenção é contribuir para o bem-estar delas, serem abordadas com determinadas perguntas, as quais pudessem deixá-las constrangidas ou ofendidas, afinal “(...) entrevista não é interrogatório” (Lima, 2016, p. 25). Para uma entrevistadora que busca se conectar com suas entrevistadas, a fim de obter informações relevantes, fazer questionamentos diretos e intrusivos, provavelmente não seria bem-sucedido (tampouco adequados), fosse no início do processo, durante sua condução ou até mesmo antes, na fase de prospecção. Assim, esses critérios foram repensados e eliminados, o que não trouxe nenhum prejuízo à presente pesquisa.

### 3.4 Formulação do instrumento

Antes do início do recrutamento, o pesquisador deve elaborar o instrumento para a coleta de dados. Quando se trata de entrevistas, esse instrumento é um roteiro de perguntas pensadas a partir da temática, em torno da questão de pesquisa (Leitão, 2021). O roteiro ajuda na organização da entrevista, para que seja articulada como uma conversa que faça sentido, tanto para quem pergunta como para quem disserta sobre um assunto. No caso da presente pesquisa, optou-se por entrevistas semiestruturadas, que seguem um roteiro de questões, principais e específicas, mas existe flexibilidade para modificar a ordem inicial e inserir outros questionamentos, a fim de acompanhar o fluxo de raciocínio de cada pessoa entrevistada (Leitão, 2021; Lima, 2016).

Com isso em mente, foi estruturado algo que partisse de perguntas gerais e fosse mais adiante para as específicas, dividindo-as por blocos temáticos. Além disso, buscou-se redigir questões introdutórias mais simples para se encaminhar às mais sensíveis, e, assim, as entrevistadas pudessem ficar mais à vontade, como sugere Lima (2016, p. 33), quando diz que “Nunca se deve elaborar um roteiro de entrevista que comece com questões polêmicas ou que possam gerar desconforto aos respondentes”. Elaborou-se então um roteiro prévio e houve duas entrevistas preliminares (também chamadas entrevistas-piloto), para adequar as perguntas, ajustar o encadeamento da conversa, aprimorar a linguagem, verificar a duração e mesmo “enxugar” alguns itens do roteiro (Leitão, 2021).

Dessa forma, a pesquisadora elaborou seu roteiro prévio, inicialmente contendo 37 perguntas, com base na literatura científica, oriunda da fase de levantamento bibliográfico, como também explorou especificamente elementos existentes na escala conjunta do trabalho de Kang, Johnson e Kim (2013). Esta reuniu várias outras escalas para analisar o uso de roupas que alteram o humor, verificando traços de personalidade, ansiedade referente à aparência social, roupas em relação ao *self*<sup>15</sup> e funções do vestuário. Quanto às funções, a escala se propôs a medir a utilização de

---

<sup>15</sup> “(...) o senso de ‘self’ de cada pessoa envolve as representações mentais de experiências pessoais” (Gazzaniga; Heatherton; Halpern, 2016, p. 584). O “self” é um conceito multifacetado. Na psicologia, apresenta diferentes abordagens, mas, segundo a Abordagem Centrada na Pessoa, de Carl Rogers, diz respeito às percepções do próprio indivíduo e de como ele percebe a realidade (Maia; Germano; Moura Jr, 2009).

roupas de acordo com suas atribuições de segurança, camuflagem, moda, individualidade e conforto (Kwon; Parham, 1994).

Logo na primeira entrevista-piloto, que serviu para calibrar esse roteiro, verificou-se que algumas questões ficaram parecidas e possivelmente repetitivas, pois a entrevistada adiantou alguns pontos, antes mesmo de ser questionada. Apesar de nenhuma das duas mulheres trans, que foram entrevistadas preliminarmente, terem apresentado sinais de impaciência ou nervosismo, percebeu-se que o roteiro inicial estava longo e precisava ser editado e reduzido, de “forma a favorecer o rápido engajamento do respondente, bem como a manutenção do seu interesse” (Gil, 2021, p. 132).

Após essas edições, a redação final do roteiro da entrevista (Apêndice B) ficou dividida em sete partes, a saber: em um primeiro momento, as perguntas foram mais abertas e gerais, mas já dentro da temática; na segunda parte, foram introduzidas questões sobre as facilidades e as dificuldades no vestuário; em seguida, foi abordado sobre a experiência de compra dessa usuária-consumidora; em um quarto momento, foram feitas indagações sobre inclusão no mercado de moda; na quinta parte, questões sobre conforto/desconforto no vestuário; na sexta parte, perguntas relacionadas ao corpo e mudanças corporais; na última parte, alguns dados sociodemográficos foram solicitados e, para o encerramento, foi deixado um espaço caso a entrevistada quisesse falar sobre algum ponto não abordado, mas que considerasse relevante.

### **3.5 Entrevistas preliminares**

Além de ter os objetivos de pesquisa bem definidos e conhecer o contexto em que se pretende efetuar a investigação, para a realização do que pode ser considerada uma boa entrevista, é importante que o pesquisador também tenha introjetado seu roteiro de perguntas, a fim de passar confiança e segurança não somente ao entrevistado, mas a ele próprio (Duarte, 2004). Para isso, é indicado que haja entrevistas-piloto, tanto no sentido de treinar o pesquisador para a coleta de dados, como para verificar a clareza do instrumento e do seu comportamento em campo, buscando amenizar ansiedades. Geralmente entre duas a três entrevistas desse tipo, já é considerado suficiente (Manzini, 2003; 2012; Nogueira-Martins; Bógus, 2004).

Assim, foram realizadas duas entrevistas preliminares com duas mulheres transexuais, separadamente e de forma individual, durante o mês de janeiro de 2024. Ambas as entrevistadas foram indicadas por amigos da pesquisadora, sendo que uma residia em São Paulo-SP e a outra, em Belém-PA. A escolha do formato *online* foi para maior comodidade das entrevistadas, pois poderiam conversar de qualquer lugar e escolherem um horário mais adequado às suas rotinas. Ademais, pelo fato de uma delas residir em outro local, uma cidade e estado distante da pesquisadora, que mora em São Paulo-SP, a possibilidade de conversa deu-se em virtude desse formato. As entrevistas preliminares ocorreram através da plataforma *Google Meet*<sup>16</sup>.

Conforme indicado na seção anterior, as entrevistas preliminares serviram para aperfeiçoar o roteiro de perguntas até o alcance da versão definitiva, de modo que certos itens foram retirados, outros reordenados, alguns modificados e novos foram acrescentados. Apoiada nisso, e, segundo a orientação de Leitão (2021), que recomenda que todos os dados reunidos durante essa etapa devem ser descartados e não serem usados na análise dos resultados, seguiu-se para a efetiva coleta de dados.

### 3.6 Coleta de dados

Com o propósito de localizar, convidar e possivelmente entrevistar as pessoas com o perfil necessário, inicialmente foi realizada uma sondagem com amigos e familiares, através do *WhatsApp*<sup>17</sup>, solicitando meios para estabelecer comunicação direta com mulheres trans e/ou travestis que porventura conhecessem. A fim de aumentar as chances de êxito e conseguir abordar o maior número de pessoas, já pensando em eventuais adversidades, como a desistência de algumas, a pesquisadora também conversou com a maioria dos amigos e conhecidos que constam na sua rede social *Instagram*, requisitando ainda mais contatos.

É preciso esclarecer ainda que, apesar de terem sido feitas várias conexões, algumas não prosperaram e, por receio de não atingir um número satisfatório de entrevistadas, a pesquisadora buscou também, por meio de amiga em comum, a

---

<sup>16</sup> Aplicativo da empresa Google para conferências *online*, com comunicação por vídeo.

<sup>17</sup> Aplicativo multiplataforma de mensagens instantâneas, associado a um número de telefone. A partir de uma conexão com a internet, permite fazer ligações grátis, com chamadas de voz e vídeos, assim como envio de mensagens de texto, imagens e documentos.

coordenadora da pesquisa de campo do estudo PrEP15-19<sup>18</sup>, na cidade de São Paulo. O estudo que ela coordena é direcionado, dentre outras pessoas, às mulheres trans e travestis, e faz atendimento em dois locais, um na Bela Vista (Clínica Social da Casa 1) e outro no Butantã (CSEB - Centro de Saúde Escola Samuel Barnsley Pessoa). Essa coordenadora foi bastante solícita e fez um convite para que, no dia 22 de maio de 2024, a pesquisadora fosse até o CSEB conhecer mais sobre o estudo, o funcionamento dos espaços e já fosse apresentada a algumas das mulheres participantes da PrEP15-19.

Para que pudesse efetivamente entrevistar as mulheres que tivessem interesse na presente pesquisa, seria preciso enviar, por email, a aprovação do projeto, através do Parecer Consubstanciado do Comitê de Ética em Pesquisa. A pesquisadora enviou o email em julho de 2024 e, como no dia da ida ao CSEB muitas das envolvidas com o estudo PrEP15-19 não compareceram, a coordenadora sugeriu a participação em um dos encontros que aconteceria na Casa 1, na data de 8 de agosto de 2024. Nesse dia, o encontro seria exclusivo para mulheres transexuais e travestis, e assim, a pesquisadora poderia apresentar rapidamente sua pesquisa e convidar as mulheres a serem entrevistadas. No entanto, essa apresentação deveria ser após o término do encontro, que tem um tema previamente estabelecido e discussões em torno dele. Por isso, se alguém tivesse interesse, a entrevista deveria ser agendada para data futura, e não naquele mesmo dia, pois, caso o formato presencial fosse escolhido, poderia ser reservado um espaço ali na Casa 1. Ao final, não houve a necessidade de espaço físico, já que as pessoas que faziam parte do estudo PrEP15-19, e tiveram interesse em participar da presente pesquisa, preferiram chamadas virtuais.

A primeira entrevista ocorreu em 12 de julho de 2024 (no Quadro 2 estão listados em detalhes os agendamentos), no formato *online*. Todas foram realizadas entre os meses de julho e agosto de 2024, totalizando dezesseis entrevistas, e, com exceção de uma única feita presencialmente, as outras quinze foram *online*, através do *Google Meet* ou *WhatsApp*. As plataformas foram definidas pelas próprias entrevistadas, as

---

<sup>18</sup> PrEP15-19 é um estudo que busca avaliar a efetividade da Profilaxia Pré-Exposição ao HIV (PrEP), voltado ao público adolescente (entre 15 a 19 anos, daí o nome), que se identifique como homens cisgêneros gays, bissexuais ou que fazem sexo com outros homens (HSH), ou ainda como mulheres

quais puderam escolher entre três opções, e, além dessas selecionadas, foi indicado que poderia ser realizada pelo *Zoom*<sup>19</sup>, mas ninguém se interessou por esta opção.

A única entrevista presencial aconteceu no Ceará, ocasião em que a pesquisadora viajou para esse estado e aproveitou para fazer contato com uma mulher trans, que é cabeleireira. Ela então agendou um dia em que o seu salão estava fechado, para a gravação ser feita naquele local, sem interferências externas. Não houve registro em vídeo dessa entrevista, apenas em áudio, gravado no celular pessoal da pesquisadora, para que, dessa forma, a entrevistada pudesse ficar mais à vontade. Ressalta-se que outras quatro pessoas também preferiram não aparecer no vídeo durante a chamada virtual, mas houve a gravação do áudio. Conforme explicitado na seção pertinente, o envio do TCLE foi anterior às entrevistas, oportunidade em que foi solicitada a gravação (em vídeo e/ou áudio), e, após o término de cada uma, foi assinado o respectivo TCLE, sendo retornado para a pesquisadora.

---

transexuais ou travestis. É uma iniciativa pioneira no Brasil, presente em três capitais, Belo Horizonte-MG, Salvador-BA e São Paulo-SP. Disponível em: <https://prep1519.org/>. Acesso em: 10 mai. 2024.

<sup>19</sup> O “Zoom Meetings” ou “Zoom Reuniões”, conhecido popularmente como “Zoom” é um aplicativo que oferece o serviço de reuniões *online* com chamadas de vídeo.

Quadro 2 – Listagem das entrevistas agendadas e realizadas, entre julho e agosto de 2024.

|               | Estado (residência) | Agendamento | Plataforma  | Tipo de gravação |
|---------------|---------------------|-------------|-------------|------------------|
| Entrevista 1  | Ceará               | 12/07/2024  | WhatsApp    | Vídeo            |
| Entrevista 2  | Bahia               | 13/07/2024  | Google Meet | Áudio            |
| Entrevista 3  | São Paulo           | 15/07/2024  | WhatsApp    | Vídeo            |
| Entrevista 4  | Bahia               | 18/07/2024  | Google Meet | Vídeo            |
| Entrevista 5  | Bahia               | 19/07/2024  | Google Meet | Vídeo            |
| Entrevista 6  | Rio Grande do Norte | 19/07/2024  | Google Meet | Vídeo            |
| Entrevista 7  | Goiás               | 20/07/2024  | WhatsApp    | Vídeo            |
| Entrevista 8  | Bahia               | 22/07/2024  | Google Meet | Vídeo            |
| Entrevista 9  | Paraná              | 22/07/2024  | Google Meet | Áudio            |
| Entrevista 10 | Paraná              | 22/07/2024  | Google Meet | Vídeo            |
| Entrevista 11 | Ceará               | 29/07/2024  | Presencial  | Áudio            |
| Entrevista 12 | Paraná              | 03/08/2024  | WhatsApp    | Vídeo            |
| Entrevista 13 | São Paulo           | 12/08/2024  | Google Meet | Áudio            |
| Entrevista 14 | São Paulo           | 14/08/2024  | WhatsApp    | Vídeo            |
| Entrevista 15 | São Paulo           | 16/08/2024  | Google Meet | Vídeo            |
| Entrevista 16 | São Paulo           | 22/08/2024  | Google Meet | Áudio            |

Fonte: elaborado pela autora.

Segundo Duarte (2004), as entrevistas devem ser transcritas assim que finalizadas, de preferência pelo próprio pesquisador. Em seguida, devem passar por uma “conferência de fidedignidade”, isto é, devem ser revisadas, ouvindo-se novamente a gravação, e, neste segundo momento, acompanhando simultaneamente o texto já transcrito, pois isso auxilia na correção de eventuais erros, como na pontuação, por exemplo. No entanto, a pesquisadora adaptou em parte essas orientações e fez uso de

ferramenta tecnológica para auxílio nas transcrições, um recurso presente no *Google Docs*<sup>20</sup>, chamado “digitação por voz”.

No instante em que cada entrevista foi finalizada, a pesquisadora assistiu a uma primeira vez a gravação, a fim de fazer outras observações e anotações que não foram realizadas durante a conversa. Enquanto isso, utilizou seu aparelho de celular pessoal como apoio, aproximando-o do computador e ativando neste a “digitação por voz”. A seguir, passou novamente a gravação, agora com a transcrição “em mãos”, para revisá-la, corrigindo erros e ajustando passagens truncadas, assegurando a fidelidade da conversa transformada em texto escrito. Além disso, essa nova passagem da gravação serviu para deixar o texto no formato naturalizado, isto é, com o maior número de detalhes possível, contendo as falas literais das pessoas entrevistadas, sem correção gramatical, e como uma espécie de “roteiro dramático de peça”, indicando suspiros e pausas, através de reticências, por exemplo (Oliver; Serovich; Mason, 2005).

### 3.7 Análise dos dados

De acordo com Creswell (2007, p. 194), a análise de dados tem como objetivo “extrair sentido dos dados”, o que envolve uma reflexão contínua, uma verdadeira “conversa” com os dados, a partir de perguntas analíticas e da elaboração de memorandos, buscando compreender as informações de maneira estruturada. O início desse processo deve passar por uma pré-análise, que consiste na organização do material, na realização de uma “leitura flutuante” e na definição dos indicadores que irão orientar a interpretação dos dados (Bardin, 2016). Para esta pesquisa, optou-se por uma abordagem combinada, associando duas técnicas adaptadas, a análise de conteúdo de Bardin (2016) e os ciclos de codificação propostos por Saldaña (2013).

Durante as entrevistas, a pesquisadora fez anotações rápidas em um primeiro caderno, registrando impressões pessoais sobre as falas das participantes, sem aprofundar demasiadamente esses registros, para reter o foco, mantendo uma escuta atenta. Após cada entrevista, foram realizadas as transcrições das gravações no

---

<sup>20</sup> O “Google Docs” ou “Google Documentos” é um pacote de aplicativos da empresa *Google*, que apresenta, dentre outros recursos tecnológicos, um processador de texto para criar e editar documentos *online*.

Google Docs, conforme descrito na seção anterior, e, durante a passagem de cada gravação, novas anotações e percepções foram registradas em um segundo caderno de apoio (memos), para auxiliar o desenvolvimento da análise. Mais adiante, cada transcrição foi salva em arquivos de *Word* e, com os dados organizados em ordem cronológica e revisados, deu-se início ao processo de codificação.

Segundo Saldaña (2013), a codificação consiste em atribuir palavras ou frases curtas a trechos do material coletado, capturando a essência do conteúdo. Além disso, o autor enfatiza que “codificar é um ato cíclico” (*ibidem*, p. 8), recomendando a realização de múltiplos ciclos para refinar progressivamente os códigos e alcançar maior precisão analítica. Assim, a pesquisadora manteve uma cópia original dos arquivos transcritos e iniciou o primeiro ciclo de codificação utilizando apenas os recursos tecnológicos do *Word* e *Excel* como ferramentas auxiliares. Neste estágio, ainda não foram empregados *softwares* específicos para análise qualitativa, como ilustrado na Figura 10, que apresenta uma montagem das codificações iniciais de uma das entrevistas.

Figura 10 – Primeiro ciclo de codificação, com auxílio do *Word* e *Excel*.

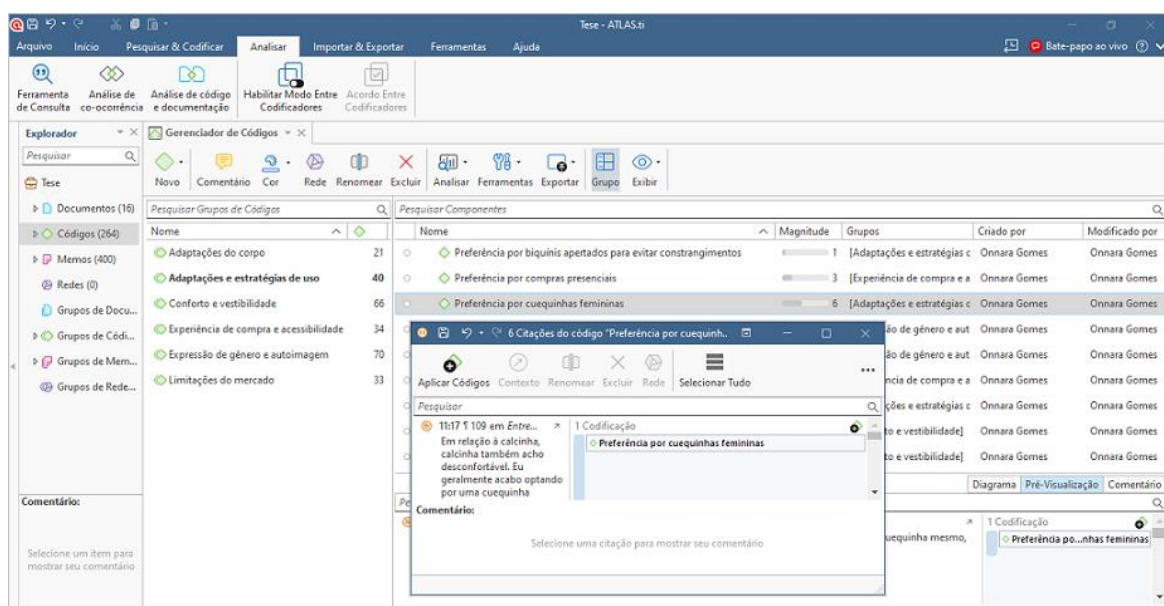
| Ordem | Código                                          | Falas da entrevistada                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                 |
|-------|-------------------------------------------------|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| 3     | Vestário como ferramenta na expressão de gênero | Ultimamente eu gosto de roupas cobrindo um pouco os ombros, né? Porque eu ainda acho meus braços ainda um pouco musculoso, porque eu pesei quase 70 kg só de músculo, antes né... e eu treinava muito e tal. Ai quando eu comecei a hormonização, né, tratamento hormonal, aí foi que quebrou mais. Mas ultimamente eu ainda gosto mais de roupinhas assim, que cobre mais os ombros.                 |
| 4     | Roupas confortáveis                             | Ah, eu adoro vestido. Quando eu vejo, já fico de boa assim, porque às vezes a gente precisa fazer, né? Aquele truque, né, de esconder e tal. E aí o vestido ajuda muito, que não precisa estar marcando muito, né? E aí eu acho mais confortável também.                                                                                                                                              |
| 5     | Roupas desconfortáveis                          | A calça, como a calça cola muito, então você tem que fazer bem, esconder bem, porque senão acaba que mostra. O vestido, não. Às vezes você faz só um truquezinho e não precisa, né?                                                                                                                                                                                                                   |
| 7     | Desejo de vestir                                | Não sei se é porque eu sempre quis. Sempre quis vestir, né? E desde criança eu vestia. Eu sempre lia a revista de moda, sempre me vi querendo vestir, então hoje em dia eu me visto e gosto e pronto, aí saio.                                                                                                                                                                                        |
| 10    | Feminilidade                                    | O caimento no corpo. Porque a gente quando vai ver aquele caimento, por exemplo, eu adoro o tecido, aquele tecido mais pesadinho, mais preso ao corpo, né? Então, quando eu vejo no meu corpo eu acho mais elegante, mais bonito quando esse tecido mais caído, né? Mais aderente ao corpo, porque fica como se modelasse o nosso corpo, né? Pegasse as curvas do nosso corpo, né?                    |
| 13    | Características do vestuário                    | (...) o caimento também, né? E aí eu vejo mais isso, essa questão realmente do tecido e do caimento mesmo.                                                                                                                                                                                                                                                                                            |
| 16    | Disforia                                        | No caso, como eu falo assim, eu gosto, ultimamente eu gosto ainda de uma roupa mais que cobre os ombros. No caso, por causa dos braços, que eu ainda acho um pouco eles fortes, né? Porque eu malhei muito, treinei muito. Ai às vezes eu chego a pensar que eu ainda tenho um braço forte. Só que às vezes eu olho e não é isso tudo, né? Mas eu acho que é um pouco da disforia mesmo que acontece. |
| 20    | Praticidade                                     | Tem uma moça que vende uns vestidos. E aí eu ia passando um dia, eu olhei aquele vestido, um vestido longo de bolinha branca, né? Quando eu olhei, eu digo, eu quero aquele vestido. Ai fui, experimentei e levei. Então, eu sou muito prática nessa parte.                                                                                                                                           |

Fonte: elaborado pela autora.

Contudo, devido ao volume expressivo de dados e, uma vez que já estava um pouco mais familiarizada com o processo de codificação, a pesquisadora optou por utilizar um *software* de análise de dados qualitativos do tipo CAQDAS (*Computer Aided*

Qualitative Data Analysis Software), adquirindo a licença estudantil do ATLAS.ti. A adoção dessa ferramenta possibilitou a realização de um novo ciclo de codificação, tornando o processo mais ágil e organizado (sendo este, na verdade, o segundo ciclo, mas o primeiro através do *software*). Conforme observado por Saldaña (*ibidem*), a cada novo ciclo de codificação, o número de códigos se reduz progressivamente, à medida que padrões e agrupamentos mais significativos emergem, resultando em um processo analítico menos intrincado e mais refinado (Figura 11).

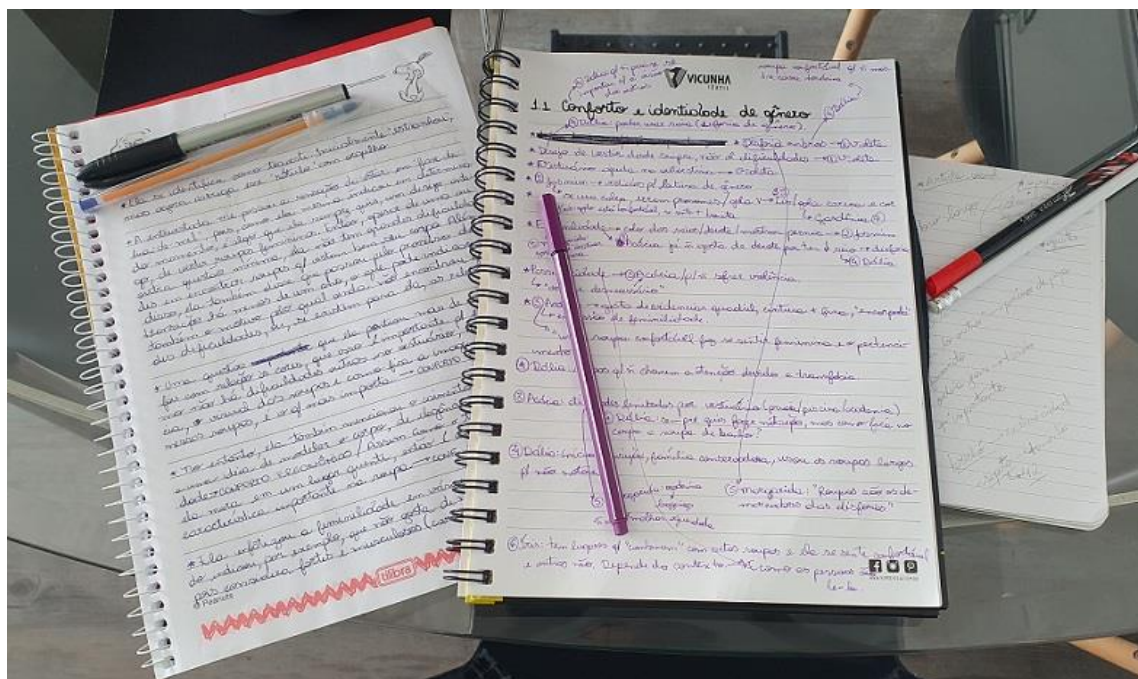
Figura 11 – Ciclo de codificação com auxílio do ATLAS.ti.



Fonte: elaborado pela autora.

O terceiro ciclo de codificação, sendo o segundo conduzido no ATLAS.ti, teve como principal objetivo reorganizar e reanalisar os dados já codificados, buscando desenvolver “um senso de organização categórica, temática, conceitual e/ou teórica a partir do seu conjunto de códigos do Primeiro Ciclo” (*ibidem*, p. 207). Em seguida, a categorização foi iniciada, priorizando a identificação de padrões mais amplos, agora em um processo menos descritivo e mais interpretativo. Embora o *software* tenha sido fundamental para estruturar os dados, a pesquisadora optou por manter o uso simultâneo de um terceiro caderno e canetas para apoiar o processo de categorização, permitindo uma organização mais intuitiva das informações (Figura 12).

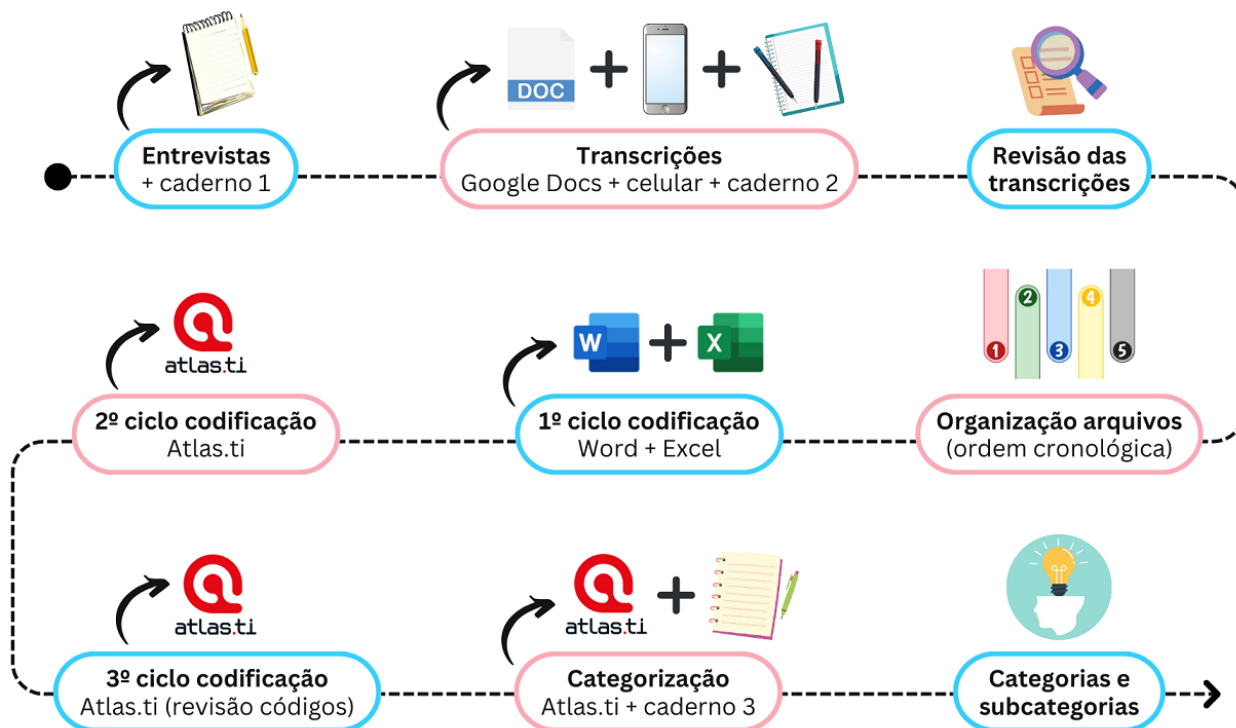
Figura 12 – Cadernos que serviram de suporte aos memos e categorizações.



Fonte: elaborado pela autora.

A partir do agrupamento dos códigos por afinidade temática, foram nomeadas as primeiras categorias. No entanto, verificou-se a necessidade de subdividir algumas delas, a fim de explorar aspectos mais específicos dos temas principais. A escrita ativa nos cadernos desempenhou um papel essencial na formulação dessas categorias e subcategorias, auxiliando a sistematização do raciocínio analítico. Assim, com o objetivo da pesquisa em mente e a integração entre o *software* e as anotações manuais, as categorias e subcategorias emergiram de forma estruturada, a partir dos dados coletados, mas também da literatura existente previamente estudada, de uma forma indutiva-dedutiva. A Figura 13 sintetiza o processo de análise dos dados, cujos resultados serão apresentados no capítulo seguinte.

Figura 13 – Processo de análise dos dados.



Fonte: elaborado pela autora.

## **4. RESULTADOS E DISCUSSÕES**

Considerando o objetivo de compreender como as mulheres trans e travestis percebem o conforto/desconforto no vestuário, este capítulo apresenta os resultados obtidos a partir da coleta de dados. Sua estrutura está organizada da seguinte forma: primeiramente, é feita a caracterização das participantes; em seguida, são detalhadas as quatro categorias (interação corpo-vestuário, vivências psicossociais no vestuário, mudanças corporais e estratégias de uso, e barreiras e invisibilização) com suas respectivas subdivisões; e, por fim, são propostas as diretrizes para o desenvolvimento de vestuário destinado às mulheres trans e travestis, com ênfase no conforto.

### **4.1 Caracterização das participantes**

Um total de dezesseis mulheres trans e travestis participaram desta pesquisa. Entre elas, oito se identificaram exclusivamente como "mulher trans", quatro como "travesti" e as outras quatro como ambas, "mulher trans" e "travesti". Para preservar o anonimato das entrevistadas, foram atribuídos codinomes inspirados em nomes de flores, conforme descrito no Quadro 3.

As participantes possuíam idades, ocupações e experiências diversas, refletindo a pluralidade de vivências aqui apresentadas quanto à percepção de conforto/desconforto no vestuário. Muitas indicaram que fazem a terapia hormonal feminizante, o que acabou influenciando tanto a percepção corporal quanto a escolha das roupas, enquanto outras optaram não seguir com esse tratamento por diferentes razões. Independentemente disso, todas enfrentam desafios relacionados à modelagem e à vestibilidade das peças, devido às diferenças estruturais entre seus corpos e os padrões cisnormativos predominantes na indústria da moda.

Além das dificuldades com o vestuário disponível no mercado, um aspecto comum entre as entrevistadas foi a necessidade constante de adaptação e customização das peças. Muitas desenvolveram estratégias para ajustar as roupas ao próprio corpo, buscando soluções alternativas para alcançar um caimento mais confortável e alinhado à identidade de gênero.

Esse processo de adaptação, no entanto, vai além da questão estética, envolvendo fatores emocionais, sociais e econômicos. A escassez de opções no mercado não apenas limita a autonomia dessas mulheres na escolha do vestuário, mas também reforça sua exclusão e invisibilização na moda, tornando a busca por peças adequadas e confortáveis um desafio contínuo.

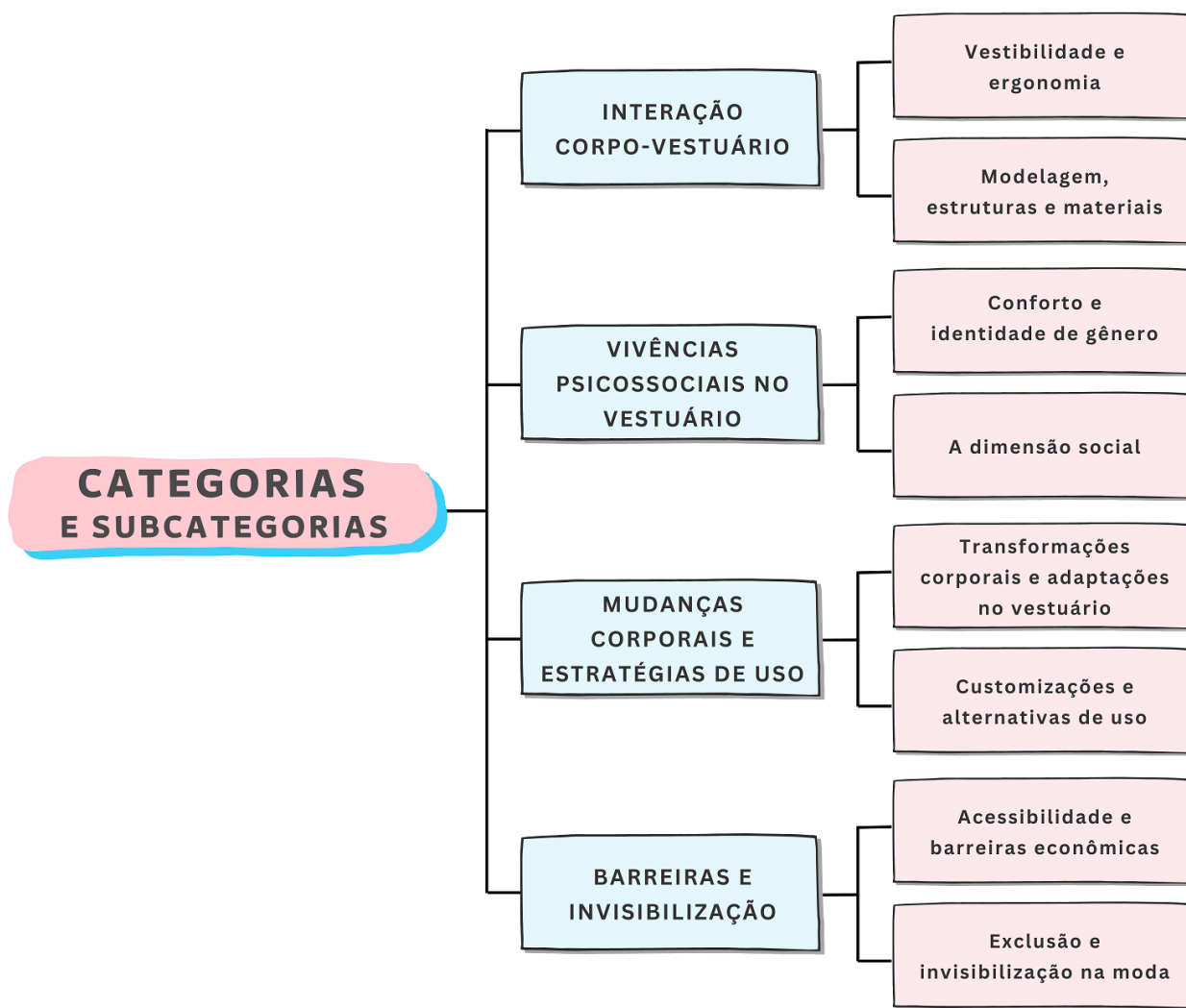
Quadro 3 – Codinomes, autoidentificação, ocupação e idade das entrevistadas.

|                 | Codiname  | Autoidentificação       | Ocupação                        | Idade |
|-----------------|-----------|-------------------------|---------------------------------|-------|
| Entrevistada 1  | Violeta   | Travesti                | Enfermeira                      | 40    |
| Entrevistada 2  | Jasmim    | Travesti                | Estudante/Assessora parlamentar | 44    |
| Entrevistada 3  | Acácia    | Mulher trans / Travesti | Balconista                      | 22    |
| Entrevistada 4  | Dália     | Mulher trans / Travesti | Analista de suporte técnico     | 21    |
| Entrevistada 5  | Margarida | Mulher trans            | Estudante universitária         | 23    |
| Entrevistada 6  | Íris      | Mulher trans            | Analista de negócios            | 31    |
| Entrevistada 7  | Gardênia  | Mulher trans            | Analista de sistemas            | 37    |
| Entrevistada 8  | Orquídea  | Mulher trans / Travesti | Estudante universitária         | 29    |
| Entrevistada 9  | Hortênsia | Mulher trans / Travesti | Assistente de estilo            | 25    |
| Entrevistada 10 | Magnólia  | Mulher trans            | Auxiliar de banho e tosa        | 30    |
| Entrevistada 11 | Tulipa    | Mulher trans            | Cabeleireira                    | 33    |
| Entrevistada 12 | Camélia   | Mulher trans            | Assistente administrativa       | 23    |
| Entrevistada 13 | Melissa   | Mulher trans            | Psicóloga                       | 24    |
| Entrevistada 14 | Lily      | Mulher trans            | Funcionária pública estadual    | 53    |
| Entrevistada 15 | Lis       | Travesti                | Eletricista residencial         | 19    |
| Entrevistada 16 | Rosália   | Travesti                | Educadora/Pesquisadora          | 22    |

Fonte: elaborado pela autora.

A seguir, são detalhadas as quatro categorias e cada uma de suas subcategorias, que emergiram a partir da literatura e da análise dos dados.

Figura 14 – Categorias e subcategorias que emergiram com a análise dos dados.



Fonte: elaborado pela autora.

## 4.2 Interação corpo-vestuário

A relação entre o corpo e o vestuário é fundamental para a experiência de uso de qualquer pessoa, mas adquire nuances particulares quando se trata de mulheres trans e travestis. O vestuário deve se adaptar ao corpo de quem o veste e desempenha um papel essencial na adequação às necessidades físicas dessas usuárias, considerando as diversidades corporais e suas especificidades.

A maior parte das inovações no setor da moda ainda se concentra no público cisgênero, ignorando as necessidades específicas das mulheres trans e travestis. Quando aspectos como a vestibilidade e a modelagem não são considerados,

tampouco as características dos materiais utilizados, essas usuárias precisam recorrer a soluções improvisadas, o que compromete não só o caimento das peças e sua aparência visual, como a percepção de conforto/desconforto.

Dessa forma, esta seção explora dois aspectos centrais dessa relação: a “Vestibilidade e ergonomia”, analisando o “vestir bem” das peças, com foco nos aspectos ergonômicos; e a “Modelagem, estruturas e materiais”, discutindo como a construção das roupas influencia sua adequação às diferentes estruturas corporais e os desafios frente à modelagem tradicional.

#### **4.2.1 Vestibilidade e ergonomia**

A interação entre corpo e vestuário envolve questões funcionais que impactam o conforto e a experiência de uso. No caso das mulheres trans e travestis, o aspecto ergonômico revelou-se um fator primordial em todas as entrevistas, especialmente no que se refere à vestibilidade. As principais queixas apontadas estavam relacionadas à restrição de movimentos e, sobretudo, à sensação de aperto (pressão), evidenciando desafios ergonômicos no design do vestuário.

Saias e vestidos, principalmente estes últimos, foram apontados como as peças preferidas pelas entrevistadas, pois proporcionam maior conforto e liberdade. Essas peças são valorizadas por serem práticas, versáteis e ajudarem a evitar a marcação do corpo, em especial nas regiões que as mulheres trans e travestis preferem não destacar, como a genitália. Além disso, as participantes indicaram que, ao usar saias e vestidos, não precisam “fazer o truque”, isto é, ficarem aquendadas, o que resulta em um alívio do desconforto. Os trechos a seguir ilustram essa importância:

“Ah, eu adoro vestido. Quando eu vejo já fico de boa assim, porque às vezes a gente precisa fazer, né? Aquele truque, né, de esconder e tal. E aí o vestido ajuda muito, que não precisa estar marcando muito, né? E aí eu acho mais confortável também” (Violeta).

“E a saia e o vestido, ela não aperta tanto a região íntima, então ela deixa mais folgada. É algo que eu não preciso me preocupar tanto, se tá marcando, se não tá, ou que eu preciso ir no banheiro pra ver alguma coisa. E então são geralmente saias, vestidos e croppeds mais larguinhos, que deixam mais confortáveis” (Acácia).

“Uma roupa confortável? Vestido, igual eu falei. É por ser uma facilidade incrível, não precisa aquendar, né? Porque, tipo assim, não precisa. Na verdade, se você quiser aquendar, você até aquenda, mas não com aquela compressão toda, com aquela força toda, sabe? Você pode se sentir um pouco mais livre, porque você vai ver que, dependendo do vestido, do modelo, do vestido, lógico, se for um vestido mais rodadinho, você acaba, não precisa se preocupar com

isso. Então você consegue sair livre, você não fica sentindo dor, você se sente preparada para qualquer coisa” (Hortênsia).

Ainda que existam estudos que abordem o ato de aquendar, a maioria pertence à área da saúde (Christensen; Ajayi; Bachmann, 2023; Kidd *et al.*, 2024; Poteat; Malik; Cooney, 2018; Subedi *et al.*, 2024; Vu *et al.*, 2024). Até o momento em que esta pesquisa foi realizada, foi identificado apenas um trabalho acadêmico sobre vestuário e aquecimento para esse público, uma dissertação defendida em uma universidade de Portugal. Nesse trabalho, foi desenvolvido um protótipo de calcinha para pessoas trans (transexuais, travestis e *drag queens*), baseado em princípios ergonômicos e avaliado por um grupo de vinte participantes (Holanda, 2019).

A calcinha é um item do vestuário de “contato direto, constante e prolongado” (Neves; Brigatto, Paschoarelli, 2015, p. 60), e pode interferir não apenas na saúde íntima, como pode provocar deformidades corporais caso sua modelagem seja inadequada (Grave, 2004; Neves; Brigatto, Paschoarelli, 2015). As entrevistadas relataram que, para simular a anatomia feminina e obter a aparência de uma vulva, muitas vezes utilizam mais de uma calcinha ao mesmo tempo. Isso ocorre porque a maioria das participantes usa modelos convencionais, voltados para mulheres cisgênero, sendo necessária essa sobreposição para disfarçar o volume indesejado dos órgãos genitais. Elas indicaram que se sentem mais seguras e despreocupadas dessa forma, sem a necessidade de constantes verificações para garantir que “nada sairá do lugar”, conforme revela Hortênsia, no seguinte trecho:

“Geralmente eu uso uma calcinha menor que meu tamanho e ela vai fazer o papel de segurar mais. E depois coloco uma calcinha do meu tamanho, pra ter mais segurança ainda, pra saber que durante o meu dia a dia, minha correria, nada vai sair do lugar e eu não, tipo assim, eu não vou precisar tá indo no banheiro com frequência pra ter que estar realizando o ato de aquendar toda hora”.

Além de vestirem mais de uma calcinha, também usam peças de numeração menor do que a correspondente ao seu corpo, a fim de fazer bastante pressão, o que resulta em um aperto excessivo na região íntima. Uma revisão realizada por Silva, Garcia e Oliveira (2024), que investigou a relação entre o vestuário e a saúde, evidenciou que o uso de roupas apertadas pode levar a complicações na região genital. Estudos focados em pessoas transgênero, que praticam a aquecimento, indicam que essa pressão prolongada pode resultar em coceira, infecções na pele, erupção cutânea,

dor e dormência genital, alterações na ejaculação, infecção urinária, mudança na morfologia com a torção das gônadas e, em casos mais graves, infertilidade (Kidd *et al.*, 2024; Poteat; Malik; Cooney, 2018; Subedi *et al.*, 2024; Vu *et al.*, 2024).

Outra entrevistada também mencionou o uso de peças extremamente apertadas, como biquínis. A parte de baixo de um biquíni tradicional segue a modelagem de uma calcinha convencional, e, quando não é um modelo projetado para corpos trans, não oferece a estrutura necessária para acomodar a genitália. Diante dessa limitação, algumas optam deliberadamente por modelos apertados, pois, ao comprimir melhor a região, reduz-se a possibilidade de exposição indesejada, evitando momentos constrangedores. Gardênia exemplificou essa preocupação em seu relato:

“E é a questão também de moda praia. Eu achei alguns biquínis, né, pra mim, porque eu gosto de biquíni, eu não gosto de maiô também não. Eu gosto de biquíni. Aí eu achei alguns biquínis assim na internet, especificamente na Shopee, aí comprei alguns biquínis. Só que, o que é que acontece? A parte de baixo existia uma preocupação de, e se de repente escapar alguma coisa, eu entrasse dentro da piscina na hora que eu saísse, por exemplo, e escapar, sabe? A genitália. Então acaba que eu comprei e é muito apertado, sabe? É um item que assim, pega, sabe? Eu acho que pega. Não sei se outras também, mas assim é chato, é ruim, porque dá no fim do dia, por exemplo, eu gosto muito de ir pra clube e aí eu vou ter que voltar tarde. Então eu chego lá 8h da manhã e vou sair às 17h da tarde. Então às vezes eu chego em casa, tá sufocado, entendeu? Aquele negócio ali que tá meio complicado. Mas qual que é a preocupação? É de não escapar. Porque, imagina, né? Eu tô no clube, é uma coisa assim, tô dentro da piscina, ali, aí eu saio, quando eu pego, tá lá. E aí, sabe, é complicado. No mínimo, seria constrangedor, tanto pra mim, pra quem também tá ali presente. E seria chato, seria chato, sabe? Então assim, eu acabei comprando assim e veio mais apertado, mas acaba que eu prefiro desse jeito para evitar algum tipo de constrangimento, sabe?”.

Para as mulheres trans e travestis, a questão do aperto na região genital parece ser uma prática recorrente, relacionada à lógica binária que impõe a ideia de que “mulheres não podem ter um pênis” (Carneiro, 2019, p. 353). Dessa forma, a busca por reduzir a visibilidade da genitália não ocorre só por uma questão estética, mas também como estratégia de proteção contra o estranhamento de olhares e possíveis situações de violência (*ibidem*). Esse contexto explica a preferência por saias e vestidos de tecidos mais fluidos por parte das entrevistadas, pois proporcionam maior conforto e disfarçam a região íntima. Ao mesmo tempo, evitam calças coladas, ou seja, aquelas que ficam bem justas no corpo, como é o caso das *leggings*<sup>21</sup>, peças que marcam bastante essa região. Quando utilizam esse tipo de vestuário, muitas recorrem à prática

da aquecimento, que, além das complicações já mencionadas, pode restringir os movimentos, como relatado pela entrevistada Margarida nesse trecho:

“(...) é isso que aquecer não nos dá, às vezes a gente não tem tanta mobilidade, sabe? Tipo, se eu tô usando, por exemplo, uma calça de lycra pruma festa, por exemplo, né? A gente coloca roupa muito mais arrumada e tudo mais. Aí, se a gente coloca, sei lá, uma calça de lycra, a gente às vezes não consegue sentar na beira de uma calçada, por exemplo, sabe? (...) não dá porque você se machuca muito, sabe? Isso eu não falo nem sobre o comprimento do tecido no corpo. Tô falando sobre a parte íntima mesmo. Machuca. Então, toda a sua mobilidade, ela é muito limitada, sabe?”.

Outro item do vestuário, amplamente associado ao desconforto pelas entrevistadas, foi o sutiã. Muitas relataram incômodo com diferentes elementos da peça, como as alças, os reguladores (ou ajustadores) e o bojo, que, além da sensação geral de aperto, provoca coceira, marcação na pele e até dores. Como consequência, a maioria afirmou evitar o seu uso sempre que possível, recorrendo a ele apenas em situações inevitáveis, como em ambientes de trabalho ou quando a blusa é de tecido transparente. Ainda assim, algumas entrevistadas demonstraram uma verdadeira aversão ao sutiã, optando por alternativas, como os protetores adesivos de silicone, por exemplo, também chamados “sutiãs invisíveis aderentes”, que podem ser colados diretamente na pele. Os trechos a seguir evidenciam essas percepções:

“O que me incomoda em vestuários, por exemplo, que eu não uso, é o sutiã. Eu não uso sutiã porque me incomoda muito, me marca, me aperta. (...) ele aperta, porque me incomoda, porque fica marcando. Às vezes eu transpiro muito. (...) então às vezes marca o suor, fica assim preso entre os seios e o sutiã e aí dá aquela marca, então eu não uso sutiã. É uma peça que não tem no meu vestuário, é sutiã. Eu até já ganhei sutiãs e tudo, né? Eu acho que eu comprei um só na minha vida. É que eu, no caso aí quando trabalhava como cabeleireira e tinha um salão que eu trabalhava, que a dona até falou que eu tinha que usar o sutiã, porque aparecia muito, né, os bicos, os mamilos do seio e tal. Aí eu peguei, fui usar, mas não consegui usar. Aí mesmo nesse trabalho eu fiquei muitos anos lá trabalhando, quase quatro anos sem usar sutiã. Eu usei uma vez só e falei que não vou usar mais, e se for o caso, eu saio do trabalho. Mas eu não saí e fiquei até quatro anos lá trabalhando sem usar sutiã. Aí em algumas roupas específicas, roupas transparentes ou roupas que são muito finas, que marca muito. Aí eu uso o tapa sexo de seio, que é só na auréola” (Jasmim).

“Não uso. Comprei já e achei horrível. Sensação de apertar assim, faltou fôlego. Tipo, o máximo que eu já usei foi um que vai pra academia, porque até então eu ia para academia, porque não tenho seio, não vai dar em nada aqui, não tem nada para marcar. (...) Usei durante uma semana, assim, usei quando era uma roupa que fosse marcar mais. Odiei. Sufoca, machuca. E eu fiquei, ‘Isso aqui é uma desgraça, ninguém deveria usar isso’. E doe pra uma amiga minha e nunca mais usei, assim, tipo. Não, não gostei da sensação” (Íris).

---

<sup>21</sup> Calças justas, confeccionadas em tecidos finos (malha e elastano), que vão da cintura à altura do tornozelo. Pensadas originalmente para a prática de exercícios físicos, mas depois adotadas para uso geral (Calasibetta; Tortora, 2003).

“(...) eu tenho o seio muito pequeno, então, quando eu compro algum sutiã de bojo, acaba que dependendo, ele sobe pra cima do seio, ou ele tem, fica aquele buraco assim, sabe? Tipo um vazio em cima assim, sabe? Então acaba que fica estranho às vezes. Também dependendo do sutiã, as alças machucam bastante, por eu ter comentado com você sobre a questão das costas serem um pouco mais largas, então ficam apertando muito. A questão aqui das gordurinhas aqui também, embaixo da axila, que também aperta bastante e acaba trazendo um volume indesejado. E esses são os problemas que eu encontro usando sutiã” (Hortênsia).

É importante diferenciar vestimentas apertadas de vestimentas compressivas. Estas últimas são projetadas para exercer uma pressão mecânica intencional sobre a superfície corporal, podendo ter diferentes finalidades, como tratamentos médicos, melhora do desempenho e recuperação na prática esportiva, ou ainda para modelar o corpo (Silva; Garcia; Oliveira, 2024; Xiong; Tao, 2018). No entanto, há um nível adequado de compressão, que varia conforme o indivíduo, a área corporal pressionada e a posição do corpo. Quando a compressão é excessiva, pode afetar não apenas o conforto, mas também a energia, produtividade e saúde do usuário (Xiong; Tao, 2018).

No caso do vestuário íntimo, uma determinada tensão do tecido proporciona a sensação de segurança e suporte, logo, para que haja conforto, uma certa pressão na pele se faz necessária (Yu, 2011). Porém, isso é diferente de uma peça simplesmente apertada, como relataram as entrevistadas. O sutiã, por exemplo, foi originalmente desenvolvido para corpos femininos cisgênero, que possuem um tronco menor. As mulheres trans e travestis, por outro lado, são pessoas que nasceram com características ósseas masculinas, e apresentam “ombros mais largos, tórax maior, clavículas mais longas e escápulas mais largas” (Iida; Guimarães, 2018, p. 185). Os achados desta pesquisa reforçam essa inadequação estrutural, uma vez que muitas entrevistadas relataram que o sutiã “não encaixa tão bem”, como expresso por Dália:

“Eu acho que é o maior inferno com qualquer peça de roupa íntima. (...) Parecia que o elástico estava me sufocando. (...) Eu acho que a forma que é feita, como se, é como se fosse apertado demais pra, é por causa que eu tenho uma caixa torácica muito larga, muito assim, expandida, então é como se realmente acho que a parte justamente dessa região, ela não encaixasse bem de forma alguma. Como justamente quando, às vezes não é nem de apertar aqui, uns que você veste simplesmente colocando assim vestido assim, horrível, por causa que tem que passar por aqui primeiro e... muito apertado”.

Desde o nascimento, os corpos biológicos masculinos e femininos apresentam diferenças antropométricas significativas. Embora o tratamento hormonal induza o desenvolvimento de características sexuais secundárias em mulheres trans e travestis, a estrutura óssea não sofre alterações substanciais (Morrison; Wilson; Mosser, 2018).

Em razão dessas diferenças, muitas entrevistadas relataram desconforto com o sutiã, especialmente na região das costas e das laterais, que corresponde à faixa torácica, isto é, o segmento abaixo da mama que circunda o tórax (Alves; Mesquita, 2022).

A maioria dos modelos disponíveis no mercado possui fecho ajustável na parte central das costas, mas, ainda que contenham diferentes níveis de aperto, essas opções muitas vezes não são suficientes para garantir um ajuste adequado. Esse ajuste depende de medidas específicas e de uma modelagem compatível com corpos trans, um aspecto que deveria ser avaliado durante o processo industrial, especialmente por meio de testes com modelos vivos, analisando-se tanto o ajuste estático quanto o dinâmico (Luk; Yu, 2016).

Além disso, como destacado por uma das entrevistadas, a taça do sutiã, que é a parte que acomoda a mama, é outro ponto de insatisfação, principalmente por causa do bojo. Este elemento consiste em uma camada extra de acolchoamento, geralmente confeccionada com espuma dublada em malha ou pré-moldado. Para um melhor ajuste, o volume mamário deve ser corretamente calculado durante o processo de gradação da modelagem, contudo, a indústria da moda tende a utilizar bojos pré-moldados com volumes já padronizados (Alves; Mesquita, 2022), com base em corpos femininos cis.

Como as mulheres cis, em geral, desenvolvem seios de tamanho maior do que as mulheres trans (Sonnenblick *et al.*, 2018), muitas entrevistadas relataram que seus seios não preenchem completamente o espaço do bojo. Esse problema resulta em *gapping* (ou “brecha”, em português), caracterizado pela sobra na parte do bojo do sutiã (Luk & Yu, 2016). A entrevistada Hortênsia descreveu essa inadequação ao afirmar que o bojo “sobe para cima do seio” e “fica aquele buraco (...) um vazio”, reforçando a falta de modelagens adaptadas às necessidades desse público.

Outros elementos do sutiã, como as alças e seus respectivos reguladores, desempenham um papel secundário no suporte às mamas, sendo sua principal função manter a peça na posição vertical adequada. Mulheres com seios grandes, por exemplo, tendem a apertar excessivamente as alças, o que pode gerar uma pressão elevada nos ombros, causando dores nessa região e no pescoço, além de contribuir para o desenvolvimento de sulcos profundos e lesões na pele (Bowles; Steele, 2013). É possível que um fenômeno semelhante ocorra entre mulheres trans e travestis que,

mesmo tendo seios menores, apertam bastante as alças para tentar reduzir o espaço vazio no bojo (*gapping*) e aproximá-lo da parede torácica. Ademais, algumas podem não saber ou não conseguir ajustar corretamente as alças. Um estudo sobre a relação entre o ajuste incorreto do sutiã e seus diferentes elementos, incluindo as alças, revelou que mulheres cisgênero com seios pequenos apresentam maior incidência de ajuste inadequado justamente nessa parte (Coltman; Steele; McGhee, 2018).

No caso das mulheres trans e travestis entrevistadas, não houve maiores detalhes sobre os modelos e tamanhos de sutiãs que utilizam. No entanto, foram solicitadas informações sobre peso e altura, essenciais para o cálculo do Índice de Massa Corporal (IMC) de cada uma. Um estudo realizado com mulheres cisgênero analisou o efeito da idade e do IMC no volume mamário, verificando que a idade não influencia significativamente esse volume, mas há uma correlação direta entre o IMC elevado e um maior volume mamário. Segundo esse estudo, mulheres com sobrepeso ou obesidade tendem a apresentar seios maiores em comparação àquelas com IMC dentro da faixa considerada normal (Coltman; Steele; McGhee, 2017). Outro estudo mais recente investigou se mulheres com diferentes faixas de IMC percebem níveis distintos de desconforto em relação a modelos específicos de sutiã e seus componentes. Apesar de os resultados terem indicado que o IMC nem sempre afeta essa percepção, nos casos em que há influência, ela ocorre predominantemente em mulheres com algum grau de obesidade (Miranda; Medola; Paschoarelli, 2023).

Assim, foi calculado o IMC das entrevistadas da presente pesquisa, utilizando a fórmula “ $IMC = \text{peso} / \text{altura}^2$ ”, conforme indicado na Portaria SCTIE/MS nº 53, que estabelece o Protocolo Clínico e Diretrizes Terapêuticas (PCDT) para sobrepeso e obesidade em adultos. O cálculo consiste na divisão do peso (em quilos) pelo quadrado da altura (em metros), resultando em um valor expresso em “ $kg/m^2$ ” (Brasil, 2020). Segundo o PCDT, a classificação do estado nutricional em adultos segue esses critérios: indivíduos com IMC inferior a 18,50 são classificados como abaixo do peso; aqueles com valores entre 18,50 e 24,99 apresentam peso adequado (eutróficos); o IMC entre 25,00 e 29,99 indica sobrepeso; e valores iguais ou superiores a 30,00 configuram obesidade.

Entre as dezesseis entrevistadas, duas apresentaram IMC correspondente à obesidade grau I, sendo que uma realiza hormonioterapia e a outra não. Outras duas participantes foram classificadas com sobrepeso, ambas sem uso de hormonioterapia. O restante do grupo, composto por doze mulheres, apresentou IMC dentro da faixa de peso adequado, embora duas delas não façam uso de hormônios. O Quadro 4 apresenta os dados das participantes referentes à estatura (em metros), peso aproximado (em quilogramas), IMC (em kg/m<sup>2</sup>), classificação do estado nutricional, realização de hormonioterapia e percepção de desconforto com o uso do sutiã.

Quadro 4 – Informações sobre os dados antropométricos aproximados, IMC, classificação do estado nutricional, realização de hormonioterapia e percepção de desconforto com o sutiã das entrevistadas.

|           | Altura (m) | Peso (kg) | IMC (kg/m <sup>2</sup> ) | Classificação    | Realiza hormonioterapia? | Sente desconforto com o sutiã? |
|-----------|------------|-----------|--------------------------|------------------|--------------------------|--------------------------------|
| Violeta   | ± 1,70     | ± 63      | 21,8                     | Adequado         | Sim                      | Não                            |
| Jasmim    | ± 1,83     | ± 80      | 23,9                     | Adequado         | Sim                      | Sim                            |
| Acácia    | ± 1,80     | ± 70      | 21,6                     | Adequado         | Sim                      | Sim                            |
| Dália     | ± 1,84     | ± 69      | 20,4                     | Adequado         | Sim                      | Sim                            |
| Margarida | ± 1,85     | ± 110     | 32,1                     | Obesidade grau I | Sim                      | Sim                            |
| Íris      | ± 1,73     | ± 93      | 31,1                     | Obesidade grau I | Não                      | Sim                            |
| Gardênia  | ± 1,73     | ± 62      | 20,7                     | Adequado         | Sim                      | Não                            |
| Orquídea  | ± 1,69     | ± 58      | 20,3                     | Adequado         | Não                      | Sim                            |
| Hortênsia | ± 1,77     | ± 70      | 22,3                     | Adequado         | Sim                      | Sim                            |
| Magnólia  | ± 1,69     | ± 53      | 18,6                     | Adequado         | Não                      | Não                            |
| Tulipa    | ± 1,72     | ± 85      | 28,7                     | Sobrepeso        | Não                      | Sim                            |
| Camélia   | ± 1,72     | ± 70      | 23,7                     | Adequado         | Sim                      | Não                            |
| Melissa   | ± 1,74     | ± 90      | 29,7                     | Sobrepeso        | Não                      | Sim                            |
| Lily      | ± 1,75     | ± 73      | 23,8                     | Adequado         | Sim                      | Não                            |
| Lis       | ± 1,86     | ± 79      | 22,8                     | Adequado         | Sim                      | Sim                            |
| Rosália   | ± 1,80     | ± 62      | 19,1                     | Adequado         | Sim                      | Sim                            |

Fonte: elaborado pela autora.

Embora a presente pesquisa tenha contado com dezesseis participantes, buscou-se analisar possíveis relações entre seus IMCs e a percepção de desconforto com o sutiã. No total, onze delas relataram incômodo ao vestirem a peça, representando a maioria do grupo. Dentre essas participantes, seis apresentaram peso adequado e realizavam hormonioterapia; uma tinha peso adequado, mas não fazia uso de hormônios; duas estavam classificadas com obesidade grau I, sendo que apenas uma delas realizava hormonioterapia; e outras duas estavam na faixa de sobrepeso, ambas sem uso de hormonioterapia. É importante ressaltar que os dados de altura e peso foram fornecidos pelas próprias entrevistadas e, portanto, são valores aproximados, pois não foram aferidos com equipamentos apropriados pela pesquisadora, por isso estão representados na tabela com o símbolo “±”.

Estudos indicam que a hormonioterapia contribui para o aumento do IMC em mulheres trans, impactando tanto a gordura corporal total quanto sua distribuição pelo corpo (Pei *et al.*, 2024; Suppakitjanusant *et al.*, 2020). Acontece que o IMC, por si só, não fornece informações sobre a distribuição da gordura corporal, tampouco considera o sexo biológico da pessoa (Rezende *et al.*, 2010). Para avaliações antropométricas mais precisas, e, no que se refere ao design de vestuário, é essencial a medição de circunferências corporais, como tórax, cintura e quadril, mas ainda há uma escassez de parâmetros antropométricos voltados especificamente para a população transgênero.

No caso das mulheres trans e travestis, suas medidas corporais não seguem os padrões de homens cisgênero nem correspondem às proporções de mulheres cisgênero (Ceolin *et al.*, 2024; Gonçalves *et al.*, 2016). Estudos sobre a percepção de conforto/desconforto ou aspectos relacionados ao sutiã concentram-se exclusivamente em mulheres cisgênero (Alves; Mesquita, 2022; Alves; Raposo; Martins, 2019; Coltman; Steele; Mcghee, 2018; Miranda; Medola; Paschoarelli, 2023; Neves; Brigatto; Paschoarelli, 2015), e, até o momento da elaboração desta Tese, não foram encontradas pesquisas que abordem a relação das mulheres transgênero com essa peça de vestuário, evidenciando uma lacuna na literatura sobre o tema.

#### 4.2.2 Modelagem, estruturas e materiais

A modelagem exerce uma função essencial na adequação do vestuário ao corpo, influenciando diretamente na experiência de vestibilidade e conforto (Maffei, Menezes, 2009; Menezes; Spaine, 2010). Para mulheres trans e travestis, esse aspecto adquire ainda mais relevância, uma vez que a indústria da moda historicamente desenvolveu peças baseadas em um padrão corporal cisnormativo, sem considerar suas especificidades antropométricas (Tullio-Pow; Yaworski; Kincaid, 2021). Os relatos das entrevistadas evidenciaram que a modelagem inadequada compromete a vestibilidade, restringe os movimentos, gera desconforto físico e pode inclusive afetar a autoimagem.

O caimento das peças destacou-se como um critério fundamental na escolha do vestuário pelas entrevistadas, pois é ele que determina como o tecido se ajusta ao corpo, influenciando diretamente na sensação de liberdade ou restrição. O caimento pode ser definido como “o grau maior ou menor de flexibilidade ou consistência que o tecido, ou a peça já confeccionada, ou ainda parte da mesma, apresenta em termos de maleabilidade” (Chataignier, 2006, p. 65). Embora seja avaliado principalmente pela experiência ao vestir uma peça de roupa, sua influência envolve a percepção visual e subjetiva do usuário, relacionada à adequação estética ao corpo. Nessa perspectiva, o caimento é também uma experiência sensorial e psicológica, que impacta a relação do indivíduo com a roupa (Liu *et al.*, 2022; Yu, 2004).

A importância do caimento foi bastante reforçada pelas entrevistadas, e, para muitas, um caimento adequado não se resume apenas a uma boa vestibilidade, mas também à possibilidade de valorizar áreas do corpo que reforçam sua identidade de gênero. Embora diferentes indivíduos possam ter experiências distintas com a mesma peça de roupa, influenciadas por fatores como preferências estéticas (Yu, 2004), para mulheres trans e travestis, essa questão vai além. A dificuldade em encontrar peças com um caimento adequado torna a busca dessas mulheres um desafio constante. Quando finalmente encontram uma que se ajusta bem ao seu corpo, essa experiência é descrita como uma “vitória”, como expressou uma das entrevistadas:

“Acho que o principal é o caimento, por causa que a principal luta é justamente achar isso, então é uma vitória quando eu acho uma peça que eu possa ir no espelho e falar ‘Nossa, isso ficou bem em mim’” (Dália).

Entre as principais preocupações, destaca-se a região dos ombros, pois, por terem nascido em corpos biologicamente masculinos, as mulheres trans e travestis apresentam ombros mais largos. Muitas delas buscam modelagens que suavizem traços masculinos, evitando peças que criem a impressão de volume na parte superior do corpo, principalmente nos ombros. Os trechos a seguir ilustram essa preocupação:

“Ultimamente, eu gosto de roupas cobrindo um pouco os ombros, né? Porque eu ainda acho meus braços ainda um pouco musculoso, porque eu pesei quase 70kg só de músculo, antes né... e eu treinava muito e tal. Aí quando eu comecei a hormonização, né, tratamento hormonal, aí foi que quebrou mais. Mas ultimamente eu ainda gosto mais de roupinhas assim, que cobre mais os ombros (...) Aí às vezes eu chego a pensar que eu ainda tenho um braço forte. Só que às vezes eu olho e não é isso tudo, né? Mas eu acho que é um pouco da disforia mesmo que acontece” (Violeta).

“(...) eu acho que raramente eu uso algo que mostra meu ombro, mostra os ossos do meu ombro. São muito protuberantes, então é impossível eu usar algo que mostre meus ombros.(...) Uma roupa desconfortável para mim é justamente uma roupa, assim, que me deixe limitada, por causa que eu não quero que ela mostre tanto meu corpo e vejam o quão largo meus ombros são e a minha caixa torácica, que é obviamente um pouco mais larga” (Dália).

“Eu acho que os ombros, os ombros. Eu sou muito ombruda. Eu só gosto de roupa que cubra meus ombros. (...) eu gosto de blusa com manga. Com mangas caidinha, com manga de lado, com uma manga solta. Mas só compro roupa com manga. Tem até umas que, tem até umas representantes minha, quando chega, ela manda algumas sem manga, eu falo ‘Não, não gosto’. Só gosto com manga” (Tulipa).

Outro detalhe de modelagem frequentemente evitado são os decotes, sobretudo os mais profundos, devido à disforia de gênero e às inseguranças relacionadas ao próprio corpo. Como mulheres trans e travestis não desenvolvem seios volumosos a partir da hormonioterapia, algumas optam por não usar decotes, seja por uma questão estética ou pelo receio de comprometer a passabilidade. A sensação de não “preencher” toda a área pode se tornar um marcador visível de identidade trans, aumentando a vulnerabilidade a situações de discriminação ou violência, conforme ilustram os relatos a seguir:

“O que eu não tenho no meu guarda-roupa é coisa com decote, coisas com decote ou coisas que mostrem muito seio, porque é algo que eu ainda não possuo em abundância ou algo que eu não tenho muito, na minha percepção. Gostaria de ter mais. É, acaba sendo mais confortável pra mim não utilizar. Não que eu não pudesse, mas é que eu opto por não usar por conta disso. O que a gente chama de disforia, né, que causa disforia. Me traz, há o incômodo de utilizar e ver que eu não tô preenchendo ali e não tá de uma maneira que eu goste, né? Porque, querendo ou não, a gente busca muito a passabilidade, né? A passabilidade cisgênera. A gente quer parecer o mais cis possível pras pessoas não identificarem, até pra não sofrer algum tipo de violência verbal ou algo pior. Então eu opto por não usa decotes. Talvez se fosse uma sociedade um pouco diferente, ou algo que eu pudesse ter certeza absoluta, que eu saísse na rua com um decote, isso meio que denunciasses o fato de eu ser trans e eu não sofresse algum preconceito, talvez eu usaria, mas no momento é algo que eu não uso de jeito nenhum” (Acácia).

“Dependendo do decote, da roupa, eu me sinto desconfortável, porque tem decotes que são muito profundos e são para mulheres que tem um seio mais avantajado, né? E eu como tenho seio menor, então, tipo assim, dependendo do decote eu acabo não comprando a peça por me sentir desconfortável e não ser algo anatômico no meu corpo” (Hortênsia).

“Geralmente eu costumo utilizar roupas com uma modelagem mais oversized ou com uma modelagem que não fique tão justa ao meu corpo. Mas é óbvio que eu também tenho minhas peças justas e costumo usar também. Mas a minha preferência é a modelagem mais ampla. (...) Por algumas disforias, né? Também e problemas que tenho de autoestima. Querendo ou não eu tenho, tipo assim, a sociedade impõe um padrão na nossa cabeça, um padrão cisgênero e aonde que nós mulheres trans ficam? Eu falando por mim mesma, na verdade, a gente enxerga esse padrão como o que a gente quer alcançar, mas uma mulher trans nunca vai ser uma mulher cis e uma mulher cis nunca vai ser uma mulher trans. Cada uma tem suas particularidades e suas personalidades, então eu nunca vou conseguir alcançar esse padrão. Mas eu acabo me frustrando porque, querendo ou não, é igual eu falei, a sociedade impõe que a gente seja uma mulher totalmente feminina, uma mulher que usa roupas que valorizem nossas curvas, que, entendeu, né? Que seja mais feminina possível. E querendo ou não, tipo assim, a gente às vezes não se sente bem utilizando as roupas que foram feitas para, pensadas e modeladas para mulheres cisgênero, né? Porque a gente tem as diferenças de corpos, né?” (Hortênsia).

Dessa forma, utilizam a modelagem de forma estratégica para disfarçar o tamanho reduzido dos seios, optando por blusas mais amplas ou peças *oversized*<sup>22</sup>. Como evitam decotes, preferem blusas *cropped*<sup>23</sup>, com tecidos de caimento mais fluido, que ajudam a criar a ilusão de maior volume na região do tórax. Elas também recorrem a roupas *oversized* para equilibrar as proporções corporais, como, por exemplo, em relação ao quadril mais estreito, uma característica que, segundo elas, se torna mais perceptível devido à modelagem tradicionalmente desenvolvida para corpos de mulheres cisgênero. Os relatos a seguir mostram como essas questões se manifestam:

“As roupas mais largas, por exemplo. Eu não uso top, eu não uso cropped colados justamente porque eu não gosto de evidenciar a região do seio. Então é, de certa forma camuflar, é usar camisas mais largas, cropped largos, que eu sei que eles vão ficar do jeito que eu gosto e não vou ter isso muito, não vou me sentir desconfortável de uma certa forma. Então, geralmente são coisas mais larguinhas” (Acácia).

“(...) eu costumo comprar roupas que tenham uma modelagem mais larga, por eu não tenho uma cintura fina, por eu não ter um quadril grande, por eu não ter uma bunda grande, por eu não ter curvas totalmente femininas, eu acabo optando por roupas que tenham uma modelagem mais larga, então acaba escondendo, né? Que a gente não tem uma cintura fina, um bundão ou uma pernona, entendeu?” (Hortênsia).

<sup>22</sup> Peças de roupas maiores do que o tamanho padrão, projetadas intencionalmente para serem propositalmente mais amplas e soltas. Disponível em: <https://blog.insiderstore.com.br/conheca-o-estilo-oversized-e-aprenda-a-criar-looks/>. Acesso em: 10 dez. 2024.

<sup>23</sup> Esse termo em inglês significa cortado ou recortado. Uma peça nesse modelo é mais curta quando comparada ao corte de blusas tradicionais. Disponível em: <https://amaro.com/blogs/inspire/como-usar-cropped?srltid=AfmBOorHsEUAccBADxg9vmZZTB2rjBnH752Ch9LrSZBVn3bGzDMTYLVO>. Acesso em: 11 dez. 2024.

Nesse contexto, a preferência por calças com modelagem *oversized* também foi ressaltada, pois nem todas as calças são consideradas problemáticas. Enquanto peças justas, como as *leggings*, são geralmente evitadas por marcarem a região genital, o modelo chamado *wide leg*<sup>24</sup>, por possuir um corte mais amplo nas pernas e não realçar essa região, é adotado como uma solução viável para “compor o look” de forma confortável e alinhada à identidade de gênero. O trecho a seguir ilustra essa escolha:

“(...) os modelos que eu uso são modelos mais folgados, então eu sinto mais conforto estético por tá usando uma calça mais folgada. São as wide legs, as balões, se eu não me engano, o nome de alguma. Então elas me trazem um conforto físico, né? Não sei se seria essa palavra ou se essa palavra é muito forte, mas elas me trazem um conforto físico melhor. Assim, não há necessidade de eu aquendar, por exemplo” (Margarida).

A modelagem do vestuário íntimo também se revelou uma questão sensível para as entrevistadas, como já mencionado na seção anterior. As calcinhas tradicionais, desenvolvidas para mulheres cisgênero, tem uma modelagem menor, que não atendem adequadamente às necessidades das mulheres trans e travestis. Mesmo aquelas criadas especificamente para esse público, assim como as calcinhas de biquínis, ainda apresentam limitações. As falas a seguir demonstram essas dificuldades na prática:

“Mas a questão de calcinha mesmo é tudo sempre muito pequeno, muito fino, muito desconfortável. Já olho e eu já sei que não vai servir. Chego numa loja e falo ‘tem calcinhas maiores?’. É, que sejam maiores, é, como posso explicar, nessa parte da frente, de trás? Calcinha fio dental, por exemplo, é algo muito desconfortável, pelo menos pra mim” (Acácia).

“Bom, é uma modelagem bem melhor, né? Mais assim, adaptada, né, pra nós. Por ter um fundilho mais quadrado, um material com bastante elastano pra segurar bem, pra não ter perigo de escapar. Mas ainda assim, eu sinto muita dor, né? Porque, querendo ou não, o ato de aquendar, você pega o seu órgão e põe para trás, né? Então acaba que às vezes aperta demais, então acaba me machucando. Isso deveriam ser soluções buscadas mais futuramente, né? Mas elas resolvem os problemas que uma calcinha convencional não resolveria, entendeu? (...) E a questão da modelagem também, porque é igual eu falei pra você, as calcinhas convencionais, elas não são preparadas para quem tem o órgão genital pênis, né? Ela é pra quem tem o órgão genital da vagina. Então elas são modeladas e projetadas pra corpos cisgêneros e não pra corpos transgêneros” (Hortênsia).

“A única coisa que muda é porque é no beachwear já se usa esse tecido com bastante elastano, né? Que é poliamida, enfim. Então costuma segurar mais. Porque não sei se você já reparou essa diferença, mas uma calcinha de algodão e um biquíni, você sente que ele fica mais seguro, ele fica mais parado no lugarzinho. Então, os problemas do beachwear são menores do que o do underwear, da lingerie, entendeu? Por eles já trabalharem com esse tecido. (...) Existem essas calcinhas com materiais de beachwear, de moda praia, que foi uma solução que mulheres encontraram para adaptar as calcinhas convencionais pra mulheres trans, por justamente ter

---

<sup>24</sup> Em tradução literal, *wide leg* significa “perna larga”. Esse modelo tem caimento mais largo, seguindo até a barra de calça. Disponível em: <https://blog.cea.com.br/calca-wide-leg-o-que-e-como-usar/>. Acesso em: 30 jan. 2024.

essa compressão maior, né, essa elasticidade maior, fazendo com que tudo fique no lugar, mas também tem o problema da respirabilidade, entendeu? Foi uma solução encontrada, mas não é uma solução totalmente eficaz” (Hortênsia).

“(...) eu sinto meio termo com relação à calcinha, de que eu acho que tem as calcinhas pensadas, é isso, pra quem não tem um pau, que é um, que é isso, tipo, é uma calcinha ‘x’. E aí tem uma calcinha que é feita para quem tem pau, no caso pras meninas trans, que é tipo necessariamente a de aquendar, que serve para esconder ele. E eu queria um meio termo, que é tipo uma calcinha que eu pudesse usar, não porque eu quero esconder tipo a minha neça, tipo, só quero estar confortável, sabe? Porque é isso, eu não preciso esconder nada. Tipo, eu tô de calça, tipo, sei lá, eu tô indo na padaria, eu não quero dar um grande close, eu não tô usando um vestido super apertado, tipo, só quero ir no mercado ali, sabe, eu só quero ir trabalhar. (...) E aí é isso. Tipo, as calcinhas feitas pra mulher cis não tão contando com um volume a mais. Tipo, e aí, vai ficar faltando pano, né? Então, eu queria poder pelo menos fazer isso nas minhas calcinhas de pensar, ‘tá, onde tá faltando pano, onde eu preciso colocar’” (Rosália).

De acordo com Grave (2004), as modelagens de calcinhas devem respeitar a região da pelve e genitais, sendo necessário delinear os eixos que permitem a movimentação dessa região corporal sem pressão excessiva. O estudo de Neves, Brigatto e Paschoarelli (2015) analisou a usabilidade, o conforto e a ergonomia das peças de moda íntima, considerando tanto o vestuário feminino quanto o masculino, ambos voltados para pessoas cisgênero. No que se refere às calcinhas, o estudo destacou a modelagem como um dos fatores essenciais na escolha das peças e, embora modelos menores tenham sido bem avaliados, foram também considerados inadequados para diferentes tipos de corpos.

Os resultados desse estudo (*ibidem*) dialogam com os achados da presente pesquisa, entretanto, para mulheres trans e travestis, a questão da modelagem das calcinhas apresenta desafios extras. A modelagem desenvolvida para mulheres cis não leva em conta o uso prolongado da peça aliado à necessidade de sustentação e firmeza exigida pela aquendação. Como muitas mulheres trans e travestis praticam essa técnica, é essencial o uso de tecidos respiráveis, uma vez que a aquendação eleva a temperatura na região, podendo causar não apenas desconforto térmico, mas também irritação, infecções e efeitos adversos à saúde (Kidd *et al.*, 2024; Manafi *et al.*, 2024; Subedi *et al.*, 2024).

O estudo de Lee, Yip e Yick (2022) analisou os fatores que influenciam o conforto térmico e sensorial das roupas íntimas para o verão. Seus resultados indicaram que o conforto dessas peças é afetado, entre outros aspectos, pela estrutura e espessura do tecido, e que materiais mais leves, respiráveis e de alta absorção de

umidade são essenciais para proporcionar maior sensação de bem-estar. Esses achados vão ao encontro das necessidades das mulheres trans e travestis, em especial quanto ao desenvolvimento de calcinhas que possibilitem a prática da aquecimento de forma segura e confortável. Como apontado por uma das entrevistadas, muitas das peças disponíveis no mercado utilizam tecidos elásticos, porém com baixa respirabilidade, o que pode elevar a temperatura da região íntima e causar desconforto.

Além disso, é fundamental considerar o clima brasileiro, que, apesar de sua diversidade regional, é predominantemente quente na maior parte do território (IBGEeduca, 2025). Esse fator reforça a necessidade de tecidos que promovam ventilação e absorção da umidade, garantindo maior conforto térmico no dia a dia. Quando se trata de moda íntima, tanto a modelagem quanto a escolha dos materiais são aspectos essenciais para o bem-estar do usuário (Yip, 2016).

Outro ponto relevante, quando se fala de modelagem do vestuário, é a influência das proporções corporais no ajuste das peças e na forma como são percebidas esteticamente. As mulheres trans e travestis, em geral, possuem maior estatura, o que faz com que muitas blusas femininas, por exemplo, fiquem curtas ou não se ajustem adequadamente ao corpo. Como demonstrado no Quadro 4, a altura média das participantes da presente pesquisa é 1,76m, enquanto a média das mulheres cis brasileiras é de 1,62m (Cursino, 2020). Essa discrepância dificulta a escolha e a compra de roupas, uma vez que as peças femininas disponíveis no mercado são modeladas com base na estatura média de mulheres cis. Como resultado, muitas mulheres trans e travestis enfrentam problemas no comprimento das blusas. Os relatos a seguir ilustram essa dificuldade:

“E eu sou uma mulher alta, tenho 1,80 de altura. Então, assim, é a questão das proporções, né? Medida do corpo, às vezes não batem porque a indústria da moda ela, cria-se um padrão, um modelo de corpo, que vai ser aquele modelo. Então, por exemplo, às vezes a gente vê pessoas com, principalmente no caso de mulheres trans, de ter o tronco maior, ser mais alto, as pernas mais compridas e às vezes não ter tanto quadril, mas tem a perna mais comprida. Então tipo, encontrar um modelo de roupa ali, que fique bom, que fique agradável, feminino e que sirva. Chegar lá no dia e experimentar várias calças, porque as roupas que tem lá, na verdade, são várias roupas. Eles simplesmente encomendam de vários tamanhos diferentes, mas todos seguindo um padrãozinho, daquela garota baixa, às vezes com um pouco mais de seio, um pouco mais de quadril e não acontece, na verdade, que, sei lá, 70%, tô chutando assim, das mulheres trans vão ter, que transicionaram tardiamente, na questão hormonal, tô falando das meninas que tomam hormônio e que não vão se enquadrar nisso, né? Nem às vezes passando depois da hormonização, não vão se enquadrar porque tem a questão da estrutura óssea, corporal, então tipo, não vai mudar (...) Então, principalmente no uniforme, eu tive muita

dificuldade pra achar. A camiseta, eu consegui. A calça ficou curta. Eu uso ela bem abaixo do cós dela, bem abaixo. E eu passei a usar uma calça flare, porque lá a gente pode usar ou uma calça social preta ou uma flare. Ela era minha já. Então eu peguei uma calça flare preta e uso ela. E a camisa, como é uma camisa social assim, então dá pra mascarar um pouco. Ela ficou um pouco curta, mas ainda deu pra usar. Agora a questão da calça foi muito dificultoso, foi bem constrangedor pra poder achar uma que realmente ficasse boa, né, aceitável” (Acácia).

“Eu acho que de dificuldade eu sinto muito pra peças que tem a ver com minhas dimensões, sabe? Tipo, às vezes ela funciona... Eu sou bem alta e bem magra, e às vezes ela dá certo na cintura e não dá certo no comprimento. E aí eu fico, “Ah, mas tudo bem, ela agora é uma  $\frac{3}{4}$ ”. Tipo, ela é um pouquinho mais levantada, o estilo dela, tipo, e aí eu vou utilizando de tipo do estilo para justificar alguma coisa que não tá certa, sabe? Ou uma blusa, eu tenho muitas assim, na verdade, que não acontecia com as roupas antes da transição inclusive. A gente tem muitas roupas que não, não dão certo assim. Ela é uma roupa que eu gosto muito, que eu uso à beça, mas que não necessariamente encaixa perfeitamente no meu corpo. Tipo, eu tenho uma camisa de manga longa, que eu gosto muito, que ela não chega nem no meu pulso e na parte do meio, não chega, tipo, não passa muito no umbigo, eu fico esticando ela. E uso ela sempre como uma peça para usar embaixo de outra. Mas eu gosto muito dela e ela, nesse caso, veio de doação. Então, tipo, é isso. Esse lugar da dimensão, principalmente também, e eu sinto isso, na verdade, com quase todas as peças” (Rosália).

No caso das mulheres trans e travestis, características como a largura dos ombros e a circunferência do tórax, por exemplo, não se encaixam nas tabelas convencionais de moda feminina. Consequentemente, as proporções corporais são afetadas, uma vez que a relação entre as medidas é diferente, pois os ombros tendem a ser proporcionalmente mais largos em relação ao quadril (Fighera, 2018; Morrison; Wilson; Mosser, 2018), impactando o caimento de determinadas peças. Como essas roupas são modeladas com base nas medidas de mulheres cis, o ajuste fica inadequado. Os relatos das entrevistadas indicam que a modelagem tradicional não consegue atender de forma plena às suas necessidades, por conta da ausência de parâmetros antropométricos específicos no design de vestuário.

A ausência de bolsos funcionais em calças femininas é outro aspecto da modelagem que gera insatisfação entre mulheres trans e travestis. Algumas entrevistadas questionaram a presença de bolsos falsos, apontando para o fato de que essa falta de bolsos reforça estereótipos de gênero, ao presumir que mulheres sempre carregam bolsas. Para aquelas que fizeram sua transição em uma fase mais tardia, a questão torna-se ainda mais significativa, pois foram socializadas enquanto homens e estavam habituadas ao uso de bolsos verdadeiros em calças e bermudas masculinas. Essa funcionalidade continua sendo essencial em seu cotidiano, revelando como um

detalhe aparentemente simples pode impactar diretamente a experiência da usuária. Nos trechos a seguir, as entrevistadas evidenciam essa percepção:

“Menina, eu acho que o que me atrai mais é bolso, né? Eu vejo bastante importância no bolso. Calça feminina não costuma ter. (...) Ah, guarda celular ou chave. Você vai numa loja de roupa, muito difícil achar uma calça feminina que tenha bolso ou aqueles bolsos falso, né? É só uma costura” (Lis).

“Que me incomoda? Ah, esse negócio que eu mencionei de roupas femininas não terem bolso, de ter bolso falso, é um detalhe extremamente irritante. Que terror! Quem inventou isso? Sério, certamente foi um homem” (Rosália).

Em seu estudo, Gaillard e Visser (2022) analisaram, a partir de uma perspectiva filosófica, como o design do vestuário influencia a agência, identidade e liberdade individual, com foco na ausência de bolsos em vestimentas femininas. Os autores argumentam que o vestuário não se limita à funcionalidade ou à estética, mas funciona como uma ferramenta que pode tanto reforçar quanto desafiar desigualdades de gênero. A ausência de bolsos funcionais nas roupas femininas é um exemplo de como a moda pode restringir a agência e a autonomia das mulheres, consolidando a dependência de acessórios, como as bolsas, e reforçando normas de feminilidade.

Essas reflexões estão em sintonia com os achados da presente pesquisa, uma vez que a insatisfação das entrevistadas com a falta de bolsos verdadeiros nas calças femininas demonstrou como esse elemento reforça um estereótipo de gênero excludente. A ausência de bolsos não é apenas um detalhe técnico, mas sim um reflexo de um sistema que prioriza a estética em detrimento da funcionalidade, mantendo barreiras estruturais de gênero dentro do vestuário. Para mulheres trans e travestis, essas barreiras se tornam ainda mais evidentes, pois, além de enfrentarem dificuldades na modelagem das roupas, também precisam lidar com a perda de um recurso prático, que antes fazia parte de suas rotinas.

A falta de bolsos também pode ser interpretada como mais uma camada de exclusão dentro da moda feminina, já que não considera as proporções corporais das mulheres trans e travestis. Assim como as roupas femininas são modeladas para corpos cisgênero e não acomodam adequadamente suas medidas, a ausência de bolsos reforça uma noção de feminilidade baseada em um padrão específico, que não contempla suas necessidades e realidades. Para além das questões estruturais, há um

fator estético e psicológico envolvido, pois muitas mulheres trans e travestis buscam modelagens que valorizem o quadril.

Ao contrário das mulheres cis, cuja gordura corporal tende a se concentrar nessa região, elas possuem uma estrutura óssea distinta e uma distribuição de gordura diferente, resultando em um volume de quadril menor (Angus *et al.*, 2021; Fighera, 2018; Tebbens *et al.*, 2021). Assim, o vestuário torna-se uma ferramenta essencial na criação de uma silhueta mais próxima daquela desejada. A presença de bolsos funcionais pode desempenhar um papel estratégico nesse processo, pois, dependendo da forma como são modelados, considerando o tecido do forro, costuras e estrutura, podem criar a ilusão visual de um quadril mais avantajado, conferindo uma aparência mais curvilínea e estereotipicamente feminina (Queiroz; Otta, 2000).

O Quadro 5, a seguir, apresenta uma síntese dos principais achados relacionados à primeira categoria, “Interação corpo-vestuário”, e suas respectivas subcategorias.

Quadro 5 – Categoria “Interação corpo-vestuário” e suas subcategorias.

| Subcategorias                     | Interação corpo-vestuário                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                             |
|-----------------------------------|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| Vestibilidade e ergonomia         | <ul style="list-style-type: none"> <li>• O vestuário, como extensão do corpo, deve respeitar a diversidade de formatos corporais, sobretudo das mulheres trans e travestis;</li> <li>• A ergonomia no vestuário é essencial para evitar restrições de movimento e desconfortos físicos, como aperto excessivo e marcações indesejadas;</li> <li>• Saias e vestidos são as peças preferidas por eliminarem a necessidade da aquecimento, diminuindo a pressão na região genital;</li> <li>• O uso de múltiplas camadas de roupas, como calcinhas sobrepostas, é uma solução improvisada para garantir maior segurança e controle da vestibilidade;</li> <li>• O desconforto com sutiãs se dá pela inadequação das medidas e modelagem, já que os modelos tradicionais não contemplam as proporções corporais das mulheres trans e travestis.</li> </ul>                                                                                                                                                                                                                |
| Modelagem, estruturas e materiais | <ul style="list-style-type: none"> <li>• A indústria da moda segue um padrão cisnormativo, desconsiderando proporções corporais específicas, como as das mulheres trans e travestis;</li> <li>• A modelagem inadequada compromete o caimento das peças, afetando tanto a estética quanto o conforto;</li> <li>• O caimento das roupas influencia diretamente na percepção de feminilidade e autoimagem das usuárias;</li> <li>• Há uma busca por modelagens que disfarçam ombros largos e suavizem traços associados ao corpo masculino;</li> <li>• Roupas <i>oversized</i> e peças de modelagem ampla são estratégias comuns para minimizar disforias corporais e equilibrar as proporções;</li> <li>• A estrutura das calcinhas tradicionais não acomoda adequadamente a genitália das mulheres trans e travestis, resultando no uso de roupas apertadas ou adaptadas para poder gerar a compressão desejada;</li> <li>• A ausência de bolsos funcionais em calças femininas reforça estereótipos de gênero e exclui necessidades práticas das usuárias.</li> </ul> |

Fonte: elaborado pela autora.

### 4.3 Vivências psicossociais no vestuário

Para mulheres trans e travestis, o vestuário é um elemento essencial na afirmação da identidade e na interação social. Entretanto, se, por um lado, as roupas podem ser um meio de expressão e construção da autoestima, por outro, as limitações impostas pelo setor de moda e pelos padrões cisnormativos dificultam esse processo, exigindo constantes adaptações.

A relação com o vestuário não se dá somente no nível individual, mas também é influenciado pelas normas sociais, que podem afetar a segurança, a confiança e o bem-estar emocional. A aceitação ou rejeição social pode impactar nas escolhas de vestuário das mulheres trans e travestis, o que faz com que elas busquem se moldar e se vestir com o propósito de evitar exposição, discriminação ou violência.

Nesta categoria, são analisados os aspectos psicológicos e sociais dessa relação a partir de dois eixos centrais: "Conforto e identidade de gênero", que discute a influência do vestuário na euforia/disforia de gênero, na construção da feminilidade e na afirmação da identidade; e "A dimensão social", que aborda as expectativas sociais quanto à aparência, a passabilidade e os impactos da vigilância social no ato de vestir.

#### **4.3.1 Conforto e identidade de gênero**

A experiência do conforto no vestuário está ligada não apenas à forma como a peça se ajusta ao corpo, mas também à percepção subjetiva da usuária ao vesti-la (Broega; Cunha; Cabeço-Silva, 2019; Li, 2001). Durante as entrevistas, foi recorrente a menção ao impacto das roupas na disforia e/ou euforia de gênero, o que evidenciou a importância do conforto psicológico na relação das mulheres trans e travestis com o vestuário. As entrevistadas destacaram que roupas bem ajustadas, que realçam características femininas ou minimizem traços indesejados, por exemplo, proporcionam uma maior sensação de segurança e pertencimento.

Esses sentimentos dialogam com o conceito de euforia de gênero, em que a validação da identidade ocorre tanto pela autoimagem quanto pela maneira como o corpo é apresentado ao mundo (Austin; Papciak; Lovins, 2022). Nessa perspectiva, o vestuário não apenas reflete, mas também fortalece a relação dessas mulheres com a respectiva autoimagem, funcionando como um intermediário na construção da feminilidade. Os trechos a seguir ilustram essas questões:

“Eu acho que é por causa que agora que eu acho que tá usando saia, me dá uma euforia de gênero maior, de finalmente estou podendo usar uma saia, um conforto maior. (...) Eu acho que a sensação de empoderamento, de você ter essa euforia de gênero, de você tá tendo sua expressão de gênero sendo validada. Eu acho muito bom por causa que, assim, que a gente nasce, especialmente eu, que vem de uma família conservadora, a principal batalha passa por ter uma liberdade de usar algo simples, igual um batom, uma saia. Então é algo, assim, acho que é a melhor coisa é você sair usando a roupa que você quer” (Dália).

“É muito difícil encontrar algo que eu sinto confortável com meus seios, então acabo pegando um cropped. Dependendo do milagre com algum que sirva e que, dependendo do tamanho dele, acaba dando uma realçada nos meus seios, que eles não são tão muito, muito grandes e me dá uma euforia de gênero bem legal” (Dália).

A euforia de gênero ocorre quando a identidade de gênero de uma pessoa é validada, tanto internamente quanto externamente, gerando sentimentos de alegria,

satisfação, alívio e pertencimento. Essa validação contribui significativamente para a melhoria da qualidade de vida, promovendo um maior bem-estar emocional e psicológico (*ibidem*). A relação entre a afirmação da identidade e o bem-estar emocional indicam a importância das roupas não somente num plano físico, mas também proporcionam um senso profundo de autenticidade e pertencimento para as mulheres trans e travestis, permitindo que essas mulheres se enxerguem e sejam vistas da maneira como se reconhecem (Carneiro, 2019; Strübel; Goswami, 2022).

No plano individual, a euforia de gênero pode surgir ao se olhar no espelho e ver um reflexo condizente com sua identidade, fortalecendo a autoimagem e a confiança. Já no contexto social, a validação pode ocorrer por meio de interações cotidianas, como receber um elogio sobre uma peça de roupa, ser tratada pelos pronomes corretos, ou simplesmente não ter sua identidade questionada ao se vestir de determinada maneira (Austin; Papciak; Lovins, 2022). Uma das entrevistadas relatou que opta por vestidos não apenas porque se sente bem consigo mesma ao usá-los, mas também porque essa escolha influencia a forma como é percebida pelos outros, reduzindo inclusive o risco de errarem seus pronomes:

“Meu guarda roupa é majoritariamente exclusivo de vestidos. Eu adoro usar vestidos. (...) mas também é uma estratégia para que eu seja lida na sociedade como feminina mesmo, como mulher, para não trocar e não errar o meu gênero e os meus pronomes. (...) Então, eu mesma opto pelos vestidos, por eu gostar. Eu gosto realmente de vestido, eu acho muito prático, uma peça única e tal e tudo, e você fica muito bem dependendo do caimento e do corte, você fica muito bem vestida, né? Marcando ali suas curvas, seu corpo e tal. Deixando seu corpo mais bonito, valorizando o que você quer que valorize, escondendo o que você quer que esconda, como você perguntou também no início. E aí, é, por essa questão também aí da identidade, né, por ser uma mulher travesti, e muitas vezes as pessoas lerem a gente como masculino, eu acabo tendo muito mais vestidos no meu guarda-roupa do que calças” (Jasmim).

A experiência da euforia de gênero pode ser desencadeada por situações aparentemente simples, como encontrar uma roupa que vista bem e valorize aspectos do corpo que a pessoa deseja realçar. Quando as peças possuem um bom caimento e uma modelagem adequada, elas podem fortalecer essa conexão entre o corpo e a identidade de gênero. Por outro lado, quando o vestuário não atende às expectativas corporais, o efeito pode ser inverso, gerando desconforto emocional e intensificando a disforia de gênero. A disforia, caracterizada pelo sofrimento causado da incongruência entre a identidade de gênero e as características corporais percebidas (Longaray; Ribeiro, 2016; Teti *et al.*, 2019), pode ser agravada por peças de roupas que

evidenciem aspectos indesejados, como ombros largos, quadris estreitos ou a marcação da região genital. Assim, em vez de promoverem conforto e bem-estar, as roupas com modelagens inadequadas tornam-se fontes de insegurança e ansiedade, impactando na saúde mental das mulheres trans e travestis.

Muitas entrevistadas relataram evitar peças muito justas ou que exponham características que lhes causem disforia, como é o caso dos ombros, ou ainda decotes profundos, priorizando modelagens que favoreçam uma silhueta mais alinhada com sua identidade feminina. Um estudo sobre satisfação corporal e aparência física em pessoas com disforia de gênero evidenciou que a insatisfação com os seios é um dos principais fatores de desconforto para mulheres trans, ao lado de características como rosto e cabelo (van de Grift *et al.*, 2016). Esses achados conversam com os relatos feitos pelas entrevistadas desta pesquisa, pois a presença ou a ausência de características sexuais secundárias, como o tamanho dos seios, desempenha um papel central na construção de sua identidade e autoestima.

Essa realidade também influencia as escolhas de vestuário, levando muitas a evitar os decotes profundos e outros elementos de modelagem que possam aumentar o desconforto. Além da questão da autoimagem, há também o receio de *misgendering*<sup>25</sup>, ou seja, de a pessoa ser identificada de forma equivocada quanto ao gênero, e da exposição à transfobia. Por esse motivo, algumas relataram que evitam camisetas básicas, cuja modelagem em formato de “T” tende a apresentar um corte simples e reto, reforçando uma estética masculina. Da mesma forma, detalhes como a gola careca e gola em “V” também são frequentemente relacionados ao vestuário masculino, e podem resultar em leituras equivocadas de gênero, gerando desconforto psicológico e insegurança. A seguir, os relatos das entrevistadas ilustram essas percepções:

“A gola em V é o que é mais usado, né, como roupa masculina. O pessoal já bate a cara e aí já fica, ‘é menino ou menina? Vou chamar de ele ou de ela? Vou chamar de ele’, por causa desses detalhes assim. (...) Tem uma camiseta que ela nem é gola em V, né? A gola redondinha assim igual você tá usando mesmo. (...) Ou a pessoa chamar no masculino mesmo, por, sei lá, aparecer muito o ombro. Ressalta muito o ombro largo” (Lis).

“Então assim, eu tenho os ombros mais largos, né? Eu não sei se dá para ver aí, mas aí eu tenho os ombros mais largos. Então, dependendo da roupa, principalmente de camiseta, né? Essas

---

<sup>25</sup> Termo em inglês que descreve o ato de usar pronomes ou expressões de gênero inadequados ao se referir a alguém, que não correspondem à identidade de gênero com a qual a pessoa se reconhece (Ansara; Hegarty, 2014).

coisas, me gera um certo desconforto, porque acaba que acontece a confusão de gênero, que a gente chama de 'misgendering', e as pessoas fazem. Então, tipo assim, esses dias mesmo eu escutei no restaurante, por causa da minha vestimenta né, que eu tava com uma camiseta, se eu era homem ou era mulher. Então eu escutei isso, sabe? Então, assim, eu não sei se com outras mulheres trans também acontece, mas é um tipo de vestuário que eu evito, né, por causa disso, sabe? (...) Eu evito, né? Eu evito que, por exemplo, assim, a questão de camiseta, né? Camiseta, eu evito camiseta porque realmente destaca e acaba que, assim, eu li nas minhas experiências assim, que toda vez que eu saio com alguma camiseta, entendeu? Se ela for preta então, lascou. Porque tipo assim eu saio, a pessoa fica meio desconfiada, você vê que a pessoa tem, né? Por mais que de repente todas as outras características joguem pro feminino, digamos assim, mas tem aquele ponto que joga pro masculino, que acaba aqui, no meu caso, particularmente, é um item indesejado" (Gardênia).

Assim como em outros campos sociais, a moda carrega uma herança cultural enraizada em normas binárias de gênero, historicamente privilegiando o masculino em detrimento do feminino. O vestuário tem sido utilizado como uma ferramenta de reforço dessas normas, havendo uma separação rígida entre "roupas femininas" e "roupas masculinas". Como as roupas possuem cargas simbólicas significativas, perpetuam-se associações exclusivas entre determinados elementos a um gênero específico. Nesse sentido, observa-se que itens como saias e gravatas, ou mesmo cores como rosa e azul, continuam sendo lidos socialmente dentro de um sistema que impõe um significado de gênero às vestimentas (Zambrini, 2016).

Essa construção cultural se reproduz na modelagem das roupas e na forma como elas são percebidas socialmente. Por isso, a ideia de uma suposta neutralidade no design é questionada, pois, na moda, assim como ocorre em outras áreas do design, os produtos carregam valores históricos e culturais que impossibilitam uma real isenção de gênero. Embora a indústria tenha expandido sua oferta para incluir peças ditas "sem gênero" e voltadas "para todos", esses produtos ainda reproduzem normas binárias, mantendo cortes, caimentos e estruturas que reforçam um ideal cisnormativo. Em vez de desafiar padrões, isso pode reforçar uma visão idealizada e abstrata de neutralidade, desconsiderando as desigualdades estruturais que moldam o vestuário e a identidade de gênero (*ibidem*).

Essa realidade explica por que mulheres trans e travestis evitam determinadas modelagens ou detalhes específicos nas roupas, pois compreendem que o vestuário carrega códigos culturais e é um marcador social de gênero. Detalhes como a gola careca em uma camiseta básica, por exemplo, são amplamente associados ao vestuário masculino e podem gerar desconforto psicológico, além de episódios de

*misgendering*, nos quais a identidade de gênero é questionada ou negada. Esse receio faz com que até mesmo a escolha entre vestir uma calça ou um vestido seja repensada e permeada por reflexões, em como a pessoa se sente e como será percebida socialmente, como ilustrado no depoimento da entrevistada a seguir:

“Eu, assim, eu mesma não me sinto constrangida, mas me constrange. Eu não me sinto constrangida de tá de calça, por exemplo, mas me constrange por essa questão da troca de prenome, das pessoas me confundirem mais ainda, né, e não respeitar a minha identidade, não me chamar no feminino, por exemplo. E aí vem pra chamar no masculino, isso aí me constrange muito. Eu fico muito constrangida, né, em relação a isso. Mas não é por conta da peça em si, comigo mesma, mas para com o outro, que me vê e me lê de outra forma” (Jasmim).

Depoimentos como o dessa participante, a Jasmim, que evita calças, como também o daquela que evita camisetas, a entrevistada Gardênia, evidenciam a questão sobre como as roupas interferem para que a feminilidade delas seja colocada em dúvida. Em ambas as falas, fica evidente que o vestuário pode se tornar um fator de insegurança, podendo tanto reafirmar a identidade de gênero quanto tornar-se um elemento de vulnerabilidade, especialmente em contextos onde a feminilidade é questionada ou invalidada.

Outra entrevistada, a Orquídea, mencionou que não sente desconforto com seu órgão genital e, por essa razão, não pratica a aquendação. Como ela mesma afirmou, “(...) eu não entro nessa luta com meu corpo”. No entanto, reconheceu que, por não recorrer a essa prática, precisa ser mais criteriosa na escolha de suas roupas, especialmente ao selecionar calças que minimizem a marcação da região genital. De maneira semelhante, a entrevistada Lis afirmou que se conforma em ser “uma mulher com pênis”, e relatou que utiliza calcinhas convencionais, destinadas a mulheres cisgênero. Porém, assim como Orquídea, adota estratégias para mascarar o volume, optando, na maioria das vezes, por vestidos. Essas escolhas revelam que, para além do conforto físico, a busca por peças que minimizem determinadas características corporais está atrelada a um conforto psicossocial. Evitar a exposição da região genital é uma estratégia de segurança emocional e validação social, afinal, o vestuário exerce um papel essencial na comunicação da identidade, tanto para a própria usuária quanto para o olhar externo (Campos; Cidreira, 2018; Carneiro, 2019; Lanz, 2014).

O impacto psicológico do vestuário está diretamente ligado à possibilidade de expressão da feminilidade, uma vez que as roupas permitem criar uma silhueta

tradicionalmente associada ao corpo feminino (Carneiro, 2019). Para muitas mulheres trans e travestis, que cresceram sem acesso a roupas femininas, a transição se torna um momento de descoberta e experimentação, em que o vestuário desempenha um papel muito importante na ressignificação do próprio corpo (Longaray; Ribeiro, 2016). Algumas entrevistadas relataram que, após iniciarem a terapia hormonal feminizante, perceberam mudanças corporais que reforçaram características associadas à feminilidade, impactando na seleção das roupas. A redistribuição da gordura corporal, por exemplo, possibilitou realçar partes do corpo com as quais se sentem mais confortáveis e confiantes. Os trechos a seguir ilustram essas vivências:

“No meu início de transição, meu guarda-roupa era muito fechado, naquela coisa mais larga. Até porque rola muita mudança dentro de você, principalmente hormonal, né? Você ainda não tem as características que você queria e que a hormonização traz. Então aquelas curvas que a gente tanto deseja, vestido mais colado ou a questão de usar às vezes uma calça ou alguma coisa do tipo. Tanto que antes eu não tinha, eu achava que eu não tinha corpo suficiente. Eu botava uma meia-calça, uma leggings por baixo da meia-calça pra ver se dava um pouco mais de corpo, mais de volume” (Acácia).

“É justamente quando eu, quando eu falo que eu quero apertar mais, é dar uma ajustada na questão do quadril, eu gosto de cintura mais fina. A região da cintura eu gosto de evindencializar bastante. E a região do quadril e do bumbum são coisas que eu gosto de dar uma evidencializada para trazer esse ar de, tá um pouco mais de, tá mais encorpada, né? Tá com mais corpo. Essa é a região que eu mais gosto de evidencializar” (Acácia).

A entrevistada indicou que, com a terapia hormonal, começou a notar “as curvas corporais que tanto desejava”, o que fortaleceu sua autoestima e ampliou suas possibilidades de vestimenta. Antes, evitava certas roupas, por sentir que seu corpo não se encaixava no ideal desejado, acreditando que não tinha “corpo suficiente” para usá-las. A forma como uma pessoa percebe e interpreta a si mesma, ou seja, seu autoconceito, é impulsionado pela autoestima, que representa o desejo de aperfeiçoar essa autoimagem, e a autoconsistência, que se refere à necessidade de conservar uma sensação de estabilidade interna (Strübel; Goswami, 2022). A maneira de se vestir é justamente uma das formas de expressar o autoconceito, por isso essas escolhas refletem a identidade, autoestima e desejo de coerência com quem se acredita ser.

Nesse contexto, o vestuário se torna um recurso estratégico na busca de uma aproximação aos padrões socialmente impostos sobre o que é ser mulher. Escolher roupas que proporcionem empoderamento e bem-estar não significa apenas buscar aceitação social, mas ser reconhecida como mulher também impacta o autoconceito e

auxilia no fortalecimento da identidade de gênero. Os relatos a seguir ilustram essas percepções:

“Uma roupa que eu acho que fique legal e que te faz sentir bem confortável vai ajudar na nossa autoestima, no nosso reconhecimento como mulher, faz a gente se sentir pertencente a esse universo também e deixar a gente mais feminina, né? Então vai trazer todo um, acho que uma melhora de vida, acho que no geral. Porque a gente ir num lugar, a gente vê que o lugar certo, e chegar lá, “Olha, essa roupa é pra você, essa lingerie pra você, é roupa de banho pra você...” É você ter certeza que você vai pegar, que vai dar certo, que vai servir, você vai ficar tão bonita como qualquer outra pessoa, é maravilhoso” (Acácia).

“Cara, roupa é identidade, né? Quando a gente fala de afirmação de gênero, a gente está falando de uma afirmação de quem nós somos. E a roupa tem tudo a ver com isso. Tem a ver com como a gente quer se expressar, tem a ver com a forma que a gente quer ser tratada. Antes da gente falar qualquer coisa com alguém, o nosso corpo já tá falando algo, né? Então, a nossa expressão de gênero tá muito na roupa, né? E eu acho que a roupa não é nem questão de ajudar, eu acho que a roupa é uma questão essencial quando a gente fala de transgeneridade, sabe?” (Melissa).

“Não sei se é porque eu sempre quis. Sempre quis vestir, né? E desde criança eu vestia. Eu sempre lia a revista de moda, sempre me vi querendo vestir, então hoje em dia eu me visto e gosto e pronto, aí saio. (...) Quando a gente compra uma roupa que cai bem na gente, né? Que a gente gosta, a autoestima sobe. Até porque eu, pelo menos, eu queria muito vestir roupa feminina” (Violeta).

“Além do conforto, tipo, prático assim, de, é isso, se sentir confortável fisicamente muda completamente a sua vida, né? Tipo, pensar na minha amiga cis, que estava trabalhando comigo no mesmo dia que eu tava trabalhando com um salto dois números a menos. Tipo, a nossa vivência estava sendo completamente diferente e afetada pela roupa que a gente estava vestindo, né? Tipo, e como isso afeta? Enfim, inúmeras coisas. Humor, a forma de lidar com o tempo, a forma de lidar com várias coisas. Esse negócio de estar sendo apertada pelo sutiã com bojo e tals. Enfim, como a roupa apertando já me deixa em desvantagem em qualquer situação que eu estiver. Mas, pra além disso, acho que tem um lugar subjetivo que é muito, muito importante também, que aí também acaba sendo muito prático, né? Ainda mais tendo passado por uma transição. Eu acho que tem um peso muito grande em poder usar aquilo que te disseram a vida inteira que você não podia. (...) Então acho que tem esse peso diferente por poder enfim, usar o que não era possível antes. E esse lugar de reafirmar gênero, mas também até um lugar de potência e beleza que eu acho que tá pra além da transgeneridade, mas que também acaba nos afetando, né? Tipo, de poder, de sair se sentindo bonita, o quanto que isso afeta completamente a autoestima e tipo, pra qualquer outra coisa. Tipo, às vezes eu tô trabalhando melhor e tipo, eu não sei porque que eu tô me sentindo melhor hoje, mas eu tô me sentindo melhor porque desde que eu saí de casa eu já tava me sentindo melhor. Tipo, às vezes, é isso, eu tô saindo com uma roupa aqui, eu saio e fico pensando, “vão errar meu pronome com essa roupa?”. Eu já saí tipo, pronta pra brigar. E aí eu tô vivendo meu dia inteiro pronta pra brigar por causa da minha roupa e por uma situação que às vezes tava fora do meu controle. Tipo, então eu acho que tem essas diversas camadas, diversos pesos. Acho que tipo, enfim, é uma coisa fundamental” (Rosália).

A adequação das roupas ao corpo pode reduzir a discrepância entre a identidade de gênero percebida e a identidade idealizada, contribuindo para um maior alinhamento entre aparência e autopercepção. Embora existam diferentes formas de afirmação da identidade de gênero, como mudanças no nome ou procedimentos cirúrgicos, a escolha

do vestuário permanece um fator central na construção da autoestima, pois é um dos primeiros elementos perceptíveis na interação social (Strübel; Goswami, 2022; Tullio-Pow; Yaworski; Kincaid, 2021). Antes mesmo de qualquer comunicação verbal, a vestimenta já transmite ao mundo a identidade daquela pessoa e a forma como ela deseja ser percebida e tratada (Campos; Cidreira, 2018; Carneiro, 2019; Lanz, 2014).

Os relatos das entrevistadas reforçam essa dimensão subjetiva do vestuário, evidenciando que a possibilidade de vestir roupas femininas está profundamente atrelada a um desejo de longa data. A moda, para elas, sempre foi um símbolo de pertencimento ao universo feminino, e poder finalmente usar peças alinhadas à sua identidade representa não apenas uma conquista pessoal, mas também um marco na reafirmação de sua identidade de gênero. Essa experiência transcende a questão da transgeneridade, conectando-se a um sentimento mais amplo de potência e beleza, no qual a vestimenta se torna um fator determinante para a autoconfiança e a autoimagem (Jones; Strübel, 2023; Strübel; Goswami, 2022; Tullio-Pow; Yaworski; Kincaid, 2021).

Contudo, o vestuário pode impactar diversos aspectos do cotidiano. Uma das entrevistadas, a Rosália, destacou como roupas desconfortáveis ou inadequadas podem influenciar seu humor, produtividade e até mesmo sua maneira de lidar com desafios diários. Além disso, há uma preocupação constante com a passabilidade e a possibilidade de sofrer *misgendering*, em função da escolha de uma roupa. Essa apreensão transforma o ato de vestir em um momento de tensão e antecipação de possíveis conflitos, o que pode impactar negativamente sua saúde mental e bem-estar.

A conexão entre vestuário e saúde mental se tornou ainda mais evidente quando algumas participantes mencionaram a sensação de segurança proporcionada por certas roupas. O vestuário pode funcionar como uma “armadura emocional”, permitindo que mulheres trans e travestis se sintam mais protegidas ao circularem nos espaços públicos. Por outro lado, quando vestem peças que não condizem com sua identidade ou que não lhes servem/vestem bem, podem se sentir vulneráveis e deslocadas (Strübel; Goswami, 2022).

### 4.3.2 A Dimensão Social

A dimensão social tem um peso maior para as mulheres trans e travestis, pois suas escolhas de roupas podem definir como serão percebidas, tratadas, e podem até mesmo determinar sua segurança nos espaços públicos, que aumentam o contato social. Se, para qualquer mulher cis, o vestuário pode ser um fator de julgamento e vigilância, para as trans e travestis, ele se torna um elemento de controle, onde a feminilidade, a passabilidade e a adequação aos arranjos cisnormativos impactam suas vivências cotidianas.

As entrevistadas relataram que a forma como se vestem não depende apenas do gosto pessoal, mas da necessidade de corresponder a uma expectativa social. A feminilidade é um ponto central para essas mulheres, e as roupas podem tanto suavizar eventuais insatisfações com o corpo quanto destacar características valorizadas, auxiliando na expressão da identidade feminina e na comunicação dessa feminilidade (Carneiro, 2019; Reilly; Catalpa; McGuire, 2019; Teti *et al.*, 2019; Wittmann, 2019). Entre as peças de vestuário mais representativas nesse processo, o vestido se destacou, como demonstrado em outras seções e nos trechos a seguir:

“Então, assim, eu gosto muito de vestido, eu gosto muito de saia, né? E eu me sinto muito à vontade com esse tipo de vestuário, né? (...) Que nem esse vestido que eu tô, eu gosto porque assim ele me deixa delineada assim, sabe? Eu gosto, eu gosto do que eu vejo, sabe? Eu bato o olho aqui no espelho, eu gosto de ver, de ter aquela visão, sabe? De olhar assim. Parece que até o bumbum fica maiorzinho. Então assim eu gosto, eu gosto muito. Entre vestido e saia, particularmente, eu prefiro vestido, né? E eu gosto de vestido colado exatamente por causa disso, porque na hora que eu coloco, dá a impressão de que eu fico mais curvilínea. (...) O vestido, pra mim, eu me sinto assim, eu me sinto leve, eu me sinto livre, eu me sinto, sei lá. Eu me sinto empoderada, sabe? Eu acho que o vestido, quando eu coloco assim, eu falo “gente, hoje...”, entendeu? “*Gardênia*, hoje você tá gata”, você me entendeu?” (Gardênia).

“Hoje, uma das peças que eu mais tenho no meu guarda-roupa, no meu modo descanso, né, tipo, folga, é vestido. Amo usar vestido (...) uma coisa que eu estou extremamente apaixonada é esses vestidos agora caneladinho midi, que você usa com salto, que você usa com tênis, que você usa com tudo. Eu sou apaixonada naquele vestido, porque ele desenha o meu corpo, sabe?” (Magnólia).

O vestido é uma peça de destaque na afirmação da feminilidade, pois acentua as curvas e remete ao “modelo ideal” de corpo feminino, proporcionando maior conforto psicológico e também social (Carneiro, 2019; Queiroz; Otta, 2000). A feminilidade, enquanto conceito complexo e multifacetado, não se restringe às mulheres cis, também é vivenciada por mulheres trans e travestis, mas de forma distinta. Assim como ocorre

com as mulheres cis, as mulheres trans e travestis também enfrentam pressões sociais para se adequarem a padrões de beleza que, historicamente, associam a feminilidade a um ideal de perfeição estética (Braizaz, 2019; Silva; Rey, 2011; Strey, 2000).

O vestuário é um dos principais meios de expressar a feminilidade, mas essa expressão está frequentemente vinculada à sexualização do corpo feminino. Braizaz (2019) argumenta, em seu estudo, que, na sociedade, as mulheres cis são incentivadas a explorar sua atratividade e o poder da sedução, e, ao mesmo tempo, são submetidas a normas que impõem limites para que não sejam consideradas inapropriadas. Esse dilema gera um processo contínuo de negociação, no qual se espera que sejam sedutoras, mas sem ultrapassar os limites do que é socialmente aceitável.

No caso das mulheres trans e travestis, a sexualização também se associa à objetificação, mas se manifesta de maneira específica, atravessada pelo estigma da hipersexualização e transfobia. Muitas vezes, essas mulheres são percebidas como excessivamente sexuais, independentemente do modo como se vestem, o que cria um cenário em que qualquer expressão de sensualidade pode ser interpretada como exagerada (Ferreira; Garcia; Pereira, 2022; Lanz, 2014; Pelúcio, 2004). O “olhar do outro”, discutido por Braizaz (2019), como forma de vigilância e controle da aparência feminina, adquire uma dimensão ainda mais intensa para mulheres trans e travestis, em que não apenas são julgadas, mas também fetichizadas e até desumanizadas. O vestuário, nesse contexto, torna-se simultaneamente um instrumento de afirmação da identidade e um chamariz para olhares e comportamentos indesejados, conforme evidenciam os relatos das entrevistadas:

“Eu percebi muito, o quanto mais feminina eu fui ficando, tipo, eu e minhas roupas também, o assédio começou a aumentar exponencialmente. E eu sinto que existe um, sei lá, eu comecei a identificar como se fosse uma marca da travestilidade, isso que eu ressaltai tanto em várias falas agora, sobre a minissaia ou cropped. Eu acho que é um, como se fosse um identificador, praticamente, travesti. Tipo, eu sou altona, tô de minissaia, tô de cropped, tipo, certamente uma travesti. (...) Não é uma situação muito ocasional. É tipo, é muito frequente, o tempo inteiro, se eu tô de short, se eu tô de saia, se eu tô de, enfim. Qualquer roupa mais, mais feminina, vai acontecer isso. Tipo, ah, vou ser acompanhada por um milhão de olhares o tempo inteiro, vou ser, tipo, é isso, começa a fazer um jogo mental assim, tipo, ‘esse homem tá olhando pra mim, se ele der mais um passo eu vou gritar’. Se ele, tipo, ‘o que eu vou fazer se ele vier mais na minha direção?’. Tipo, então eu tenho esse lugar do constrangimento, que na verdade é dia a dia e às vezes até, tipo, eu preciso lembrar o quão constrangimento é pra voltar a tornar isso mais absurdo, porque às vezes é tão comum que a gente acaba normalizando, né? Então tem um pouco esse lugar, tipo, diversas roupas que eu tô usando pra, por um lado, eu tô pensando que eu vou ter que me reafirmar, vai tá reafirmando meu gênero, eu vou ter que tá fazendo um jogo de, parece que quanto mais princesa eu saio, mais eu tenho que ficar com cara de brava, sabe?

Tipo, eu acho que eu posso tá um pouco mais esperta se eu tiver mais coberta, mas se eu tiver mais arrumadinha, mais, tipo toda maquiada, toda arrumada, eu vou tá pronta para brigar. Tipo, não dá pra, tipo, sabe, ser feminina e arrumada por aí, tipo, não dá pra dar esse mole. Então, um pouco isso, eu acho que influencia à beça” (Rosália).

“(...) eu sempre fui uma pessoa muito ligada à moda. Sempre gostei de me arrumar, de me vestir bem, então, desde quando eu me conheço por gente, eu sou assim. Então sempre, vamos supor assim, eu tenho um aniversário pra ir, um mês antes eu já tô vendo roupa, já tô vendo cabelo, já tô vendo maquiagem, já tô vendo salto, já tô vendo o quê que eu vou fazer, entendeu? Então, eu gosto de estar bem comigo. É o que eu falo, né? É a impressão que eu quero passar pras pessoas, porque o que as pessoas veem é a impressão que elas vão ter de mim. Então, não é querendo me aparecer, não é querendo ser melhor do que ninguém. Já que eu quero ter a impressão que eu vou passar, eu quero que seja uma impressão boa, tanto intelectualmente, tanto visivelmente, roupa, jeito e tudo mais, é uma coisa que eu me policio muito. Porque nós já somos marginalizadas, né? Nós já somos sexualizadas demais, então eles já esperam aquela trans com uma roupa curta, vulgar, gritando, com uma maquiagem super forte. Eles já esperam tudo isso, sabe? Porque a gente, que somos mulheres trans e travestis, a gente tem uma autodefesa muito forte, que a gente adquire durante esse desenvolvimento todo, por conta de se defender das pessoas numa sociedade de um preconceito, de homofobia, transfobia e tudo mais. Então as pessoas, já imagina que a gente vai chegar chegando naquele naipe, entendeu? E é o que eu falo pras minhas amigas, as pessoas já espera eu vulgar, já espera eu sexualizada, já espera tudo, então eu vou ser aquela vírgula que elas não espera. Então, tá esperando uma trans escandalosa, vou chegar toda na minha plenitude com meu bom vestido longo, sabe? Vamos supor assim, no rolê que dá para ir um vestido longo, tudo contra o que eles, ah, imaginavam que eu ia tá com uma maquiagem super forte, uma maquiagem leve, realçando só o que tem que realçar, sabe? Um cabelo tipo, ai, podia tá com cabelo lá na bunda, não, fazer um coque no cabelo, sabe? Trazer a visão deles prum outro ambiente, prum outro ângulo, que eles não iriam me ver, entendeu? Eu gosto de ser essa vírgula após, então ser o que as pessoas não imaginam que eu vou ser. Porque eles já esperam tudo que é de ruim, de pior, eles já esperam de nós, entendeu?” (Magnólia).

“Eu tenho um vestido que eu comprei, que eu não consigo usar ele por causa que ele simplesmente só sobe no meu corpo. De vestido, ele vira um tipo quase um top, entendeu? Então eu já passei alguns constrangimentos com ele, então, um vestido que hoje eu também já não consigo usar mais. Talvez seja isso também porque eu esteja mudando o meu estilo, porque a mulher transexual ela já chama muita atenção. Dependendo da roupa que ela usa, ela vai ser constrangida pela roupa, pelo, aí uma coisa puxa a outra, sabe, aquele negócio de coisa ruim? Um vai puxando o outro. Talvez ela, se ela estivesse com outro tipo de roupa, ela não teria sido nem notada, mas como ela não fez uma escolha ali legal, ela vai ser notada, ela vai ser apontada, ela vai ser falada, ela vai ser ridicularizada. Então talvez seja isso também que faça, porque a gente pode ser o mais empoderada que for, a gente sempre vai ser refém da sociedade” (Magnólia).

O conforto social está, portanto, diretamente relacionado à forma como as mulheres trans e travestis são percebidas socialmente. Por essa razão, muitas optam por roupas mais discretas e cobertas, utilizando o vestuário como uma estratégia de proteção contra assédios, julgamentos e preconceitos. Essa escolha se justifica pelo contexto de extrema vulnerabilidade em que se encontram, uma vez que o Brasil é o país com os maiores índices de violência letal contra transexuais e travestis no mundo (Nogueira, 2024). Além disso, muitas dessas mulheres, especialmente as identificadas

como travestis, enfrentam processos de marginalização social, que frequentemente as empurram para o trabalho sexual, reforçando a associação entre suas identidades e a hipersexualização (Bento, 2017; Carvalho, 2018; Longaray; Riberio, 2016). Mesmo aquelas que estão fora desse contexto continuam sendo impactadas pelo estigma social, que as reduz a um estereótipo hipersexualizado, tornando-as ainda mais vulneráveis a diversas formas de violência (Longaray; Riberio, 2016).

No estudo de Braizaz (2019), a autora discute como mulheres cis internalizam essas normas desde a infância. Contudo, no caso das mulheres trans e travestis, a socialização ocorre sob um referencial distinto, no qual essas imposições são vivenciadas de forma ainda mais crítica. Essa experiência fica evidente na fala a seguir:

“Eu sempre associei muito conforto a sentir bem fisicamente. Nenhum incômodo físico. Só que eu bem percebi recentemente que isso era um privilégio do tecido socializado enquanto homem, que coloca um short, uma sandália e uma camiseta e tá tudo bem, né? Como socializei enquanto homem até meus quase 30 anos, então, muita coisa... aí eu fui entrar no mundo feminino, e aí tem toda essa, que são naturalizações pra quem já nasce socializada enquanto mulher, vai crescendo e vai sendo normalizado. Mas pra mim foi tipo, ‘pra quê vou passar por isso’, sabe? E aí eu não consegui ceder 100% minha relação com conforto. Eu gosto muito de roupa folgadona, assim. Então, pra mim, de forma mais abstrata assim, eu me sinto confortável é me sentir, hoje, sem dor física. É um novo conceito pra mim. Não estar com dor. Às vezes você tá sentada e não está sentindo assim, que tipo, ‘ai, eu tô respirando um terço da capacidade do meu pulmão porque eu tô apertada’, sabe? Eu acho que era algo que eu não passava antes. Só passei a partir do momento que eu quis trazer a feminilidade no aspecto de roupa pra minha vida, né? E é desconfortável justamente isso, sentir dor. Tipo, evitar que algo natural no meu corpo esteja evidente. Então, e aí eu tenho que fazer malabarismos pra não gerar o desconforto nas outras pessoas saberem que meu corpo é real. Então aí passo por dor. Aí tem uma peça, e com certeza usar duas calcinhas pra conseguir ficar de boa em uma calça” (Íris).

Essa fala da entrevistada evidencia que o conforto não se restringe a uma experiência física, mas é também socialmente construído. Há um privilégio de gênero associado ao conforto, no qual homens cisgênero possuem maior liberdade na escolha do vestuário, que favorecem o conforto físico, mas sem estarem sujeitos ao mesmo nível de vigilância social. Para as mulheres cisgênero, o vestuário envolve, muitas vezes, sacrifícios em nome da aparência, porém, como são socializadas desde cedo nas normas de feminilidade, tendem a naturalizar o desconforto como parte de “ser mulher”. No caso de mulheres trans e travestis, há um nível extra de desigualdade, pois o desconforto vai além, está diretamente relacionado à necessidade de afirmação de gênero. Para elas, o vestuário torna-se uma ferramenta de sobrevivência, crucial para garantir validação social e segurança.

Assim, ao mesmo tempo que a vestimenta pode ampliar o desconforto, também pode atuar como um elemento de proteção. Nesse contexto, a passabilidade pode representar uma experiência positiva, auxiliando mulheres trans e travestis a transitarem socialmente com maior proteção, reduzindo o risco de violências e hostilidades, além de favorecer o reconhecimento de sua identidade de gênero (Carneiro, 2019; Lanz, 2014; Rodrigues, 2023). O trecho a seguir ilustra isso:

“Eu acredito que, assim, a passabilidade. Acredito que você está familiarizada com o termo, né? Nos ajuda a não só viver, mas a não correr risco de vida. Porque a partir do momento que numa sociedade preconceituosa, que você, até a gente vê até mulheres cis sendo confundidas com mulheres trans e sofrendo violência. Então eu acho que a moda nos ajuda, no sentido a conviver na sociedade de uma maneira tranquila, né? E o meu perfil é o perfil de não chamar a atenção, de ser discreta. Então, quanto mais discreta a gente é, menos represália a gente sofre. (...) E eu acho que a roupa pode ajudar muito, pode favorecer muito e talvez até esconder algumas características masculinas que a gente não quer que sobressaia” (Lily).

No entanto, nem sempre a experiência da passabilidade é positiva, pois um dos recursos estéticos utilizados é o da aquendação. O ato de aquendar pode gerar uma intensa pressão psicológica, uma vez que o desejo (ou a necessidade) de “passar” implica em uma constante autoexigência para adequar a aparência aos padrões cisnormativos de feminilidade. Essa pressão por “ser passável” configura uma forma de violência simbólica, pois reforça normas de gênero excludentes e patologiza corpos dissidentes (Bento, 2006; 2017; Campos; Cidreira, 2018). No entanto, a aquendação se torna uma prática recorrente devido ao risco representado pela visibilidade dos órgãos genitais, especialmente em espaços públicos. As mulheres trans e travestis são as mais vulneráveis e suscetíveis a diversas formas de violência, que podem culminar em transfeminicídio e travesticídio<sup>26</sup> (Benevides, 2022; Bento, 2016; Pontes; Silva, 2017).

Por esse motivo, muitas das entrevistadas relataram que algumas atividades do dia a dia, que exigem aquendação, são limitadas ou mesmo inexistentes em suas rotinas, e o vestuário agrava essas restrições. Atividades como ir à praia ou frequentar academias tornam-se verdadeiros desafios, pois envolvem maior exposição corporal e movimentos intensos. No ambiente da academia, por exemplo, o uso de roupas justas, associado a exercícios de alta intensidade e à transpiração excessiva, podem

---

<sup>26</sup> Transfeminicídio e travesticídio são derivações da ideia de feminicídio (Benevides, 2022) e dizem respeito ao assassinato de mulheres transexuais e travestis em razão do gênero, pois, “Se o feminino representa aquilo que é desvalorizado socialmente, quando esse feminino é encarnado em corpos que nasceram com pênis, há uma ruptura inaceitável com as normas de gênero” (Bento, 2016, p. 52).

comprometer a aquecimento, gerando desconforto e insegurança. Além disso, esse local é marcado por olhares vigilantes e julgamentos, o que contribui para a criação de um ambiente hostil à presença de mulheres trans e travestis (Ferreira; Garcia; Pereira, 2022; Serrano *et al.*, 2019), como relataram as entrevistadas:

“São geralmente roupas muito coladas. Então, quando eu vou, as poucas vezes que eu fui na academia, eu já desisti de fazer por conta disso. Porque às vezes uma peça só que seja adequada pra fazer academia leve e que não cause incômodo. E o restante é tudo legging, coisas muito coladas, que ir pra academia ia acabar me deixando desconfortável, né? Acaba evidenciando muito regiões que eu não gosto (...) eu só fui fazer testes, eu só fiz testes e sempre desisto por conta da vestimenta. O que pega muito pra mim, porque eu não, simplesmente não me sinto confortável porque tem exercícios que você tem que abrir mais a perna, fazer exercícios que utiliza a parte de cima também. (...) Então eu fico nesse, nesse meio termo aí, de ou eu vou com uma roupa larga e folgada e que eu não gosto, ou com a roupa apertada, aí me sinto desconfortável. Não que eu não goste de roupa larga, mas para fazer todos os dias. Eu gostaria também de estar como as outras pessoas, como a maioria das mulheres da academia também.” (Acácia).

“Eu deixo de fazer tudo por causa de roupa. Deixa de fazer muita coisa. (...) Academia tem um lance, que é o quê? Que determina como é que eu vou para a academia. Eu vou sempre de legging, nunca vou de shortinho, né? É, uma camiseta bem grandona, que vá cobrir a minha virilha. Porque? Para eu ir fazer exercício, não faz sentido eu ir aquecida, uma calça extremamente apertada, que, enfim, vai gerar uma lesão e eu não vou conseguir fazer nada, né? Então eu vou confortável, relativamente confortável, uma calcinha que não aperte muito e com a camisa que vá cobrir. Aí eu fico despreocupada, tô de boas. Só que aí tem exercício que eu não faço. Dependendo de como tá o aparelho ajustado. Tipo, tem uma que é empurrando assim com os pés, a *Leg*, e aí, tipo, na frente é um exercício que é de ombro, só tem macho. Aí, mas, aí fica de frente assim, então eu vou tá com os pés levantado, não vou tá aquecida, então vai fazer, vai marcar bastante. E enfim, aí ficam olhando e eu disse, ‘não, eu não vou fazer’. Aí eu evito” (Íris).

É possível observar, nesse último trecho, que, mesmo utilizando peças de vestuário consideradas desafiadoras, como a calça *legging*, que marca a região genital, a entrevistada adota estratégias para minimizar a exposição, optando por uma parte de cima (camiseta) mais longa. Essa escolha permite que frequente a academia, mas, ainda assim, suas atividades são limitadas, já que evita certos aparelhos, por receio de ser observada, questionada ou hostilizada. Da mesma forma, lugares como praias e piscinas geram apreensão para mulheres trans e travestis, pois os trajes de banho promovem uma exposição corporal ainda maior, aumentando o risco de uma “exposição involuntária” dos órgãos genitais. Diante dessas inseguranças, muitas relataram evitar esses locais, frequentando-os raramente ou até mesmo nunca. Nos trechos a seguir, as entrevistadas destacaram esses pontos:

“Por exemplo, ir à praia. Na praia eu nunca fui. Tenho vontade de ir, mas a roupa é uma coisa que me incomoda. Que é que eu vou usar de vestimenta, vou usar na praia? Porque eu não uso biquíni, eu não uso maiô. Eu vou usar o quê? Um short, uma camiseta, um short, um cropped? (...) Não tenho roupa de banho, traje de banho, eu não tenho porque eu nunca fui atrás, né? Eu sempre olhei no manequim. E assim, eu sou muito de consciência, de olhar a roupa e bater e eu sei que vai ficar boa em mim ou não vai, ou se vai evidenciar alguma coisa que eu não gosto ou não vai. Então eu olho bem. Eu olho o biquíni e eu não uso de jeito nenhum. E a parte de baixo, nem a parte de cima. O maiô também não. Eu, já teve momentos de coisas bem íntimas, de família ou de amigos e... posso usar o quê? A bermuda e o cropped, de preferência, porque é algo, é o principal, é o que, é uma coisa que eu não vou de jeito nenhum. Mas é justamente porque eu não, eu sei que eu não vou me sentir confortável, então nunca nem pensei em comprar” (Acácia).

“Eu não entro em piscina, mesmo estando com calcinha própria ali assim, eu não entro em piscina porque, causa que é uns tecido tão meio que vagabundo assim, que você não tem a segurança de entrar na água e não, não descer, sabe, tipo, então, porque, que nem eu fui para a praia em 2022 pra 2023, eu tomei dois caldos, que quase tira a calcinha no mar. Não entrei mais, sabe? Tipo assim, de eu ter que ficar lá na areia, tomando um caldo e vindo uma água. E eu tentando organizar tudo ali debaixo d'água pra ninguém ver, aquele caos, já ficando nervosa, e a água vinha, me arrastava, tomava mais caldo, descia de novo. Então, com certeza. Assim, que nem academia, é uma coisa que eu não faço muito por causa de roupa assim, nunca coloquei, não sei se eu colocaria uma legging. Nunca, não, nunca usei assim, sabe? Não me sinto confortável” (Magnólia).

“(...) eu nunca tomei banho de mar em público e usando roupa de banho, eu vou de short e camisa – pra mim, é um investimento pra tudo. E entro no mar dessa forma. Quando não, quando eu quero usar uma roupa mais de boas, assim, né, eu geralmente vou para a praia de noite, porque não tem ninguém. Aí eu prefiro tomar banho de noite, inclusive é muito bom. Mas durante o dia eu não pego praia assim, não uso roupa de banho, de biquíni” (Íris).

As entrevistadas indicaram que o desconforto causado pelo uso de roupas inadequadas para suas corporalidades, aliado à necessidade da aqueção, são fatores determinantes para evitar praias, piscinas e academias. A presença nesses ambientes pode ser uma experiência carregada de ansiedade, tanto pelo risco de incidentes com o vestuário quanto pela exposição a olhares julgadores e possíveis comentários transfóbicos, que reforçam sentimentos de exclusão e vulnerabilidade. Por isso, muitas evitam esses espaços ou buscam alternativas, como relatou uma das entrevistadas, ao dizer que vai à praia somente à noite. Contudo, essa adaptação impõe restrições ao lazer e impacta a saúde física e mental dessas mulheres.

Um estudo sobre as barreiras e motivações para a prática de atividades físicas e esportivas entre pessoas trans, incluindo mulheres trans, analisou fatores internos e externos que dificultam ou incentivam sua participação nessas situações (Oliveira *et al.*, 2022). Constatou-se que muitas mulheres trans evitam atividades físicas devido à disforia de gênero e ao desconforto com a aparência corporal, principalmente em

ambientes que demandam maior exposição, como academias e piscinas. O receio de enfrentar discriminação, assédio ou olhares julgadores constitui uma barreira constante, e contribui para o isolamento social em espaços esportivos. Além disso, quanto às barreiras externas, o estudo evidenciou a falta de locais seguros e inclusivos, como a inadequação dos vestiários, por exemplo, que reforçam a binaridade de gênero.

Outro estudo, realizado com homens trans, analisou o impacto do vestuário na saúde física e mental desses indivíduos (Teti *et al.*, 2019). Embora o foco tenha sido em jovens transmasculinos, as experiências relatadas apresentam paralelos importantes com as vivências das mulheres trans e travestis, especialmente no que diz respeito ao impacto do vestuário em espaços públicos e de lazer. O desconforto físico causado por práticas como o *chest binding*<sup>27</sup>, comparável em muitos aspectos à aquendação, no que se refere à restrição dos movimentos e dores, afeta diretamente o acesso à prática de atividades físicas, com impacto na saúde mental e no bem-estar dessas pessoas.

Os achados da presente pesquisa convergem com esses dois estudos, mas apresentam distinções fundamentais. Enquanto Oliveira *et al.* (2022) focaram nos fatores psicossociais e estruturais, e Teti *et al.* (2019) destacaram o impacto do desconforto físico e emocional associado a práticas de adaptação corporal, como o uso de *binders* por homens trans, o presente estudo se dedica a uma população distinta, as mulheres trans e travestis. As experiências dessas mulheres com o vestuário estão atravessadas por desafios específicos, também relacionados à passabilidade e à busca pela afirmação de gênero, mas em um contexto de hipersexualização e vigilância social, semelhantes às enfrentadas por mulheres cisgênero. Um desses desafios é justamente o da aquendação, prática que, embora contribua para a passabilidade, impõe desconforto físico e limita a participação em atividades cotidianas.

A aquendação gera, portanto, efeitos contraditórios: por um lado, pode aliviar a disforia de gênero, ao alinhar o corpo à identidade de gênero da mulher trans ou travesti, por outro, o alívio é acompanhado por um estado de vigilância permanente, marcado pelo receio de que “algo escape” ou que o “volume seja notório”. Esse receio

---

<sup>27</sup> Termo em inglês, também conhecido como “breast binding”, que diz respeito à prática de *binding*. O uso de *binder* (faixa ou colete de tecido elástico para comprimir e disfarçar o volume das mamas, deixando o tórax mais retilíneo) é utilizado para a construção da autoidentidade masculina em homens trans (Santos *et al.*, 2022).

leva à necessidade de checar constantemente o próprio corpo, a fim de garantir que está “tudo no lugar”. Além disso, muitas entrevistadas relataram a sensação de aprisionamento, descrevendo seus corpos como “presos” ou “sufocados”, principalmente quando usam peças íntimas ou trajes de banho apertados, o que pode provocar dor física e até efeitos adversos à saúde, como já mencionado.

O impacto da dimensão social no vestuário vai além da vestibilidade, mas se entrelaça com normas culturais e estruturas de poder, que determinam quem pode ou não se sentir confortável e seguro ao vestir determinada peça. O olhar externo pode funcionar como um fator de coerção, fazendo com que essas mulheres sintam a necessidade de moldar suas escolhas de vestuário para evitar situações de exposição, discriminação ou violência. Diante disso, o design de vestuário pode atuar como uma ferramenta de inclusão e de resistência, oferecendo soluções que respeitem o corpo dessas mulheres e promovam conforto sem sacrificar sua identidade.

Na sequência, o Quadro 6 reúne os achados mais relevantes desta categoria, “Vivências psicossociais no vestuário”, e suas subcategorias correspondentes.

Quadro 6 – Categoria “Vivências psicossociais no vestuário” e suas subcategorias.

| Subcategorias                   | Vivências psicossociais no vestuário                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                              |
|---------------------------------|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| Conforto e identidade de gênero | <ul style="list-style-type: none"> <li>• O vestuário é um elemento central na construção da identidade de gênero, influenciando a autoestima e o bem-estar emocional das mulheres trans e travestis;</li> <li>• A euforia de gênero ocorre quando a roupa ajuda a validar sua identidade, gerando sentimentos de segurança e pertencimento;</li> <li>• A disforia de gênero pode ser intensificada por roupas que evidenciem traços indesejados, como ombros largos ou marcação da região genital;</li> <li>• As escolhas de vestuário são estratégicas, no sentido de evitar decotes profundos, para minimizar desconfortos, ou optar por vestidos que criem uma silhueta curvilínea, para reforçar a feminilidade.</li> </ul>                   |
| Dimensão social                 | <ul style="list-style-type: none"> <li>• O vestuário pode ser uma ferramenta de aceitação social ou de exclusão, impactando a forma como as mulheres trans e travestis são percebidas e tratadas;</li> <li>• A passabilidade influencia na segurança e nas interações sociais, podendo ser tanto um fator de proteção quanto de pressão psicológica;</li> <li>• A moda segue padrões cisnormativos que limitam as possibilidades de expressão de gênero para pessoas trans;</li> <li>• Algumas peças são estrategicamente evitadas por medo de serem lidas equivocadamente quanto ao gênero ou levarem à transfobia;</li> <li>• A sexualização e a vigilância social sobre seus corpos impactam diretamente nas escolhas de vestuário.</li> </ul> |

Fonte: elaborado pela autora.

#### **4.4 Mudanças corporais e estratégias de uso**

O corpo é dinâmico e, para as mulheres trans e travestis, ele pode passar por modificações que impactam profundamente na relação com o vestuário. O uso de hormônios, procedimentos estéticos e cirúrgicos, bem como outras mudanças decorrentes da transição de gênero, alteram a forma do corpo e, conseqüentemente, geram a necessidade de ajustes e adaptações nas roupas.

Essas adaptações podem ocorrer de diferentes maneiras, desde a modificação de peças já existentes até a busca por soluções criativas, seja por meio de customizações, sobreposições ou ajustes manuais, para adequar a roupa ao corpo, ou, no caso das mulheres trans e travestis, na tentativa de adequar seu corpo às roupas disponíveis no mercado.

Diante desse contexto, aqui são abordadas: as “Transformações corporais e adaptações no vestuário”, que explora como as mudanças físicas influenciam a escolha e seleção das roupas e as adaptações necessárias para vestir determinadas peças; e as “Customizações e alternativas de uso”, que investiga as estratégias desenvolvidas por essas mulheres para modificar e personalizar o vestuário, tornando-o mais alinhado às suas necessidades e desejos de expressão.

##### **4.4.1 Transformações corporais e adaptações no vestuário**

A experiência das mulheres trans e travestis com o vestuário é profundamente influenciada pelas transformações corporais que ocorrem ao longo de suas trajetórias na transição de gênero. Mudanças como a terapia hormonal, procedimentos estéticos e cirúrgicos, e técnicas de adaptação corporal impactam na relação dessas mulheres com as roupas, seja ampliando suas opções ou impondo novas limitações.

A adaptação ao vestuário é muitas vezes percebida como uma necessidade inquestionável, como expressado por uma das entrevistadas: “Desde quando a gente se descobre uma mulher trans, a gente tem que se adaptar em tudo, sabe? (...) já que você quer ser mulher, né, você tem que se encaixar naquilo”. Essas frases, da entrevistada Magnólia, sintetizam bem a maneira como a moda impõe a

responsabilidade da adequação exclusivamente sobre essas mulheres, sem considerar a necessidade de um desenvolvimento que contemple suas especificidades corporais.

Um dos principais agentes de transformação corporal para mulheres trans e travestis é a terapia hormonal, que promove alterações como redistribuição de gordura, desenvolvimento mamário e suavização de traços masculinos (Angus *et al.*, 2021; Fighera, 2018; Tebbens *et al.*, 2021). Os novos contornos corporais possibilitam a utilização de peças, tradicionalmente femininas, com um pouco mais de conforto e alinhamento estético. O relato a seguir ilustra esses pontos:

“(...) eu tinha muita dificuldade com roupa, né, principalmente. Mas acho que no geral, não era nem, principalmente não, no geral, porque as roupas, elas marcavam muito, né? Principalmente a genitália, marcava muito. E acaba, querendo ou não, é algo que incomoda a gente, né? Nós, mulheres trans e travestis, incomoda bastante, porque não necessariamente você quer que uma pessoa bata o olho em você e te identifique, digamos assim, né? A pessoa vai bater o olho em você e falar assim, ‘nossa, mulher trans e travesti’, só porque viu um volume ali, né, na roupa. Então, assim, no princípio era muito difícil pra mim. (...) Hoje em dia é bem mais tranquilo, sabe? Hoje em dia eu consigo utilizar as roupas, até porque é, coisa de bloqueador de testosterona, né, com o uso do próprio estrogênio e estradiol, né? Então, assim, isso facilitou bastante, sabe? Então, hoje em dia eu tenho assim, tenho minhas dificuldades? Tenho, né? Quando eu vou usar uma calça legging e tal, aí dependendo do jeito que fica, do ângulo que fica, alguma coisa escapa, né? E aí cria-se um volume, alguma coisa assim. E aí acaba querendo ou não, pelo menos eu, né, tem aquela mania você vai lá e dá uma ajeitadinha pra ver se fica no lugar, tá? Então, assim, é bem menor, hoje em dia é bem menor. Hoje em dia eu me sinto assim, bem mais confortável, sabe, em relação às roupas assim, do que antigamente” (Gardênia).

Entretanto, essa relação nem sempre é linear, e outra participante compartilhou que interrompeu temporariamente a hormonioterapia por conta de impactos emocionais, o que a levou a refletir sobre a influência dessas mudanças em suas escolhas de estilo. Em seu depoimento, ela expressou dúvidas sobre se seu estilo pessoal seria diferente, caso estivesse em tratamento contínuo. A seguir, está reproduzido o relato dessa entrevistada:

“Ah, eu, assim, sobre mudanças corporais que eu tive com hormônio, eu senti bastante. Mas teve esse lance emocional, assim, mexe muito com minha cabeça. Mas hoje em dia eu sinto muita falta disso, assim, das mudanças que o hormônio trazia para o meu corpo. Então minha mama ficava maior, eu tive um curvamento na cintura, assim, uma redistribuição de gordura que eu sinto muita falta, mas que, hoje em dia, entre os prós e os contras, eu prefiro às vezes não estar 100% me sentindo à vontade com meu corpo, mas tá com a mente bem, pro meu cotidiano, que é bem estressante do que eu tá me sentindo bem com o corpo e tá um caos no restante das coisas. E às vezes, nesse momento de hormonização, por eu estar com essas características mais realçadas, que é isso, ele realça o corpo dentro desse aspecto feminino. Não traz coisas que você não tem, ele vai realçando. Talvez eu estivesse usando outros tipos de roupa, talvez, sabe? Talvez eu estivesse com mais decote, com peças mais realçando a mama, peças realçando a bunda e tal. E eu acho que eu não uso mais tanto isso por conta disso também. Mas algo que eu pensei agora, em relacionada a roupa, mas que eu sinto com meu corpo, e acho que isso se relaciona” (Orquídea).

Um estudo investigou como as mudanças corporais, especialmente por meio de cirurgias estéticas, impactam as práticas de consumo, incluindo a escolha do vestuário (Song; Gonzalez-Jimenez; Belk, 2021). Os autores expandiram o conceito de unidades de Diderot, argumentando que alterações físicas no corpo desencadeiam um efeito cascata nas decisões de consumo, pois os indivíduos sentem a necessidade de alinhar sua nova aparência com as suas roupas e estilo de vida. No caso das mulheres cis que realizam implantes mamários, esse fenômeno se manifesta com uma maior inclinação ao uso de decotes e roupas ajustadas, por exemplo, uma vez que há uma nova percepção e valorização da própria imagem corporal.

Essa mesma dinâmica pode ser observada em mulheres trans e travestis que passam por transformações corporais, seja através da terapia hormonal ou de procedimentos cirúrgicos. O relato da entrevistada evidenciou essa relação, ao mencionar que a interrupção da hormonização possivelmente influenciou suas escolhas de vestuário. Ela menciona que, caso estivesse em tratamento contínuo, provavelmente se sentiria mais confortável usando decotes e roupas que valorizam sua feminilidade, pois os hormônios promoviam mudanças, como o crescimento mamário, o afinamento da cintura e a redistribuição da gordura corporal. Em contrapartida, no momento da entrevista, indicou que vestia peças de modelagem mais solta, o que pode estar relacionado, como ela mesma indicou, à interrupção do tratamento e à percepção de que seu corpo já não correspondia à maneira como desejava se expressar visualmente.

Essas observações estão alinhadas com o estudo de Song, Gonzalez-Jimenez e Belk (*ibidem*), indicando que mudanças corporais impulsionam uma reavaliação do guarda-roupa. No contexto da entrevistada, a interrupção da terapia hormonal alterou essa relação, fazendo com que sua percepção sobre o próprio corpo mudasse e, consequentemente, suas escolhas de vestuário fossem reajustadas. Essa adaptação, na maior parte das vezes, envolve a busca por roupas que minimizem aspectos que possam gerar disforia ou reduzam a exposição de características que não correspondem à identidade de gênero percebida, diminuindo a sensação de desconforto com a autoimagem.

A escolha do vestuário pelas mulheres pode ser compreendida como um processo adaptativo às mudanças corporais, emocionais e sociais, na busca do

equilíbrio entre corpo, conforto e expressão de gênero. Assim como a cirurgia plástica redefine a autoimagem de muitas mulheres cis, a hormonização pode exercer um papel semelhante, influenciando a relação com a feminilidade e o desejo de expressá-la por meio das roupas. Contudo, além da terapia hormonal, há mulheres trans e travestis que optam por procedimentos cirúrgicos, para alinhar ainda mais seus corpos à identidade de gênero. Três entrevistadas mencionaram ter realizado cirurgia de implantes mamários e relataram que, antes do procedimento, evitavam determinadas roupas, porque sentiam que “faltava algo”. O relato de uma delas exemplifica essa percepção:

“(...) antes eu não sentia prazer em usar roupa feminina. Porque eu usava uma roupa feminina, eu falava, “Ué, mas tá sobrando uma coisa, faltando outra”. Então, que no caso, né, os peitos, eu sentia que faltava, né? E embaixo, eu sinto que sobra. Então assim, eu, por isso que eu acho que eu tive essa, essa pressa em fazer essa cirurgia, sabe? Porque eu não me sentia confortável de, pra usar roupas femininas, sem peito, por exemplo. Eu não me sentia bem. (...) Eu usava outros tipos de roupa. Eu acho que era uma roupa ali que nem me agradava muito, um estilo de roupa que nem me agradava muito. É assim, meio alternativo, sabe? Porque eu não me sentia bem, por exemplo, em usar um cropped rosa. Tem que ter peito, entende? Na minha cabeça não fazia sentido. Então assim, eu era de um estilo de roupa mais alternativo. Assim, a roupa não se encontra nem muito para o público feminino nem masculino” (Camélia).

Percebe-se, nesse relato, que o desejo de usar roupas femininas era frustrado pela ausência de volume no busto, o que a impedia de se sentir plenamente confortável em peças mais justas ao corpo. A presença de seios ajuda a reforçar visualmente a feminilidade, melhora a autoestima e amplia as possibilidades de vestimenta.

Outra transformação corporal que muitas mulheres trans e travestis realizam tanto para atender às expectativas sociais de feminilidade como para afirmar sua expressão de gênero é a aquendação, conforme mencionado em seções anteriores. O desconforto com a marcação da região genital leva muitas delas a recorrer a peças específicas, quando disponíveis, ou, na ausência dessas, a métodos alternativos de compressão. Uma das entrevistadas mencionou o uso de fitas adesivas, como o “emplastro sabiá”, um adesivo analgésico originalmente utilizado para dores musculares, além de esparadrapo ou mesmo durex, para auxiliar na aquendação ao vestir biquínis. Seu relato demonstra essa experiência:

“Pronto, com o biquíni a gente usa esparadrapo, emplastro sabiá. A gente coloca pra trás, coloca o emplastro sabiá, ou esparadrapo, durex. (...) O emplastro sabiá... não tem aqueles adesivos que a gente coloca pra fazer, é, curativo? Pronto. Branco, aquele branco. Aquele branco bem resistente que é já sem sair da pele. Pronto, a gente coloca pra trás, aí aprega com ele, aí coloca umas duas, três fitas, coloca a calcinha, pronto. (...) Machuca, mas é uma coisa que toda trans vai passar por isso (...) porque assim, como a gente já passou o dia todinho na água, ele já fica

um pouco mais mole. Porém, a gente tem que fazer sempre uma depilação, né? Tanto na parte da frente quando atrás pra poder, que assim, não é que não dói, é um pouco desconfortável quando a gente vai tirar porque machuca muito, machuca, assim, se tiver pelos ou assim, né? Aí sim, arranca, dói, mas de boa. São coisas que a gente tem que passar, né? Eu acho que é bom” (Tulipa).

Esse depoimento indica como, na falta de produtos adequados e acessíveis para uma necessidade específica, muitas mulheres trans e travestis recorrem a soluções improvisadas para adaptar o corpo ao vestuário, soluções estas que podem até prejudicar a saúde. Durante sua entrevista, Tulipa mencionou o uso de biquínis convencionais, projetados para corpos cisgênero, o que a leva a recorrer a alternativas que, apesar de dolorosas, tornaram-se parte de sua rotina. A naturalização desse processo pode ser observada quando afirma “Machuca, mas é uma coisa que toda trans vai passar”, sugerindo que a experiência da dor e do desconforto é vista como algo inevitável. Talvez essa percepção esteja relacionada à observação das mulheres cis, a quem historicamente foram impostos sacrifícios em nome da beleza. Esse paralelo é reforçado no depoimento de Íris, a seguir, que aponta como, em determinadas situações, há uma escolha entre conforto e estética, evidenciando como a dor faz parte do processo de afirmação da feminilidade:

“Aí eu uso, dependendo da roupa que eu tiver usando, consigo às vezes, por exemplo, às vezes ‘não, vou usar essa roupa mais folgada’, tipo, um vestido mais folgado, então eu não preciso me preocupar em aquecer, né, ficar com dor. E é isso. Às vezes a escolha é tipo, não vou sair com dor, vou entregar beleza. Acho que tem esse ponto também” (Íris).

Rocon *et al.* (2017) analisaram as transformações corporais de pessoas trans, investigando tanto os aspectos materiais quanto imateriais desse processo, bem como os significados atribuídos à beleza, saúde e doença ao longo dessas experiências. O estudo apontou como a busca por um corpo mais feminino leva algumas pessoas trans a procedimentos dolorosos, como o uso de hormônios sem acompanhamento médico ou aplicação de silicone industrial. Assim como demonstrado nos relatos das entrevistadas da presente pesquisa, muitas naturalizam a dor como parte do preço a se pagar pela feminilidade.

Embora a aqueção não envolva necessariamente intervenções permanentes, o desconforto e os riscos associados a essa prática ressaltam a urgência de se repensar a modelagem de peças íntimas e de moda praia voltadas a esse público. A inexistência de modelagens, e, portanto, de vestuário desenvolvido para corpos trans

reforça a exclusão dessas mulheres no campo da moda, um problema também apontado por Rocon *et al.* (*ibidem*), que enfatizam a carência de políticas públicas e de iniciativas privadas que considerem as especificidades desses corpos.

Outra estratégia de adaptação fundamental na construção da estética feminina, com grande influência nas escolhas de vestuário das mulheres trans e travestis, é a remoção dos pelos corporais. No imaginário social, a presença de pelos está fortemente associada à masculinidade, tornando sua eliminação um dos processos centrais na afirmação do corpo trans feminino. No entanto, essa prática não se restringe apenas a questões estéticas, mas também está ligada à disforia de gênero. Muitas entrevistadas relataram evitar roupas curtas ou decotadas quando não estavam depiladas, pois o crescimento dos pelos gerava desconforto e reforçava a sensação de incongruência corporal. Os trechos a seguir evidenciam esses aspectos:

“E faço laser também no corpo todo, porque eu tinha muito pelo e era uma das minhas disforias eram os pelos, né? (...) Por exemplo, os vestidos mais curtos, as minhas pernas. Porque? Por causa que estão mais lisinhas, né? E tudo ali, tão legais. Aí eu uso mais shortinhos curtos, por exemplo, pra ir pra praia, ou de shortinho curto hoje em dia, então fico mais à vontade. Eu fico mais, com minha autoestima mais elevada, né, em relação a isso. Os próprios braços, né? O colo do seio, também deixo mais exposto por conta disso. Então mexeu, me deixou muito mais com autoestima, muito mais feliz com o meu corpo” (Jasmim).

“E ainda tem a questão de que às vezes os pelos crescem com mais rapidez na região dos braços. E, meu Deus, no inverno não tem como você ter que fazer depilação todo dia, não tem como. Então a gente às vezes esconde. Então, (1) eu prefiro geralmente mais coisas com manga longa (...)” (Dália).

“Tipo, por exemplo, eu tive que parar os hormônios, né? Tem um tempinho, tipo mais de um ano que eu parei os hormônios. Aí eu fazia depilação a laser. Depilação a laser você não pode ficar toda hora se depilando, porque senão vai atrapalhar. E aí acontece, por exemplo, sem os hormônios e fazendo depilação a laser, naturalmente no corpo tem pelos, né? E aí eu deixo de usar roupa, inclusive dentro de casa. Eu tô deixando pelo crescer pra poder fazer um procedimento que no futuro vai gerar um resultado. Então, o pelo cresce na perna. Aí eu não vou sair de shortinho, aí eu vou usar uma legging, uma calça. Acho que da faculdade, depois que comecei a transição, nunca mais vou de short, a não ser que eu esteja depilada, mas ainda assim. Então, por exemplo, usar um croppedzinho, que é mais confortável nesse calor, não uso. Se eu tiver um período que os pelos estão crescendo, né?” (Íris).

A hormonioterapia contribui para a redução dos pelos faciais e corporais (Dhingra *et al.*, 2019; Fighera, 2018; Petry, 2015; Tang *et al.*, 2023), mas, para minimizar ainda mais o desconforto, muitas mulheres trans e travestis recorrem à depilação a laser. Esse procedimento não apenas diminui a frequência necessária de sessões de depilação, como também amplia a liberdade de escolha no vestuário. Como relatado por uma das participantes, após iniciar a depilação a laser, passou a se sentir

mais confortável para usar roupas curtas e exibir o colo do seio e os braços, o que impactou positivamente na sua autoestima. Contudo, para aquelas que não têm acesso a esse tipo de procedimento ou enfrentam alguma outra dificuldade nesse sentido, o vestuário se torna um recurso estratégico. Como mencionou uma entrevistada, em períodos em que não consegue se depilar, opta por blusas de mangas longas para cobrir os braços e evitar o desconforto causado pela exposição dos pelos.

O estudo de Bradford, Rider e Spencer (2021) investigou a relação entre a remoção de pelos corporais e o bem-estar psicológico em pessoas transfemininas, e concluiu que esse processo está diretamente associado a sintomas de depressão, ansiedade e disforia de imagem corporal. Os resultados desse estudo indicaram que a remoção de pelos pode melhorar significativamente o bem-estar emocional, reduzindo a sensação de incongruência com o próprio corpo. No contexto das mulheres trans e travestis, a presença de pelos corporais não apenas limita suas escolhas de vestuário, mas também impacta sua expressão de gênero e autoimagem. Como nem todas têm acesso a procedimentos definitivos de remoção, muitas precisam adequar as roupas conforme sua realidade, o que reforça a importância de um vestuário mais inclusivo e sensível às vivências dessas mulheres.

#### **4.4.2 Customizações e alternativas de uso**

Como a moda não contempla plenamente as corporalidades das mulheres trans e travestis, muitas entrevistadas relataram a necessidade de recorrer a customizações e personalizações para adequar as peças às suas necessidades. A relação das entrevistadas com a modelagem das roupas femininas demonstra um padrão recorrente: as peças disponíveis no mercado não se ajustam adequadamente aos seus corpos. Muitas relataram que, ao comprar um novo item, já sabem de antemão que precisarão ajustá-las.

Entre as principais dificuldades mencionadas está a desproporção entre cintura e quadril, pois as mulheres trans e travestis costumam apresentar quadris mais estreitos do que os corpos cis femininos, por isso as roupas ficam ajustadas na cintura, mas largas no quadril. Além disso, as mangas geralmente ficam curtas demais, dada a estrutura óssea distinta, assim como as blusas, cujo tronco é muito estreito, não

acompanhando a largura dos ombros e tórax maior dessas mulheres. No caso das peças íntimas, a inadequação da modelagem torna o uso ainda mais desconfortável, pois não leva em consideração o volume genital, um fator determinante para a vestibilidade e segurança.

Diante dessas dificuldades, muitas entrevistadas recorrem a costureiras para realizar ajustes, mas esse processo pode ser acompanhado de ansiedade, principalmente pelo receio de sofrerem transfobia. Algumas relataram evitar a prova das roupas em ateliês de costura, temendo olhares julgadores ou transfóbicos, o que faz com que acumulem peças que acabam nunca sendo utilizadas, conforme relatos:

“Eu compro, assim, eu faço uma reza por causa que levar pra uma costureira tem duas questões. A primeira de desconforto de você não ser uma pessoa trans passável. Você levar para uma costureira e você apareceu com uma saia, é aquele medo, sabe, de ser julgada. E, pra mim, questão de preço. Nossa, imagina se toda pessoa trans que for comprar uma roupa sempre tem que levar pra ajustar? Principalmente a gente, que é um grupo mais marginalizado. Eu tô com privilégio, que eu tô com emprego legal agora, então seria até uma possibilidade. Mas para a maioria é algo, assim, impensável” (Dália).

“Mas tem algumas outras também que eu tenho lá em casa, que eu tenho vontade de levar na costureira pra dar um ajuste. Só que aí o que acontece? Aí rola um lance que é o quê, né? Chega lá na costureira e aí pegar, é porque vestido, né? Porque aí chega na costureira a costureira pegar e bater o olho, rolar aquele preconceito, sabe? Então, assim que, querendo ou não, você tem que tirar a roupa, você vai ter que colocar a roupa. Então assim, você vai acabar ficando de roupa íntima, entendeu? Como que vai ser essa recepção dessa pessoa para comigo, entendeu? Então acaba que assim, rola esse tipo de preocupação. Aí acaba que eu tenho roupas lá que precisam de ajustes, né? Mas eu deixo de levar exatamente por causa desse cenário” (Gardênia).

A impossibilidade de encontrar roupas que se ajustem adequadamente aos seus corpos leva muitas mulheres trans e travestis a desenvolverem habilidades de customização. Algumas realizam pequenos ajustes por conta própria, enquanto outras consideram aprender a costurar como um caminho promissor para conquistar maior autonomia e independência. Para essas mulheres, o domínio da costura não apenas facilitaria a adaptação das roupas existentes, mas permitiria a criação de peças mais alinhadas às suas corporalidades e expectativas de vestibilidade. Uma das entrevistadas, por exemplo, expressou o desejo de se matricular em um curso de costura para aprimorar suas habilidades e desenvolver vestuário próprio, mais confortável e adequado às suas necessidades, como relata nesse trecho:

“Então, eu quero muito, muito, muito aprender a costurar pra exatamente isso. Eu não sei agora. E tipo, é um projeto meu de muito tempo de ‘ai, vou me inscrever nesse curso’ e aí eu me inscrevo num curso de costura e acontece alguma coisa, eu não consigo ir. Ou tipo, já aconteceu, tipo, acho que já me inscrevi em dois cursos diferentes e tava literalmente essa semana pensando em me inscrever em outro (12) pra conseguir aprender a costurar, pra fazer exatamente isso, de começar ajustando roupas, ou tipo, eu acho que é uma grande questão e eu queria poder adaptar minhas calcinhas para tipo caberem mais perfeitamente em mim, tipo, se ajustar melhor ao meu corpo (...) Eu queria poder adaptar elas e, talvez mais para frente, eu também penso em fazer (...), de fazer roupas mais elaboradas com isso. Mas a princípio o primeiro passo era poder, sei lá, ajustar (...)” (Rosália).

O estudo de Streck e Reddy-Best (2025) investigou como pessoas trans criam suas próprias peças íntimas afirmativas de gênero por meio de tutoriais no *YouTube*<sup>28</sup>, seguindo a lógica do “Do It Yourself” (DIY), ou, em português, “faça você mesmo”. O foco eram as roupas íntimas voltadas para a parte inferior do corpo, como *gaffs*<sup>29</sup>, *packers*<sup>30</sup> e *packing harnesses*<sup>31</sup>, considerando a inacessibilidade e a falta de opções no mercado. Evidenciou-se que os vídeos disponibilizados na plataforma se tornaram uma alternativa acessível, permitindo que pessoas trans compartilhem soluções criativas e democratizem o acesso a informações sobre vestuário afirmativo de gênero. Além de uma resposta à escassez de produtos especializados, essa prática também promove pertencimento e empoderamento dentro da comunidade transgênero.

Esse cenário dialoga com a presente pesquisa, pois retrata a realidade de exclusão e resistência enfrentada por mulheres trans e travestis no mercado de vestuário. Diante da falta de produtos adequados, muitas desenvolvem alternativas para minimizar o desconforto e adaptar as peças às suas necessidades e preferências. Entre as soluções mencionadas, algumas entrevistadas relataram o uso de calcinhas convencionais, destinadas a mulheres cis, ao contrário, posicionando a parte traseira na frente, pois, essa parte sendo maior, permite melhor cobertura do volume genital.

Outra estratégia comum é a sobreposição de calcinhas, especialmente quando desejam usar lingerie mais delicadas. Nesse caso, utilizam uma calcinha ajustada por baixo, que pode ser uma peça convencional mais apertada ou um modelo específico

<sup>28</sup> É uma plataforma de vídeos online, na qual os usuários podem assistir, criar e/ou compartilhar seus vídeos pela internet.

<sup>29</sup> Termo em inglês usado para as peças íntimas de aquedação. Também chamadas de “tucking underwear” (Streck; Reddy-Best, 2025).

<sup>30</sup> Trata-se de uma prótese peniana, usada por homens trans, para criar a aparência de um pênis, simulando o volume da genitália masculina sob a roupa (*ibidem*).

<sup>31</sup> São tiras feitas para segurar o *packer*, de modo que ele não se mova (*ibidem*).

para aquecimento, enquanto que a peça de tecido mais fino, como uma de renda, por exemplo, é vestida por cima, para garantir a estética desejada. Essas experiências são ilustradas nos trechos a seguir:

“Às vezes usa duas calcinhas, uma super apertada e uma menos apertada, né? E aí, mesmo, você fica com incômodo físico terrível. E às vezes é difícil achar a calcinha que tem o tamanho apropriado para fazer a aquecimento. Então, geralmente o que é mais fácil é comprar e usar ela invertida, né? (...) Eu compro uma calcinha normal, compro no tamanho que seja ok, que eu virando, vai conseguir fazer a aquecimento, né?” (Íris).

“É, eu coloco a calcinha normal, né, do meu corpo, pensado para o meu corpo, que é a calcinha de aquecer que a gente fala, e depois ajeito tudo e geralmente coloco uma calcinha nude, né? E venho e coloco aquela outra calcinha por cima, que dá a de baixo vai ficar escondida. (...) Porque esse meu, o meu conjunto é de renda. Renda não segura nada. E ali a gente tem um, né, um negócio pra segurar ali. Então você pode colocar pra trás, pode fazer o mesmo processo que faria com uma calcinha normal, só que não segura. Vai sair, vai vazar, porque não tem uma costura mais forte, sabe? Vai vazar ali pros lados. Então eu não consigo usar se não for assim” (Magnólia).

Outra entrevistada mencionou o uso de “cuecas femininas” como uma opção mais confortável em comparação às calcinhas tradicionais. Esse modelo, conhecido como “calcinha boxer”<sup>32</sup> ou “calcinha box”, é uma adaptação da cueca masculina para o público feminino, possuindo um formato semelhante ao de um short curto. Por ser mais comprida do que as calcinhas convencionais, ela oferece maior cobertura e sustentação, reduzindo a necessidade de aquecimento intensa. Além disso, sua modelagem ajustada proporciona mais firmeza à região genital, o que pode aumentar a sensação de segurança e conforto durante o uso, como indicado no relato seguinte:

“Em relação à calcinha, calcinha também acho desconfortável. Eu geralmente acabo optando por uma cuequinha mesmo, uma cuequinha, sabe aquelas cuequinhas femininas? (...) É tipo um shortinho bem mais colado, sabe? (...) a diferença entre ela e uma calcinha masculina é a seção, né? Tipo, para mim não tem diferença nenhuma. Mas muda, enfim, as cores, enfim. Mas eu acho mais confortável. Mas são tipo uns shortinhos mesmo. Tipo uma cuequinha box, mais ajustada, sabe? (...) Eu prefiro essas, mas eu tenho algumas calcinhas também. Eu acabo não gostando tanto porque eu acho elas mais desconfortáveis assim. (...) Eu acho que elas não, não sustentam mesmo, enfim, a minha genital, por exemplo. Acho que fica estranho ali. (...) Mas as cuequinhas box, elas têm suprido essa necessidade também, então... (...) Elas são um pouquinho mais apertadas do que as cuecas box que eu tinha quando, antes da transição. Ela é um pouco parecida com aquele tecido de cinta, sabe? (...) Então ela é mais ajustadinha. Ela segura um pouquinho mais do que aquelas cuecas masculinas, sabe? Mas o formato é parecido” (Melissa).

O relato da entrevistada evidencia como essa peça atende melhor às suas necessidades diárias em comparação às calcinhas convencionais. Para Melissa, a

---

<sup>32</sup> Conheça as 5 vantagens de usar a calcinha boxer no seu dia a dia. Site Lupo 2024. Disponível em: <https://www.lupo.com.br/feminino/calcinhas/boxer>. Acesso em: 24 nov. 2024.

“cuequinha feminina” combina elementos de conforto e funcionalidade, uma vez que evita o desconforto causado pela falta de sustentação das calcinhas tradicionais e se ajusta melhor ao seu corpo. Além disso, o material dessas peças foi descrito como mais elástico e semelhante ao de cintas modeladoras, por isso oferece um suporte moderado sem causar compressão excessiva.

A elasticidade e a durabilidade do tecido são aspectos centrais na escolha das peças íntimas, sobretudo para mulheres trans e travestis, que recorrem à compressão para ajustar o volume da região genital e evitar sua marcação. Uma das entrevistadas, a Rosália, indicou que precisa substituir suas calcinhas com frequência, pois o elástico esgarça rapidamente, comprometendo a sustentação necessária. Esse desgaste prematuro demonstra a inadequação dos materiais utilizados nas peças convencionais, que não foram projetadas para suportar compressão prolongada e acomodação de um volume adicional. Mesmo as peças desenvolvidas especificamente para corpos trans apresentam desafios em relação à modelagem e aos tecidos empregados, como destacado nos relatos a seguir:

“E eu sinto que o elástico também fica muito, eu acho que esgarça mais fácil comigo do que com minhas amigas cis. Porque tipo, eu tenho, isso já aconteceu algumas vezes de falar para algumas amigas, ‘ai, eu preciso comprar calcinha de novo’ e elas, tipo, ‘de novo?’. Tipo, toda, toda hora agora. E eu fico um pouco nisso. Tipo, é isso. Tem um volume ocupando, que não estava pensado pra aquela calcinha e fica esgarçando o elástico. E aí, tipo, ai, enfim, terrível” (Rosália).

“Então, eu não, eu não gosto de ficar aquendada com o uso daquelas calcinhas. Eu não sei se alguma outra pessoa trans já te falou. Elas machucam muito, assim, a longo uso, uso contínuo e longo. (...) Eu sinto desconforto com ela, né? Porque eu tenho muito, muito glúteo, né? Muito quadril também. Então o tecido fica muito, muito esticado. Não é nem só a parte do sexo, mas a parte física também, sabe? Elas me machucam muito. Eu sinto que elas não são tão grandes, assim, como deveria, no sentido do tecido mesmo, sabe? A largura da cintura, por exemplo, levar em consideração outros fatores assim, além do fato de aquendar, ser uma calcinha de aquendar. Eu acho que, eu tenho uma amiga que também tem essa dificuldade, sabe? Que o corpo não se adequa, embora o sexo, embora ela cumpra seu papel, né, a gente consegue aquendar e tudo mais. Mas acaba que machuca tanto o quadril que não compensa, assim, pra gente usar no nosso dia a dia.” (Margarida).

Além da perda da elasticidade, o uso contínuo de tecidos que não oferecem resistência adequada pode comprometer o conforto e a segurança, tornando o vestuário íntimo menos funcional ao longo do tempo. A escolha dos materiais e da estrutura das peças íntimas deve levar em consideração a longevidade no uso diário,

reduzindo a necessidade de substituições frequentes e proporcionando um ajuste mais adequado às particularidades corporais transgênero.

O estudo de Xia, Yin e Zhang (2013) investigou a relação entre as propriedades do tecido e a pressão exercida pelo vestuário íntimo de malha no corpo, e foi demonstrado que a pressão do vestuário íntimo não é distribuída uniformemente pelo corpo, sendo que algumas regiões sofrem maior pressão que outras. O estudo reforçou também a importância de tecidos com boa recuperação elástica, pois materiais inadequados podem causar desconforto e comprometer a vestibilidade. Quando se trata de mulheres trans e travestis, cujas proporções corporais diferem das de mulheres cis, existe uma relação distinta entre cintura, quadril e região genital. A pressão exercida pelas peças pode ser desigual nessas mulheres, causando desconforto localizado, mesmo em calcinhas supostamente desenvolvidas para seus corpos.

Outra alternativa indicada por uma das entrevistadas é a cinta modeladora. Para a entrevistada Camélia, essa peça se torna essencial em situações em que nem mesmo as calcinhas específicas para aquecimento conseguem garantir um resultado discreto, principalmente ao usar roupas extremamente ajustadas ao corpo, como as *leggings* e as calças de tecidos finos. Seu relato é apresentado a seguir:

“Então, às vezes, tem calcinhas específicas pra mulheres trans que super funcionam, mas às vezes a peça de roupa que você quer usar, como por exemplo, uma *legging*, e aí já é mais interessante uma cinta, entende? E é um pouco desconfortável, assim, quem for usar no começo. Até para mulheres cis é desconfortável, né? Mas pra gente, que já tem todo o trabalho de mascarar certa região, é mais desconfortável. (...) ela funciona muito bem pra questão de esconder marcação, esse tipo de coisa. Inclusive, eu acho que todas essas cintas deviam ser repensadas e adaptadas pra isso, porque elas, do jeito que são, apenas pra modelar o corpo aqui, esconder a gordurinha, ela já funciona. Então se fosse uma peça que fosse pega e estudada e adaptada, com mais tecnologia voltada para a questão de parte íntima de mulheres trans, funcionaria muito bem. (...) Eu, quando eu uso *legging*, eu uso a cinta. Assim, tem cintas maravilhosas que não marcam e elas conseguem ainda dar aquela segurada, escondida, aquela mascarada na parte íntima e que você não fica marcada. (...) a que eu uso, por exemplo, ela é como se fosse um fio, uma cinta, fio dental, entendeu? Ela é nenhum shortinho. Ela não é tipo shortinho. (...) você pode usar qualquer roupa, que não vai marcar, como uma calça de tecido duna, que aquelas calças marcam bem, né? Aparece tudo. Se você não tiver de fio dental, marca mesmo a calcinha atrás. E essa cinta tem uma resistência naquela parte. Eu não sei se ela foi feita para isso. (...) Mas ela funciona super bem pra esse tipo de caso”.

“Já foi muito desconfortável. Eu acho que a gente acaba se adaptando. (...) Mas no começo era muito desconfortável. (...) Na questão do aperto mesmo, de você tá ali meio que, presa, entende? Era muito desconfortável no começo, por exemplo, pra mim agachar, quando eu tava usando, entende? (...) Mas isso no começo, quando, pra mim, era muito desconfortável. Aí eu não sei o que aconteceu, se eu me adaptei, se eu me acostumei. (...) é uma peça de roupa que, em questão de tecnologia de tecido, eu acho que é muito, muito falha, porque você tem que trocar num curto intervalo de tempo, porque senão a hora que ela desgranhar, ela não vai mais servir

pra nada. (...) Dura uns três meses. Eu não uso todo dia. (...) Porque tem, as calcinhas trans até que atendem bem pra vários tipos de roupa. Você consegue evitar a marcação da genitália com ela. Mas roupas como legging não”.

Esse tipo de peça, apesar de funcional, não foi originalmente projetado para atender as necessidades das mulheres trans e travestis, mas se configura como uma alternativa de uso. Embora as cintas sejam amplamente utilizadas por mulheres cis, para modelar o corpo e suavizar a aparência da silhueta, seu design e tecnologia têxtil ainda apresentam limitações quando aplicadas à realidade trans. A entrevistada destaca que, apesar da eficácia na compressão e disfarce da genitália, esses produtos poderiam ser aprimorados para oferecer mais conforto e durabilidade, sobretudo porque o material tende a se desgastar rapidamente, exigindo reposições frequentes.

Além disso, um aspecto central levantado pela entrevistada é o desconforto inicial gerado pelo uso desse tipo de peça. A compressão intensa e a restrição de movimentos podem tornar a experiência bastante desconfortável, o que ressalta a importância de investir em modelagens e tecidos que conciliem sustentação e flexibilidade. Assim como acontece com mulheres cis que utilizam cintas modeladoras para definir a silhueta, mulheres trans e travestis também passam por um processo de adaptação, mas com um desafio a mais, que é a necessidade de camuflar características corporais que podem gerar disforia de gênero, como a região genital.

Esse cenário destaca uma lacuna na indústria da moda íntima, que ainda não desenvolveu cintas modeladoras pensadas para os corpos trans. O estudo de Xia, Yin e Zhang (*ibidem*) reforça a necessidade de uma análise aprofundada da interação entre tecido, design e modelagem, para garantir um ajuste mais preciso e um conforto prolongado no uso diário. A criação de cintas específicas, levando em consideração os pontos de pressão, a distribuição do tecido e a necessidade de respirabilidade, poderia proporcionar uma solução mais eficiente para as demandas dessas mulheres.

Essas alternativas, adaptações estratégicas e inseguranças também se aplicam às calcinhas dos trajes de banho. Uma das entrevistadas, que opta por biquínis femininos tradicionais, relatou que prefere modelos com laterais mais largas, geralmente voltados para um público mais velho, pois essa modelagem maior permite que ela vista uma calcinha convencional por baixo para realizar a aquecção. Outras entrevistadas mencionaram que substituem a calcinha do biquíni por shorts, pois

consideram essa alternativa mais confortável e discreta. Também há aquelas que evitam completamente o uso de biquínis, como uma das entrevistadas que relatou nunca ter usado essa peça, pois não se sente segura com a possibilidade de que "algo escape". Em seu caso, a única peça de banho que possui é um maiô preto e discreto, uma cor neutra e uma modelagem menos reveladora, para diminuir a exposição do corpo e evitar olhares indesejados. Os relatos a seguir ilustram tais experiências:

"A roupa de praia, por exemplo. Sabe, não há modelos que... Há modelos, mas são modelos para pessoas cis, por exemplo, que a calcinha é muito estreita embaixo, então não dá para usar outra calcinha por cima, ainda que seja um modelo bonito e que eu queira usar muito. Então, às vezes a gente tem que usar uma calcinha. (...) tem que usar um biquíni que não é tão jovem, digamos assim, né? Um biquíni que seria de uma mulher mais velha porque teria uma alça um pouco mais grossa, que daria pra esconder a calcinha que eu estou usando embaixo, já que ele é um modelo feito para mulher cis e não contempla o meu corpo, né? (...) Porque a de biquíni, por exemplo, ela não prende nada. Não é nem uma questão pra prender. A primeira usa uma calcinha de aquendar específica, e depois eu coloco o biquíni por cima. Então o biquíni serve como uma capa, digamos assim né, pra esconder aquela calcinha que é uma calcinha comum mesmo" (Margarida).

"Uma vez o meu amigo me chamou para ir na casa dele. Ele tem piscina e aí eu fiquei pensando e agora, né? Depois da transição, né? Eu nunca, nunca tinha ido pra uma piscina depois da transição e tal. Aí eu falei "ah, vamos lá, vamos tentar". Eu coloquei meu shortinho, coloquei um topzinho e foi tudo bem. (...) Eu uso shortinho e top mesmo. O motivo disso é porque eu nunca fui atrás de comprar. Não é uma demanda que surgiu muito assim depois da minha transição. E eu, agora que eu parei pra pensar, que eu nunca fui atrás disso" (Melissa).

"Eu uso mais maiô, mas eu tenho biquínis também. No começo, (...) eu usava mais biquíni na parte de baixo. Hoje em dia, por facilidade e conforto, eu uso mais shortinho. Mas uso também. Hoje em dia uso mais short na parte de baixo do que o biquíni da parte de baixo" (Orquídea).

"Eu nunca usei biquíni porque eu acho que a minha parte de baixo ainda não tá adequada, principalmente o bumbum, sabe? Eu tenho um pouco de vergonha, mas eu tenho maiô, maiô bonito, maiô preto, nada muito chamativo. Eu não sei se vai continuar servindo. Mas moda praia, sim. Eu não, eu tenho vontade até de usar biquíni, mas eu não sei se ficaria bom e se chamaria muita atenção ou se seria incômodo, né? (...) Eu sei que tem moda praia para mulheres trans. Se eu não me engano, aquela mesma marca que vende calcinha, mas eu ainda não fui atrás" (Lily).

Apesar da existência de marcas especializadas, que produzem moda íntima e moda praia voltada às mulheres trans e travestis, algumas das entrevistadas nunca buscaram essas opções. Isso pode estar relacionado à falta de conhecimento sobre essas marcas, mas também à desconfiança quanto à eficácia da modelagem.

A dificuldade com peças íntimas também se estendeu ao sutiã, sendo uma das peças que gerou maior insatisfação entre as entrevistadas, como já discutido em seções anteriores. A principal queixa esteve relacionada à inadequação da modelagem, que não considera as proporções corporais trans, resultando em peças que não se

ajustam corretamente ao tórax mais largo ou ao volume mamário menos proeminente. Diante das dificuldades, muitas buscaram alternativas de uso para driblar o desconforto.

Entre as soluções adotadas para substituir o sutiã tradicional, destacam-se o uso de tops esportivos, que oferecem maior elasticidade e conforto, os extensores de sutiã, que permitem aumentar a circunferência da peça para acomodar melhor o tórax, os modelos *push up*<sup>33</sup>, que ajudam a “levantar” e dar a impressão de aumento no volume dos seios, e também o sutiã invisível aderente, com adesivo de silicone na parte interna para aderir aos seios sem a necessidade de alças ou fechos tradicionais. Já entre aquelas que passaram por cirurgia de implante mamário, algumas optaram por continuar utilizando sutiãs, mas preferem os pós-cirúrgicos, pois consideram esses modelos mais confortáveis devido ao uso de tecidos de melhor qualidade, maior sustentação e ausência de costuras, minimizando irritações na pele. A seguir, alguns trechos que ilustram a adoção dessas alternativas entre as entrevistadas:

“Ah, eu gosto de usar top. Eu não sou muito adepta do sutiã. Porque é desconfortável demais. Eu tenho as costas um pouco mais largas também, então é muito ruim. E um topzinho, já me serve assim. Então eu fico de boa com os meus tops, gosto muito de tops” (Melissa).

“Sutiã geralmente também. A gente pensa na questão da, do tronco. Ou eles vão ficar sobrando no seio, ou eles vão ficar apertado nas costas. Então, daí tem que achar a cor. Ou você compra um número maior e compra o extensor, ou você compra o número... é, ou você compra um número menor e o extensor ou você compra um número maior e deixa folgado ao mesmo tempo. Ultimamente eu tô gostando muito de usar um sutiã que a gente chama de “push up”, que ele é, ele tem uma, ele tem, tipo, um formatinho aqui nessa área, ele tem um anzolzinho, um arquinho. Então ele dá uma apertada, ele junta mais o seio. Então, o jeito que eu acho mais bonito, principalmente pra quem tem pouco seio, né? Na verdade, foi criado para mulheres que tem pouco seio, né? Pensando daí, a gente aproveita e pega carona nisso e também compra e também usa” (Acácia).

“Aí em algumas roupas específicas, roupas transparentes ou roupas que são muito finas, que marca muito. Aí eu uso o tapa sexo de seio, que é só na auréola. (...) eu sou irredutível, eu não uso sutiã. Se for o caso, eu uso um tapa sexo, né, que ali só no bico do peito. (...) que é o que não me incomoda muito, que tá só o bico do peito, só a auréola e pronto, pra mim tá tranquilo” (Jasmim).

“E depois que eu coloquei, falar pra você, que nem eu te falei, eu tenho um sutiã diferente, porque os outros é todos sutiã cirúrgico, que eu uso desde quando eu operei. Uma que é confortável (...) eu tive ficar mais de 30 dias usando sutiã e você acaba acostumando, entendeu? Então assim, os sutiãs que eu uso, são sutiãs cirúrgicos e quando não tô de sutiã, eu tô sem mesmo, sabe? (...) Muito prático, ele é gostoso pra dormir. Você se sente segura assim mesmo, sabe? Nos primeiros dias assim, quando podia ficar sem o sutiã cirúrgico, colocar uma blusinha e

---

<sup>33</sup> A expressão em inglês “push up” significa “empurrar para cima”. Esse modelo de sutiã é indicado para levantar, realçar e dar a impressão de busto “mais cheio”. Ele possui um bojo acolchoado e, dependendo do modelo específico, algumas marcas prometem o aumento “em até três vezes o volume dos seios”. Disponível em: <https://www.liebelingerie.com.br/sutia/push-up>. Acesso em: 21 dez. 2024.

tal, a gente quer usar, né? Porque a gente quer mostrar e tudo mais, mas você sente falta da segurança que ele te dá, sabe? Parece que vai cair e tudo mais. E acaba virando um costume. Então assim, nossa, tem dia que, eu não tiro o sutiã pra dormir (...) Então, ele para mim é peça-chave assim, uso todo dia. Pra trabalhar é muito confortável, sabe? Não é quente, é tranquilo” (Magnólia).

Outras alternativas no vestuário também se tornam necessárias para a prática de atividades físicas. Como a *legging* feminina é confeccionada em tecidos altamente elásticos e possui modelagem justa ao corpo, esse tipo de peça acaba marcando a região genital, tornando seu uso desconfortável para muitas mulheres trans e travestis. Para minimizar essa exposição, as poucas que frequentam academias, adotam estratégias específicas, como o uso do short-saia, do “tapa bumbum” ou de uma blusa de mangas longas amarrada na cintura.

O short-saia proporciona um equilíbrio entre conforto e discrição, pois o short interno garante a sustentação, enquanto a saia superior, com modelagem mais solta, cobre a região, permitindo que a usuária se sinta mais à vontade. Já o “tapa bumbum”, peça popular entre mulheres cis, projetada para cobrir a região posterior, funciona como uma barreira visual, que, no caso das mulheres trans e travestis, ajuda a disfarçar a área frontal. Há ainda a alternativa de usar uma blusa, que possua mangas longas, amarrada na cintura, desempenhando uma função parecida a do “tapa bumbum”, garantindo maior conforto e segurança para a prática de atividades físicas.

Para além das customizações e formas alternativas de uso das roupas, há uma mudança de perspectiva que as mulheres trans e travestis precisam adotar para lidar com as limitações do vestuário disponível no mercado. Diante da falta de opções que atendam suas necessidades, algumas acabam ressignificando as peças e ajustando suas expectativas em relação ao que podem vestir. Nesse processo, ocorre uma reinterpretação das roupas, transformando restrições em novas possibilidades. Um exemplo citado foi o de uma entrevistada que adquiriu uma blusa de mangas longas, e, ao perceber que as mangas ficaram curtas em seus braços, passou a enxergá-la como uma blusa de mangas 3/4. Seu relato a seguir ilustra essa experiência:

“Eu acho que de dificuldade eu sinto muito pra peças que tem a ver com minhas dimensões, sabe? Tipo, às vezes ela funciona... Eu sou bem alta e bem magra, e às vezes ela dá certo na cintura e não dá certo no comprimento. E aí eu fico, ‘Ah, mas tudo bem, ela agora é uma ¾’. Tipo, ela é um pouquinho mais levantada, o estilo dela, tipo, e aí eu vou utilizando de tipo do estilo para justificar alguma coisa que não tá certa, sabe? Ou uma blusa, eu tenho muitas assim, na verdade, que não acontecia com as roupas antes da transição inclusive. A gente tem muitas

roupas que não, não dão certo assim. Ela é uma roupa que eu gosto muito, que eu uso à beça, mas que não necessariamente encaixa perfeitamente no meu corpo. Tipo, eu tenho uma camisa de manga longa, que eu gosto muito, que ela não chega nem no meu pulso e na parte do meio, não chega, tipo, não passa muito no umbigo, eu fico esticando ela. E uso ela sempre como uma peça para usar embaixo de outra. Mas eu gosto muito dela e ela, nesse caso, veio de doação. Então, tipo, é isso. Esse lugar da dimensão, principalmente também, e eu sinto isso, na verdade, com quase todas as peças. (...) Eu acho que tem um pouco aquilo que eu tava falando, de aceitar as roupas, mesmo que elas não estejam perfeitamente bem, pra mim, tá ok. Então, tipo, com essa visão, sim. Mas tipo, é isso. Algumas vezes, muitas, ela não tá bem, bem no corpo, mas aí eu aceitei e tá no meu armário e eu tô usando” (Rosália).

Embora a estratégia de ressignificação permita que algumas peças sejam incorporadas ao vestuário diário dessas mulheres, evidencia-se, ao mesmo tempo, a necessidade constante de adaptação e a falta de opções pensadas para as suas corporalidades. Essa ressignificação reflete a tentativa de lidar com as limitações impostas pela indústria da moda, que opera dentro de um modelo cisnormativo de padronização de tamanhos e proporções (Streck; Reddy-Best, 2025; Tullio-Pow; Yaworski; Kincaid, 2021), e ainda privilegia corpos cisnormativos dentro de parâmetros estritos de vestibilidade, marginalizando diferentes grupos, como, por exemplo, pessoas gordas, idosas de tamanho grande (Caldas; Nascimento, 2021; Martins; Carrera, 2024), e, claro, mulheres trans e travestis.

Assim como as roupas *plus size* ainda reproduzem estereótipos de feminilidade e não atendem todas as necessidades dos corpos gordos (*ibidem*), o vestuário feminino tradicional não é pensado para as corporalidades das pessoas transgênero. Como resultado, mulheres trans e travestis enfrentam desafios constantes com modelagem, proporção e caimento. O relato da entrevistada, que reinterpretou a maneira como enxergava aquela peça de roupa, é uma resposta criativa, mas também forçada frente à inadequação do vestuário disponível no mercado, que deve ser compreendida como um reflexo da exclusão estrutural imposta por um sistema de moda que ainda não reconhece plenamente a diversidade de corpos.

O Quadro 7, apresentado a seguir, organiza os principais achados relacionados à categoria “Mudanças corporais e estratégias de uso” e suas subcategorias.

Quadro 7 – Categoria “Mudanças corporais e estratégias de uso” e suas subcategorias.

| Subcategorias                                      | Mudanças corporais e estratégias de uso                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                |
|----------------------------------------------------|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| Transformações corporais e adaptações no vestuário | <ul style="list-style-type: none"> <li>• Os corpos das mulheres trans e travestis passam por transformações ao longo da transição de gênero, que influenciam diretamente na relação com o vestuário;</li> <li>• Algumas mulheres trans e travestis realizam a hormonioterapia e/ou passam por procedimentos cirúrgicos, como a cirurgia de implantes mamários, para alinhar seus corpos à identidade de gênero;</li> <li>• Existem técnicas mais agressivas para adequar o corpo ao vestuário disponível, que algumas mulheres trans e travestis recorrem, e pode causar bastante desconforto físico, como o uso de fitas adesivas para a aqueção;</li> <li>• A falta de vestuário adequado faz com que muitas naturalizem a dor para afirmar sua feminilidade, evidenciando sua exclusão na moda.</li> </ul>                                                                                          |
| Customizações e alternativas de uso                | <ul style="list-style-type: none"> <li>• As estratégias de uso podem envolver desde ajustes manuais até a necessidade de encontrar novas formas de vestir peças existentes, voltadas para mulheres cis;</li> <li>• Aprender a costurar é um desejo de algumas mulheres trans e travestis para realizar adaptações e aumentar sua autonomia;</li> <li>• Além das calcinhas específicas para aqueção, algumas utilizam cintas modeladoras para minimizar a marcação do corpo sob roupas muito justas;</li> <li>• Para praticar atividades físicas, algumas adotam estratégias diferenciadas, como o uso de short-saia, por exemplo, para minimizar a marcação da região genital;</li> <li>• Diante das limitações do vestuário, muitas mulheres trans e travestis ressignificam peças de forma criativa, mas forçada, refletindo a exclusão estrutural da moda sobre a diversidade de corpos.</li> </ul> |

Fonte: elaborado pela autora.

#### 4.5 Barreiras e invisibilização

Apesar dos avanços no debate sobre diversidade e inclusão, o setor da moda ainda impõe barreiras significativas para mulheres trans e travestis. A escassez de marcas especializadas, as dificuldades financeiras e a falta de representatividade limitam seu acesso ao vestuário, transformando-o em um instrumento de exclusão, em vez de um meio de expressão e pertencimento.

A invisibilização desse público reflete uma estrutura cisnormativa que privilegia corpos alinhados aos padrões hegemônicos, o que se manifesta desde a produção até a comercialização das roupas, incluindo a experiência de compra, e também na publicidade, a partir da comunicação das marcas, dificultando ainda mais a inclusão dessas mulheres no campo da moda.

Considerando esse cenário, serão exploradas aqui duas questões fundamentais: “Acessibilidade e barreiras econômicas”, que examina os desafios financeiros e estruturais no acesso ao vestuário adequado, e “Exclusão e invisibilização na moda”,

que discute a ausência de representatividade e a negligência em relação à diversidade corporal, especialmente no que diz respeito aos corpos trans.

#### **4.5.1 Acessibilidade e barreiras econômicas**

O acesso a um vestuário adequado representa um desafio significativo para muitas mulheres trans e travestis, que enfrentam barreiras tanto financeiras quanto estruturais na busca por roupas que atendam às suas necessidades e se ajustem adequadamente aos seus corpos. A realidade socioeconômica desse grupo é marcada por múltiplos fatores, como, por exemplo, a rejeição familiar, as dificuldades de inserção no mercado de trabalho formal ou ainda a falta de representatividade na moda.

Esses obstáculos transformam o simples ato de se vestir em um desafio constante, marcado por limitações, imprevistos e adaptações. A vulnerabilidade financeira, principalmente nos estágios iniciais da transição, impõe períodos de instabilidade em que a compra de novas roupas se torna inviável. Nesse contexto, as doações desempenham um papel essencial, oferecendo acesso a peças básicas e possibilitando a construção de uma aparência mais alinhada à identidade de gênero.

Muitas das entrevistadas relataram que, especialmente no início da transição, a rede de apoio foi fundamental para a obtenção de roupas. Elas receberam peças de doações, pois não tinham condições financeiras para renovar seu guarda-roupa completamente. No entanto, apesar de fundamentais, as peças recebidas nem sempre correspondiam às suas preferências pessoais, identidade de gênero ou estrutura corporal. Como a maioria dessas roupas foi originalmente confeccionada para corpos cisgênero, o caimento inadequado gerava desconforto e limitava suas possibilidades de expressão de gênero. Os relatos a seguir ilustram essas experiências:

“Assim, a princípio, quando eu fiz a minha transição, eu passei por um período, assim, muito difícil financeiramente, porque eu acabei saindo de um relacionamento que eu tive de vinte anos e tal. Então veio a pandemia, eu era cabeleireira, eu fiquei desempregada por muito tempo, no lockdown, foram sete meses e tal, então eu fiquei muito tempo vulnerável financeiramente e aí foi bem no período de minha transição. E aí eu, muitas roupas que eu tive, eu ganhei de ONGs, eu ganhei. Então, quando eu comprei as minhas roupas, quando eu pude comprar as minhas roupas, não. Mas quando eu ganhei essas roupas, vestidos e tudo, eu tive que adaptar e fui sim na costureira pra adaptar, pra, tipo assim, ou dar uma afrouxada, ou apertar ou ajustar um zíper, né, essas questões assim. Mais por conta disso, porque foi uma roupa ganhada, né? Porque na época eu não tava tendo condições” (Jasmim).

“(...) quando eu iniciei minha transição eu tenho cinco anos de transição, mas eu ainda tenho muita roupa desde o começo da minha transição. E a maioria foi doação, porque quando a gente começa a nossa fase de transição, nosso processo de transição, às vezes a gente não tem um familiar, a gente não tem um apoio da família. Então, às vezes é, tipo assim, amigos que ajudam, colegas que ajudam, primas, conhecidos. Então, tipo assim, você às vezes não tem condição de comprar uma peça de roupa feminina e acaba recebendo bastante doação” (Hortênsia).

“Então, é tipo, mas também tem muito esse acaso, de ir visitar uma amiga e ela me fala ‘ai, eu tô arrumando meu armário, tem essas peças aqui que eu não sei o que eu vou fazer ainda, você quer dar uma olhada?’. E aí isso aconteceu já muitas, muitas, muitas vezes. Eu tenho muitas peças, tipo, que alguém me deu, enfim, e aí é meio que isso” (Rosália).

Mesmo para aquelas que não receberam doações e puderam adquirir suas próprias peças, os custos envolvidos ao longo da transição vão muito além do vestuário. A transição de gênero demanda um investimento financeiro alto, pois envolve não apenas a renovação do guarda-roupa, mas também cuidados pessoais, procedimentos estéticos e outros gastos, que, para muitas, não são meros supérfluos, mas necessidades fundamentais, com a finalidade de reduzir a disforia e alinhar a aparência à identidade de gênero. As roupas que utilizavam antes deixam de fazer sentido, tanto esteticamente quanto simbolicamente, reforçando a necessidade de reconstruir seu estilo, que represente essa nova fase. Como destacou uma das entrevistadas, em seu relato a seguir, quando diz que “comprar tudo do zero é caro”, o que evidencia a inadequação do vestuário anterior e como a necessidade de novas peças representam não apenas um desafio identitário, mas também econômico:

“E assim, como eu te falei, eu comecei há pouco tempo, né? Então eu comecei a comprar coisas agora assim o guarda-roupa não tem tanta roupa, né? Mas eu já tenho as roupas para trabalhar, às vezes dar uma saída, o sapato também... comprar tudo do zero, né? Sapato, maquiagem... tu sabe né, mulher, é caro. Não dá pra gastar tanto” (Violeta).

O alto custo de itens essenciais do vestuário feminino, como lingerie, representa um obstáculo adicional para muitas mulheres trans e travestis. Uma das entrevistadas mencionou que o preço das peças específicas para corpos trans pode variar entre R\$ 50 e R\$ 60, no caso das calcinhas, enquanto um sutiã pode custar entre R\$ 70 e R\$ 80 reais, valores que muitas delas não conseguem arcar. Além da barreira financeira, há também a limitação estética, pois muitas das peças consideradas inclusivas, mesmo as voltadas para mulheres transgênero e travestis, são disponibilizadas em uma gama restrita de modelos, cores e estilos (Jones; Strübel; Lim, 2023). Isso compromete não apenas a acessibilidade, mas também a possibilidade de expressão individual e a

feminilidade, tornando penosa a tarefa de encontrar peças que realmente reflitam suas identidades e preferências. Os relatos a seguir ilustram essas experiências:

“Em loja online, é, eu já achei, mas geralmente com preços sempre inacessíveis, pelo menos para mim, entendeu? Acontece de elas serem mais caras, né? De roupa íntima, lingerie. A lingerie, eu tenho muita dificuldade de encontrar lingerie que sejam boas pra mim, que foquem realmente na questão genital e deixe de uma certa forma confortável. Eu tenho muito desconforto com lingerie, com calcinha, sutiã, porque geralmente elas ficam muito desconfortáveis. Eu soube de algumas marcas que fazem lingerie para pessoas trans e que conseguiram inventar modelos que deixem mais confortável tudo. Só que pagar numa calcinha R\$ 50, 60 reais, e um sutiã R\$ 70, 80 reais. Tá, metade do valor disso, então... Eu já vi, mas geralmente são coisas inacessíveis, pelo menos pra mim. Agora a loja, eu nunca encontrei roupa, é, de calça de short, de blusa, tudo em geral. Mas eu fiquei sabendo de lingerie, só que com preços assim, inacessíveis demais” (Acácia).

“Chego numa loja e falo ‘tem calcinhas maiores?’. É, que sejam maiores, é, como posso explicar, nessa parte da frente, de trás? Calcinha fio dental, por exemplo, é algo muito desconfortável, pelo menos pra mim. E sempre pergunto se tem calcinhas assim maiores, mas daí se você vai usar calcinha maiores eles geralmente vão dar aquela calcinha que é pra um público mais idoso. É aquelas calçolas. Também não quero usar uma calçola, quero usar uma calcinha bonita e confortável, mas não tem. Ou eu vou pra calçolona ou eu fico desconfortável. E na grande maioria das vezes, eu fico desconfortável, principalmente se eu for sair com alguém. Eu sei que eu vou acabar mostrando a lingerie. É, eu vou usar a desconfortável mesmo, que eu não vou usar a que é mais feita na minha concepção. Eu só uso essa quando eu vou trabalhar ou quando eu quero ficar mais confortável. Mas eu gostaria que tivesse uma se fosse bonita, né? Renda, com aplicações, assim, que são mais bonitas e que também sejam confortáveis pra gente. Questão de ter uma genital diferente da que, como eu falei, a indústria acha que vai comprar. Não é só esse tipo de pessoas, né? É um grupo variado. Às vezes até mulheres cis reclamam, né? Pelo fato de serem minúsculas algumas” (Acácia).

“Foi a única marca que eu consegui achar que ela trabalhava assim, com uma lingerie mais próxima do que a gente vê no mercado feminino, sabe? Tinha ali uma renda, um pouquinho diferente, um elástico diferente ali, assim, sabe? Porque as outras, vamos supor assim, isso é uma marca própria, né? As outras que eu encontro só na Shopee, são tudo calcinhas padrões, tipo fio, mais larga, né, na frente, tudo com aqueles tecidos de fazer biquíni, maiô, sabe? É suplex, né? Suplex duplo, uma coisa assim. Então não tem muita, tipo, a diferença é a cor, né? Tipo cores e desenhos e estampas, porque de resto é tudo um padrão só. Não tem uma calcinha tipo, que nem as mulheres, né, tem calcinha laser, tem aquelas carçola, mais carçolona, tem a calcinha média, tem a calcinha de algodão, tem a calcinha disso, tem a calcinha daquilo. Nós não. Nós, é tudo um padrão de calcinhas de uma única forma e de um único tecido que só varia a estampa e a cor. (...) Porque assim, a minha cirurgia tem um ano e cinco meses. Eu tenho um conjunto de lingerie. Eu não compro. Por quê? Eu sei que o sutiã vai servir, vai ser lindo, mas eu vou usar com o quê embaixo? As calcinhas do conjunto é desse tamanho, que é aquilo lá, nenhum xibiu cabe naquelas calcinha, entendeu? Não tem como. Tecido super fino, não vai dar sustentabilidade. Porque assim, a gente tem que pensar que tem as trans operadas e as trans não operadas, as trans que quer operar e as trans que não tem vontade de operar. Eu sou uma trans que eu não tenho vontade de operar, entendeu? Então, até quando eu tiver essa vontade de não operar, eu não vou conseguir ir numa casa de lingerie e comprar uma lingerie que vai dar no meu corpo perfeita, vou sair de lá linda e vou arrasar com o boy. Não vai ter, entendeu? Então eu acabo não comprando, não adquirindo, porque eu não vou comprar, sei lá, lingerie não é uma coisa barata, entendeu? Aí você quer uma lingerie linda, você vai comprar só para usar o sutiã? Porque daí não vende a calcinha separada. E a calcinha, eu faço o quê? Vendo na internet? Dou pros outros? Então assim, tenho muita carência disso, sabe? Não, não tem. Eu tenho um conjunto que é feminino e a calcinha dela é tipo aquelas cuequinhas boxer assim, só que pra mim me sentir confortável nela, eu tenho que colocar uma calcinha minha normal por baixo, sabe? Ela

é mais um enfeite mesmo pra colocar ali e completar o conjunto, mas fora isso, eu não consigo usar ela, só a calcinha. Não me sinto segura, não me sinto confortável” (Magnólia).

As entrevistadas apontaram a escassez de peças que conciliem conforto e estética, o que frequentemente as obriga a escolher entre modelos desconfortáveis, opções que reforçam estereótipos ou produtos com preços inacessíveis. O estudo de Rocha *et al.* (2024) investigou o consumo de roupas íntimas por consumidores transgêneros, evidenciando como esse processo está ligado à afirmação da identidade de gênero, ao bem-estar emocional e às vulnerabilidades enfrentadas no mercado. O setor de moda íntima ainda opera dentro de padrões cisnormativos, ignorando as necessidades específicas das pessoas trans. Como resultado, os participantes do estudo relataram sentir-se invisibilizados pelas empresas e marcas de lingerie, o que reforça a exclusão desse público no mercado.

Além disso, foi revelado que, mesmo com uma oferta já limitada de produtos voltados para consumidores transgêneros, os preços dessas peças costumam ser elevados, restringindo ainda mais o acesso (*ibidem*). Os resultados desse estudo vão ao encontro dos achados da presente pesquisa, sobretudo no que se refere ao alto custo das peças íntimas, conforme apontado no depoimento da entrevistada Acácia.

A experiência de compra também é atravessada por dilemas entre a aquisição em lojas físicas e *online*. Muitas entrevistadas preferem comprar roupas em lojas físicas, para experimentar antes de adquirir uma nova peça, já que as roupas femininas disponíveis no mercado não são projetadas para seus corpos, tornando essencial a prova das peças, a fim de garantir um ajuste minimamente satisfatório.

Algumas relataram ainda que, após iniciar a hormonioterapia, passaram a ter dificuldades em compreender suas medidas exatas, pois as mudanças hormonais alteraram suas formas e a maneira como as roupas vestem seus corpos. Essa incerteza reforça a importância da experiência sensorial, de tocar o tecido e testar o caimento das peças antes da compra, mesmo que isso signifique pagar preços mais elevados em lojas físicas. Nos trechos a seguir, as entrevistadas destacaram essa relevância, de “provar antes de levar”:

“Loja física. (...) Disso, de tecido, de formato, conseguir visualizar melhor. Como eu não tenho muito conhecimento de tecido, então eu sei que tal tecido me incomoda, mas eu não sei o nome do tecido, então eu vendo, tocando, eu sei” (Orquídea).

“Eu gosto de comprar em loja física por ter essa questão do provar né, do provar. Se fica bom no meu corpo e pra mim comprar sabendo que eu vou usar né? Porque tem muita roupa que a gente compra online e acaba se decepcionando com o material ou com a forma da roupa. Então a gente acaba gastando dinheiro e não usando, né?” (Hortênsia).

“Então, eu, eu comprava muito em loja online, mas eu acabei, com a transição hormonal, acabei ganhando muito peso. A gente acaba ganhando muito peso. Eu sempre tive um 1,80m desde meus 17 anos e eu pesava 52 kg. No início da transição, com 1,80, eu tava bem magra. E aí eu fui ganhando um peso. Então eu fui pra 60, agora eu tô com 70 atualmente. E aí, porque eu comprava em loja online, eu consegui ter, quando eu tava mais magra, eu conseguia pegar sempre números assim maiores, elas sempre ficavam mais folgadas, mais longas. Agora com um pouco de ganho de seio, um pouco de ganho de coxa, aí eu perdi um pouco a noção do que cabe, do que não cabe. Então acabou que eu agora procuro mais uma loja física. Pra dar um exemplo, no início do inverno, eu queria muito aqueles casacos de Ted, sabe? De pelúcia. E todo dia eu ficava comprando um. Todos eles, foram várias devoluções, foram cinco devoluções no total. E eu não tinha encontrado nenhum. Aí na loja física, experimentando os vários, consegui juntar três, aí eu consegui levar um porque ficou bom, porque ele era um pouquinho mais comprido na manga e um pouquinho mais comprido no comprimento aqui, né, do tronco, aí coube, aí ficou legal” (Acácia).

“Ah, eu sempre preferi comprar com a mão, com meu olho, físico. Não gosto de comprar online. As únicas coisas que eu realmente compro online é calcinha. (...) Eu gosto de sentir, eu gosto de ver tecido, eu gosto de ver cheiro, sabe? Eu tenho que provar. E ainda mais, vamos supor assim, com o corpo que eu tenho, não tem como, sabe? É jogar dinheiro fora. Hoje em dia não é vantajoso, sabe? Que nem assim, é porque assim, a calcinha ela te dá uma sustentabilidade, ela disfarça bem assim, mas dependendo da roupa que você tá, se for uma roupa muito justa, alguma coisa assim, marca, entende? Então, assim, até o que é pensado na gente assim, não tem uma durabilidade tão boa, né? Porque esse tecido de suplex, eles, estica né? Então logo tá tudo esgarçado, tá largo e não dá a sustentabilidade. Então vamos supor assim, que nem o povo é a ‘louca da Shein’, eu não consigo comprar. Vamos supor assim, comprar uma saia, comprar um short, eu não consigo. Eu pago muito mais caro comprando em loja física do que online, porque você entra na Shein, tem short de R\$ 29,90, R\$ 39,90, R\$ 49,90, R\$ 59,90. Você vai numa loja física, você não acha um short menos de 129,90, você tá entendendo? Igual, mesmo tecido mesmo tudo, entendeu? Então eu acabo pagando mais caro pra mim, porque eu tenho que me sentir confortável, é isso que eu busco, entende? Então, não consigo comprar na internet por medo também, sabe? Não é só por provar, por medo de não gostar, por medo de marcar, por medo de passar vergonha, sabe? Tipo, porque às vezes a gente compra, e a gente tava contando com aquela roupa, a gente acaba socando no corpo e indo, e depois, sabe? Não gosto de correr esses riscos” (Magnólia).

Por outro lado, algumas participantes afirmaram preferir as compras *online*, pois esse formato amplia a gama de opções disponíveis e evita situações de constrangimento e transfobia em lojas físicas. Uma das entrevistadas destacou que se sente mais confortável comprando pela internet, pois dessa forma evita que vendedores errem seus pronomes ou a tratem de maneira inadequada. Além disso, os provadores podem representar um espaço de tensão e desconforto para mulheres trans e travestis,

transformando a experiência presencial de compra em um momento de estresse, em vez de prazer (Ferreira; Pereira, 2020; Jones; Strübel; Lim, 2023; Rocha *et al.*, 2024).

Entretanto, a compra *online* também apresenta desafios, pois o processo de troca e devolução pode ser demorado e burocrático, além da dificuldade que existe em encontrar tamanhos adequados, o que gera frustração e desperdício de dinheiro. A seguir, alguns dos relatos que ilustram essas questões:

“Loja online, pela questão de eu não ter que passar por uma transfobia e ninguém errando meus pronomes. Por causa que é um desconforto enorme comprar em uma loja física, especialmente roupa íntima ou qualquer coisa muito explicitamente feminina. Eu acho que é a pior sensação do mundo, com certeza. (...) Então, é a questão de que, como a gente nunca sabe se o produto vai servir por causa de que os tamanhos de roupas femininas são, não cabe tão bem na maioria da gente. A gente acaba tendo que ir para o provador, e aí para o provador feminino... E aí vai ter gente que vai olhar a gente de uma forma totalmente assim, estranha, e você vê também às vezes no caixa, qualquer pessoa. Eles vão entender que, ‘ah, é um travesti’. E vão dar aqueles olhares de julgamento e você sente assim, meio que uma alienígena no local. Então é uma experiência que deveria ser boa, né? Estou comprando uma roupa pra mim. A roupa nova é uma coisa muito boa, uma experiência muito feliz. Mas pra essa circunstância da experiência, eu saio assim, meio que destruída do local” (Dália).

“Eu tenho que experimentar. O que funciona pra compra online é se eu já comprei uma vez naquela loja, porque tem a variação do molde. Então eu prefiro, já experimento na hora, porque daí você vê, ‘ah, não ficou legal no ombro, ficou ruim na barriga’. E daí você tem a opção de, ‘ah, de repente, se eu pegar um número menor ou um número maior’. Já na compra online não tem essa facilidade, porque a cada troca você tem que tem toda uma demora e os procedimentos né? Então, eu prefiro comprar em loja física, por mais que às vezes seja mais caro e não tenha tanta variedade” (Lily).

“Preferir, eu prefiro em loja física, porque eu tenho a possibilidade de provar. Mas a loja online tem, tem coisas muito boas, né? Primeiro que o conforto, você não precisa sair de casa e eu sinto que tem muito mais opção, principalmente para o meu estilo assim. Então eu consigo comprar muito mais acessórios. Consigo comprar mais roupas que talvez no mercado brasileiro não sejam tão, não vendam tanto, então talvez não tenham tanto nas lojas físicas, sabe?” (Melissa).

“Online eu tenho facilidade em comprar, porque enfim, elas têm muitos tamanhos, mesmo que a altura não me sirva, eu compro um tamanho a mais. Eu sempre compro um tamanho ou dois e já comprei três tamanhos a mais para ter certeza que a altura vai me servir. Aí no corpo ela não me serve sem ajuste, mas a altura me serve” (Margarida).

O estudo de Jones, Strübel e Lim (2023) buscou compreender como a identidade de gênero influencia a experiência de compra de consumidores trans. Os resultados evidenciaram que muitas dessas pessoas evitam lojas físicas devido ao desconforto com os provadores, tanto para escapar de possíveis julgamentos quanto para garantir maior variedade de produtos, modelos e tamanhos. Além disso, o estudo apontou que a vulnerabilidade econômica impacta significativamente o acesso ao vestuário, uma vez

que peças especializadas para corpos trans, apesar de existirem, apresentam preços elevados, que muitas dessas mulheres não conseguem arcar.

De maneira semelhante, Ferreira e Pereira (2020) analisaram como o estigma sofrido por mulheres trans durante a transição de gênero afeta seu consumo. Assim como no estudo de Jones, Strübel e Lim (2023) e Rocha *et al.* (2024), constatou-se que muitas mulheres trans evitam lojas físicas por medo de discriminação, seja pelo receio de serem ignoradas ou maltratadas por vendedores, seja pela possibilidade de passarem por situações vexatórias, como olhares de julgamento nos provadores. O estudo também revelou que a precariedade econômica restringe o consumo dessas mulheres e que, com frequência, a passabilidade orienta suas escolhas de vestuário, tornando-se um critério central na decisão de compra.

Os achados desses estudos estão em consonância com os desafios relatados pelas entrevistadas da presente pesquisa, que enfrentam dificuldades financeiras e, muitas vezes, precisam recorrer a doações para compor seu guarda-roupa. Além disso, muitas delas relataram preferir as compras *online* como forma de evitar constrangimentos e situações desconfortáveis em lojas físicas.

Nas lojas físicas, a transfobia pode aparecer de diferentes formas, como olhares de julgamento, tratamento inadequado por parte dos vendedores e a própria estrutura dos espaços, como provadores que não garantem segurança e privacidade para pessoas transgênero. Porém, uma outra questão apontada por uma das entrevistadas, é a falta de tamanhos compatíveis com seus corpos, que também acontece nas compras *online*, o que reforça o sentimento de que o mercado não considera suas existências. O depoimento a seguir reforça esse entendimento:

“É uma experiência humilhante de você comprar em uma loja física, uma experiência humilhante comprar em uma loja virtual, por causa que na loja física você vai ser vítima de transfobia. Na loja virtual você vai ver que nunca tem seu tamanho. Você se sente, você se sente... assim, o termo é forte, mas você se sente um homem comprando roupa para a sua filha, por causa que você olha... ‘Meu Deus, isso nunca vai caber em mim’. Isso não tem realidade com meu corpo” (Dália).

A frase “você se sente um homem comprando roupa para a sua filha” apresenta uma carga simbólica profunda, revelando a dissociação entre o vestuário feminino disponível e as características corporais das mulheres trans e travestis. Quando essas consumidoras buscam peças em lojas convencionais, muitas vezes percebem que a modelagem, as proporções e as grades de tamanho foram desenvolvidas

exclusivamente para corpos cisgênero, tornando impossível encontrar roupas que sirvam sem ajustes. No entanto, essa situação também acontece no universo virtual. Essa percepção não afeta somente a experiência de compra, mas também tem implicações emocionais, pois reforça a sensação de deslocamento e a falta de pertencimento dentro do sistema de moda.

Além dos desafios financeiros e das dificuldades na experiência de compra, a inadequação da modelagem das roupas disponíveis no mercado é outro problema central, já abordado em seção anterior. Nessas circunstâncias, a modificação das peças torna-se um processo essencial para que possam usá-las de maneira funcional e confortável. Ajustes, sejam intervenções caseiras ou realizadas por costureiras, fazem parte do cotidiano de muitas mulheres trans e travestis, como também indicado em seção prévia. No entanto, a prática pode se tornar financeiramente inviável para grande parte desse público, uma vez que serviços de costura e ajustes podem ter um custo elevado, como indicado no trecho em seguida:

“Eu compro, assim, eu faço uma reza por causa que levar pra uma costureira tem duas questões. A primeira de desconforto de você não ser uma pessoa trans passável. Você levar para uma costureira e você apareceu com uma saia, é aquele medo, sabe, de ser julgada. E, pra mim, questão de preço. Nossa, imagina se toda pessoa trans que for comprar uma roupa sempre tem que levar pra ajustar? Principalmente a gente, que é um grupo mais marginalizado. Eu tô com privilégio, que eu tô com emprego legal agora, então seria até uma possibilidade. Mas para a maioria é algo, assim, impensável” (Dália).

A barreira econômica leva muitas mulheres trans e travestis a recorrerem a peças de roupas de qualidade inferior. Uma das entrevistadas relatou que, devido à escassez de peças projetadas para corpos trans e às limitações financeiras, muitas acabam adquirindo roupas mais baratas, que se desgastam rapidamente. Afora isso, destacou que, mesmo quando há possibilidade de investir em peças de maior qualidade, a vestibilidade continua sendo um problema, já que as roupas femininas são desenvolvidas para corpos cisgênero. Assim, o valor da peça não garante que ela servirá adequadamente, tornando a experiência de compra ainda mais restritiva. A fala da entrevistada a seguir evidencia essa percepção:

“Então, assim, eu vejo que muitas mulheres se vestem com isso, vamo supor assim, essas lojas do 25 de março, que a gente vê um monte, são tudo roupa que estica, são tudo roupas baratas, são roupas que vai marcar o corpo, que vai deixar sexy pra quem gosta e tudo mais e tals. Agora vamos supor assim, vamo pegar uma marca de roupa, sei lá, Morena Rosa. Você vai entrar numa loja da Morena Rosa, nem todas as roupas da Morena Rosa vai servir num corpo trans. Não vai esticar. Porque a mulher tem um padrão, (...) são grades, a grade P, M, G, GG. Grades de corpos

estudados milimetricamente femininos. O corpo transexual é um corpo masculino, então a tabela de medidas do P, não vai ser o mesmo P do que um corpo masculino. Então não vai servir aquilo ali. Então, essas marcas que, essas falsificações que a gente vê muito em brechózinho, essas coisas assim, essas lojinhas, a gente acaba adquirindo mais porque é o que serve. Agora eu entro numa Morena Rosa, às vezes, mesmo eu tendo condição, querendo comprar, eu não compro porque não vai ter nada pensado em mim ou usável, que eu vou conseguir usar e vai ficar bom no meu corpo, sabe?" (Magnólia).

A moda tradicional estabelece suas grades de tamanho com base em corpos "milimetricamente femininos", excluindo não apenas mulheres trans e travestis, mas também outros corpos dissidentes, como corpos gordos, que, muitas vezes, não se enquadram no padrão de "gordo aceitável" dentro do mercado *plus size* (Martins; Carrera, 2024). Essa exclusão força diferentes grupos a recorrerem a alternativas, sendo, no caso das mulheres trans e travestis, as lojas de roupas de menor qualidade uma das poucas opções disponíveis para encontrarem peças que minimamente se ajustem aos seus corpos. Esse paralelo evidencia que a exclusão na moda opera por diferentes marcadores sociais (como gênero e peso, por exemplo), mas segue um mesmo princípio, que é a normatização de um corpo ideal, delimitando quem pode ou não acessar determinadas vestimentas, perpetuando um sistema excludente, pouco adaptável à diversidade corporal.

Além do fator econômico, mulheres trans e travestis que fogem do padrão de estatura frequentemente enfrentam um desafio adicional, a dificuldade em encontrar peças femininas em tamanhos maiores. Uma das entrevistadas, que é bastante alta, relatou que precisa pagar mais caro pelas roupas, pois peças femininas de numeração maior são categorizadas como "especiais" e possuem preços superiores às de tamanhos convencionais. Ela mencionou que, para conseguir um caimento melhor, costuma comprar tamanhos maiores, garantindo o comprimento necessário, e, posteriormente, realiza ajustes em outras medidas. Seu relato a seguir ilustra essa dificuldade e a estratégia adotada para contorná-la:

"É muito difícil, assim, muito raro. Só quando assim, é uma peça, assim, muito cara, geralmente é muito caro quando eu compro no comércio local, é muito caro. Uma calça que, sei lá, seria R\$ 60, eu pago 150, por exemplo, sabe? Sem nenhum detalhe, sem nada. Uma calça lisa, eu pago mais de R\$ 100 só pra ter esse conforto de altura e tamanho. Mas é muito difícil, é muito raro encontrar uma roupa assim na rua e comprar. (...) Online eu tenho facilidade em comprar, porque enfim, elas têm muitos tamanhos, mesmo que a altura não me sirva, eu compro um tamanho a mais. Eu sempre compro um tamanho ou dois e já comprei três tamanhos a mais para ter certeza que a altura vai me servir. Aí no corpo ela não me serve sem ajuste, mas a altura me serve" (Margarida).

Mesmo com adaptações, essas peças nem sempre atendem plenamente às suas preferências ou necessidades. Elas representam soluções paliativas dentro de um setor que ainda não contempla suas especificidades. Diante disso, uma alternativa encontrada por algumas entrevistadas foi o consumo em brechós. A compra de roupas de segunda mão permite acesso a marcas que, de outra forma, seriam inacessíveis devido aos altos preços do varejo tradicional. Além da questão financeira, os brechós oferecem maior variedade de modelagens, possibilitando encontrar peças que possam ser adaptadas às suas necessidades. No entanto, essa alternativa tampouco resolve integralmente o problema da modelagem, já que os padrões de corte continuam sendo cisnormativos. O depoimento seguinte exemplifica essa estratégia:

“Eu acho que tem muito a ver com um estilo muito, muito, mas é de olhar para uma peça e achar que ela é muito a minha cara. A maioria das vezes eu compro em brechó. Então eu não vou procurar uma peça específica, eu vou olhando o que é que tem mais a minha cara, o que é mais estiloso, o que é menos também convencional. (...) Não só por isso. Na verdade, acho que é uma justificativa que vem depois para, enfim, pela facilidade de comprar roupas mais baratas. Em poder comprar, ter roupas – isso é uma perspectiva que eu fui ter mais recentemente –, sobre poder ter roupa original se ela for de brechó. Tipo, eu tenho umas roupas de marca, mas tipo que vieram do brechó, que vieram de doação. Então, tipo, que eu não poderia ter essas roupas se eu fosse comprar na loja, no caso” (Rosália).

Embora os brechós sejam alternativas viáveis e sustentáveis, o principal fator que leva muitas mulheres trans e travestis a recorrerem a esse tipo de comércio é de fato a limitação financeira. Essa inacessibilidade e a falta de opções no varejo tradicional restringem a autonomia e expressão individual, tornando a compra de roupas um processo de adaptação constante. Jones, Strübel e Lim (2023) apontam que varejistas e fabricantes operam sob a suposição equivocada de que, ao transicionarem, os consumidores trans automaticamente se encaixarão nos padrões de vestuário já existentes. Além disso, “presumem que, uma vez que uma pessoa decida se assumir como transgênero e iniciar o processo de compra de vestuário, ela apenas comprará suas roupas de gênero identificadas e isso satisfará suas necessidades de vestuário (...)” (*ibidem*, p. 76), ignorando as dificuldades de vestibilidade e caimento que surgem devido às diferenças estruturais do corpo. Dessa forma, o acesso à moda, que deveria ser um direito e uma ferramenta de expressão, acaba se tornando mais uma fonte de exclusão e invisibilização, ampliando as desigualdades sociais e de gênero.

#### 4.5.2 Exclusão e invisibilização na moda

A invisibilização das mulheres trans e travestis no mercado de moda vai além da falta de produtos desenvolvidos para suas necessidades, mas também se manifesta na ausência de representatividade e reconhecimento de suas demandas como consumidoras legítimas. Muitas entrevistadas relataram que desconhecem marcas voltadas para corpos trans e, mesmo aquelas que já ouviram falar, a acessibilidade continua sendo um obstáculo. Seja pelos preços elevados, pela oferta limitada de cores, modelos e estilos ou pela modelagem ainda inadequada, essas opções não contemplam plenamente suas necessidades, tampouco seus desejos de vestuário.

A suposta falta de demanda é bastante utilizada como justificativa para a ausência de produtos ou coleções específicas voltadas às pessoas transgênero. Contudo, essa ideia se contradiz com os relatos das entrevistadas, que expuseram várias e recorrentes dificuldades na busca por roupas que sirvam adequadamente. Um dos motivos que pode contribuir para essa invisibilização é o fato de as pessoas trans serem tratadas como um grupo homogêneo, sem distinções entre suas necessidades e particularidades. A ausência de estatísticas detalhadas sobre os diferentes subgrupos que compõem a comunidade LGBTQIAPN+ reforça essa generalização, fazendo com que suas demandas sejam negligenciadas e mal compreendidas (Buck, 2016; Reilly; Catalpa; McGuire, 2019).

Essa lógica foi, inclusive, internalizada por algumas entrevistadas, que acreditam que o mercado não enxerga viabilidade econômica em atender corpos trans. Esse pensamento reflete um ciclo de exclusão, cuja falta de oferta em vestuário adequado leva à falsa impressão de que não há interesse nessa população ou necessidades específicas por parte dessas pessoas, quando, na realidade, suas dificuldades demonstram justamente o contrário. A fala de uma das entrevistadas evidencia isso:

“Eu não acredito que tenha um mercado muito específico, sabe? Porque talvez não compensa o investimento das indústrias. Porque a quantidade, se a gente for ver, a parcela da população de mulheres trans, em comparação ao de mulheres cis, é muito pequena. Então é mais fácil a gente se adequar ao mercado do que o mercado se adequar a gente. Então, se tiver alguma coisa mais artesanal, mais específica, mas são pequenas marcas” (Lily).

No entanto, as dificuldades mencionadas pela própria entrevistada ao longo de seus relatos demonstraram que essa demanda existe, mas segue ignorada e

desatendida. A adaptação forçada ao vestuário cisnormativo fortalece a ideia de que cabe a essas mulheres moldarem-se às opções disponíveis no mercado, e não o contrário. Essa inversão de lógica contradiz os princípios do design de moda e ergonomia, que deveriam priorizar a adequação das roupas ao corpo do usuário, garantindo liberdade de movimento, segurança, proteção e conforto (Broega; Cunha; Cabeço-Silva, 2019; Maffei; Menezes, 2009; Martins, 2019).

Além da falta de oferta de vestuário adequado, pensado para atender a diversidade de corpos, essa exclusão também se reflete na ausência de representatividade dentro do próprio mercado. A invisibilização das mulheres trans e travestis não se limita ao design e à produção de vestuário, mas se estende às campanhas publicitárias, que raramente incluem modelos trans em suas comunicações. Como apontou uma das entrevistadas, se a representatividade já é escassa nas passarelas e materiais promocionais, a possibilidade de essas mulheres serem reconhecidas como público-alvo pelas marcas ainda parece distante:

“Nem elas não conseguem nem se ver na moda, né? São poucas as modelos trans que hoje estão por aí fazendo campanhas de moda. Imagina ser o público-alvo de alguma marca? O máximo que a gente vê é alguma marca que não trabalha com gênero, por exemplo. É o máximo que a gente consegue ver, mas uma marca fora da lingerie, né?” (Margarida).

A falta de um olhar atento da moda, como destacado pela entrevistada, evidencia que, embora o discurso sobre diversidade corporal tenha ganhado espaço, a pluralidade das experiências femininas ainda não se reflete na prática do setor. Esse cenário pode ser compreendido por meio do conceito de *pinkwashing*<sup>34</sup>, também conhecido como *pink marketing* (marketing rosa) ou *pink money* (dinheiro rosa), que se refere à apropriação de pautas LGBTQIAPN+ pelo mercado sem um compromisso real com a transformação social. Enquanto campanhas publicitárias celebram a diversidade e promovem uma suposta inclusão trans, a realidade de consumo dessas mulheres continua sendo marcada por limitações estruturais, como a falta de produtos acessíveis, funcionais e adaptados às suas necessidades.

---

<sup>34</sup> O termo diz respeito a marcas que, apenas para autopromoção, valem-se das pautas da comunidade LGBTQIAPN+ para fins de marketing, sem promover mudanças estruturais. Disponível em: <https://contextojornalismo.com/2024/06/06/mes-do-orgulho-entenda-a-pratica-do-pinkwashing/>. Acesso em 8 jan. 2025.

O fato de muitas entrevistadas ainda precisarem recorrer a calcinhas desenvolvidas para mulheres cis, necessitarem realizar ajustes nas roupas por conta própria ou ainda terem que sobrepor camadas de peças para se sentirem minimamente confortáveis, demonstra que a inclusão promovida por algumas marcas é, com frequência, superficial, e não se traduz em mudanças efetivas na oferta de produtos.

Além disso, embora o mercado reconheça o potencial econômico da comunidade LGBTQIAPN+, esse reconhecimento não necessariamente se converte em melhorias concretas na experiência dessas consumidoras. Nascimento, Oliveira e Leite Júnior (2024) apontam que há um interesse comercial em lucrar com esse público, mas sem, de fato, atender suas necessidades. Ainda que a visibilidade proporcionada pelo *pink marketing* tenha aspectos positivos, a exploração dessa comunidade como mero atrativo publicitário, gera uma falsa sensação de inclusão, sem um compromisso real com mudanças estruturais.

Um exemplo recente de *pink marketing* foi o desfile da marca de lingerie americana *Victoria's Secret*. A empresa realizava anualmente o “Victoria's Secret Fashion Show”, até que, em 2018, seu então diretor de marketing declarou à revista *Vogue* que não havia interesse em incluir modelos *plus size* e transexuais no evento. A declaração gerou forte reação negativa, resultando na suspensão do desfile por seis anos, até seu retorno em 2024. Durante esse período, a marca afirmou ter passado por reestruturações e anunciou medidas de inclusão, como a contratação da primeira modelo trans. Contudo, apesar da promessa de maior pluralidade corporal, o desfile de retorno foi amplamente criticado por manter a predominância de modelos magras, com uma representatividade trans e *plus size* bastante tímida na prática (Geremias, 2024).

Essa contradição do *pink money* também se manifesta na experiência de compra. Embora as empresas até foquem no poder de consumo da população LGBTQIAPN+, a acessibilidade financeira e funcional dos produtos segue sendo desconsiderada (Nascimento; Oliveira; Leite Júnior, 2024), tornando as peças especializadas inacessíveis para grande parte das mulheres trans e travestis. Os relatos das entrevistadas evidenciaram que, diante dessas barreiras, muitas recorrem a roupas de menor qualidade, compras em brechós e alterações caseiras como formas de driblar a exclusão imposta pela indústria da moda, entre outras adaptações, como já

explorado em seções anteriores. Os trechos a seguir ilustram essas dificuldades no cotidiano das entrevistadas:

“Acho que, acho que é algo que ainda precisa evoluir muito. A gente precisa de mais visibilidade nesse quesito. Fala-se muito pouco sobre isso, né? Sobre moda e mulheres trans, né? É, sobre você, realmente... Eu gostaria que chegasse a uma marca de roupa e me falasse sobre isso. Eu não vejo comercial, eu não vejo anúncio, eu não vejo nada sobre isso, sabe? Então somos muito pouco contempladas ou nada contempladas, porque, querendo ou não, é um corpo diferente, uma anatomia diferente, vão ter questões diferentes. E eu vejo que a gente é muito esquecida, né? Nesse quesito, eu sempre tenho dificuldade pra encontrar todo tipo de roupa, seja no cropped, ou seja, calça, shorts, roupa íntima, roupa de banho, em tudo, em tudo eu tenho dificuldade, porque sempre são roupas que vão deixar a desejar em alguma coisa. E que eu sempre tenho que acabar ou fazendo ajustes, ou trocando ou deixando de lado” (Acácia).

“Eu acho que, na verdade, o mercado da moda, eu não acho que a gente passa despercebida pra moda. Acho que a moda nos vê e escolhe não nos contemplar. Tipo, eu acho que mulheres trans e travestis são usadas muito como referência em muitos lugares, tipo na moda. (...) eu acho que a gente, tipo, enquanto, sei lá, coletivo, mulheres trans e travestis, no geral, influencia no mercado da moda. Eu só acho que é isso. A gente, ao mesmo tempo, não é contemplada” (Rosália).

“(...) eu não acho nem que todas as mulheres cis são contempladas pelo mercado de moda, sabe? Eu sinto que tem muitas questões de corpo que acabam não aparecendo até, mesmo hoje em dia. Eu sinto que as coisas mudaram, né, de um tempo pra cá. Enfim, pelos motivos que mudaram, né? Isso a gente não vai entrar. A gente sabe que mudou por causa de dinheiro e comercial, né? Não é por conta de uma questão social importante, mas mudaram. No entanto, eu acho que não mudaram o suficiente. Então, corpos gordos, eu ainda acho que não são 100% contemplados. Pessoas grandes, né? E aí eu sinto que uma parte das meninas trans acabam entrando nessa, nessa definição, né, de terem corpos maiores, também não são contempladas” (Melissa).

Uma delas acredita que a exclusão das mulheres trans e travestis no mercado da moda não é acidental, mas resultado de uma escolha consciente da indústria em não as contemplar. Como destacou Rosália, em seu relato, as mulheres trans e travestis influenciam tendências e servem como referência de estilo e inspiração, mas esse impacto não se traduz em reconhecimento enquanto consumidoras-usuárias. Em um cenário onde elementos da cultura trans são constantemente apropriados sem qualquer retorno para esse público, o setor de moda perpetua um sistema de exclusão e invisibilização. A verdadeira inclusão não deve se limitar a gestos simbólicos ou campanhas publicitárias esporádicas, mas precisa envolver mudanças estruturais que garantam acesso, representatividade e um design que contemple a diversidade corporal de forma genuína.

Mesmo entre as entrevistadas que possuem um biotipo mais próximo ao padrão magro e de estatura média, as dificuldades persistem. Embora consigam encontrar

roupas que sirvam com mais facilidade, elas reconhecem que essa não é a realidade de todas as mulheres trans e travestis. A seguir, seus relatos evidenciam essa percepção:

“(...) eu acho porque, se você for pegar essa proporção, acaba que assim, eu sou bem magra, né? Na prática eu sou bem magra, então acaba que assim realmente acaba ficando mais fácil, sabe? Tipo assim, eu vejo que se, tipo, de repente se a pessoa tender para menos ou tender para mais, eu acho que vai ter mais dificuldade, entendeu? Ou questão de altura. Eu acho que mais altura até do que peso, entendeu? Eu acho que a altura vai pegar mais, sabe? (...) Eu, tipo assim, eu falo que, eu tenho sorte, eu tenho sorte no sentido de tipo de muita coisa que eu vejo, acaba dando certo para mim, sabe? Mas assim, eu vejo que não contempla, sabe? Porque, exatamente por causa dessa questão da proporcionalidade, né? Então acaba que assim, muitas vezes a pessoa vai querer usar alguma coisa e aquilo não vai encaixar, sabe? Porque foi feito pra mulheres cis, não foi feito pra mulheres, né? Então acaba que dificulta. Eu acho que dificulta, né? (...) Eu consigo me adaptar muito bem. Mas tem outras, que não vai conseguir, né? Eu, por exemplo, eu faço uso de bloqueador de testosterona, tem mulheres, tem meninas trans que escolhem não fazer. Ou às vezes nem pode fazer, porque às vezes tem uma limitação de saúde e não pode fazer. E como é que fica essa pessoa, entendeu? Como que ela vai conseguir usar o tipo de roupa que eu uso, por exemplo? Não vai, entendeu? Ou às vezes vai, mas ela vai ter uma limitação. Às vezes vai, ela vai passar por um constrangimento que, felizmente, eu não passo” (Gardênia).

“E aí, tipo assim, de resto, é visando também o privilégio que Deus me deu de ter o corpo que eu tenho e tudo mais e tals, então assim, hoje eu não tenho muita dificuldade. Quando eu tava nessa transição de guarda-roupa, os primeiros ali, eu tinha mais dificuldade porque eu não tinha peito, aí eu colocava uma roupa com bojo, eu ia arrancar o bojo, daí tinha um tecido a mais no bojo ali, caía, ficava estranho. Então, antes eu tinha muito mais dificuldade. Hoje eu não tenho tanta dificuldade visando o privilégio do meu corpo, porque eu tenho 1,69m, eu sou ombro fino, cintura fina e tudo mais. Mas a gente tem que pensar também que, no seu trabalho você não vai falar só do meu tipo de corpo, você vai falar daquelas mulheres transexuais que tem as costas larga, sabe, ou que talvez uma que não tem a prótese e tudo mais. Porque que nem a minha outra amiga trans que eu tenho, a gente transicionou, fez tudo junto, mas eu sempre fui mais feminina, ela, a busca dela pela feminilidade ainda tá sendo, ainda tá, sabe? (...) Então assim, é visando que o meu corpo, o meu estereótipo que eu tenho hoje, eu não tenho dificuldade para encontrar roupa no mercado, mesmo sendo uma mulher trans. Porque também o lifestyle que eu tenho, de estilo e tudo mais, ali, de roupas mais largas, mas eu encontro. Agora, que nem essa minha amiga, ela já tem um ombro mais largo, então não é todo topzinho que dá em mim, que dá nela, sabe? É toda regatinha que fica bonita em mim, fica bonita nela. E ela tem prótese também, ela é feminina e tudo mais, mas o corpo dela não é o mesmo do que o meu” (Magnólia).

Como apontado nos relatos das entrevistadas, ainda que algumas encontrem roupas que lhes sirvam com maior facilidade, essa experiência não é universal entre as mulheres trans e as travestis, pois a modelagem existente é baseada exclusivamente em corpos cisgênero e magros. Essa negligência não apenas restringe a vestibilidade das peças, mas impõe um processo de adequação mandatária, no qual essas mulheres precisam ajustar suas escolhas de vestuário ou recorrer a modificações, sejam nas roupas ou mesmo nos próprios corpos.

Um dos motivos pelos quais o mercado de moda acaba excluindo as mulheres trans e travestis pode se dar pela falta de um processo estruturado que considere essas consumidoras-usuárias em todas as fases do desenvolvimento de produto. O estudo de Makara, Merino e Vergara (2017) aponta que as etapas de modelagem e prototipagem não costumam refletir as reais proporções corporais dos usuários finais. No caso das mulheres trans e travestis, isso ocorre porque as tabelas de medidas são baseadas em corpos cisgênero, sem levar em conta variações estruturais como largura de ombros, cintura ou quadril, por exemplo, aspectos estes fundamentais para a criação de peças que possam vestir adequadamente. Como evidenciado nos relatos das entrevistadas, a inadequação das modelagens gera desconforto e obriga essas mulheres a recorrerem a adaptações improvisadas, como customizações e outros artifícios.

Por sua vez, o estudo de Makara e Merino (2021) revela que a pesquisa com usuários é subutilizada dentro da indústria da moda, e mesmo quando ocorre, tende a se restringir à fase inicial do planejamento, sem continuidade nas etapas seguintes, como as de modelagem e prototipagem. No contexto das mulheres trans e travestis, essa falha é ainda mais grave, pois suas necessidades específicas sequer são investigadas. A escuta ativa desse público deve ser o primeiro passo para um design verdadeiramente inclusivo, mas isso não significa apenas coletar dados sobre suas demandas, mas garantir que essas informações sejam corretamente interpretadas e aplicadas no desenvolvimento dos produtos.

A inclusão dessas mulheres no processo de desenvolvimento do vestuário pode e deve ir além da coleta de dados. É essencial que marcas promovam provas de roupa com usuárias reais, testando a vestibilidade das peças antes de sua produção em larga escala. As provas de modelagem com modelos vivos, para garantir que suas dimensões sejam representantes do formato e tamanho corporal do público-alvo é essencial (Luk; Yu, 2016). Isso poderia garantir que a modelagem e os materiais escolhidos atendessem de forma mais efetiva às necessidades do público trans, reduzindo problemas como tecidos que não oferecem compressão adequada, elásticos que se desgastam rapidamente ou cortes que não respeitam a forma desses corpos.

Além disso, é preciso que as equipes de desenvolvimento estejam preparadas para lidar com as informações coletadas. A simples realização de pesquisas não basta

se os profissionais responsáveis pela criação e produção das peças não souberem interpretar esses dados e transformá-los em soluções concretas (Makara; Merino, 2021). A formação desses profissionais deve incluir um olhar crítico sobre diversidade corporal e um entendimento aprofundado sobre as demandas de grupos historicamente marginalizados na moda. O desafio, portanto, vai além de simplesmente adaptar peças femininas já existentes, pois a criação de roupas para mulheres trans e travestis exige um entendimento aprofundado da antropometria, da ergonomia e das necessidades psicossociais desse público. Isso inclui a realização de pesquisas com medidas reais dessas mulheres, testes de modelagem e vestibilidade com modelos vivos e um olhar mais atento para os desafios enfrentados diariamente por essas pessoas.

A falta de opções também faz com que as mulheres trans e travestis precisem recorrer às poucas marcas de nicho, muitas vezes inacessíveis ou pouco conhecidas. Diante dessa realidade, uma das sugestões levantadas foi a criação de seções especializadas em redes de varejo, por exemplo, tornando mais acessíveis roupas projetadas para suas corporalidades, conforme falas das entrevistadas:

“Acho que pode melhorar, não tendo só em marcas específicas, né? Pra corpos trans e travestis. Em outras lojas, como a C&A, Renner, nessas lojas de shopping ou à venda no mercado online mesmo, como Shopee, roupas próprias pra mulheres trans e travestis que, que fiquem mais adequadas em nossos corpos, né?” (Lis).

“Da mesma forma que, por exemplo, hoje você consegue achar em lojas, seções plus size, que a moda por muito tempo negou que existiam esses corpos. Então, para mim, é só mais uma forma de barrar a existência daquela pessoa, o acesso daquela pessoa naquele espaço (...) em relação à roupa, que é um produto que vai ser consumido. E, enfim, deveria seguir a lógica do capitalismo. Quem está ali para consumir, vai consumir, vai gerar toda a cadeia daquele produto ali, vai, vai fechar o ciclo. E aí você tá dizendo que existe uma fatia, um recorte enorme da população, e, tipo, foda-se, nem tô percebendo que vocês existem, que vocês estão entrando na minha loja, sabe? E a gente tá lá, tendo péssimas experiências, mas ainda gastando, porque a gente precisa se vestir, né, como qualquer outra pessoa. Então eu acho que sim. Da mesma forma que plus size, uma época ninguém ia ver e hoje tem seções. Vai chegar e vai estar, né, estamos entendendo que vocês estão aqui. Vocês são pessoas que consomem, tá aqui uma seção pra vocês. E aí você cria toda uma rede, toda uma cadeia de produto, que aí você vai ter pessoas da indústria da moda voltadas para esse público, né, construindo, né, que já existem, mas assim, você vai ver pessoas... Mas elas não têm capilaridade, né? São bem locais. Eu sei que em São Paulo tem muita coisa assim, que eu vejo na internet, mas tipo, coisa que não consigo nem comprar. Então, tipo, acho que uma das primeiras lojas de calcinhas para mulheres trans foi em São Paulo, aqui no país, né? E rolou. Mas tipo, não acho com facilidade essas coisas. Tanto que eu nunca consegui comprar, né? Ah, que, tipo, que aqui entrega e tal. Hoje em dia é mais fácil. Mas enfim, eu acho que é isso, uma seção” (Íris).

A entrevistada Lis destacou que grandes varejistas populares poderiam incluir peças voltadas para mulheres trans e travestis em suas coleções regulares, o que

poderia evitar que a busca por roupas adequadas ficasse restrita a poucas marcas especializadas, facilitando o acesso e garantindo que peças mais alinhadas às suas necessidades estejam disponíveis em espaços amplamente frequentados. A entrevistada Íris, por sua vez, reforçou essa perspectiva ao fazer um paralelo com o mercado *plus size*, que, durante muito tempo, ignorou a existência de corpos gordos e hoje conta com seções dedicadas dentro de alguns desses varejistas. Para ela, a falta de uma seção voltada para mulheres trans e travestis nas lojas físicas é uma forma de barrar suas existências e ignorar seu potencial de consumo. Afinal, essas mulheres estão inseridas no mercado, comprando roupas e movimentando a economia, mas suas demandas ainda não são vistas como prioridade pelas grandes marcas.

A criação de lojas ou mesmo de uma seção especializada, além de facilitar o acesso ao vestuário adequado, também teria um impacto simbólico, reconhecendo as mulheres trans e travestis como consumidoras legítimas. Isso poderia estimular a indústria a investir mais no desenvolvimento de produtos que realmente atendam a esse público, ampliando a oferta de roupas com modelagens mais inclusivas e promovendo mudanças estruturais no setor de moda. Além disso, garantiria que essas mulheres pudessem realizar suas compras em um ambiente mais acolhedor, reduzindo situações de constrangimento e inadequação ao buscarem roupas em lojas convencionais. A implementação de estratégias como essas representariam um avanço significativo na inclusão de pessoas transgênero no setor de moda.

O Quadro 8, a seguir, compila os principais achados referentes à última categoria, “Barreiras e invisibilização”, advindas de suas subcategorias.

Quadro 8 – Categoria “Barreiras e invisibilização” e suas subcategorias.

| Subcategorias                         | Barreiras e invisibilização                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                   |
|---------------------------------------|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| Acessibilidade e barreiras econômicas | <ul style="list-style-type: none"> <li>• Muitas mulheres trans e travestis enfrentam dificuldades financeiras, o que afeta seu acesso ao vestuário;</li> <li>• Para conseguir roupas, especialmente no início da transição, muitas dependem de doações e redes de apoio;</li> <li>• O preço elevado de roupas e lingerie, especialmente de marcas especializadas, torna o acesso ainda mais limitado;</li> <li>• Peças de tamanho maior ou com modelagens diferenciadas são mais caras, figurando-se como barreiras para mulheres trans e travestis que não seguem padrões de corpo magro;</li> <li>• Muitas preferem comprar roupas em lojas físicas, pois precisam “provar antes de levar”, mas temem enfrentar situações de transfobia;</li> <li>• Mesmo as mulheres que optam por compras <i>online</i>, ainda apresentam dificuldades com relação ao ajuste e caimento das peças.</li> </ul>                                                                                                                                                                             |
| Exclusão e invisibilização na moda    | <ul style="list-style-type: none"> <li>• A maioria das entrevistadas desconhece marcas especializadas em vestuário para mulheres trans e travestis, evidenciando a oferta limitada;</li> <li>• Mesmo quando há produtos voltados para esse público, a modelagem não é a ideal e a seleção é reduzida em termos de modelos, cores e opções de design;</li> <li>• A moda adota o <i>pinkwashing</i>, lucrando com a imagem da diversidade enquanto a inclusão trans permanece superficial e não se traduz em produtos acessíveis e adequados;</li> <li>• Falta representatividade no mercado da moda, com poucas modelos trans em campanhas publicitárias e pouca inclusão em iniciativas de design;</li> <li>• Algumas entrevistadas apontam que a moda se aproveita da influência e estética das mulheres trans para tendências, sem, no entanto, criar peças verdadeiramente inclusivas;</li> <li>• Uma solução para facilitar o acesso ao vestuário adequado poderia ser a criação de lojas ou mesmo de seções específicas nas lojas voltadas para esse público.</li> </ul> |

Fonte: elaborado pela autora.

#### 4.6 Proposta de diretrizes

É fundamental que o desenvolvimento de vestuário destinado às mulheres trans e travestis leve em consideração suas necessidades específicas, abrangendo desde a modelagem, escolha de materiais, funcionalidade, realização de testes e pesquisas até a inclusão e acessibilidade no mercado, tendo em vista suas experiências e vivências. Com base nos resultados desta pesquisa e nas sugestões das participantes — as usuárias diretas e consumidoras dos produtos —, foram elaboradas diretrizes para orientar designers, modelistas e demais profissionais do setor da moda na criação de peças mais confortáveis e representativas. Essas diretrizes atendem também ao quinto objetivo específico da presente pesquisa.

O primeiro ponto diz respeito à modelagem, que tem um papel central na experiência de conforto e vestibilidade das mulheres trans e travestis. O processo de desenvolvimento de produto deve levar em conta características como o tórax mais largo e o quadril mais estreito, por exemplo, a fim de garantir peças de roupas que estejam de acordo com a forma e estrutura corporal delas. São propostas então modelagens que apresentem ajustes flexíveis, como elásticos, e recortes anatômicos, pois podem oferecer um caimento mais adequado, preciso e confortável. Outro ponto importante é que a modelagem ajude na redução da marcação de áreas sensíveis, como é o caso dos ombros e da região genital, de maneira que, sem abrir mão da feminilidade, proporcionem mais confiança e proteção a essas mulheres.

A escolha dos tecidos também tem um impacto na vestibilidade e, conseqüentemente, no conforto. As próprias entrevistadas destacaram que necessitam de maior mobilidade, até mesmo pelo fato de que algumas dessas mulheres realizam a aquecimento para disfarçar a região genital, por isso os materiais rígidos devem ser evitados, considerando também o conforto sensorial e a prevenção de machucados e irritações na pele. A utilização de tecidos elásticos e que sejam respiráveis, além de materiais tecnológicos, devem ser priorizados para gerar maior conforto térmico e ergonômico. É interessante ainda atentar para o desenvolvimento de forros e camadas internas estratégicas, com o intuito de garantir maior segurança e sustentação, especialmente nas roupas íntimas, peças de moda praia e vestuário esportivo.

Outro aspecto essencial na construção de um vestuário mais adequado para as mulheres trans e travestis é a sua funcionalidade. As roupas precisam facilitar os atos de vestir/despir das usuárias, garantindo praticidade e vestibilidade, e, em função disso, aberturas estratégicas nas peças podem e devem ser exploradas. A versatilidade também é um ponto de atenção, até porque pode ser dispendioso adquirir muitos itens de vestuário, e roupas versáteis podem ser combinadas entre si e usadas em diferentes ocasiões e contextos. Ademais, a ausência de bolsos funcionais e outros detalhes utilitários não devem ser ignorados, pois as mulheres trans e travestis necessitam de peças práticas e que facilitem suas atividades diárias.

Para que tudo isso seja possível, é preciso que sejam feitos testes e pesquisas constantemente. A realização de provas de modelagem e testes de vestibilidade com

mulheres trans e travestis é indispensável para identificar possíveis correções e ajustes, garantindo que as peças considerem suas limitações e atendam às suas demandas. É preciso ainda que a identidade de gênero seja respeitada em todas as etapas do desenvolvimento de produtos, logo, elas precisam ser ouvidas e reconhecidas durante todo o processo. Afora isso, as pesquisas e o *feedback* devem fazer parte da realidade do setor de moda, para que haja um acompanhamento contínuo na evolução das coleções, assim como na criação de futuras coleções.

Por fim, sobre a inclusão, é preciso que ações concretas façam parte da prática do setor, como a ampliação da grade de tamanhos nas lojas, tornando o vestuário mais acessível e focado na diversidade. Outro passo nesse sentido pode ser a criação de lojas ou de seções especializadas dentro das empresas do varejo de moda, assegurando que essas mulheres tenham um espaço onde possam encontrar roupas que vistam bem seus corpos e atendam às suas necessidades. Além disso, no que se refere à concepção, o envolvimento das mulheres trans e travestis na cocriação de peças junto aos designers, modelistas e demais profissionais da área, podem trazer perspectivas distintas e originais, muito mais proveitosas e assertivas.

Na Figura 15, a seguir, são apresentadas essas diretrizes, que foram pensadas com o propósito de auxiliar o processo de desenvolvimento de vestuário voltado às mulheres trans e travestis, com ênfase no conforto.

Figura 15 – Diretrizes para o desenvolvimento de vestuário destinado às mulheres trans e travestis, com ênfase no conforto.



Fonte: elaborado pela autora.

## 5. CONCLUSÃO

A presente pesquisa teve como objetivo compreender como as mulheres trans e travestis percebem o conforto/desconforto no vestuário, partindo da hipótese de que essa percepção é distinta daquela vivenciada pelas mulheres cisgênero. A experiência das mulheres trans e travestis é atravessada por fatores psicossociais que impactam tanto a identidade quanto o bem-estar.

Os resultados confirmaram a hipótese inicial, pois, para as mulheres trans e travestis, o vestuário envolve a afirmação da identidade de gênero e influencia a autoestima, a sensação de pertencimento e a segurança nos espaços sociais. Diferentemente das mulheres cis, que encontram maior oferta de roupas adequadas aos seus corpos, as mulheres trans e travestis enfrentam desafios adicionais na busca por roupas que atendam, entre outras necessidades, o conforto.

Embora o conceito de "conforto total" no vestuário englobe quatro dimensões (sensorial, termofisiológica, ergonômica e psicológica), essa classificação não abrange por completo a complexidade da experiência das mulheres trans e travestis. Nesse conceito, a dimensão psicológica também é denominada "psicossocial", mas verificou-se a necessidade de distingui-la da dimensão social, já que ambas exercem impactos distintos na percepção de conforto/desconforto das mulheres trans e travestis.

Enquanto o conforto psicológico está ligado à conexão com a própria identidade, autoestima e autoimagem, o social diz respeito à maneira como essas mulheres são percebidas e tratadas na sociedade, e isso inclui fatores como aceitação, segurança e proteção contra atos de discriminação e violência. Entre as contribuições acadêmicas da presente pesquisa, destaca-se o achado sobre essa distinção, já que o aspecto social não é somente um reflexo do aspecto psicológico, mas tem uma influência direta e independente sobre as vivências e o bem-estar dessas mulheres.

No que diz respeito às categorias e suas subdivisões, foi constatado que a "interação corpo-vestuário" representa uma das principais dificuldades, uma vez que a modelagem tradicional não compreende as dimensões corporais das mulheres trans e travestis, o que afeta a "vestibilidade ideal". Na categoria "vivências psicossociais no vestuário", pôde-se verificar que o ato de vestir funciona como um meio de reafirmação pessoal e validação social, que influi na segurança e aceitação em diferentes contextos.

Já em “mudanças corporais e estratégias de uso”, evidenciou-se a necessidade de adaptações e alternativas, o que reforça a carência de produtos pensados para esses corpos e a falta de um olhar do setor de moda. Por fim, em “barreiras e invisibilização”, foi demonstrado que essas mulheres enfrentam obstáculos tanto financeiros quanto estruturais, no que se refere à acessibilidade do vestuário.

Diante dos resultados, foram propostas diretrizes para o desenvolvimento de vestuário, destinado às mulheres trans e travestis, com ênfase no conforto, levando em consideração cinco pontos principais, a saber: modelagem, tecidos, funcionalidade, testes e pesquisas, e inclusão na moda.

A modelagem deve contemplar a estrutura corporal dessas mulheres, com ajustes flexíveis e recortes anatômicos para evitar marcações em áreas sensíveis. Quanto aos tecidos, os elásticos e respiráveis são recomendados, e os rígidos devem ser evitados, além da inserção de forros que ofereçam maior suporte. A funcionalidade das peças pode ser aprimorada com aberturas estratégicas e detalhes utilitários, sem dispensar aspectos que remetam à feminilidade. Além disso, é essencial realizar provas de vestibilidade com as usuárias, garantindo *feedback* contínuo e respeitando suas identidades durante todo o processo de desenvolvimento. Sobre a inclusão, é necessário integrar mulheres trans e travestis junto às equipes de criação, ampliar as grades de tamanho, e considerar também a abertura de lojas ou seções específicas para o atendimento apropriado dessas pessoas.

Dessa forma, busca-se também contribuir quanto à aplicação prática, propondo diretrizes que atendam às reais demandas das mulheres trans e travestis. O setor de moda ainda precisa avançar bastante no que diz respeito a vestir corpos divergentes, com foco específico nas mulheres trans e travestis, que são o objeto central desta pesquisa. É preciso um reconhecimento e uma reavaliação dos padrões vigentes, a fim de promover um desenvolvimento de vestuário mais inclusivo e sensível às questões particulares dessas mulheres. Espera-se que esses achados sirvam como subsídio para estudantes, designers, profissionais do setor e demais interessados, abrindo caminho para pesquisas futuras que aprofundem a discussão.

Apesar das contribuições, existem algumas limitações nesta pesquisa, como a amostragem utilizada, que não pode ser considerada representativa quanto às

experiências das mulheres trans e travestis. Alguns fatores como raça, classe social e regionalidade podem influenciar a forma como elas vivenciam o conforto/desconforto no vestuário. Pelo fato de a percepção de conforto/desconforto ser um fenômeno subjetivo, há variações na forma como cada pessoa define o conforto e/ou desconforto, assim como se manifesta essa relação com o vestuário. Além disso, as entrevistas e análises do setor da moda foram feitas pela ótica das usuárias-consumidoras, sem uma abordagem direta das empresas nem dos profissionais da área.

Como recomendações para investigações futuras, sugere-se incluir as vivências de pessoas transmasculinas e não binárias, que também enfrentam desafios em relação ao conforto/desconforto no vestuário. Outra possibilidade é a realização de pesquisas quantitativas que utilizem testes para avaliação da usabilidade/vestibilidade, em diferentes modelagens, direcionados a corpos trans, pois podem fornecer dados mais precisos e embasar um desenvolvimento de vestuário que atenda de forma mais eficaz a esse público. Pode-se considerar ainda a realização de entrevistas com designers, modelistas, projetistas e outros profissionais, assim como empresários do setor da moda, no intuito de identificar os desafios enfrentados na criação desses produtos, mapeando possíveis estratégias para mitigar tais dificuldades.

## REFERÊNCIAS

Albin, T.; Molenbroek, J. **Introduction to the Special Issue, Anthropometry in Design**. Ergonomics in Design, v. 31, n. 3, p. 3-6, 2023.

Albrizio, A. **Biometry and Anthropometry**: from Galton to Constitutional Medicine. Journal of Anthropological Sciences, v. 85, p. 101-123, 2007.

Alves, R. P.; Martins, L. B. **Vestibilidade**: transposição teórica e metodológica com base na ABNT NBR 9241-11/210. In: 13º Colóquio de Moda, 2017, Bauru-SP. Anais eletrônicos do 2º Colóquio de Moda, 2017, p. 1-16.

Alves, R. P.; Martins, L. B. **O sutiã e seus precursores**: uma análise estrutural e diacrônica. ModaPalavra, v. 11, n. 22, p. 459-482, 2018.

Alves, A. P. M.; Mesquita, C. F. **A ergonomia aplicada ao design de sutiã: uma abordagem sobre a construção da modelagem de taças**. Projética, Londrina, v. 13, n. 1, p. 159-182, 2022.

Alves, R. P.; Raposo, M. C. F.; Martins, L. B. **Métricas e Heurísticas para Vestibilidade do Sutiã Laboral**. Estudos em Design, v. 27, n. 1, p. 91-107, 2019.

Amaral, A. F. da R.; Silva, D. G. da; Cordeiro, D. M.; Assunção, L. F. de O.; Alves, N. R.; Oliveira, T. C. de; Saliba, W. A. **Efeitos Colaterais Decorrentes Da Terapia Hormonal Em Transexuais Femininos**. Brazilian Journal of Surgery & Clinical Research, v. 20, n. 3, p. 103-110, 2017.

Angus, L. M.; Nolan, B. J.; Zajac, J. D.; Cheung, A. S. **A systematic review of antiandrogens and feminization in transgender women**. Clinical Endocrinology, v. 94, n. 5, p. 743-752, 2021.

Ansara, Y. G.; Hegarty, P. **Methodologies of misgendering**: Recommendations for reducing cisgenderism in psychological research. Feminism & Psychology, v. 24, n. 2, p. 259-270, 2014.

Aragão, J. A.; Ramalho, A. M. R.; Guerra, D. R.; Araújo, K. C. G. M.; Rodrigues, T. M. de A. **Elementos de anatomia humana**. São Cristóvão: Universidade Federal de Sergipe CESAD, 2007.

Arán, M.; Murta, D. **Do diagnóstico de transtorno de identidade de gênero às redescrições da experiência da transexualidade**: uma reflexão sobre gênero, tecnologia e saúde. Physis – Revista de Saúde Coletiva, v. 19, n. 1, p. 15-41, 2009.

Arruda, D. de O.; Merlo, E. M.; Tahan, S. T. **A importância dos atributos de lojas virtuais de roupas e acessórios**: uma avaliação centrada no consumidor brasileiro. Revista da FAE, v. 17, n. 2, p. 198-215, 2017.

Austin, A.; Papciak, R.; Lovins, L. **Gender euphoria**: a grounded theory exploration of experiencing gender affirmation, *Psychology & Sexuality*, v. 13, n. 5, p. 1406-1426, 2022.

Barbosa, K. B. F.; Franceschini, S. Do C. C.; Priore, S. E. **Influência dos estágios de maturação sexual no estado nutricional, antropometria e composição corporal de adolescentes**. *Revista Brasileira de Saúde Materno Infantil*, v. 6, p. 375-382, 2006.

Bardin, L. **Análise de conteúdo**. Tradução Luís Antero Reto, Augusto Pinheiro. São Paulo: Edições 70, 2016.

Barra, B. G. A.; Gusmão, Ú. M. de A. S.; Araújo, A. N. B. de. **Autopercepção vocal de pessoas transexuais**. *Revista CEFAC*, v. 22, p. e4819, 2020.

Bastos, S. F.; Sabrá, F. G. **A forma do corpo da mulher brasileira**. SENAI CETIQT, Rio de Janeiro, Brasil, 2014.

Bastos, S. F.; Sabrá, F. G.; Rosa, R.; Felipe, L. **SizeBR**: o estudo antropométrico brasileiro. In: 4th International Conference on 3D Body Scanning Technologies, Long Beach, 2013. p. 243-257.

Benedetti, M. R. **Toda feita**: o corpo e o gênero das travestis. Rio de Janeiro: Garamond Universitária, 2005.

Benevides, B. G. **Dossiê assassinatos e violências contra travestis e transexuais brasileiras em 2021**. Brasília: Distrito Drag, ANTRA, 2022. 144f.

Benevides, B.; Borges, V. **Dicas de cuidados ao acuar a neca**. Associação Nacional de Travestis e Transexuais – ANTRA, 2020, 10 p. Disponível em: <https://antrabrazil.org/wp-content/uploads/2020/08/dicas-de-cuidados-ao-acuar-a-neca.pdf>. Acesso em: 15 dez. 2023.

Bento, B. **A reinvenção do corpo**: Sexualidade e gênero na experiência transexual. Rio de Janeiro: Garamond, 2006.

\_\_\_\_\_. **O que é transexualidade**. São Paulo: Brasiliense, 2008.

\_\_\_\_\_. **Sexualidade e experiências trans**: do hospital à alcova. *Ciência & Saúde Coletiva*, v. 17, n. 10, p. 2655-2664, 2012.

\_\_\_\_\_. **Transfeminicídio**: Violência de gênero e o gênero da violência. In: Colling, L. (Org.). *Dissidências sexuais e de gênero*. Salvador: EDUFBA, 2016. 240 p.

\_\_\_\_\_. **Transviad@s**: gênero, sexualidade e direitos humanos. Salvador: EDUFBA, 2017.

Berlatto, O. **A construção da identidade social**. Revista do Curso de Direito da FSG, v. 3, n. 5, p. 141-151, 2009.

Bertoli, J.; Santos, S. F. da S.; Freitas Júnior, I. F. Histórico e conceitos de medidas, avaliação, antropometria e composição corporal. In: Freitas Júnior, I. F. (org.). **Padronização de medidas antropométricas e avaliação da composição corporal**. São Paulo: CREF4/SP, 2018. p. 13-27.

Bhatia, D.; Malhotra, U. **Thermophysiological wear comfort of clothing**: an overview. Journal of Textile Science & Engineering, v. 6, n. 2, p. 1-8, 2016.

Boueri Filho, J. J. **Antropometria aplicada à arquitetura, urbanismo e desenho industrial**. 1ª Ed. E-book. São Paulo: Estação das Letras e Cores Editora, 2008. 152p.

Boueri, J. J. Sob medida: antropometria, projeto e modelagem. In: Pires, D. B. (org.). **Design de moda olhares diversos**. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2008. p. 348-369.

Boyd, D.; Bee, H. **A criança em crescimento**. Tradução Daniel Bueno. Porto Alegre: Artmed, 2011. 624 p.

Bowles, K.-A.; Steele, Julie R. **Effects of strap cushions and strap orientation on comfort and sports bra performance**. Medicine and science in sports and exercise, v. 45, n. 6, p. 1113-1119, 2013.

Bradford, N. J.; Rider, G. N.; Spencer, K. G. **Hair removal and psychological well-being in transfeminine adults**: associations with gender dysphoria and gender euphoria. Journal of Dermatological Treatment, v. 32, n. 6, p. 635-642, 2021.

Braga, J. **História da moda**: uma narrativa. 11. ed. D'Livros Editora, 2022.

Branton, P. **Behaviour, body mechanics and discomfort**. Ergonomics, v. 12, n. 2, p. 316-327, 1969.

Braizaz, M. **Femininity and fashion**: how women experience gender role through their dressing practices. Cadernos de Arte e Antropologia [Online], v. 8, n. 1, p. 59-76, 2019.

Brasil. Ministério dos Direitos Humanos. Secretaria Nacional de Cidadania. **Manual Orientador Sobre Diversidade**. Brasília, DF: Ministério dos Direitos Humanos, 2018. Disponível em: <http://www.dedihc.pr.gov.br/arquivos/File/2018/ManualLGBTDIGITALmdh.pdf>. Acesso em: 18 nov. 2023.

\_\_\_\_\_. Portaria nº 2.803, de 19 de novembro de 2013. **Redefine e amplia o Processo Transexualizador no Sistema Único de Saúde (SUS)**. Diário Oficial da União, 2013.

\_\_\_\_\_. Portaria SCTIE/MS nº 53, de 11 de novembro de 2020. Protocolo Clínico e Diretrizes Terapêuticas de Sobrepeso e Obesidade em Adultos. **PCDT Resumido - Protocolo Clínico e Diretrizes Terapêuticas de Sobrepeso e Obesidade em Adultos**. Comissão Nacional de Incorporação de Tecnologias no Sistema Único de Saúde (SUS) – CONITEC. Ministério da Saúde. Disponível em: <https://www.gov.br/conitec/pt-br/midias/protocolos/resumidos/PCDTResumidodeSobrepesoObesidade.pdf.pdf/view>. Acesso em: 18 nov. 2024.

\_\_\_\_\_. Resolução Nº 510, de 7 de abril de 2016. Ministério da Saúde. **Conselho Nacional de Saúde**. Disponível em: [https://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/cns/2016/res0510\\_07\\_04\\_2016.html](https://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/cns/2016/res0510_07_04_2016.html). Acesso em: 10 mai. 2024.

Broega, A. C.; Cunha, J. L. L. da; Cabeço-Silva, M. E. O conforto no vestuário, seus aspectos conceituais e subjetivos. In: Suzana Barreto Martins (ed.). **Ergonomia, usabilidade e conforto no design de moda: a metodologia OIKOS**. Barueri, SP: Estação das Letras e Cores, p. 14-32, 2019.

Broega, A. C.; Silva, M. E. **O conforto total do vestuário**: design para os cinco sentidos. Actas de Diseño, n. 9, p. 29-226, 2010.

Buck, D. M. **Defining transgender**: What do lay definitions say about prejudice?. Psychology of Sexual Orientation and Gender Diversity, v. 3, n. 4, p. 465, 2016.

Calasibetta, C. M.; Tortora, P. **The Fairchild dictionary of fashion**. 3rd edition. New York: Fairchild Publication, Inc., 2003. 544 p.

Caldas, A. L.; Nascimento, N. G. do. **Adaptações de conforto para o vestuário de mulheres idosas de tamanho grande**. dObra [s] – Revista da Associação Brasileira de Estudos de Pesquisas em Moda, n. 33, p. 153-169, 2021.

Campos, B. de B. S.; Cidreira, R. P. **Pode a roupa matar?**: os embates impulsionados pela armadura queer e a violência desigual executada sobre seus corpos. Revista Periódicus, v. 1, n. 10, 118-130, 2018.

Camozzato, N. M. **Biotecnovoz e gênero-dissonância**: a voz e o discurso no realismo agencial. Fórum linguístico, v. 19, n. 3, p. 8335-8350, 2022.

Carneiro, T. **“Montação”**: moda na comunicação da identidade de gênero. Periódicus, v. 1, n.11, p. 343-362, 2019.

Carvalho, G. D.; Fávero, M.; Gomes, V.; Santos, V. M. M. **Dicionário de Educação sexual, sexualidade, gênero e interseccionalidades**. Florianópolis: Editora UDESC, 2019. 359 p.

Carvalho, M. **“Travesti”, “mulher transexual”, “homem trans” e “não binário”**: interseccionalidades de classe e geração na produção de identidades políticas. Cadernos Pagu, n. 52, p. 33-67, 2018.

Cazeiro, F.; Galindo, D.; Souza, L. L. de; Guimaraes, R. S. de. **Processo transexualizador no sus**: questões para a psicologia a partir de itinerários terapêuticos e despatologização. Psicologia em estudo, v. 27, e48503, 2022.

Ceolin, C.; Scala, A.; Scagnet, B.; Citron, A.; Vilona, F.; De Rui, M.; Miscioscia, M.; Camozzi, V.; Ferlin, A.; Sergi, G.; Garolla, A.; GIIG group. **Body composition and perceived stress levels in transgender individuals after one year of gender affirming hormone therapy**. Frontiers in Endocrinology, v. 15, p. 1496160, 2024.

Chataignier, G. **Fio a fio**: tecidos, moda e linguagem. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2006. 165 p.

Chauhan, V.; Reddy-Best, K. L.; Sagar, M.; Sharma, A.; Lamba, K. **Apparel consumption and embodied experiences of gay men and transgender women in India**: Variety and ambivalence, fit issues, LGBT-fashion brands, and affordability. Journal of homosexuality, v. 68, n. 9, p. 1444-1470, 2021.

Choudhury, A. K. R.; Majumdar, P. K.; Datta, C. Factors affecting comfort: human physiology and the role of clothing. In: Song, G. (ed.). **Improving comfort in clothing**. Woodhead Publishing, 2011. p. 3-60.

Christensen, R.; Ajayi, B.; Bachmann, G. **Genital yip practices in trans individuals and anogenital implications**. The Journal of Sexual Medicine, v. 20, n. Supplement 3, p. qdad068. 040, 2023.

Cohen-Lazry, G; Degani, A.; Oron-Gilad, T.; Hancock, P. A. **Discomfort**: an assessment and a model. Theoretical Issues in Ergonomics Science, v. 24, n. 4, p. 480-503, 2023.

Colebunders, B.; Brondeel, S.; D’Arpa, S.; Hoebeke, P.; Monstrey, S. **An update on the surgical treatment for transgender patients**. Sexual medicine reviews, v. 5, n. 1, p. 103-109, 2017.

Coltman, C. E.; Steele, J. R.; McGhee, D. E. **Breast volume is affected by body mass index but not age**. Ergonomics, v. 60, n. 11, p. 1576-1585, 2017.

Coltman, C. E.; Steele, J. R.; McGhee, D. E. **Which bra components contribute to incorrect bra fit in women across a range of breast sizes?**. Clothing and Textiles Research Journal, v. 36, n. 2, p. 78-90, 2018.

Cossi, R. K. **Stoller e a psicanálise**: da identidade de gênero ao semblante lacaniano. Estudos de Psicanálise, n. 49, p. 31-43, 2018.

Creswell, J. W. **Projeto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto**. Tradução Luciana de Oliveira da Rocha. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2007. 248 p.

Croney, J. **Anthropometry for Designers**. Edição revisada. New York, NY: Van Nostrand Reinhold, 1981. 144 p.

Cursino, F. **Brasileiros estão mais altos, mas não necessariamente mais saudáveis**. Agência Einstein, 02/12/2020, 11h18. Disponível em: <https://www.uol.com.br/vivabem/noticias/redacao/2020/12/02/brasileiros-estao-mais-altos-mas-nao-necessariamente-mais-saudaveis.htm>. Acesso em: 31 jan. 2024.

De Looze, M. P.; Kuijt-Evers, L. F.; Van Dieën, J. A. A. P. **Sitting comfort and discomfort and the relationships with objective measures**. *Ergonomics*, v. 46, n. 10, p. 985-997, 2003.

Deus, A. L. de. **Travesti ou Transexual?** Uma análise êmica e acadêmica sobre categorias identitárias de mulheres travestis e transexuais. *Revista Eletrônica Visagem - Antropologia Visual e da Imagem*, v. 4, n. 1, p. 108-144, 2018.

Dianat, I.; Molenbroek, J.; Castellucci, Héctor I. **A review of the methodology and applications of anthropometry in ergonomics and product design**. *Ergonomics*, v. 61, n. 12, p. 1696-1720, 2018.

Dhingra, N.; Bonati, L. M.; Wang, E. B.; Chou, M.; Jagdeo, J. **Medical and aesthetic procedural dermatology recommendations for transgender patients undergoing transition**. *Journal of the American Academy of Dermatology*, v. 80, n. 6, p. 1712-1721, 2019.

Doyle, D. M. **Transgender identity: Development, management and affirmation**. *Current opinion in Psychology*, v. 48, p. 101467, 2022.

Duarte, M. F. da S. **Maturação física: uma revisão da literatura, com especial atenção à criança brasileira**. *Cadernos de Saúde Pública*, v. 9 (supl. 1), p. 71-84, 1993.

Duarte, R. **Entrevistas em pesquisas qualitativas**. *Educar em revista*, n. 24, p. 213-225, 2004.

Fabris, B.; Bernardi, S.; Trombetta, C. **Cross-sex hormone therapy for gender dysphoria**. *Journal of Endocrinological Investigation*, v. 38, n. 3, p. 269-282, 2014.

Falcão, C.; Soares, M. **Usabilidade de Produtos de Consumo: uma análise dos conceitos, métodos e aplicações**. *Estudos em Design*, v. 21, n. 2, p. 1-26, 2013.

Fan, J. **Psychological comfort of fabrics and garments**. In: Fan, J.; Hunter, L. *Engineering apparel fabrics and garments*. Elsevier, 2009. p. 251-260.

Ferguson, J.; Hadid, A.; Epstein, Y.; Jensen, D. **Effect of clothing fabric on 20-km cycling performance in endurance athletes**. *Frontiers in Sports and Active Living*, v. 3, p. 735923, 2022.

Ferreira, J. C. de M.; Garcia, R. M.; Pereira, E. G. B. **Mens sana in corpore mutatio**: a imagem corporal de mulheres trans para além do exercício físico. *Revista Brasileira de Ciência e Movimento*, v. 30, n. 4, p. 1-25, 2022.

Ferreira, M. de S.; Pereira, S. J. N. **Estigma da mulher transexual e as consequências para o consumo**. *ReMark – Revista Brasileira de Marketing*, v. 19, n. 4, p. 752-778, 2020.

Figuera, T. M. **Terapia hormonal cruzada, densidade mineral óssea e composição corporal em indivíduos transgêneros**. Tese de Doutorado. Programa de Pós-Graduação em Ciências Médicas: Endocrinologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. 2018.

Flora, K.; Nascimento, L. F. do. **Pessoas trans relatam demora para cirurgia de redesignação sexual**. *NÓS – Site Terra*, 25 mai 2022 - 12h38 (atualizado às 20h53). Disponível em: <https://www.terra.com.br/nos/pessoas-trans-relatam-demora-para-cirurgia-de-redesignacao-sexual,da6a623e962e1ce8793d67d0069441d5xs93zkl0.html>. Acesso em 15 jan. 2024.

Fohr JP, Couton D, Treguier G. **Dynamic heat and moisture transfer through layered fabrics**. *Textile Research Journal*, v. 72, n. 1, p. 1-12, 2002.

Fourt, L. E.; Hollies, N. R. S. **The comfort and function of clothing**. Clothing and Personal Life Support Equipment Laboratory, US Army Natick Laboratories, 1969.

Gaillard, S. D. M.; Visser, J. **Pockets, dresses and suppression** – A philosophical reflection on clothing, agency, and identity. *Technology in Society*, v. 69, p. 101972, 2022. 2022.

Galli, R. A.; Vieira, E. M.; Giami, A.; Santos, M. A. dos. **Corpos mutantes, mulheres intrigantes**: transexualidade e cirurgia de redesignação sexual. *Psicologia: teoria e pesquisa*, v. 29, n. 4, p. 447-457, 2013.

Gamboa, S. A. S. **Pesquisa qualitativa**: superando tecnicismos e falsos dualismos. *Revista Contrapontos*, v. 3, n. 3, p. 393-405, 2003.

Gazzaniga, M.; Heatherton, T.; Halpern, D. **Psychological science**. 5th Edition. New York: W. W. Norton & Company, 2016. 864 p.

Geremias, P. **Victoria's Secret Fashion Show**: desfile é marcado por diversidade 'tímida' de corpos. *Revista Marie Claire*, 15/10/2024. Disponível em: <https://revistamarieclaire.globo.com/moda/especial/victorias-secret-em-retorno-apos-hiato-desfile-e-marcado-pela-diversidade-de-corpos.ghml>. Acesso em 25 nov. 2025.

Gersak, J. Wearing comfort using body motion analysis. In: Gupta, D.; Zakari, N. (ed.). **Anthropometry, Apparel Sizing and Design**. Woodehead Publishing, 2014. p. 320-331.

Gibbs, Graham. **Análise de Dados Qualitativos**. Tradução: Roberto Cataldo Costa; consultoria, supervisão e revisão da edição técnica desta edição Lorí Viale. Porto Alegre: Bookman, 2009. 198 p.

Gil, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 7. ed. [2. Reimpr.]. São Paulo: Atlas, 2021.

Godoy, A. **Uma revisão histórica dos principais autores e obras que refletem esta metodologia de pesquisa em Ciências Sociais**. Revista de Administração de Empresas, v. 35, n. 2, p. 57-63, 1995.

Goldman, R. F. **The four 'Fs' of clothing comfort**. In: Elsevier Ergonomics Book Series. Elsevier, 2005. p. 315-319.

Goleij, N.; Hafezi, P.; Ahmadi, O. **Investigating the trends and causes of changes in human anthropometric dimensions over the past three decades: a challenge for ergonomic design**. International Journal of Occupational Safety and Ergonomics, v. 30, n. 2, p. 480-485, 2024.

Gonçalves, E. C.; Fernandes Filho, J. **Composição corporal em idosos**. Appris Editora, 2020. 107 p.

Gonçalves, J. L.; Cardoso, C. S. de A.; Bacelo, A. C.; Santo, R. E.; Almeida, C. F. de; Silva, P. S. da; Brito, P. D. de. **Composição corporal em mulheres transgênero vivendo com HIV/Aids: uma discussão das transformações que interferem na avaliação do estado nutricional**. Demetra: Alimentação, Nutrição & Saúde, v. 11, supl. 1, p. 1213-1223, 2016.

Gonzales, B. R.; Hagin, V.; Guillot, R.; Placet, V.; Gros Lambert, A. **Effects of polyester jerseys on psycho-physiological responses during exercise in a hot and moist environment**. Journal of Strength and Conditioning Research, v. 25, n. 12, p. 3432–3438, 2011.

Grave, M. de F. **A modelagem sob a ótica da ergonomia**. São Paulo: Zennex, 2004.

Griffin, L.; Juhnke, B.; Pokorny, C.; Seifert, E.; Savvateev, E.; Yu, M. **Body-product relationship for aging women examined through the lens of functional anthropometry**. Ergonomics in design, v. 31, n. 3, p. 13-25, 2023.

Grubba, L. S. **Equidade em saúde para pessoas trans: análise do processo transexualizador brasileiro**. Direito, Estado e Sociedade, n. 60, p. 164-189, 2022.

Grünheidt, P.; Granada, A. **O guia da disforia de gênero**, 2021. Disponível em: <https://disforiadegenero.com.br/>. Acesso em: 9 jan. 2024.

Gupta, D. Anthropometry and the design and production of apparel: an overview. In: Gupta; Zakaria (ed.). **Anthropometry, apparel sizing and design**. Woodhead Publishing, 2014. p. 34-66.

Hage, J. J.; van Kesteren, P. J. **Chest-wall contouring in female-to-male transsexuals**: basic considerations and review of the literature. *Plastic and Reconstructive Surgery*, v. 96, n. 2, p. 386-391, 1995.

Hanauer, O. F. D.; Hemmi, A. P. A. **Caminhos percorridos por transexuais**: em busca pela transição de gênero. *Saúde Debate*, v. 43, n especial 8, p. 91-106, 2019.

Helander, M. G.; Czaja, S. J.; Drury, C. G.; Cary, J. M.; Burri, G. **An ergonomic evaluation of office chairs**. *Office Technology and People*, v. 3, n. 3, p. 247-263, 1987.

Helander, M. G.; Zhang, L. **Field studies of comfort and discomfort in sitting**. *Ergonomics*, v. 40, n. 9, p. 895-915, 1997.

Hernández, J. de G.; Silva Junior, A. L. da; Carrara, S.; Baldanzi, A. C. de O.; Uziel, A. P. **Saúde de travestis e pessoas trans no Rio de Janeiro e Região Metropolitana**: estratégias e condições de acesso. *Sexualidad, Salud y Sociedad – Revista Latinoamericana*, n. 38, e22301, 2022.

Hertzberg, H. T. E. (Ed.). **Annotated bibliography of applied physical anthropology in human engineering**. United States. Department of Commerce. Office of Technical Services, 1958.

Hes, L.; Bal, K.; Dolezal, I. **Principles of clothing comfort and their use in evaluation of sensorial and thermal comfort of men's casual jacket**. *Fibers and Polymers*, v. 22, n. 10, p. 2922-2928, 2021.

Hiemstra-Van Mastrigt, S.; Groenesteijn, L.; Vink, P.; Kuijt-Evers, L. F. M. **Predicting passenger seat comfort and discomfort on the basis of human, context and seat characteristics**: a literature review. *Ergonomics*, v. 60, n. 7, p. 889-911, 2017.

Holanda, A. L. **Tucking**: Desenvolvimento de uma peça de vestuário íntima para o público trans (MtF). Dissertação (mestrado). Orientador: Prof. Doutor José Mendes Lucas. Universidade da Beira Interior – Faculdade de Engenharia, Portugal, 2019. 133 p.

Hunter, L.; Fan, J. Improving the comfort of garments. In: Sinclair, R. (ed.). **Textiles and fashion**: Materials, Design and Technology. Woodhead Publishing, 2015. p. 739-761.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE. **IBGEeduca**. 2025. Disponível em: <https://educa.ibge.gov.br/professores/jovens/conheca-o-brasil/territorio/20644-clima.html>. Acesso em: 10 jan. 2025.

Iida, I.; Guimarães, L. B. de M. **Ergonomia**: projeto e produção. 3. ed. rev. São Paulo: Blucher, 2016.

Infante-Malachias, M. E. **Sistemas Sensoriais e aprendizagem**: o nosso meio de comunicação com o mundo. In: Guridi, V; Pioker-Hara, F. (org.). Experiências de ensino nos estágios obrigatórios: uma parceria entre a universidade e a escola. 1ed. Campinas: Alínea, 2013. p. 171-185.

Islam, M. R.; Golovin, K.; Dolez, P. I. **Clothing thermophysiological comfort**: A textile science perspective. Textiles, v. 3, p. 353-407, 2023.

Jesus, J. G. de. **Orientações sobre identidade de gênero**: conceitos e termos. Guia técnico sobre pessoas transexuais, travestis e demais transgêneros, para formadores de opinião, v. 2, 2012, 24p.

Jones, D.; Lim, H. **Journey to the self: in-depth case studies of trans men's self-construction through body work and clothing**. Fashion Theory, v. 26, n. 7, p. 1-24, 2021.

Jones, D.; Strübel, J.; Lim, H. **'I just want a shirt that will fit me!'**: An inductive approach to understanding transgender consumers' shopping experiences. Fashion, Style & Popular Culture, v. 10, n. 1-2, p. 63-81, 2023.

Kagiyama, W. **Design de vestuário íntimo**: o sutiã sob abordagem de conforto. Dissertação (mestrado). Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Escola de Engenharia e Faculdade de Arquitetura. Programa de Pós-graduação em Design. Porto Alegre-RS, 2011.

Kamalha, E.; Zeng, Y.; Mwasiagi, J. I.; Kyatuheire, S. **The comfort dimension**; a review of perception in clothing. Journal of sensory studies, v. 28, n. 6, p. 423-444, 2013.

Kang, J. M.; Johnson, K. K. P.; Kim, J. **Clothing functions and use of clothing to alter mood**. International Journal of Fashion Design, Technology and Education, v. 6, n. 1, p. 43-52, 2013.

Kaplan, S.; Okur, A. **The meaning and importance of clothing comfort**: A case study for Turkey. Journal of Sensory Studies, v. 23, n. 5, p. 688-706, 2008.

Kidd, N.; Mark, K.; Dart, M.; Casey, C.; Rollins, L. **Genital tucking practices in transgender and gender diverse patients**. The Annals of Family Medicine, v. 22, n. 2, p. 149-153, 2024.

Kilinc-Balci, F. S. How consumers perceive comfort in apparel. In: Song, G. (ed.). **Improving comfort in clothing**. Woodhead Publishing, 2011. p. 97-113.

Klepser, A.; Morlock, S.; Loercher, C.; Schenk, A. Functional measurements and mobility restriction (from 3D to 4D scanning). In: Gupta, D.; Zakaria, N. (ed.). **Anthropometry, apparel sizing and design**. Woodhead Publishing, 2020. p. 169-199.

Kozee, H. B.; Tylka, T. L.; Bauerband, L. A. **Measuring transgender individuals' comfort with gender identity and appearance**: Development and validation of the Transgender Congruence Scale. *Psychology of Women Quarterly*, v. 36, n. 2, p. 179-196, 2012.

Kroemer, K. H. E. **Fitting the Human**: Introduction to Ergonomics / Human Factors Engineering. 7th ed. Boca Raton: CRC Press, 2017. 480 p.

Kwon, Y.; Parham, E. S. **Effects of state of fatness perception on weight conscious women's clothing practices**. *Clothing and textiles research journal*, v. 12, n. 4, p. 16-21, 1994.

Lanz, L. **O Corpo da roupa**: a pessoa transgênera entre a transgressão e a conformidade com as normas de gênero. Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Paraná, Setor de Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Sociologia. Curitiba, 2014. 342 f.

Lee, K.-P.; Yip, J.; Yick, K.-L. **Investigating the factors affecting the thermal and tactile comfort of summer undergarments**. *Human Factors for Apparel and Textile Engineering*, v. 32, p. 46-55, 2022.

Leitão, C. A entrevista como instrumento de pesquisa científica: planejamento, execução e análise. In: Pimentel, M.; Santos, E. (org.) **Metodologia de pesquisa científica em Informática na Educação**: abordagem qualitativa. Série Metodologia de Pesquisa em Informática na Educação, v. 3. Porto Alegre: SBC, 2021. p. 1-28.

Li, Y. **The science of clothing comfort**. *Textile Progress*, v. 31, Issue 1-2, p. 1-135, 2001.

Liu, K.; Wu, H.; Zhu, C.; Wang, J.; Zeng, X.; Tao, X.; Bruniaux, P. **An evaluation of garment fit to improve customer body fit of fashion design clothing**. *The International Journal of Advanced Manufacturing Technology*, v. 120, n. 3, p. 2685-2699, 2022.

Lima, F.; Cruz, K. T. da. **Os processos de hormonização e a produção do cuidado em saúde na transexualidade masculina**. *Sexualidad, Salud y Sociedad - Revista Latinoamericana*, n. 23, p. 162-186, 2016.

Lima, M. O uso da entrevista na pesquisa empírica. In: Abdal, A.; Oliveira, M. C. V.; Ghezzi, D. R.; Santos Júnior, J. (org.). **Métodos de pesquisa em Ciências Sociais: bloco qualitativo**, p. 24-41, 2016.

Longaray, D. A.; Ribeiro, P. R. C. **Travestis e transexuais: corpos (trans)formados e produção da feminilidade**. Estudos Feministas, v. 24, n. 3, p. 761-784, 2016.

Lourenço, B. **Elástica explica: pessoa não binária**. Site Elástica, 14.10.2022, 12h21. Disponível em: <https://elastica.abril.com.br/envolvimento/elastica-explica-pessoa-nao-binaria>. Acesso em: 5 fev. 2024.

Lueder, R. K. **Seat comfort**: a review of the construct in the office environment. Human factors, v. 25, n. 6, p. 701-711, 1983.

Luk, N.; Yu, W. Bra fitting assessment and alteration. In: Yu, W. (ed.). **Advances in Women's Intimate Apparel Technology**. Woodhead Publishing, 2016. p. 109-133.

Maffei, S. T. A.; Menezes, M. dos S. **Antropometria no design de moda: da representação bidimensional ao uso tridimensional**. Educação Gráfica, v. 13, n. 2, p. 188-199, 2009.

Magnus, D. V.; Felipe, J. **Pedagogias da cispassabilidade, scripts de gênero e existências trans**. TEXTURA – Revista de Educação e Letras, v. 25, n. 64, p. 102-129, 2023.

Maia, C. M.; Germano, I. M. P.; Moura Jr, J. F. **Um diálogo sobre o conceito de self entre a abordagem centrada na pessoa e a psicologia narrativa**. Revista do Nufen, v. 1, n. 2, p. 33-54, 2009.

Makara, E.; Merino, Merino, G. S. A. D. **Coleta de dados sobre o usuário do produto de vestuário: identificação de técnicas e ferramentas**. Estudos em Design, v. 29, n. 2, 2021.

Makara, E.; Merino, G. S. A. D.; Vergara, L. G. L. **Delimitação do usuário nas etapas de criação, modelagem e prototipagem do produto de vestuário**. ModaPalavra e-periódico, v. 10, n. 19, p. 200-218, 2017.

Manafi, E.; Belarmino, A. R.; Mills, J. N.; Eleswarapu, S. V.; Ng, G. Y. **The impact of tucking on fertility among transgender women: A systematic review**. International Journal of Transgender Health, p. 1-10, 2024.

Mansfield, N.; Naddeo, A.; Frohriep, S.; Vink, P. **Integrating and applying models of comfort**. Applied ergonomics, v. 82, p. 102917, 2020.

Manzini, E. J. Considerações sobre a elaboração de roteiro para entrevista semi-estruturada. In: Marquezine, M. C.; Almeida, M. A.; Omote, S. (orgs.). **Colóquios sobre pesquisa em educação especial**. Londrina: Eduel, 2003. p. 11-25.

Manzini, E. J. **Uso da entrevista em dissertações e teses produzidas em um Programa de Pós-graduação em Educação**. Revista Percurso, v. 4, n. 2, p. 149-171, 2012.

Marie Claire. **Dia da Visibilidade Trans**: a dificuldade de encontrar lingerie e moda praia para o público T. Redação Marie Claire, 29 Jan 2021, atualizado em 11 Fev 2022. Disponível em: <https://revistamarieclaire.globo.com/Moda/noticia/2021/01/dia-da-visibilidade-trans-dificuldade-de-encontrar-lingerie-e-moda-praia-para-o-publico-t.html>. Acesso em: 29 nov. 2024.

Martins, S. B. Ergonomia e moda: repensando a segunda pele. In: Pires, D. B. (org.). **Design de moda: olhares diversos**. Barueri, São Paulo: Estação das Letras e Cores Editora, p. 319-336, 2008.

Martins, L. B.; Martins, S. B. Design universal, moda e pessoa com deficiência: uma reflexão sobre vestibilidade, conforto e segurança. In: Auler, D.; Sanches, G. (org.). **Moda inclusiva**. Barueri, SP: Estação das Letras e Cores, p. 118-129, 2018.

Martins, S. B. Ergonomia, usabilidade e conforto em projeto de produto de moda e vestuário. In: Martins, S. B. (ed.). **Ergonomia, usabilidade e conforto no design de moda: a metodologia OIKOS**. Barueri, SP: Estação das Letras e Cores, p. 56-77, 2019.

Martins, P. **Pesquisa de caracterização antropométrica da população brasileira**. SENAI/CETIQT. Disponível em: <https://senaicetigt.com/wp-content/uploads/2019/05/Pesquisa-de-caracteriza%C3%A7%C3%A3o-antropom%C3%A9trica.pdf>. Acesso em 10 set. 2024.

Martins, V.; Carrera, F. **Corpo gordo, gênero e moda**: uma análise dos corpos femininos e masculinos fora do padrão nas marcas de moda. dObra [s] – Revista da Associação Brasileira de Estudos de Pesquisas em Moda, n. 41, p. 195-217, 2024.

Matté, L. L.; Broega, A. C. **The evaluation of (social-)psychological comfort in clothing, a possible approach**. In: IOP Conference Series: Materials Science and Engineering. IOP Publishing, 2017. p. 182008.

Matté, L. L.; Broega, A. C.; Pinto, M. E. B. **When clothing comfort meets aesthetics**. In: Textiles, Identity and Innovation: Design the Future. CRC Press, 2018. p. 55-60.

Meneses, E. S.; Jayo, M. **A passabilidade é um conforto cisgênero**: moda, proteção e invisibilidade trans no pensamento artístico de Maria Lucas e Renata Carvalho. dObra[s] – revista da Associação Brasileira de Estudos de Pesquisas em Moda, [S. l.], n. 41, p. 264-277, 2024.

Menezes, M. S.; Spaine, P. A. A. **Modelagem plana industrial do vestuário**: diretrizes para a indústria do vestuário e o ensino-aprendizado. Projética, v. 1, n. 1, p. 82-100, 2010.

Menezes, Y.; Grassine, F.; Altmayer, G. **Design e gênero**: marcações binárias na Ergonomia. Arcos Design, Rio de Janeiro, v. 16, n. 2, p. 258-275, 2023.

Merriam, S. B. **Qualitative research and case study applications in education**. São Francisco, CA: Jossey-Bass, 1998.

Miranda, A. C. M.; Medola, F. O.; Paschoarelli, L. C. **A influência do IMC de mulheres adultas na percepção de desconforto no uso de sutiãs**: discussões sobre o design de vestuário íntimo feminino. Estudos em Design, v. 31, n. 2, p. 34-52, 2023.

Morais, A. V. C.; Cortes, H. M. **Cirurgia de redesignação sexual**: implicações para o cuidado. Journal of Nursing and Health, v. 10, n. 3, e20103002, 2020.

Moreira, G. E. **Por trás do monograma do movimento LGBTQIAPN+**: Vidas, representatividade e esclarecimentos. Revista Temporis[ação], v. 22, n. 2, p. 1-20, 2022.

Morrison, S. D.; Wilson, S. C.; Mosser, S. W. **Breast and body contouring for transgender and gender nonconforming individuals**. Clinics in Plastic Surgery, v. 45, n. 3, p. 333-342, 2018.

Motlogelwa, S. Comfort and durability in high-performance clothing. In: **High-performance apparel**. Woodhead Publishing, 2018. p. 209-219.

Nascimento, F. A. **Nomear, classificar, existir**: um estudo das práticas discursivas como contribuição para a Organização do Conhecimento produzido por comunidades LGBTQIAP+. Orientador: Daniel Martinez-Ávila. Tese (doutorado) – Universidade Estadual Paulista (Unesp), Faculdade de Filosofia e Ciências, Marília, 2021. 276 p.

Nascimento, I. M. V. do; Oliveira, V; E. F. de; Leite Júnior, F. F. **A comunidade LGBTQI+ como objeto de consumo**: “O pink marketing e o impacto psicossocial”. Revista Periódicus, v. 1, n. 20, p. 308-321, 2024.

Nauta, A. C.; Baltrusch, K. M.; Heston, A. L.; Narayan, S. K.; Gunther, S.; Esmonde, N. O.; Blume, K. S.; Mueller, R. V.; Hansen, J. E.; Berli, J. U. **Differences in chest measurements between the cis-female and trans-female chest exposed to estrogen and its implications for breast augmentation**. Plastic and Reconstructive Surgery – Global Open, v. 7, n. 3, p. e2167, 2019.

Neves, E. P.; Brigatto, A. C.; Paschoarelli, L. C. **Moda íntima**: uma abordagem acerca dos aspectos de usabilidade. Human Factors in Design, v. 4, n. 8, p. 58-75, 2015.

Nogueira-Martins, M. C. F.; Bógus, C. M. **Considerações sobre a metodologia qualitativa como recurso para o estudo das ações de humanização em saúde**. Saúde e Sociedade, v. 13, n. 3, p.44-57, 2004.

Nogueira, S. N. B. **O país que mais mata trans pelo 15º ano: Brasil!** A Geografia na produção do conhecimento e a coleta de dados de 2023. Notícias, Revista Docência e Cibercultura, janeiro de 2024, online. ISSN: 2594-9004. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/re-doc/announcement/view/1764>. Acesso em: 25 nov. 2024.

Oliveira, A. L.; Araújo, J. M. de; Barros, H. O. **Plataforma "Se Toca, Mana!": o processo de Design na investigação das barreiras no exercício do direito à saúde de mulheres LBT.** Estudos em Design, v. 31, n. 3, p. 6-22, 2023.

Oliveira, G. S.; Pacheco, Z. M. L.; Salimena, A. M. O.; Ramos, C. M.; Paraíso, A. F. **Método bola de neve em pesquisa qualitativa com travestis e mulheres transexuais.** Saúde Coletiva, v. 11, n. 68, p. 7581-7588, 2021.

Oliveira, J.; Frontini, R.; Jacinto, M.; Antunes, R. **Barriers and motives for physical activity and sports practice among trans people:** A systematic review. Sustainability, v. 14, n. 9, p. 5295, 2022.

Oliver, D. G.; Serovich, J. M.; Mason, T. L. **Constraints and opportunities with interview transcription:** Towards reflection in qualitative research. Social Forces, v. 84, n. 2, p. 1273-1289, 2005.

Padilha, W. A. R. **Transgeneridade e modificação corporal:** ampliação de cuidados na atenção primária à saúde. Dissertação (mestrado) - Instituto Aggeu Magalhães, Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Saúde da Família (PROFSAUDE), Recife. Orientadora: Camila Pimentel Lopes de Melo. [s.n.], 2021. 103 p.

Paschoarelli, L. C.; Medola, F. O.; Bonfim, G. H. C. **Características qualitativas, quantitativas de abordagens científicas:** estudos de caso na subárea do Design Ergonômico. Revista de Design, Tecnologia e Sociedade, v. 2, n. 1, p. 65-78, 2015.

Patino, C. M.; Ferreira, J. C. **Critérios de inclusão e exclusão em estudos de pesquisa:** definições e por que eles importam. Jornal Brasileiro de Pneumologia, v. 44, n. 2, p. 84-84, 2018.

Pedra, C. B. **Direitos LGBT:** A LGBTFobia estrutural e a diversidade sexual e de gênero no direito brasileiro. Editora Appris, 2020. 217 p.

Pedro, J. M. **Traduzindo o debate:** o uso da categoria gênero na pesquisa histórica. História, v. 24, n. 1, p. 77-98, 2005.

Pei, Q.; Song, Y.; Huang, Z.; Yu, H.; Xu, H.; Ye, X.; Gao, L.; Gong, J.; Tian, X. **Effects of gender-affirming hormone therapy on body fat:** a retrospective case-control study in Chinese transwomen. Lipids in Health and Disease, v. 23: 146, n. 1, p. 1-10, 2024.

Pelúcio, L. M. **Travestis, a (re)construção do feminino:** gênero, corpo e sexualidade em um espaço ambíguo. Revista ANTHROPOLOGICAS, ano 8, v. 15, n. 1, p. 123-154, 2004.

Petry, A. R.; Meyer, D. E. **Transexualidade e heteronormatividade**: algumas questões para a pesquisa. *Textos & Contextos*, v. 10, n. 1, p. 193-198, 2011.

Petry, A. R. **Mulheres transexuais e o processo transexualizador**: experiências de sujeição, padecimento e prazer na adequação do corpo. *Revista Gaúcha de Enfermagem*, v. 36, n. 2, p. 70-75, 2015.

Pheasant, S. **BodySpace**: anthropometry, ergonomics and the design of work. 2nd ed. London, UK: Taylor & Francis, 2003. 244p.

Pino, N. P. **A teoria queer e os intersex**: experiências invisíveis de corpos des-feitos. *Cadernos Pagu*, v. 28, p. 149-174, 2007.

Podestà, L. L. de. **Ensaio sobre o conceito de transfobia**. *Periódicus*, v. 1, n.11, p. 363-380, 2019.

Pontes, J. C. de; Silva, C. G. da. **Cisnormatividade e passabilidade**: deslocamentos e diferenças nas narrativas de pessoas trans. *Revista Periódicus*, v. 1, n. 8, p. 396-417, 2017.

Porcino, C.; Oliveira, J. F.; Coelho, M. T. A. D.; Silva, D. O.; Suto, C. S. S.; Couto, P. L. S.; Cortes, H. M.; Gomes, A. M. T. **(Re) Construção do corpo de mulheres transgêneras**: busca cotidiana de (in) satisfação e cuidado?. *Revista Brasileira de Enfermagem*, v. 75, 2022.

Poteat, T.; Malik, M.; Cooney, E. **2148 Understanding the health effects of binding and tucking for gender affirmation**. *Journal of Clinical and Translational Science*, v. 2, n. S1, p. 76-76, 2018.

Pulice-Farrow, L.; Cusack, C. E.; Galupo, M. P. **“Certain parts of my body don’t belong to me”**: Trans individuals’ descriptions of body-specific gender dysphoria. *Sexuality Research and Social Policy*, v. 17, p. 654-667, 2020.

Queiroz, R. da S.; Otta, E. A beleza em foco: condicionantes culturais e psicobiológicos na definição da estética corporal. In: Queiroz, R. da S. (org.). **O corpo do brasileiro**: estudos de estética e beleza. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2000.

Reis, T. **Manual de Comunicação LGBTI+**. 2ª edição. Curitiba: Aliança Nacional LGBTI / GayLatino, 2018.

Reisman, T.; Goldstein, Z.; Safer, J. D. **A review of breast development in cisgender women and implications for transgender women**. *Endocrine Practice*, v. 25, n. 12, p. 1338-1345, 2019.

Reilly, A.; Catalpa, J.; McGuire, J. **Clothing fit issues for trans people**. *Fashion Studies*, v. 1, n. 2, p. 1-21, 2019.

Rezende, F. A. C.; Rosado, L. E. F. P. L.; Franceschinni, S. do C. C.; Rosado, G. P.; Ribeiro, R. de C. L. **Aplicabilidade do índice de massa corporal na avaliação da gordura corporal**. Revista brasileira de medicina do esporte, v. 16, p. 90-94, 2010

Ribeiro, J.; Souza, F. N. de; Lobão, C. **Editorial: Saturação da Análise na Investigação Qualitativa: Quando Parar de Recolher Dados?**. Revista Pesquisa Qualitativa, v. 6, n. 10, iii-vii, 2018.

Ribeiro, U. W. R.; Matos, R. da L. **Heteronormatividade e produções de violências LGBTfóbicas: análise a partir da teoria queer**. REVES – Revista Relações Sociais, v. 3, n. 4, p. 06001-06012, 2020.

Richards, C.; Bouman, W. P.; Seal, L.; Barker, M. J.; Nieder, T. O.; T'Sjoen, G. **Non-binary or genderqueer genders**. International Review of Psychiatry, v. 28, n. 1, p. 95-102, 2016.

Rocha, R. R.; Veloso, A. R.; Falcão, R. F.; Rossini, G. G.; Collalto, B. T.; Lopes, L. dos S.; Batista, G. Z. **Consuming intimate apparel: a Brazilian transgender discourse**. Journal of Consumer Affairs, v. 58, n. 1, p. 108-125, 2024.

Rocon, P. C.; Rodrigues, A.; Zamboni, J.; Pedrini, M. D. **Dificuldades vividas por pessoas trans no acesso ao Sistema Único de Saúde**. Ciência & Saúde Coletiva, v. 21, p. 2517-2526, 2016.

Rocon, P. C.; Sodré, F.; Rodrigues, A. **Regulamentação da vida no processo transexualizador brasileiro: uma análise sobre a política pública**. Revista Katálisis, v. 19, n. 2, p. 260-269, 2016.

Rocon, P. C.; Sodré, F.; Rodrigues, A.; Barros, M. E. B.; Wandekoken, K. D. **Desafios enfrentados por pessoas trans para acessar o processo transexualizador do Sistema Único de Saúde**. Interface – Comunicação, saúde, educação, v. 23, p. e180633, 2019.

Rocon, P. C.; Zamboni, J.; Sodré, F.; Rodrigues, A.; Roseiro, M. C. F. B. **(Trans)formações corporais: reflexões sobre saúde e beleza**. Saúde e Sociedade, v. 26, p. 521-532, 2017.

Rodrigues, A.; Lopes, R. **TransFashion: apontamentos ecossistêmicos comunicacionais entre moda, mídia e identidade de pessoas transgêneras**. Temática, v. 13, n. 6, p. 17-33, 2017.

Rodrigues, J. N. C. **Passabilidade e possibilidades**. Orientador: Ramon Luis de Santana Alcântara. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-graduação em Psicologia/cch, Universidade Federal do Maranhão, São Luís, 2023. 200 p.

Rodriguez-Añez, C. R. **A antropometria e sua aplicação na ergonomia**. Revista Brasileira de Cineantropometria & Desempenho Humano, v. 3, n. 1, p. 102-108, 2001.

Roebuck, J. A., Jr. **Anthropometric methods: designing to fit the human body**. Santa Monica, CA: Human Factors & Ergonomics Society, 1995. 194 p.

Rosa, L. da. Vestuário industrializado: Inserção da ergonomia na concepção e desenvolvimento de produto. In: Martins, S. B. (ed.). **Ergonomia, usabilidade e conforto no design de moda: a metodologia OIKOS**. Barueri, SP: Estação das Letras e Cores, p. 116-138, 2019.

Rosenblad-Wallin, E. **User-oriented product development applied to functional clothing design**. Applied ergonomics, v. 16, n. 4, p. 279-287, 1985.

Ruiz, M. S. **Subvertiendo las fronteras de género: géneros no binários**. Research, Society and Development, v. 10, n. 2, p. 1-9, 2021.

Saldaña, J. **The coding manual for qualitative researchers**. 2nd ed. London: Sage, 2013.

Sampieri, R. H.; Collado, C. F.; Lucio, M. del P. B. **Metodologia de pesquisa**. Tradução Daisy Vaz de Moraes. 5 ed. Porto Alegre: Penso, 2013. 624 p.

Sanchotene, D.; Silva, G.; Perim, M.; Gonçalves, S. **Cirurgia de redesignação sexual no Brasil chega a custar R\$ 45 mil**. Portal de notícias A Gazeta. Publicado em 19/06/2018 às 20h01; atualizado em 29/01/2020 às 17h52. Disponível em: <https://www.agazeta.com.br/economia/cirurgia-de-redesignacao-sexual-no-brasil-chega-a-custar-r-45-mil-0618>. Acesso em 15 jan. 2024.

Santos, W. J. dos; Silva, R. B. da; Rodrigues, D. F.; Rocha, L. M. F. da; Moura, G. J. B. de; Ceballos, A. G. da C. de. **Uso de binder e queixas respiratórias em homens transexuais**. Fisioterapia em Movimento, v. 35, p. e35107, 2022.

São Paulo. Secretaria Municipal da Saúde (SMS). Coordenação da Atenção Primária à Saúde. **Protocolo para o atendimento de pessoas transexuais e travestis no município de São Paulo**. Secretaria Municipal da Saúde, SMS, PMSP, Julho, 2020. 133 p.

Schröder, E. T.; Zanin, E. M. Anatomia e superfície da mama. In: Luzardo, C. B.; Cuchinski, K. K.; Salzano, P. A. H.; Silva, P. Z. da; Leão, H. Z.; Hamaoui, M.; Costa Filho, O. P. da (Org.). **Manual acadêmico de anatomia**. Liga de Anatomia Universidade Luterana do Brasil (ULBRA), 2023. Irati: Editora Pasteur, 2023. 148 p.

Shackel, B.; Chidsey, K. D.; Shipley, P. **The assessment of chair comfort**. Ergonomics, v. 12, n. 2, p. 269-306, 1969.

Schlader, Z. J.; Stannard, S. R.; Mündel, T. **Human thermoregulatory behavior during rest and exercise** - A prospective review. *Physiology and Behavior*. v. 99, n. 3, p. 269–275, 2010.

Silva, I. C. B. da; Araújo, E. C. de; Santana, A. D. da S.; Moura, J. W. da S.; Ramalho, M. N. de A.; Abreu, P. D. de. **A violência de gênero perpetrada contra mulheres trans**. *Revista Brasileira Enfermagem*, v. 75(Suppl 2), p. e20210173, 2022.

Silveira, I.; Silva, G. G. **Medidas antropométricas e o projeto do vestuário**. 3º Colóquio de Moda, Belo Horizonte, Anais, 2007.

Simpson, K. Transexualidade e travestilidade na saúde. In: Brasil. **Transexualidade e travestilidade na saúde**. Brasília, DF: Ministério da Saúde, p. 9-15, 2015.

Siqueira, G. C.; Marcolino, A. M.; Santos, A. de O. dos. **Mulheres transexuais e travestis negras: vulnerabilidade, preconceito e discriminação**. *Debates em Sociologia*, n. 52, p. 43-57, 2021.

Silva, H. C. da; Rey, S. **A beleza e a feminilidade**: um olhar psicanalítico. *Psicologia: ciência e profissão*, v. 31, p. 554-567, 2011.

Silva, M. J.; Garcia, L. F.; Oliveira, L. P. de. **Moda e saúde**: uma análise interdisciplinar sobre o uso das roupas e a saúde das pessoas. *Revista De Estudos Interdisciplinares*, v. 6, n. 1, p. 1-20, 2024.

Slater, K. **Discussion Paper – The assessment of comfort**. *The Journal of The Textile Institute*, v. 77, n. 3, p. 157-171, 1986.

Song, S.; Gonzalez-Jimenez, H.; Belk, R. W. **Extending Diderot unities**: How cosmetic surgery changes consumption. *Psychology & Marketing*, v. 38, n. 5, p. 745-758, 2021.

Sonnenblick, E. B.; Shah, A. D.; Goldstein, Z.; Reisman, T. **Breast imaging of transgender individuals**: a review. *Current Radiology Reports*, v. 6, n. 1, p. 1-12, 2018.

Sony Channel. **Shark Tank Brasil**. Sony Channel Brasil. Disponível em: <https://br.sonychannel.com/series/shark-tank-brasil>. Acesso em 25 nov. 2024.

Sontag, M. S. **Comfort dimensions of actual and ideal insulative clothing for older women**. *Clothing and Textiles Research Journal*, v. 4, n. 1, p. 9-17, 1985.

Souza, F. F. de; Grubba, L. S. **A biopolítica e as mortes de mulheres trans no Brasil**. *Periódicus*, n. 19, v. 1, p. 267-283, 2023.

Souza, J. F. de J.; Lacerda, T. F. de; Manchola, C.; Garrafa, V. **O processo transexualizador no SUS** - implicações bioéticas. *Revista Brasileira de Bioética*, v. 9, n. 1-4, p. 34-53, 2013.

Spizzirri, G.; Eufrásio, R.; Lima, M. C. P.; Nunes, H. R. de C.; Kreukels, B. P. C.; Steensma, T. D.; Abdo, C. H. N. **Proportion of people identified as transgender and non-binary gender in Brazil**. Scientific reports, v. 11, n. 1, p. 1-7, 2021.

Spizzirri, G.; Pereira, C. M. de A.; Abdo, C. H. N. **O termo gênero e suas contextualizações**. Diagnóstico e Tratamento, v. 19, n. 1, p. 42-44, 2014.

Streck, K. G.; Reddy-Best, K. L. **Openly-trans YouTubers and gender-affirming undergarments**: Production, distribution, and consumption via DIY tutorials on YouTube. Clothing and Textiles Research Journal, v. 43, n. 1, p. 65-80, 2025.

Strey, M. N. **Mulheres e moda**: a feminilidade comunicada através das roupas. Revista FAMECOS, v. 7, n. 13, p. 148-154, 2000.

Strübel, J.; Goswami, S. **Clothing and self concept in cisgender and transgender individuals**. Gender Issues, v. 39, n. 4, p. 387-408, 2022.

Subedi, S.; Kant, J.; Miranda, N.; Anacheka-Nasemann, R.; Martinez, J.; Ganor, O. **“I was largely unguided trying to figure it out on my own”**: experiences of genital tucking among transfeminine and gender diverse individuals. International Journal of Transgender Health, p. 1-12, 2024.

Suganthi, T.; Senthilkumar, P. **Thermal comfort characteristics of bi-layer knitted fabrics for sportswear**. International Journal of Fashion Design, Technology and Education, v. 11, n. 2, p. 210-222, 2017.

Suppakitjanusant, P.; Ji, Y.; Stevenson, M. O.; Chantrapanichkul, P.; Sineath, R. C.; Goodman, M.; Alvarez, J. A.; Tangpricha, V. **Effects of gender affirming hormone therapy on body mass index in transgender individuals**: a longitudinal cohort study. Journal of clinical & translational endocrinology, v. 21, p. 100230, 2020.

Sweeney, M. M.; Branson, D. H. **Sensorial comfort: Part I**: A psychophysical method for assessing moisture sensation in clothing. Textile Research Journal, v. 60, n. 7, p. 371-377, 1990.

Tangpricha, V.; den Heijer, M. **Oestrogen and anti-androgen therapy for transgender women**. The Lancet Diabetes & Endocrinology, v. 5, n. 4, p. 291-300, 2017.

Tebbens, M.; Heijboer, A. C.; T'Sjoen, G.; Bisschop, P. H.; den Heijer, M. **The role of estrone in feminizing hormone treatment**. The Journal of Clinical Endocrinology & Metabolism, v. 107, n. 2, p. e458-e466, 2021.

Teixeira, P. da C.; Farias, J. V. G.; Fontes, A. C. S.; Mesquita, P. B. da S.; da Silva Junior, M. D. **Dificuldades e vivências da população transexual no acesso aos serviços de saúde**. Cuadernos De Educación Y Desarrollo, v. 16, n. 1, p. 832-851, 2024.

Teti, M.; Morris, K.; Bauerband, L. A.; Rolbiecki, A.; Young, C. **An exploration of apparel and well-being among transmasculine young adults**. Journal of LGBT Youth, v., 17, n. 1, p. 53-69, 2020.

Theisen, F. C.; Moura, H. T.; Folle, L. F. **Inovação no design de moda**: articulando antropometria, ergonomia e usabilidade para conforto no uso da calça jeans. Strategic Design Research Journal, v. 8, n. 3, p. 116-126, 2015.

Tilley, A. R.; Henry Dreyfuss Associates. **As medidas do homem e da mulher**. Tradução Alexandre Salvaterra. Porto Alegre: Bookman, 2005. 104 p.

Tourinho, F. S. V.; Tragtenberg, M. H. R.; Souza, B. C. S. de; Garcia, O. R. Z.; Sena, S. **Glossário da diversidade**. SAAD – Secretaria de Ações Afirmativas e Diversidades, UFSC, 2017.

Tullio-Pow, S.; Yaworski, A. S.; Kincaid, M. **Transgender fashion**: Fit challenges and dressing strategies. Clothing Cultures, v. 7, n. 1, p. 35-47, 2021.

UOL. **Calcinha para transgênero e travesti vira negócio e atende demanda reprimida**. Universo Online – UOL. 15/03/2022. Disponível em: <https://economia.uol.com.br/noticias/estadao-conteudo/2022/03/15/calcinha-para-transgenero-e-travesti-vira-negocio-e-atende-demanda-reprimida.htm>. Acesso em: 24 nov. 2024.

Uttam, D. R. **Thermophysiological clothing comfort**. Journal of Textile Engineering & Fashion Technology, v. 7, n. 3, p. 98-103, 2021.

Valente, E. L.; Paschoarelli, L. C. Design ergonômico: análise do conforto e desconforto dos calçados com salto alto. In: Paschoarelli, L. C.; Menezes, M. S. (orgs.). **Design e ergonomia**: aspectos tecnológicos [online]. São Paulo: Editora Unesp, Cultura Acadêmica, 2009.

Van de Grift, T. C.; Cohen-Kettenis, P. T.; Steensma, T. D.; De Cuypere, G.; Richter-Appelt, H.; Haraldsen, I. R. H.; Dikmans, R. E. G.; Cerwenka, S. C.; Kreukels, B. P. C. **Body satisfaction and physical appearance in gender dysphoria**. Archives of sexual behavior, v. 45, p. 575-585, 2016.

Vink, P.; De Looze, M. P.; Kuijt-Evers, L. F. M. Theory of comfort. In: Vink, P. (ed.). **Comfort and Design**: Principles and good practice. CRC Press, 2004. p. 13–32.

Vink, P.; Hallbeck, S. **Comfort and discomfort studies demonstrate the need for a new model**. Applied ergonomics, v. 43, n. 2, p. 271-276, 2012.

Vink, P.; Overbeeke, K.; Desmet, P. Comfort experience. In: Vink, P. (ed.). **Comfort and Design**: Principles and good practice. CRC Press, 2004. p. 1-12.

Vinuto, J. **A amostragem em bola de neve na pesquisa qualitativa**: um debate em aberto. *Temáticas*, v. 22, n. 44, p. 203-220, 2014.

Vu, A.; Sapkalova, V.; Park, D.; Ma, M.; Terris, D. M.; King, S. **(030) troubles with a tight tuck - a survey of tucking practices and genitourinary complaints**. *The Journal of Sexual Medicine*, v. 21, Issue Supplement 1, qdae001.027, 2024.

Xia, L.; Yin, L.; Zhang, Y. **A study of the relationship between fabric property and clothing pressure of knitted underwear**. *Applied Mechanics and Materials*, v. 275, p. 117-121, 2013.

Xiong, Y.; Tao, X. **Compression garments for medical therapy and sports**. *Polymers*, v. 10, n. 6: 663, p. 1-19, 2018.

Yick, K.-L.; Keung, Y.-C.; Yu, A.; Wong, K.-H.; Hui, K.-T.; Yip, J. **Sports bra pressure**: effect on body skin temperature and wear comfort. *International Journal of Environmental Research and Public Health*, v. 19, n. 23, p. 15765, 2022.

Yin, Robert K. **Pesquisa qualitativa do início ao fim**. Tradução: Daniel Bueno. Revisão técnica: Dirceu da Silva. Porto Alegre: Penso Editora, 2016. 336 p.

Yip, J. Advanced textiles for intimate apparel. In: Yu, W. (ed.). **Advances in Women's Intimate Apparel Technology**. Woodhead Publishing, 2016. p. 3-23.

Yu, W. Subjective assessment of clothing fit. In: Fan, J.; Yu, W.; Hunter, L. **Clothing appearance and fit**: Science and technology. Woodhead Publishing Limited, 2004. p. 31-42.

Wheeler, M. D. **Physical changes of puberty**. *Endocrinology and Metabolism Clinics of North America*, v. 20, n. 1, p. 1-14, 1991.

Winter, S.; Diamond, M.; Green, J.; Karasic, D.; Reed, T.; Whittle, S.; Wylie, K. **Transgender people**: health at the margins of society. *The Lancet*, v. 388, n. 10042, p. 390-400, 2016.

Wittmann, I. **A roupa expressa a identidade**: moda enquanto tecnologia de gênero na experiência transgênero. *Cadernos de Arte e Antropologia*, v. 8, n. 1, p. 77-90, 2019.

Zambrini, L. **Olhares sobre moda e design a partir de uma perspectiva de gênero**. *dObra[s] – revista da Associação Brasileira de Estudos de Pesquisas em Moda*, [S. l.], v. 9, n. 19, p. 53-61, 2016.

Zanella, L. C. H. **Metodologia de pesquisa**. 2. ed. rev. atual. Florianópolis: Departamento de Ciências da Administração/UFSC, 2011. 134 p.

Zhang, L.; Helander, M. G.; Drury, C. G. **Identifying factors of comfort and discomfort in sitting**. *Human factors*, v. 38, n. 3, p. 377-389, 1996.

## GLOSSÁRIO

**Binarismo de gênero:** visão binária de mundo, em que existem somente dois gêneros, o masculino e o feminino, baseada nos órgãos genitais, decorrente de classificação atribuída no nascimento (Lourenço, 2022; Pedra, 2020; Tourinho *et al.*, 2017).

**Cirurgia de redesignação sexual:** também chamada de transgenitalização. É uma intervenção cirúrgica em que se altera o órgão genital da pessoa para ficar de acordo com a sua identidade de gênero, transformando a genitália masculina em feminina, que consiste na construção de uma neovagina, e a genitália feminina em masculina, que consiste na formação de um neofalo (Jesus, 2012; Moraes; Cortes, 2020).

**Cis:** abreviação do termo cisgênero.

**Cisgênero:** pessoa que se identifica com o gênero atribuído em seu nascimento, ou seja, sua identidade de gênero é a mesma do sexo biológico (Jesus, 2012; Tourinho *et al.*, 2017).

**Cisnormatividade:** comportamento vigente na sociedade, que normaliza a ideia de que existem apenas duas alternativas, o “macho/homem” e a “fêmea/mulher”, tomando-se como base critérios considerados naturais e objetivos para definição do sexo-gênero (Pontes; Silva, 2017). A cisnormatividade está intimamente relacionada à questão da heteronormatividade.

**Crossdressers:** pessoas que não são transexuais, tampouco travestis, mas sim homens heterossexuais, que se identificam com o gênero atribuído ao nascimento, porém gostam de se vestir como mulheres (Jesus, 2012).

**Drag Queens:** artistas transformistas que empregam uma feminilidade estereotipada (ou masculinidade, quando são mulheres fantasiadas de homens, sendo então chamadas de *drag kings*), vivenciando a inversão de gênero em seus espetáculos e apresentações, em que normalmente envolve a criação de um personagem cômico e/ou exagerado (Jesus, 2012; Tourinho *et al.*, 2017).

**Heteronormatividade:** padrão de “normalidade”, o qual visa regular os corpos dos indivíduos e normatizar os modos de ser e de viver conforme a perspectiva da heterossexualidade, em que existem apenas duas possibilidades “naturais” de existência humana e relações legítimas, entre a fêmea/feminino e o macho/masculino (Petty; Meyer, 2011; Ribeiro; Matos, 2020). A heteronormatividade está intimamente relacionada à questão da cisnormatividade.

**Intersexuais:** pessoas nascidas com órgãos reprodutivos e anatomias sexuais diferentes dos parâmetros culturais binários de corpos masculinos ou femininos. Inicialmente chamados de hermafroditas, associação oriunda das artes e da mitologia, pelo fato de supostamente essas pessoas possuírem ambos os sexos, mas na verdade existem casos diversos, como, por exemplo, as que nascem com características

hormonais e genéticas de uma mulher e não possuem vagina. Para desfazer a ideia estigmatizante, adotou-se o termo de origem médica, intersexo (Pino, 2007).

**LGBTQIAPN+:** sigla que se refere aos termos Lésbicas (L), Gays (G), Bissexuais (B), Travestis e Transgêneros (T), Transexuais, Queer (Q), Intersexo (I), Assexuais, Arromânticas e Agênero (A), Pansexuais e Polisssexuais (P), Não-cis e Não-binário (N) e o símbolo matemático “+” (mais), que pode indicar tanto outros grupos e variações de sexualidade e gênero cuja letra inicial não conste na sigla como qualquer uma das definições que já estão presentes nela (Moreira, 2022; Nascimento, 2021).

**Mulher transexual:** também chamada de mulher trans ou transmulher, refere-se à pessoa nascida homem (assim caracterizada em razão de seu órgão genital), mas se identifica como mulher (Jesus, 2012; Tourinho *et al.*, 2017).

**Misgendering:** termo em inglês que descreve o ato de usar pronomes ou expressões de gênero inadequados ao se referir a alguém, que não correspondem à identidade de gênero com a qual a pessoa se reconhece (Ansara; Hegarty, 2014).

**Não-binário:** Termo usado para quem não se identifica com nenhum gênero, e evita ou está fora do sistema binário de gênero, isto é, da classificação em duas formas distintas e opostas, como feminino e masculino, ou pode ser ainda quem se identifica como gêneros diferentes em momentos distintos (Richards *et al.*, 2016).

**Trans:** abreviação do termo transexual.

**Transfobia:** conjunto de violências (moral, física, sexual, discursiva, simbólica etc.) sofridos pelas pessoas transgênero, de forma geral, mas incluindo também aquelas mais específicas, como, por exemplo, o desrespeito ao nome social (Jesus, 2012; Podestà, 2019).

**Transgênero:** apesar de não se ter um consenso, é adotado em sentido amplo, tido como um termo guarda-chuva, pelo fato de abarcar qualquer pessoa que possua características variantes de gênero, e que não se identifica com comportamentos e/ou papéis esperados do gênero que foi atribuído em seu nascimento (Buck, 2016; Jesus, 2012).

**Transição de gênero:** é o processo de mudança de gênero, individual e heterogêneo, pois os desejos e expectativas são próprias de cada pessoa, de seus corpos e de identidades) e, por isso, em que a pessoa transgênero deseja viver com o gênero com o qual se identifica e não com o que foi designado ao nascer (Carvalho *et al.*, 2019).

**Travestis:** pessoas que vivenciam papéis de gênero feminino, mas que não se identificam como homem ou mulher, e sim como um terceiro gênero, ou ainda um não-gênero (Jesus, 2012).

## APÊNDICES

## Apêndice A – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido



### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Gostaríamos de convidá-la a participar, como voluntária, da pesquisa “O impacto da percepção de conforto/desconforto das mulheres trans e travestis no vestuário”. O objetivo desta pesquisa é compreender como a percepção de conforto/desconforto das mulheres trans e travestis impacta no desenvolvimento de vestuário e, ao final, iremos propor diretrizes para o processo de desenvolvimento de vestuário voltado às mulheres trans e travestis.

Caso você concorde em participar, vamos realizar uma entrevista, que será gravada, em áudio e/ou vídeo, e, posteriormente, transcrita, para melhor análise do tema. Apesar de serem tomados todos os devidos cuidados, existem alguns riscos decorrentes de sua participação, que são: a possibilidade de constrangimentos emocionais provocados pela lembrança de memórias; cansaço, vergonha ou estresse ao responder às perguntas; e/ou receio de ser identificada. É importante salientar também que existem riscos próprios do ambiente virtual, em função das tecnologias utilizadas, por isso, informamos que temos limitações para assegurar a total confidencialidade e existe a possibilidade, ainda que reduzida, de violação.

Para evitarmos e/ou reduzirmos os efeitos dessas condições adversas, informamos que você tem a liberdade de não responder alguma (s) das questões, assim como de interromper a sua participação, podendo retirar o seu consentimento a qualquer momento, sem nenhum tipo de prejuízo. Além disso, caso se sinta mais confortável, a entrevista poderá ser realizada somente com a gravação de áudio, sem a necessidade de gravação de vídeo. Destacamos ainda que você poderá solicitar qualquer esclarecimento ou assistência durante e após a pesquisa.

Para participar desta pesquisa, você não vai ter nenhum custo, nem receberá qualquer remuneração financeira. No entanto, se você tiver algum dano, por causa da atividade que realizamos nesta pesquisa, você poderá solicitar indenização, de acordo com a legislação vigente.

A sua participação é voluntária e o fato de não querer participar não vai trazer qualquer penalidade ou mudança na forma em que você é atendida. A pesquisadora não vai divulgar seu nome. Os resultados da pesquisa estarão à sua disposição quando finalizada. Seu nome ou material que indique a sua participação não será liberado sem a sua permissão. Você não será identificada em nenhuma publicação que possa resultar desta pesquisa.

**Em caso de dúvidas, com respeito aos aspectos éticos desta pesquisa, você poderá consultar:**  
CEP - Comitê de Ética em Pesquisa da FAAC – UNESP Bauri  
Fone: (14) 3103-4825/ E-mail: [sta.faac@unesp.br](mailto:sta.faac@unesp.br)



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA  
"JÚLIO DE MESQUITA FILHO"

Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação - Câmpus de Bauru

Este termo de consentimento encontra-se impresso em duas vias originais, sendo que uma será arquivada pela pesquisadora responsável e a outra será fornecida a você. Os dados coletados na pesquisa ficarão arquivados com a pesquisadora responsável por um período de 5 (cinco) anos. Decorrido este tempo, a pesquisadora avaliará os documentos para a sua destinação final, de acordo com a legislação vigente. A pesquisadora irá tratar a sua identidade com padrões profissionais de sigilo, atendendo a legislação brasileira (Resolução Nº 466/12 do Conselho Nacional de Saúde), utilizando as informações somente para os fins acadêmicos e científicos.

Declaro que concordo em participar da pesquisa e que me foi dada a oportunidade de ler e esclarecer as minhas dúvidas.

São Paulo, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2024.

\_\_\_\_\_  
Participante

\_\_\_\_\_  
Onnara Custódio Gomes

Pesquisadora Responsável: Onnara Custódio Gomes  
Instituição: Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho"  
Contato: onnara.custodio@unesp.br

Orientadora: Marizilda dos Santos Menezes  
Instituição: Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho"  
Contato: marizilda.menezes@unesp.br

**Em caso de dúvidas, com respeito aos aspectos éticos desta pesquisa, você poderá consultar:**  
CEP - Comitê de Ética em Pesquisa da FAAC – UNESP Bauru  
Fone: (14) 3103-4825/ E-mail: sta.faac@unesp.br

## **Apêndice B – Roteiro da entrevista**

### **Parte 1 – Questões gerais**

- 1) Você se identifica como mulher trans ou travesti?
- 2) Me conta um pouco como é o seu guarda-roupa (que tipo de roupa mais tem, o que mais gostar de vestir...).
- 3) Para você, qual é a característica mais importante em uma roupa?

### **Parte 2 – Facilidades e dificuldades**

- 4) Me fala um pouco das facilidades e das dificuldades que você tem com as roupas que veste no dia a dia.
- 5) Vestir ou tirar uma peça, é uma facilidade ou você tem alguma dificuldade? Pode me dar um exemplo?
- 6) Você consegue achar com facilidade roupas que vistam bem seu corpo?

### **Parte 3 – Experiência de compra**

- 7) Você prefere comprar em loja física ou loja *online*? Por que?
- 8) Você consegue comprar roupas sem provar antes?
- 9) Existe alguma marca específica, voltada para mulheres trans e travestis, que você conheça ou use?

### **Parte 4 – Inclusão no mercado de moda**

- 10) Você acha que as mulheres trans e travestis são contempladas pelo mercado de moda?
- 11) Como você acha que as roupas podem contribuir para o bem-estar das mulheres trans e travestis?

### **Parte 5 – Conforto/desconforto no vestuário**

- 12) Para você, o que é uma roupa confortável? Pode me dar um exemplo?
- 13) E o que é uma roupa desconfortável para você? Pode me dar um exemplo?
- 14) Você tem restrição ou sensibilidade que te impeça de usar alguma roupa?
- 15) Existe algum detalhe na roupa que te incomoda de alguma forma?
- 16) Você deixa ou já deixou de fazer alguma atividade por conta de suas roupas?
- 17) Você já se sentiu constrangida ao usar algum tipo de roupa?

### **Parte 6 – Corpo e mudanças corporais**

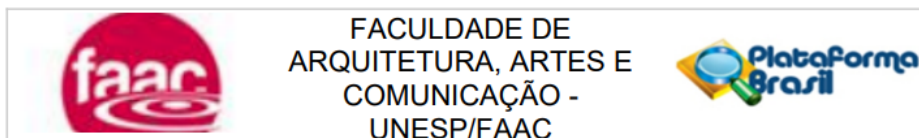
- 18) Você usa ou já usou as roupas para esconder alguma parte do corpo?
- 19) Você gosta de usar as roupas para realçar alguma parte do corpo?
- 20) Você faz tratamento hormonal feminizante? Há quanto tempo?
- 21) Você já fez algum tipo de cirurgia?
- 22) Você faz algum tratamento estético?
- 23) Você pode me dizer o seu peso e altura?

### **Parte 7 – Dados sociodemográficos e encerramento**

- 24) Qual é a sua idade?
- 25) Qual é a sua ocupação?
- 26) Em que estado brasileiro você reside?
- 27) Gostaria de saber se tem algo que você considera relevante abordar e eu deixei de perguntar.

## ANEXOS

## Anexo 1 – Parecer Consubstanciado do CEP



### PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

#### DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

**Título da Pesquisa:** O impacto da percepção de conforto/desconforto das mulheres trans e travestis no vestuário

**Pesquisador:** ONNARA CUSTODIO GOMES

**Área Temática:**

**Versão:** 2

**CAAE:** 78123324.8.0000.5663

**Instituição Proponente:** UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA JULIO DE MESQUITA FILHO

**Patrocinador Principal:** Financiamento Próprio

#### DADOS DO PARECER

**Número do Parecer:** 6.899.353

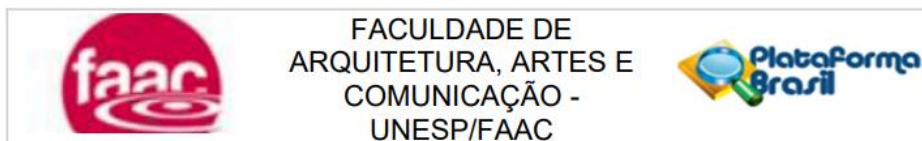
#### Apresentação do Projeto:

O projeto de pesquisa de doutorado apresenta resumo, palavras-chave, introdução, questão de pesquisa, hipótese, objetivos, referencial teórico, procedimentos metodológicos, resultados iniciais, cronograma, referências, glossário e apêndices. Em suma, a proposta busca compreender como a percepção de conforto/desconforto das mulheres trans e travestis impacta no desenvolvimento de vestuário. Para tal, após levantamento bibliográfico, serão realizadas entrevistas semiestruturadas com mulheres trans e travestis, com não tenham passado pela cirurgia de redesignação sexual.

#### Objetivo da Pesquisa:

O objetivo da pesquisa é compreender como a percepção de conforto/desconforto das mulheres trans e travestis impacta no desenvolvimento de vestuário. Nesse sentido, procura: (i) compreender o conforto/desconforto no vestuário; (ii) compreender as principais dificuldades das mulheres trans e travestis relacionadas ao vestuário; (iii) identificar os elementos e características do vestuário e seu impacto na percepção de conforto/desconforto pelas mulheres trans e travestis; (iv) identificar as demandas e necessidades das mulheres trans e travestis referentes ao vestuário e como isso pode auxiliar o processo de desenvolvimento de vestuário; e (v) propor diretrizes para o processo de desenvolvimento de vestuário, com foco no conforto, voltado às mulheres trans e travestis.

**Endereço:** Avenida Engenheiro Luiz Edmundo Carrijo Coube nº 14-01, Prédio da Seção Técnica de PósGraduação da  
**Bairro:** VARGEM LIMPA **CEP:** 17.033-360  
**UF:** SP **Município:** BAURU  
**Telefone:** (14)3103-4880 **Fax:** (14)3103-6050 **E-mail:** cep.faac@unesp.br



Continuação do Parecer: 6.899.353

#### **Avaliação dos Riscos e Benefícios:**

O procedimento que envolverá a participação de seres humanos é a realização de entrevistas semiestruturadas, no formato presencial ou online, com a captação da imagem e som. Os riscos apontados estão relacionados à possibilidade de constrangimentos emocionais provocados pela lembrança de memórias; cansaço, vergonha ou estresse ao responder às perguntas; e/ou receio de ser identificada. Há também menção ao risco de quebra de sigilo. Como benefícios, apontam-se a compreensão e o conhecimento da população para melhor desenvolvimento de vestuários; a possibilidade da descoberta de procedimentos benéficos à saúde e segurança (alívio da dor no uso de alguma peça de vestuário, por exemplo); o desenvolvimento de material para guiar designers de moda; bem como a elaboração de um guia trans-friendly para o conforto no vestuário, com foco nas mulheres trans e travestis.

#### **Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:**

Após o último parecer, o projeto foi atualizado e passou a indicar uma estimativa do número de pessoas a serem entrevistadas na pesquisa (10 participantes). Assim, essa pendência foi solucionada.

#### **Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:**

Da mesma forma, o termo de consentimento apresentado foi ajustado e passou a detalhar os riscos da pesquisa, bem como as providências e cautelas que serão empregadas para evitar e/ou reduzir seus efeitos e condições adversas. Portanto, o TCLE está de acordo com as Resoluções CNS nº 466/2012 e 510/2016.

#### **Recomendações:**

Nota-se que dentro do TCLE apresentado, tal como quanto ao objetivo do estudo, omitiu-se o termo "travesti". Recomenda-se uniformizar estas informações no termo e no projeto. Todavia, este apontamento não compromete a realização da pesquisa.

#### **Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:**

Uma vez que as pendências do último parecer foram resolvidas, considera-se a pesquisa aprovada.

#### **Considerações Finais a critério do CEP:**

O Comitê acata o parecer e aprova o Projeto.

#### **Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:**

**Endereço:** Avenida Engenheiro Luiz Edmundo Carrijo Coube nº 14-01, Prédio da Seção Técnica de PósGraduação da  
**Bairro:** VARGEM LIMPA **CEP:** 17.033-360  
**UF:** SP **Município:** BAURU  
**Telefone:** (14)3103-4880 **Fax:** (14)3103-6050 **E-mail:** cep.faac@unesp.br



FACULDADE DE  
ARQUITETURA, ARTES E  
COMUNICAÇÃO -  
UNESP/FAAC



Continuação do Parecer: 6.899.353

| Tipo Documento                                            | Arquivo                                            | Postagem            | Autor                 | Situação |
|-----------------------------------------------------------|----------------------------------------------------|---------------------|-----------------------|----------|
| Informações Básicas do Projeto                            | PB_INFORMAÇÕES_BASICAS_DO_PROJETO_2274618.pdf      | 29/04/2024 10:37:11 |                       | Aceito   |
| Projeto Detalhado / Brochura Investigador                 | Atual_Projeto_Onnara.pdf                           | 29/04/2024 09:58:04 | ONNARA CUSTODIO GOMES | Aceito   |
| TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência | Atual_TCLE_Pesquisa_Onnara.pdf                     | 29/04/2024 09:55:41 | ONNARA CUSTODIO GOMES | Aceito   |
| Folha de Rosto                                            | folhaDeRostoassinada.pdf                           | 29/04/2024 09:52:45 | ONNARA CUSTODIO GOMES | Aceito   |
| Outros                                                    | RoteiroEntrevistaSemiestruturada_ProjetoOnnara.pdf | 08/03/2024 15:38:11 | ONNARA CUSTODIO GOMES | Aceito   |

**Situação do Parecer:**

Aprovado

**Necessita apreciação da CONEP:**

Não

BAURU, 20 de Junho de 2024

Assinado por:

**Luiz Antonio Vasques Hellmeister**  
(Coordenador(a))

**Endereço:** Avenida Engenheiro Luiz Edmundo Carrijo Coube nº 14-01, Prédio da Seção Técnica de PósGraduação da  
**Bairro:** VARGEM LIMPA **CEP:** 17.033-360  
**UF:** SP **Município:** BAURU  
**Telefone:** (14)3103-4880 **Fax:** (14)3103-6050 **E-mail:** cep.faac@unesp.br